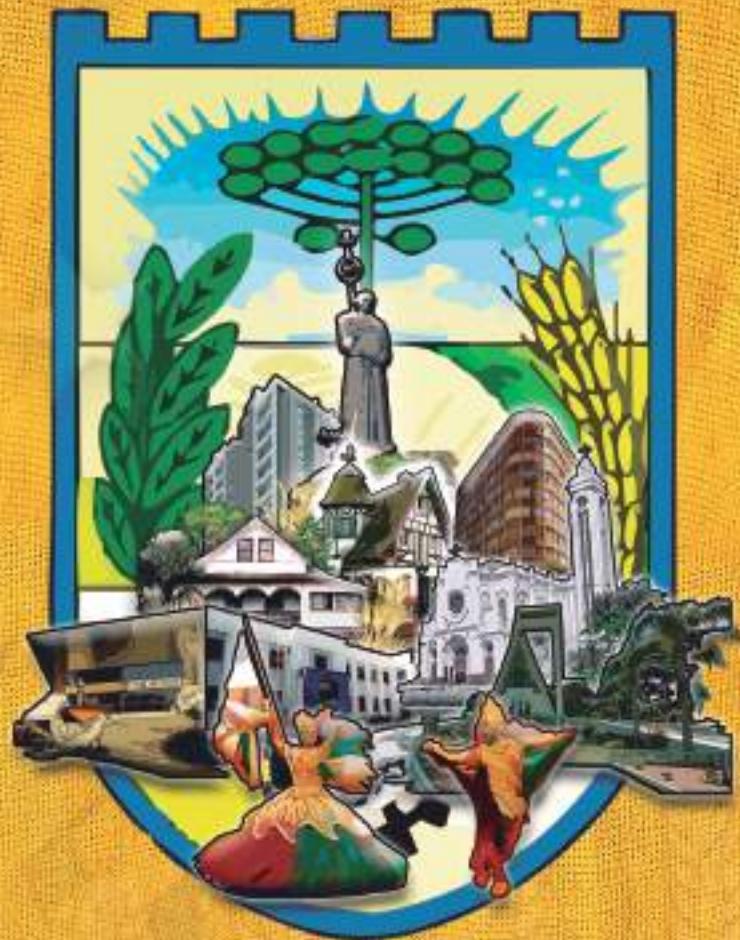


**Organizadores**  
Rogerio Augusto Bilibio  
Antônio Diomário de Queiroz  
Antonio Carlos Pereira  
Jucelino Jorge Ferraz  
Cleacir Lírio Ferraz



# Centenário do Município de Joaçaba



Editora Unoesc



Centenário  
do Município  
de Joaçaba

© 2017 Editora Unoesc  
Direitos desta edição reservados à Editora Unoesc  
É proibida a reprodução desta obra, de toda ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios, sem a permissão expressa da editora.  
Fone: (55) (49) 3551-2000 - Fax: (55) (49) 3551-2004 - www.unoesc.edu.br - editora@unoesc.edu.br

**Editora Unoesc**

Coordenação  
Débora Diersmann Silva Pereira - Editora Executiva  
Primeira revisão linguística: Maria Tereza de Queiroz Piacentini e Maria Perpétua de Queiroz Pretto  
Segunda revisão linguística: Bianca Regina Paganini e Débora Diersmann Silva Pereira  
Projeto Gráfico: Simone Dal Moro  
Capa: Rafael Nodari Casado

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C397 Centenário do Município de Joaçaba / org.: Rogério Augusto Bilibio ... [et al.]. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2017.  
260 p. ; il. ; 23 cm.  
ISBN 978-85-8422-130-1  
1. Joaçaba, SC - História. – De 1917 – 2017. I.  
Bilibio, Rogério Augusto ... [et al.].

CDD 981.64

**Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc**

**Reitor**

Aristides Cimadon

Vice-reitores de *Campi*  
*Campus* de Chapecó  
Ricardo Antonio De Marco  
*Campus* de São Miguel do Oeste  
Vitor Carlos D'Agostini  
*Campus* de Videira  
Ildo Fabris  
*Campus* de Xanxerê  
Genesio Téo

Pró-reitor de Graduação  
Ricardo Marcelo de Menezes

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão  
Fábio Lazzarotti

Diretora Executiva da Reitoria  
Lindamir Secchi Gadler

**Conselho Editorial**

Fabio Lazzarotti  
Débora Diersmann Silva Pereira  
Andréa Jaqueline Prates Ribeiro  
Jovani Antônio Steffani  
Eliane Salete Filippim

Carlos Luiz Strapazzon  
Marilda Pasqual Schneider  
Claudio Luiz Orço  
Maria Rita Nogueira  
Daniele Cristine Beuron

**Comissão Executiva do Centenário**

Presidente de Honra: Antônio Diomário de Queiroz

Presidente: Antonio Carlos Pereira

Vice-presidente: Ary Reginatto

Coordenação Geral: Alexandre Santos

Presidência das Comissões Temáticas: Gustavo Deon

Coordenação das Comissões Temáticas: Jucelino Jorge Ferraz

Assessoria de Imprensa: Marivania Carvalho da Silva

Assessoria Financeira: Jorge Luiz Dresch

Assessoria Jurídica: Maikel Patrzykot

Assessoria de Licitações: Augusto Zagonel

Representante das Entidades: Sueli Bernardi

Agradecimento especial a Jaime Telles, Delcir Dotti e Suelen Ferreira França, que fizeram parte da primeira comissão do centenário, alterada em razão da transição mandatária municipal.

# SUMÁRIO

## Capítulo 1

Introdução ..... 13



## Capítulo 2

História geral ..... 27



## Capítulo 3

Geografia Física situação geográfica, clima,  
hidrografia e mapas atuais ..... 61



## Capítulo 4

Geografia Humana ..... 95



## Capítulo 5

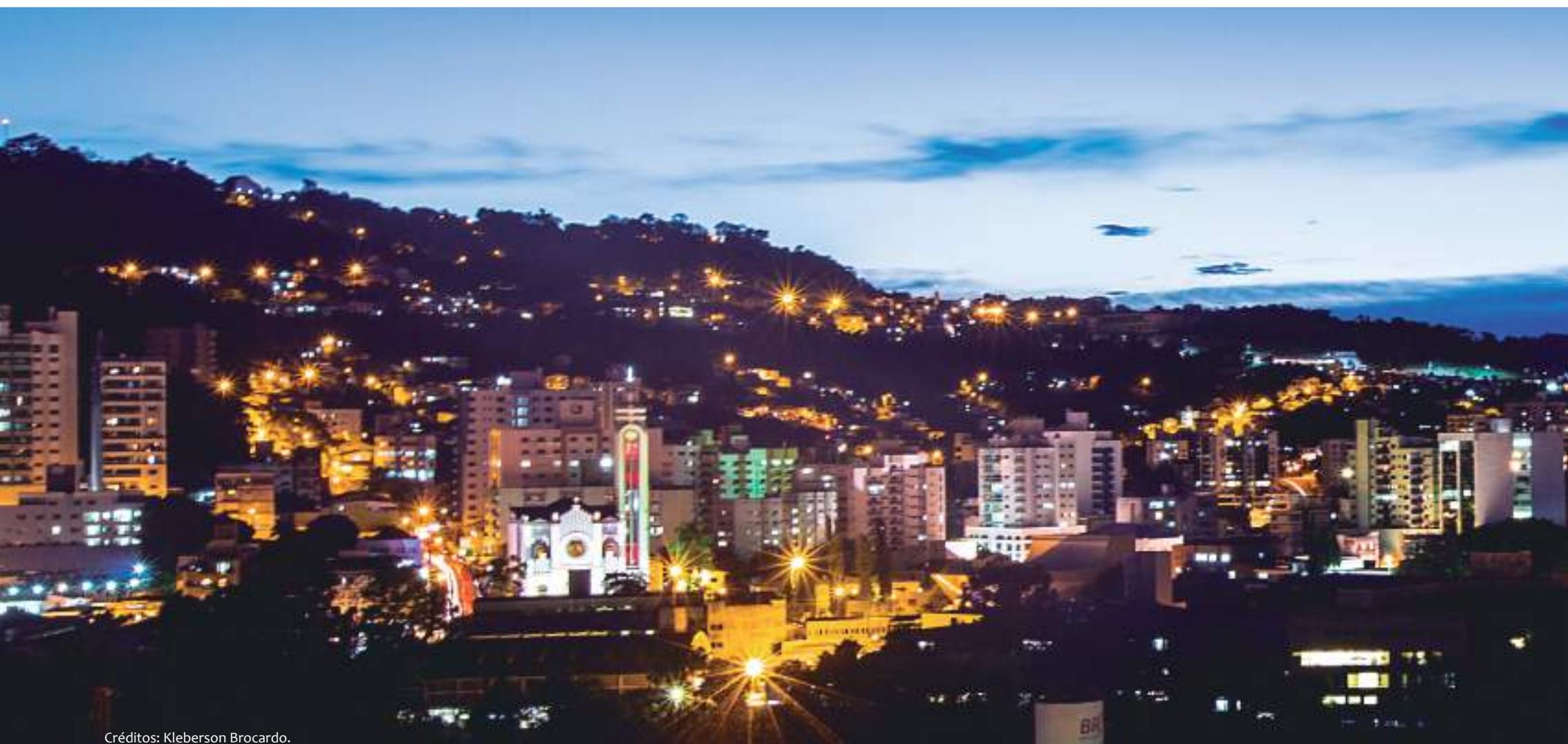
Geografia Econômica ..... 213



## Capítulo 6

Considerações Finais ..... 253





Créditos: Kleberson Brocardo.



*Urbanismo*



Créditos: Nathan Cazella

## Nota Editorial

Receber uma obra para editar nem sempre é fácil. Muitas vezes o trabalho é árduo e doloroso. Árduo, porque racionalmente são horas, dias, semanas se debruçando sobre um material, noites em claro buscando lembrar detalhes, minúcias, adequando aqui e ali para que a obra fique clara e esteticamente agradável aos olhos do leitor. Doloroso, porque emocionalmente envolve histórias, pessoas, fatos e fotos, que precisam ser destacados, porém, quase sempre, é necessário esculpir, lapidar textos, extrair imagens, tudo isso para atender a um padrão gráfico a fim de que o livro possa ser manuseado sem qualquer prejuízo de seu layout.

Dito isto, importa conhecermos a presente obra que ora se apresenta ao público. Início dizendo que se trata de uma inesquecível viagem ao passado. Conhecer Joaçaba em seus primórdios, entender como tudo começou, como surgiu o município, entre seus vales e rios, suas denominações, os antigos distritos, hoje municípios próximos, os superintendentes, prefeitos e autoridades nas mais diversas áreas, tudo isso faz parte de uma época não muito remota e que não pode de modo algum ser esquecido.

Os textos são riquíssimos em detalhes. É possível percorrer as ruas e entender a arquitetura, as construções, muitas delas atravessando várias décadas. O porquê de determinados nomes de ruas. A construção de marcos da cidade, como a Catedral, com 750 mil tijolos maciços, ou o Hospital Santa Terezinha, hoje Universitário, com suas fundações retratadas em antigas fotos. Ler os textos com atenção é perceber que Joaçaba já apresentou o primeiro

aeroporto do interior catarinense, inaugurado em 1949, que apresentava linhas para São Paulo diariamente, aviões de carga, de passageiros e mistos; que teve o segundo autódromo do país, inaugurado em 1965, ficando atrás apenas de Interlagos; que foi cidade pioneira e vanguarda à sua época.

É importante observar cada ponto de vista que os autores dos textos apresentados colocam. São visões singulares de épocas, décadas, dificuldades vividas. Pensar que lá pela década de 1950 havia transporte de passageiros duas vezes por semana, com horário de saída, mas sem previsão de horário de chegada ao destino. Que os motoristas desses transportes eram igualmente mecânicos, os pneus acorrentados com correntes de ferro para facilitar quando precisavam enfrentar atoleiros.

Conhecer as pessoas das épocas retratadas nas fotografias. Época para galanteio indo para uma sessão de cinema. Moças e rapazes flertando entre si. Um tempo em que parecia existir *mais tempo* para percorrer ruas, conversar nas praças, combinar piqueniques, assistir partidas de futebol dos times locais. Certamente, ao folhear estas páginas, muitos reconhecerão familiares, pais, avós, tios. Esse é o sentido de um livro comemorativo e que o torna realmente especial.

Saindo do passado e voltando ao presente, percebemos que Joaçaba apresenta valores que muitos até então desconheciam. São muitas histórias vividas, que, certamente, servirão como fonte de pesquisa futura às novas gerações.

Joaçaba, tão pequena em tamanho e ao mesmo tempo tão audaciosa. Ao longo destes 100 anos

demonstra crescimento econômico acelerado, alto nível cultural de seus habitantes, com destaque às áreas da educação e saúde, excelente colocação no *ranking* que mede a qualidade de vida de sua população. À frente de seu tempo. Pequena e majestosa.

Esta obra não se encerra em si. Jamais teve a pretensão de ser uma obra fechada, são apenas alguns personagens e histórias, extensivos aos demais. Voltando ao início da nota editorial, mesmo que dolorosamente, foi preciso cortar muitos materiais, selecionar, condensar, do contrário o livro nunca conseguiria ser finalizado.

Apresentar 100 anos em algumas páginas não se tornou tarefa simples. Buscamos no livro apresentar um ciclo, como foi no passado e como é hoje. Não é à toa que o texto de entrada, logo após as apresentações dos organizadores, busca retratar uma figura emblemática de Joaçaba, que está com a mesma idade do município, e a obra termina, na terceira capa, com a imagem de uma criança, que demonstra a continuidade do ciclo da vida, nas palavras do sábio Salomão: *geração vai, geração vem, mas a terra para sempre permanece.*

Finalizo a nota agradecendo aos colaboradores, seja os que enviaram alguma foto, seja os que escreveram algum excerto deste livro, seja os que ajudaram na revisão dos originais. Todos foram fundamentais para a conclusão desta obra.

Desfrute esta obra. Ela é bela, viva e fala por si. Ela inspira e transpira Joaçaba.

Débora Diersmann Silva Pereira  
Editora



Créditos: Nathan Cazella

## APRESENTAÇÃO

Em 1967 foi publicado o *Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba*, tendo como Redator-Responsável o Dr. Alexandre Muniz de Queiroz, como Diretores-Econômicos Djalma Ouriques e Wilmon Marcos e como Secretário Luiz Carlos Forbécí, “fruto de muito trabalho, muito esforço e dedicação, e, sobretudo, do profundo amor que temos a este bendito pedaço da terra catarinense”, como então apresentado.

Este livro do Centenário do Município de Joaçaba dá continuidade a essa valiosa contribuição à história do Município de Joaçaba, como gesto nobre de respeito e homenagem aos seus cidadãos.

As duas publicações marcam o aniversário do Município de Joaçaba, criado pela Lei n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, com o nome de Cruzeiro, sem ignorar que a cidade de Joaçaba só passou a ser assim denominada pelo Decreto-lei estadual n. 238, de 31 de dezembro de 1942, para evitar a duplicidade do nome Cruzeiro com outros topônimos de cidades e vilas brasileiras.

A iniciativa de editar o livro é da Comissão do Centenário de Joaçaba, nomeada pela Prefeitura Municipal e presidida por Antônio “Bolinha” Carlos Pereira, cronista entusiasmado e profundo conhecedor da cultura local. Em homenagem ao Dr. Alexandre Muniz de Queiroz e sua esposa Dulce, o filho Antônio Diomário de Queiroz foi convidado para ser o Presidente de Honra dessa Comissão. Toda a família se sentiu sensibilizada e homenageada! Compartilhando os mesmos sentimentos

dos pais, de profundo amor por Joaçaba, os filhos Perpétua, Diomário, Enéas Jeremias, Luiz Lafaiete, Luiz Fernando, Maria Tereza e Luiz Paulo colocaram sua qualificação e trabalho a favor da edição desta obra.

A adesão entusiasta do Reitor Aristides Cimadon da Unoesc à iniciativa viabilizou o seu sucesso. A Universidade mobilizou suas competências acadêmicas, sob a coordenação do historiador e professor Rogério Bilibio, e assegurou a edição do livro com o apoio editorial da Sra. Débora Diersmann Silva Pereira. Com a extraordinária colaboração da Unoesc, foi possível dispensar o trabalho árduo de busca de patrocinadores da edição e concentrar-se na motivação dos redatores dos textos da vida do Município. O objetivo era que as pessoas e instituições representativas de Joaçaba escrevessem a sua história, o que foi amplamente alcançado. A versão impressa mantém a qualidade acadêmica da Universidade, combinada com a linguagem coloquial e agradável dos personagens dos diversos setores de atividades.

Os poderes municipais de Joaçaba empenharam-se para que a publicação se tornasse uma realidade. O apoio ocorreu nas gestões do Prefeito Rafael Laske e do Prefeito Dioclésio Ragnini. Graças à especial dedicação do atual vice-prefeito, Jucelino Ferraz, foi possível reunir as lideranças dos diversos setores de atividades que se dedicaram com muito carinho a compor os textos de sua história. Para dar unidade ao relato, foi, no essencial, preservada idêntica estrutura no plano das ideias publicadas no cinquentenário e no centenário, que se completam nos capítulos sobre História Geral, Geografia Física e Humana,

Geografia Política e Geografia Econômica, concluindo pelo realce aos desafios fundamentais que asseguram qualidade de vida a todos os cidadãos e liderança para o Município de Joaçaba ao longo do próximo centenário.

A realização do livro contou em Florianópolis com a colaboração de Rosa De Cezaro, esposa de Diomário, e do joaçabense Cleacir Lírio Ferraz, fundamental na estruturação das ideias e observações críticas muito sensatas a respeito dos temas desenvolvidos. Diversas viagens se fizeram a Joaçaba, buscando conciliar as escolhas, os cortes e as várias contribuições recebidas. Com todo esse cuidado, no entanto, haverá ainda muitos nomes e fatos não contemplados. Para minorar essa deficiência inevitável, decidiu-se criar, concomitantemente à versão impressa, uma versão eletrônica no site do Centenário da Prefeitura Municipal, na qual constarão os textos completos recebidos para publicação, eventuais correções e matérias a serem escritas que possam ensejar sua inclusão numa segunda ou terceira edição do *Álbum do Centenário*.

São muitos os personagens ilustres da história joaçabense. Muitos se destacaram por sua habilidade esportiva, artística, política. Outros por exercerem seu ofício com competência, ética e dedicação. Outros, por seu caráter e identificação com a cidade. Nominar a todos seria impossível. Os que aqui se encontram representam a homenagem a todos os joaçabenses.

A todos, indistintamente, muito obrigado pela redação coletiva deste documento histórico! Joaçaba faz 100, Joaçaba faz bem!

Organizadores

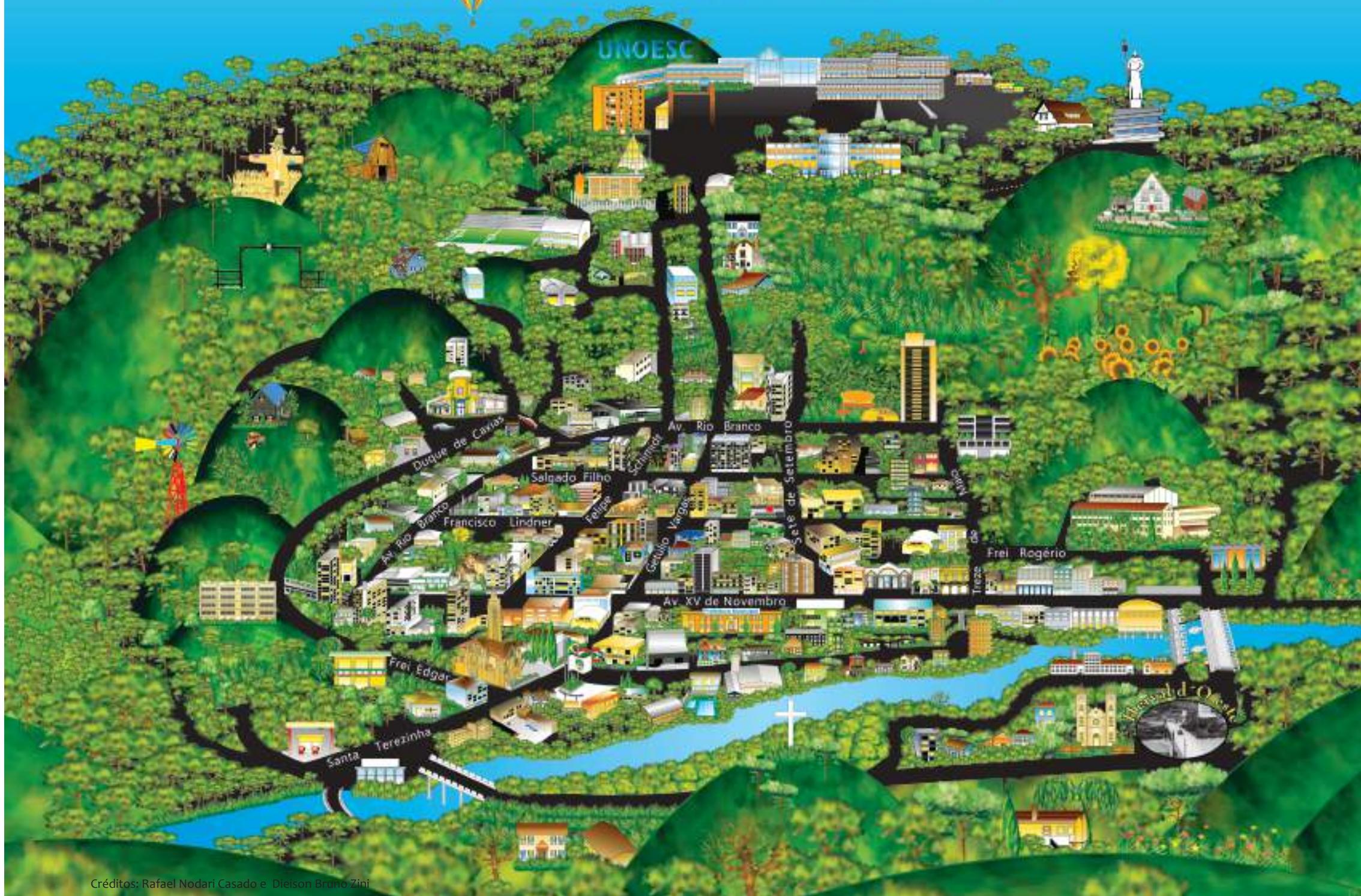
# Capítulo 1

## Introdução

---



Paraguassol  
Paraguassol  
Paraguassol





Créditos: Kleberson Brocardo.

## Joaçaba Faz 100...

### Joaçaba Faz Bem

A Comissão Pró-Centenário foi empossada no primeiro dia de junho de 2016 pelo Prefeito à época, Rafael Laske, e ratificada, com alterações, pelo prefeito do Centenário, Dioclésio Ragnini. Ambos asseguraram todo o apoio possível para a comemoração do centenário de Joaçaba. Aceitei a incumbência de presidi-la, mesmo sabendo das dificuldades. Aceitei ao lembrar estas palavras que nos confortam e animam a caminhar: “Deus não escolhe os capacitados, Ele capacita os escolhidos.” Aceitei a responsabilidade e a ela tenho correspondido com a contrapartida que prometi: dedicação, amor ao semelhante e respeito a todos, com a formação cristã que recebi dos meus pais, Aniela e Raul Anastácio Pereira.

Convidamos figuras notáveis da Comunidade: autoridades eclesásticas, civis e militares, nossos conselheiros. Especialistas em diversas áreas nos auxiliaram, além dos que emprestaram fotografias de momentos marcantes e documentos históricos. Muitos trouxeram ideias, sugestões, palavras de apoio e de crítica, ajudando-nos a fazer o melhor. Desde o agricultor responsável pela comida que vai para nossa mesa, comerciantes, industriais, educadores, prestadores de serviços, até representantes dos poderes constituídos, todos trabalhamos unidos para proporcionar uma comemoração digna de nossa tradição. Exemplo é o advogado Milton Saccol, que mandou seu recado: “Entre

vales e montanhas brilha radiante uma linda centenária, chamada Joaçaba.”

Para ajudar a tornar inesquecível a “festa de arromba” dos cem anos solicitei o auxílio de dois hervalenses, que colocaram seus talentos a serviço da aniversariante. O músico Luiz Fernando Spessatto e o publicitário Rafael Nodari Casado cunharam o *slogan*, o *jingle* e a logomarca do Centenário, retratando diversos marcos: a prefeitura, os prédios do centro, o rio, a ponte e os morros; os templos, o monumento ao Santo local, o Teatro, o carnaval, tudo sob a proteção do Cruzeiro do Sul, remetendo às nossas origens e homenageando os pioneiros que iniciaram a colonização e a urbanização.

Relacionamos uma centena de atrações e eventos, alguns, porém, inviabilizados pela crise atual do país... Artistas locais e regionais mostraram no Teatro Alfredo Sigwalt o seu talento com apoio da Scajho, em apresentações semanais, sem custos. Eventos esportivos foram realizados, mantendo nossa tradição no futsal, ciclismo, tênis de mesa, de campo e outras tantas modalidades que nos tornaram respeitados no cenário esportivo. Entregamos Certificados a Embaixadores do Centenário, que ajudaram a divulgar nossa festa nas localidades em que residem, ao imprimir e distribuir cartazes que lhes enviamos pela internet. Fizemos muito e bem feito, mas pouco foi divulgado.

Perenizar a nossa História em um Livro é o Legado que ora entregamos a todos, concretizando o sonho do industrial Jorge Pichler, da colunista Joanna Figueiredo e de tantos outros: é a nossa maneira de homenagear esta Senhora Joaçaba, tão respeitada, terceira em qualidade de vida em Santa Catarina e oitava melhor cidade para se morar neste imenso Brasil. Cabe destacar o papel de nosso Presidente de Honra, Antônio Diomário de Queiroz, e o inestimável apoio do Magnífico Reitor da Unoesc, Aristides Cimadon, que assegurou a mobilização das competências acadêmicas e a editoração e impressão do Livro do Centenário.

Encontramos dificuldades? Não lembro. Quando o resultado é compensador, a mente se torna pródiga em destacar os momentos positivos. Obrigado a todos e a cada um dos nossos Colaboradores. Parabéns Joaçaba, nossa Terrinha amada!

### **Hora de comemorar**

Hora de homenagear pessoas, como o casal de professores Ezequiel e Cirlei Maria Gurgacz, que completam 50 anos exercendo a mais nobre das profissões; homenagear ilustres moradores e ex-moradores, como o poeta Euclides Riquetti, laureado com a Medalha do Mérito de Literatura professor Lauro Junckes e um dos vencedores do concurso

nacional de poesias Prêmio Mário Carabaja; Alexis Stepanenko, ex-ministro de planejamento no governo Itamar Franco.

E o Livro do Centenário do Município de Joaçaba nos parecerá sempre incompleto. Falar de Joaçaba é lembrar da fábrica de Bebidas Ipiranga, dos irmãos De Déa: Guido, Mario, Clorindo, Severino e José, o que nos leva de volta para a infância com o sabor do Guaraná frisante, da Soda limão, da Água tônica e da insuperável Laranjinha. A senhora Mafalda De Déa recorda aqueles tempos com saudade, ela que foi a primeira mulher a ter carteira de motorista por aqui.

O professor Antonio Adolpho Maresch pode ser considerado o Decano da Educação. Natural de Joaçaba, com graduação em Ciências Econômicas e em Ciências Contábeis e especialização em Ciências Contábeis, ele atuou como docente da Universidade local entre 1976 e 2005, período em que também chegou a assumir funções diretivas da antiga Fundação Universitária do Oeste Catarinense (FUOC), entidade de Joaçaba que veio a dar origem à Unoesc. O professor Maresch foi agraciado com o prêmio Destaques da Contabilidade, promovido pelo Conselho Regional de Contabilidade SC. “Essa distinção é uma realização pessoal. Confirma que a jornada valeu a pena.” Maresch também tem destaque na comunidade regional. Beirando os 90 anos, atua como perito contábil nas varas da Justiça Estadual e Federal de Joaçaba, desenvolve consultoria contábil, fiscal e econômico-financeira e é tradutor de português-alemão e alemão-português.

“Eu conheço o professor Maresch desde os anos 70”, afirma o Reitor da Unoesc, Aristides Cimadon. “Foi ele quem deu a oportunidade de iniciarmos o projeto de criação da Universidade, quando era diretor geral da antiga FUOC. E conheço o professor Maresch pela sua figura de pessoa humana, pela sua dedicação e bondade, profissional de uma responsabilidade indescritível, dedicado, amigo. Ele representa um orgulho muito grande para nós.”

Ah, e tem o velho Queiroz. Ele mesmo, Dr. Alexandre Muniz de Queiroz, que morou desde sempre em Joaçaba, que considerava “a melhor cidade do mundo”, na lembrança carinhosa das filhas Perpétua e Maria Tereza. Aqui exerceu todos os cargos que as vinte e quatro horas do dia lhe possibilitavam: advogado brilhante, professor do curso comercial, diretor regional do Sesi, presidente do Clube de Xadrez, organizador dos JASC, articulista e revisor do jornal local, vereador por intermináveis mandatos, sócio-fundador de tantos clubes e associações quantos pudessem existir na cidade. A benção, Mestre!

Claudio Silva é um artista plástico natural de Joaçaba que aperfeiçoou sua arte na Escola Belas Artes em São Paulo. É conhecido por seus incríveis monumentos e obras grandiosas no carnaval, com esculturas em isopor e madeira. Sua obra mais conhecida, o Monumento a Frei Bruno, foi iniciada em 2004 e inaugurada no final de 2008. Esculpida em isopor e revestida em fibra de vidro, encanta as pessoas não só pelo aspecto religioso, mas também pela grandiosidade

e beleza da obra, rica em detalhes, sendo considerada a terceira maior estátua das Américas.

Pedro Dorli Belotto sempre se interessou por astronomia e, em 1973, a passagem do Cometa Kohoutek o incentivou a virar astrônomo amador, juntamente com alguns amigos, que até adquiriram telescópios para estudar os astros celestes. Costuma proferir palestras em Simpósios de Astronomia. Trabalha há mais de 20 anos com decoração em vidros e em granito por jateamento, arte que lhe tem rendido muitos trabalhos. Autodidata, aprendeu por observação a montar relógio de sol, trabalho conferido e certificado por astrônomos de Campinas, que vieram a Joaçaba conhecer seu invento.

Lembrar da fábrica de gaitas e sanfonas, a *Fábrica de Armonicas de Irmãos Pozza*, que produziu gaitas por cerca de 50 anos. A empresa foi fundada pelos irmãos José João, Atílio Afonso e Cesar Pozza, já falecidos. Eram filhos de Angelo Pozza, ourives de profissão e imigrante italiano que se fixou na cidade de Nova Prata, RS, no início da década de 1930. A família deixou o Rio Grande do Sul para contribuir com o processo de colonização do Meio-Oeste catarinense. Angelo e seus filhos foram os primeiros a se instalarem na região, estabelecem-se inicialmente em Capinzal, mas passado pouco tempo, fixaram residência em Joaçaba. José João Pozza, decidido a montar uma fábrica de acordeões, viajou para São Paulo para aprender as técnicas de montagem e afinação dos instrumentos. Assim, a partir do talento e das mãos hábeis de muitos instrumentistas, certamente contribuiu para alegrar incontáveis bailes, casamentos, festas,

reuniões de famílias e de amigos e outros eventos nos quais a alegria da música se fez presente. A música, aliás, parecia estar no sangue da família: a mana Lourdes Pozza tocava acordeão e ensinava a arte aos seus alunos no piso superior do prédio, local em que a família residia.

Raphaella Tratsk Lancini trouxe para Joaçaba em 2013 o título do primeiro concurso nacional “A Mais Bela Gordinha do Brasil”. Eleita aos 18 anos, no Rio de Janeiro, superando candidatas de todo o Brasil. Residindo em São Paulo, ela leva para todo o Brasil o nome da nossa terra natal por meio da carreira escolhida “modelo *plus size*”.

Geraldo Calliari, ourives autodidata, com muito esforço e dedicação foi aprendendo uma das artes mais antigas da humanidade: fabricar joias de modo artesanal. Derreter uma pepita de ouro e transformá-la em um adorno que mexe com os sentimentos das pessoas, de forma única. Não há dinheiro que pague o valor sentimental de uma joia.

Mauro Refosco começou batucando nas panelas que pegava “emprestadas” da cozinha da mãe, para acompanhar a ruidosa charanga nos jogos do Joaçaba Esporte Clube, na década de 1980, além da fanfara dos Colégios Cristo Rei e Frei Rogério. Percussionista formado na Unesp, toca pandeiro, berimbau, zabumba, triângulo, conga, surdo e atabaques. Fez mestrado na Manhattan School of Music, em Nova Iorque, pois pretendia estudar música erudita. Mauro participa de gravações e shows da banda Red Hot Chili Peppers e criou a banda Forró in the Dark, levando o gênero do forró ainda mais longe, com riffs distorcidos de guitarra,

arranhões de discos e saxofones pulsantes. O músico David Byrne gostou do estilo do jovem joaçabense e impulsionou sua carreira.

Lara Dilley Grander, 1,77m e olhos amendoados puxados virou sensação nos desfiles da Ford Models. A mistura das raças alemã e austríaca, somada aos ancestrais siberianos, resultou em uma beleza andrógina e a dileta filha do inesquecível casal Valnaide e Günther Grander venceu na profissão. Entre desfiles e campanhas, encontrou tempo para graduar-se em medicina e hoje reside no exterior.

### **Lembranças**

“A vida profissional nos afasta da cidade natal, mas o coração fica lá e as lembranças são estímulo permanente de saudade. O bar Senadinho do Constantino Stares, o Comercial de Bode, Poletto e Schueda, as caminhadas na Quinze antes da sessão dos cines Imperial, Vitória e Avenida, as serenatas com Mauro Batista, o timaço de futsal com Wanderley Marin, Neiron Carvalho, Mauro e Sérgio Stares, as festinhas regadas a ponche de maçã, os ensaios de dança da mãe do Roberto Zamberlan com vassoura, o pistão do Richard, embalar os sinos na Igreja Santa Teresinha, os banhos nos rios Tigre e Peixe, os torneios de bolão do Clube Cruzeiro e ganhar gorjeta para cuidar de casacos, bolsas e chapéus nos bailes. Ah!, não dá para esquecer das normalistas do Colégio Cristo Rei...” (Marcos Antonio Batista, joaçabense, reside em

Curitiba desde 1967. Formado em Comunicação Social pela PUC-PR; atualmente é o diretor da Barigui AM e da revista Documento Reservado).

“Parabéns para essa querida centenária, o tempo me levou para longe e já se passaram 36 anos, mas levei sempre em meu coração as muitas lembranças de minha infância e adolescência, lembranças que sempre voltam... como esquecer os banhos no rio do Peixe, as peladas de bola em um monte de terrenos baldios? Como esquecer, no domingo a gente colocava a roupa domingueira para ir na Missa das nove, depois do almoço matinê do cine Vitória... com mais idade, essas tardes de domingo eram preenchidas com matinês dançantes na casa de algumas amigas, depois a Missa da noite e aquele desfile na Av. Quinze... e a gente podia escolher entre o cine Vitória e o Avenida. Tempo que não volta mais, tempo de muitas amizades que mantenho até hoje. E não podemos falar de Joaçaba sem falar de Herval e Luzerna, três municípios irmanados em uma só comunidade, sempre fomos muito próximos. Aqui casei, comecei uma família, ao menos uma vez ao ano venho para cá e acompanhei essa mudança, esse progresso que aconteceu. Aqui de Belém, no Pará, desejo felicidades a todos. Parabéns, Joaçaba, Você é especial!” (Cezar Paulo Remor).

Antonio Carlos Pereira, Presidente da CCO



### **Mensagem do Prefeito Municipal**

Joaçaba é uma cidade especial, desenvolvida e acolhedora, que escolhi para viver com minha família, construir minha empresa, fazer amigos e deixar meu legado. Estar frente ao município de Joaçaba, liderando o executivo no ano do seu centenário, é uma grande honra e um momento único. Nosso município sempre se destacou pela qualidade de vida, educação, saúde e desenvolvimento econômico. Além disso, conta com uma população acolhedora, que recebe muito bem os que aqui visitam, ou os que queiram vir morar neste vale, trazendo desenvolvimento e pujança econômica para este município, que é potência e referência regional no Meio-Oeste catarinense. Uma terra que recebe bem seu povo, como diz um trecho do Hino de Joaçaba: “A quem vir morar comigo, dou carinho e dou abrigo”. Uma morada que abriga diversas etnias, mas com um objetivo em comum, trabalhar pela nossa gente.

Precisamos também falar da parte que se refere à beleza de Joaçaba, uma cidade bonita e agradável de viver. Quero, em nome da Administração Municipal e de toda a população parabenizar Joaçaba pelos 100 anos, um centenário marcado por muitas batalhas, muito trabalho e conquistas. Um aniversário que merece ser comemorado pelos que valorizam e amam sua terra. Que Deus nos dê sabedoria para continuarmos trabalhando para o desenvolvimento, para a inovação, mas, acima de tudo, para as pessoas. Parabéns, Joaçaba! Parabéns, povo Joaçabense!

Dioclésio Ragnini



### **Mensagem do Presidente da Câmara de Vereadores**

Joaçaba está de parabéns e a minha alegria é imensa de poder participar deste momento tão especial em que celebramos o centenário de emancipação político-administrativa desta jovem e bela cidade

acolhedora. Uma cidade que recebeu pessoas de várias etnias de braços abertos, transformando-os em cidadãos joaçabenses. Entre inúmeras qualidades, alguns dizem que ela tem a tranquilidade e a segurança de uma cidade do interior, mas, ao mesmo tempo, consegue aliar o conforto e a modernidade de uma cidade grande. Parabéns, Joaçaba! Nos seus cem anos vamos celebrar o seu passado e o seu presente, porque é muito bom viver na cidade em que se vê o “futuro no horizonte”.

Quero nesse momento exaltar a contribuição dada por todos os vereadores, prefeitos e vices desde a fundação do município, bem como a todos os joaçabenses que deram sua contribuição para que Joaçaba pudesse chegar ao centenário como um município referência estadual e nacional.

Externo ainda minha alegria, minha gratidão a Deus e minha satisfação por participar do centenário da minha querida cidade de Joaçaba. É com muito orgulho que, como representante do povo, na condição de vereador e como presidente da Câmara Municipal, sinto-me honrado em fazer parte desta história. História de lutas, conquistas e vitórias.

Francisco Moreira Lopes



Gestão do Centenário

## Mensagem do Governador de Santa Catarina

Conheci Joaçaba muito jovem, acompanhando meu pai em viagens de negócios. Mais tarde, voltei à cidade muitas vezes para jogar futebol de salão. Já a partir dessas primeiras visitas, aprendi a ver a capacidade empreendedora e o alto nível intelectual de seu povo e a exata dimensão da força de Joaçaba, um polo regional muito importante para a economia de Santa Catarina. Joaçaba é hoje um dos principais polos do Oeste catarinense e que agora completa um século de história, uma marca emblemática, em pleno desenvolvimento e expansão.

Cidade universitária, com vocação para o agronegócio, indústria diversificada, Joaçaba ganhou impulso também com a indústria de máquinas agrícolas e com um comércio forte. Na promoção da cultura local, destaca-se pelo tradicional carnaval e vem ganhando cada vez mais presença no segmento turístico, integrando a rota histórica do Contestado e também roteiros religiosos.

Como Governo do Estado, estamos atentos às demandas para garantir que esse desenvolvimento continue e se expanda cada vez mais. Um exemplo concreto está na escolha de Joaçaba para sediar um dos 13 centros de inovação que estão sendo construídos em Santa Catarina. Tivemos alguns entraves, mas que agora foram superados e em breve a cidade poderá contar com a estrutura para ajudar a aprimorar tecnologias, desenvolver novas vocações e promover a geração de emprego e renda.

A forte parceria com as prefeituras é uma das principais marcas do nosso governo, como demonstram programas como Fundo de Apoio aos Municípios (Fundam), que terá uma segunda edição. Porque temos certeza de que, ao contribuir com o desenvolvimento da economia de cidades, como Joaçaba, estaremos fortalecendo a economia de toda Santa Catarina.

Encerro essa breve mensagem aproveitando para registrar meus parabéns a todos que fizeram e fazem parte deste primeiro século da história da cidade e desejar ainda mais sucesso e desenvolvimento nos anos que virão. Viva Joaçaba!

João Raimundo Colombo



## SÍMBOLOS MUNICIPAIS



### Emblema

O emblema de Joaçaba, nos termos da lei que o aprovou, em 24 de março de 1959, tem a seguinte descrição: “um escudo estilo século 13, sobre o qual se encontra desenhado um campo arado, um trator, um cacho de trigo, um pinheiro e um ramo de erva-mate, simbolizando a agricultura e as riquezas florestais; o rio do Peixe atravessado pela ponte Emilio Baumgarten, obra de arte histórica; uma engrenagem simbolizando as indústrias; no fundo de um céu azul, a constelação do Cruzeiro do Sul como símbolo da nossa fé; e finalmente os dizeres Município de Joaçaba.”



### Bandeira

A bandeira de Joaçaba, criada pela Lei n. 482, de 31 de janeiro de 1967, é assim definida no seu art. 1º: “Fica adotada oficialmente pelo município a seguinte bandeira: um retângulo totalmente branco e bem no centro o atual emblema do município, adotado pela lei municipal nº 284.”

### Hino de Joaçaba

De montanhas diadema  
No vale do Rio do Peixe  
Minh'alma canta poemas

Risonhas safras em feixe  
Que eu espalho de bom grado  
Nos suaves sulcos do arado

Se as videiras são serenas  
Nos verões fazendo abrigo  
Nas primaveras amenas

Enfeito os morros de trigo  
Nos outonos, nos invernos  
Os meus lares são mais ternos

O meu nome é Joaçaba  
Sou alegre e hospitaleira  
Tenho amor que não se acaba  
Desta terra brasileira

A quem vir morar comigo  
Dou carinho e dou abrigo  
A quem vir morar comigo  
Dou carinho e dou abrigo

Letra de Miguel Russowski

Música de Letefalla Jacob



### **Jingle do Centenário**

Joaçaba faz cem, Joaçaba faz bem!

Um pedacinho do Oeste,  
que de mil encantos se veste  
Onde o sol vem se deitar,  
melhor cantinho não há  
Nesse vale de beleza,  
Presente da natureza  
que o poeta inspirou,  
e a arte aflorou...

Onde a vida te convida a viver,  
Aqui é o melhor lugar pra crescer  
Nossa gente hospitaleira,  
de raça, de fé, de força, guerreira...  
Joaçaba faz cem, Joaçaba faz bem  
Viver Joaçaba é ser feliz também  
100 anos de história, de trabalho, união,  
Na batida que emana do coração  
Joaçaba faz cem, Joaçaba faz bem!

Luiz Fernando Spessatto

## Samba-enredo do Centenário

### 100 ANOS VAMOS FESTEJAR

Nossa história vai começar  
(Vem ver! Vem cá!)  
Mergulhei... No passado mergulhei  
Por matas virgens avancei  
Meu coração vibrou de emoção  
No vale do Rio do Peixe então cheguei  
Limeira nasceu... para Cruzeiro mudou  
Pelos caboclos foi disputada  
Na estação de trem o imigrante vem  
Faz aqui sua morada  
Sementes de amor plantou...  
Floresceu, a cidade nasceu, prosperou  
Está todo mundo aí! Levanta a mão!  
Somos filhos desse chão  
Joaçaba tu és ainda uma menina  
És encanto, beleza que fascina!  
O saudoso poeta disse assim  
Sou alegre e hospitaleira  
Tenho amor que não se acaba  
A quem vir morar comigo  
Dou carinho e dou abrigo  
Esporte... sua grande paixão  
ATLECIAL! Oh meu Deus! Quanta emoção!  
Frei Bruno uma procissão de fé  
É lindo seu carnaval, tem samba no pé.  
(Olê) Olê ... lê... lê... lê... lê... lê... lê  
Olê... lê...lê...lê...lê...lê...lê  
Joaçaba quero te abraçar  
Parabéns para você  
100 anos vamos festejar

Luiz Gustavo Busetti



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle

## O GAROTO CENTENÁRIO

**RAUL PEREIRA “GAROTO CENTENÁRIO”**

Bateu o sino do primeiro centenário,  
No calendário outra página virou,  
Foi com trabalho, muito amor e alegria,  
Que fez brotar cada semente que plantou.

Raul Pereira evitou cabo de enxada,  
Fugiu de casa, outros caminhos escolheu,  
De letra em letra foi seguindo a jornada,  
Com a verdade seu futuro escreveu.

**Raul Pereira, O “GAROTO CENTENÁRIO”,  
Passou dos cem, fazendo o bem a cada dia.  
Raul Pereira, que Deus siga abençoando,  
A nossa vida com sua ALEGRIA.**

Seu time é forte e faz bonito no esporte,  
Seu jeito altivo é corajoso e partidário,  
É operário do progresso regional.  
Raul Pereira é companheiro sem igual.

Cada momento é uma página da história,  
Que a memória nos permite reaver,  
Em Joaçaba ele fez sua parte,  
Sua maior arte é amar e bem viver.

*Nando Spessato e Jaime Telles*



Raul Anastácio Pereira, o Patriarca de Joaçaba, é daquelas pessoas criadas à moda antiga, mas sempre atuais, contemporâneas. Os netos dizem que ele é sua referência de vida, um exemplo que seguem. Os amigos adoram conversar com ele, sempre atualizado e crítico em relação aos desmandos de nossos governantes. Convidado a se candidatar na política, sempre recusou. Por três vezes tentaram conceder-lhe o título de

Cidadão Honorário Joaçabense, que finalmente concordou em receber neste ano do Centenário. Em Joaçaba foi ativo sócio-fundador do Hospital Santa Terezinha, do Cruzeiro Atlético Clube, da Liga Esportiva Oeste Catarinense, do Clube da Amizade, além de colaborar com o Clube 10 de Maio e outras entidades comunitárias. Industrial e comerciante, foi proprietário da Livraria e Tipografia Santa Terezinha e do Bar e Café

Itajaí, além de ter sido proprietário do Joaçaba Jornal, nas décadas de 1940 e 1950.

Foi pioneiro no setor de indústria gráfica catarinense, ao ser o primeiro a importar, em 1957, máquina de impressão automática da marca Heidelberg, da cidade alemã de mesmo nome. À época, ela representava o estado da arte para impressão em várias cores e em qualquer tipo de papel. E o fez com 100% de recursos próprios, tendo sido necessária a vinda de técnico da fábrica para efetuar a instalação, pela inexistência de um no Brasil, além de treinar o impressor gráfico que iria operá-la. Ela representou notável avanço tecnológico para o estado.

Seu lema de vida é simples, fazer o bem e cultivar amigos. Convidado por escolas para falar aos jovens sobre o progresso e o desenvolvimento que viu acontecer em nossa cidade nos últimos 80 anos, sua lucidez a todos encanta quando fala daqueles bons tempos, que não voltam mais. Alto-astral, bem-humorado, sempre tem uma palavra de conforto para nos reanimar e mostrar o lado positivo da vida. Em paz com a vida e o que ela lhe traz, na fé em Deus que o faz otimista demais, ele faz lembrar aquela canção do Roberto: “...as mesmas emoções sentindo: são tantas já vividas/ são momentos que eu não me esqueci/ detalhes de uma vida, histórias que eu contei aqui. Amigos eu ganhei, saudades eu senti partindo/ e às vezes eu deixei você me ver chorar sorrindo. Sei tudo que o amor é capaz de me dar/ eu sei já sofri, mas

*não deixo de amar. Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi.*” (Emoções, de Roberto e Erasmo Carlos).

Nascido em 1916 em Medeiros, povoado do litoral catarinense, cansou de trabalhar no pesado e fugiu de casa numa madrugada de sábado, caminhando até Joinville, distante uns 60 km. Corria o ano de 1935, e ele foi de trem a Porto União, onde moravam seus tios, e veio com eles para Joaçaba. Depois foi a Santos e ao Rio de Janeiro, onde trabalhou como jardineiro, porteiro de edifício, garçom, cobrador de bonde; voltou a Joaçaba e se casou em 1943 com Aniela, da família Szubert, do interior de Gaurama (RS).

Sim, ao falar dele lembramos sua amada companheira de 66 anos, nossa saudosa mamãe Aniela, conhecida como Vó Angelina, e a falta que ela faz pode ser definida por outra canção: *“Eu não sabia que doía tanto uma mesa num canto, uma casa e um jardim; se eu soubesse o quanto dói a vida, essa dor tão doída não doía assim. Naquela mesa tá faltando ela, e a saudade dela tá doendo em mim.*” (Naquela Mesa, de Sérgio Bittencourt).

Quando foi homenageado pela Câmara de Vereadores por seu primeiro centenário de nascimento, ele lembrou o que havia falado em seu livro de memórias a respeito da irmã mais velha, Albertina, que já alcançou 104 primaveras:

“Éramos três irmãos na mesma escola, e algumas vezes eu não ia com eles, pois no trajeto tinha um rio e eu ficava com os colegas debaixo da ponte, tomando banho. Só não podia molhar a cabeça, senão meus pais

descobririam que eu estava faltando aula e o pau iria comer. A minha irmã mais velha, a Tina, que cuidava de nós, não contava para os nossos pais porque ela tinha um namoradinho e ela receava que a entregássemos. Um dia falei para minha irmã que eu ainda fugiria de casa e ela disse que eu iria passar fome, mas graças a Deus isso não aconteceu. Mais tarde eu vi a falta que me fizeram os estudos...”

Os netos expressam de maneira singela o sentimento dos familiares: “Quero deixar registrado o tamanho do meu orgulho por este casal, que teve uma vida bastante simples e de uma profunda beleza. E mencionar a sorte grande em sermos netos desses dois grandes seres humanos, que são exemplos de vida. Ele, um sujeito trabalhador, obstinado, que com suas próprias mãos, com o esforço do seu trabalho, construiu uma grande família e tem o respeito e carinho dos moradores da cidade onde vive. Um homem extremamente generoso, que por toda a vida dividiu tudo o que tinha com seus sete filhos. Um vovô bastante festeiro, animado e com saúde para dar e vender. Ela, gravada na memória de quem a conheceu, pode ser comparada a um anjo. Pura, doce, meiga, contadora de histórias repletas de verdadeiros ensinamentos, muito trabalhadora, passou a vida fazendo o bem a todos e criou os sete filhos, mais alguns netos e bisnetos, ao lado de seu marido.”

“Por isso nós, seus filhos Ana Maria, Carlos José, Terezinha Odete, Antonio Carlos, Raul Fernando, Maria Angelina e Maria José, reverenciamos seus Cem Anos

de Bem Viver, e rogamos ao bom Deus que continue abençoando a nossa vida com a sua alegria! E juntamente com os seus 23 netos, acompanhados pelos 19 bisnetos, queremos lhe agradecer pela sua decisão de fugir de casa, senão essa linda história jamais teria acontecido, e nem sequer existiríamos...”

Já lhe falamos de tudo, “seo” Raul, mas tudo isso é pouco diante do que sentimos. Olhando seus cabelos tão bonitos, beijamos suas mãos e dizemos: Meu Querido... Meu Velho... Meu Amigo!

# Capítulo 2

## História geral

---



A Estação Ferroviária de Herval. A Ferrovia foi decisiva para a ocupação do Meio-Oeste catarinense. Princípio do século XX



## 2.1 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CRUZEIRO



Prefeitura do então Município de Cruzeiro

Eneás Jeremias de Queiroz<sup>1</sup>

### História pré-catarinense de Joaçaba

#### Os primórdios

Em 1494, quase dois anos após o descobrimento da América, Portugal e Espanha firmaram o Tratado

<sup>1</sup> Nascido em Itambé, Bahia, em 1945, residiu em Joaçaba de abril de 1947 a janeiro de 1969. É engenheiro químico, administrador e contador. Foi professor e o primeiro Diretor Superintendente da Unoesc campus de Videira. É estudioso da História do Meio-Oeste e do Oeste catarinenses.

de Tordesilhas, dividindo entre si as terras a serem descobertas fora do continente europeu. De acordo com este tratado, a região do original município de Cruzeiro pertenceria à Espanha.

Nessa época, quatro grupos indígenas habitavam o território do atual estado de Santa Catarina: os Carijó, no litoral; os Xokleng, nas serras Geral e do Mar, no Planalto Norte, no Planalto Serrano e nas regiões do Médio e do Alto rio Itapocu, Itajaí e Itajaí Mirim; os Guarani, na região ribeirinha do rio Uruguai, desde o rio

Peperi-Guaçu até as proximidades da atual cidade de Concórdia; e os Kaingang, nas regiões altas do Oeste catarinense, cobertas parcialmente por pinheiros, próximas ao estado do Paraná.



Não há imagens dos primeiros habitantes do Meio-Oeste antes do período colonizatório. Esta foto mostra índios xokleng com pesquisadores alemães em Santa Catarina.

No território do original município de Cruzeiro havia a presença tão somente de índios Guarani e Kaingang: os primeiros no vale do rio Uruguai e os últimos no Noroeste da área do futuro município (na região Norte do atual município de Passos Maia).

Por não apresentar riquezas aparentes para a época, a região do original município de Cruzeiro ficou por mais de três séculos sem qualquer ocupação por parte das colônias de Portugal e Espanha na América do Sul. Poucas pessoas percorreram o seu território, e apenas de passagem. Os pioneiros foram os padres jesuítas espanhóis, que a partir da década de 1620 estabeleceram 18 missões no atual território do Rio Grande do Sul, para catequizar os índios Guarani. Os jesuítas levaram para as

suas missões parte dos Guarani que habitavam as terras às margens do rio Uruguai.

De 1636 a 1639 três expedições de bandeirantes paulistas, sob o comando ou participação de Raposo Tavares, Fernão Dias Paes e André Fernandes, devastaram a maior parte das missões, aprisionando os índios, escravizando-os e vendendo-os em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia para trabalharem principalmente na cultura da cana-de-açúcar. As missões que não foram destruídas foram abandonadas pelos jesuítas e pelos índios, que se deslocaram para as terras na margem direita do rio Uruguai, na atual Argentina. Em 1640, os participantes da quarta e última bandeira, comandada por Manuel Pires e Jerônimo Pedroso de Barros, sem dispor de missões para atacar, utilizaram canoas para percorrer várias centenas de quilômetros do rio Uruguai, até perto da foz do rio Ijuí, no atual estado do Rio Grande do Sul. A maior parte dos índios que habitavam o território às margens do rio Uruguai foi aprisionada e conduzida para a paliçada levantada pelos bandeirantes perto da atual cidade de Passo Fundo. De lá os índios foram levados para São Paulo. Os Guarani que viviam no território do futuro município de Cruzeiro também foram vítimas dessa captura em massa ocorrida nas margens do rio Uruguai.



A partir de 1682 e até o ano 1707 os padres jesuítas e os índios Guarani voltaram paulatinamente para a margem esquerda do rio Uruguai, onde foram estabelecidas sete novas reduções, conhecidas como os Sete Povos das Missões. Os poucos índios Guarani que ainda habitavam às margens do alto Uruguai foram convencidos pelos jesuítas a se transferirem para as novas missões. Com isso, não mais restaram índios Guarani na região do original município de Cruzeiro.

Em 13 de janeiro de 1750, após quase quatro anos de negociações, Portugal e Espanha firmaram o Tratado de Madri, estabelecendo as fronteiras de suas colônias na América do Sul, com base no princípio romano de *uti possidetis* (quem tem a posse tem o domínio). Houve duas exceções quanto a este princípio. A primeira foi a do rio Guaporé, na atual Rondônia, que passou a ser o limite entre as possessões dos dois países. As missões religiosas espanholas existentes na margem direita do rio foram transferidas para a margem esquerda. E as

missões religiosas portuguesas da margem esquerda foram transferidas para a margem direita do rio. A segunda exceção decorreu da cessão, para a Espanha, da colônia portuguesa de Sacramento, no rio da Prata, em troca dos Sete Povos das Missões.

Na época, nem Portugal e nem a Espanha detinham a posse da região dos atuais Meio-Oeste e Oeste catarinenses. Como essa área ficava entre dois territórios que deveriam passar para o domínio de Portugal – os Sete Povos das Missões e a região Oeste do atual Paraná, cuja última posse era dos bandeirantes paulistas –, também os atuais Meio-Oeste e Oeste catarinenses passaram para o domínio de Portugal.



A partir de 13 de janeiro de 1750, pois, a região do original município de Cruzeiro passou a fazer parte da colônia portuguesa do Brasil, da Capitania do Rio de Janeiro e do município de Curitiba. Na época, este último ocupava todo o interior dos atuais estados do Paraná e de Santa Catarina. Após o Tratado de Madri, o município

de Curitiba passou a ocupar uma área superior a 240.000 quilômetros quadrados.

### A região no governo paulista

No ano 1765, a Capitania de São Paulo recuperou sua autonomia, que tinha sido perdida para a Capitania do Rio de Janeiro em 1748, passando o território do original município de Cruzeiro a integrar a restaurada Capitania. Em 24 de setembro de 1788, a região do original município de Cruzeiro passou a pertencer ao novo município de Castro, desmembrado de Curitiba.

Em 1809, a Coroa de Portugal, sediada no Rio de Janeiro, determinou a conquista e o povoamento dos campos de Guarapuava, que teve início no ano 1810. Em agosto de 1815 o Conde de Palma ordenou que os municípios de Castro e Curitiba providenciassem a abertura de um caminho entre Guarapuava e as missões do Rio Grande do Sul.

Coube ao alferes Atanagildo Pinto Martins, do município de Castro, cumprir tal determinação. Sua equipe era formada por outras oito pessoas, entre as quais o cacique Jon Jong e outros dois índios Kaingang, que serviram de guias da expedição. Após descobrirem os campos de Palmas, em 28 de novembro de 1815, chegaram a um rio chamado de Chapecó pelos índios Kaingang. Lá acamparam, esperando ordens de Guarapuava para continuar o trajeto. Confirmada a sequência da viagem, continuaram a marcha e chegaram até as margens do rio Uruguai, no local hoje denominado Goio-En. Porém,

o cacique Kaingang Nonoai, que chefiava os índios dessa região, não permitiu que a expedição atravessasse o rio Uruguai naquele local.

Atanagildo Pinto Martins tomou, então, o rumo Leste, margeando o rio Uruguai, cruzando o rio Irani e o rio do Peixe (este, com auxílio de jangada). Pouco antes da confluência dos rios Pelotas e Canoas sua equipe atravessou o rio Uruguai. Atanagildo Martins buscou o antigo caminho dos padres jesuítas espanhóis, no divisor de águas da bacia do Uruguai com as bacias dos rios Jacuí e Ijuí, chegando em São Borja em 17 de abril de 1816, onde entregou o relatório de sua viagem para o comandante local. Atanagildo Pinto Martins foi a primeira pessoa com ascendência europeia da qual há registro escrito a ter adentrado no território do original município de Cruzeiro.



Mapa da região, ainda sob o período de disputa entre Santa Catarina e Paraná, mostrando o Rio do Peixe.

No final da década de 1830 a existência e as dimensões dos campos de Palmas eram de conhecimento geral da população de Guarapuava. A criação de gado bovino era uma das principais e melhores atividades da época, e essa ocupação passou a ser uma das aspirações da então freguesia (distrito) de Guarapuava. No ano 1839

organizou-se um grupo de 25 pessoas, comandadas por José Ferreira dos Santos, para ocupar e dividir entre si os campos de Palmas. Outras pessoas, de Guarapuava e de Curitiba, que haviam ficado fora do grupo, formaram novo bloco, capitaneado por Pedro Siqueira Cortes. O grupo deste último chegou aos campos de Palmas um dia antes do outro. Houve grande disputa pelas terras, resolvida somente com a ajuda de árbitros trazidos de Curitiba.

Houve acordo entre as partes, o grupo de José Ferreira dos Santos ficou com os campos a Leste do rio Caldeiras (a poucos quilômetros a Leste da atual cidade de Palmas), e o grupo de Pedro Siqueira Cortes, com o território a Oeste desse rio.

O grupo de José Ferreira dos Santos era formado por Antônio de Sá e Camargo, Cândido Cordeiro de Paula, Cândido José dos Santos, Cypriano José da Silva, Domingos de Andrade, Francisco Ferreira da Rocha Loures, Joaquim M. de Oliveira Ribas, Jacob Dias de Siqueira, José Joaquim de Almeida, José Matias de Freitas, Lucidoro José de Farias, Lúcio Dias de Araújo, Maria Rita Brandina de Almeida, M. Leirias de Almeida, M. Narciso Bello, M. Sampaio, M. Teixeira de Freitas, Padre Ponciano de Araújo, Severino Tristão Ruiz e outras cinco pessoas. Cada um deles ocupou área não inferior a 50 quilômetros quadrados (5.000 hectares), com alguns detendo área de até 150 quilômetros quadrados.

Parte dos campos de Palmas ocupada pelas fazendas dos integrantes do grupo de José Ferreira dos Santos está situada dentro do território do original município de Cruzeiro. Nesta área foi verificada a existência,

no ano 1891, de oito sedes destas fazendas. Desse modo, diversas das pessoas anteriormente referidas, bem como seus familiares, estão entre os primeiros moradores da região do futuro município de Cruzeiro.

Em 21 de março de 1849 Guarapuava foi elevada à condição de município, desmembrado de Castro. O município foi extinto em 22 de junho de 1850, voltando a ser restaurado em 17 de julho de 1852. O território do original município de Cruzeiro passou a pertencer, então, ao município de Guarapuava.

Em 29 de agosto de 1853 foi criada a Província do Paraná, desmembrada da Província de São Paulo (como passou a ser denominada a Capitania de São Paulo depois da independência do Brasil), sendo instalada em 19 de dezembro de 1853. A região do original município de Cruzeiro passou, em decorrência, a pertencer à nova Província.

## A região no governo paranaense

### Os primeiros moradores das regiões Sul e Central

O estabelecimento de moradores fixos na região do original município de Cruzeiro tinha um fator básico: a sustentabilidade de sua economia. A região deveria propiciar condições financeiras mínimas para o seu sustento. A distância e a ausência de adequado transporte dos bens produzidos fizeram com que o território do futuro município de Cruzeiro ficasse desabitado por mais de três séculos.

A parte dos campos de Palmas dentro do território do original município de Cruzeiro recebeu moradores a partir de 1839, graças à atividade de criação de gado bovino, uma das mais rentáveis da época. Porém, as regiões Sul e Central do futuro município ficariam desabitadas por mais de 60 anos, mesmo contendo parte da maior riqueza natural da então Província do Paraná, à qual pertenciam: a erva-mate.

O desenvolvimento da região de Passo Fundo, no Planalto Médio gaúcho, abriu mercado para a erva-mate do território do original município de Cruzeiro. Os primeiros moradores chegaram lá no ano 1890, vindos de São Borja e Vacaria, e se estabeleceram perto da foz do rio do Peixe, próximos da atual localidade de Esteves Júnior, em Ipira. Outras pessoas também chegaram à região, em áreas próximas ao rio Uruguai. Seu mercado fornecedor de produtos básicos de consumo e também comprador da produção de erva-mate era a cidade de Passo Fundo.



O resto do vale do rio do Peixe continuava desabitado. Em 1894 a Companhia São Paulo-Rio Grande, cessionária da Estrada de Ferro de Itararé a Cruz Alta, levantou o traçado do trecho União da Vitória ao rio Uruguai, com 347,58 quilômetros. Os técnicos da empresa nomearam os principais afluentes da margem esquerda do rio do Peixe: Leão, Barro Verde (atual Barra Verde), Bonito, das Pedras e dos Veados (atual rio Veado, entre Caçador e Rio das Antas). Em seu relatório expressaram que *“ao longo d’este trecho os terrenos estão desertos; mas contêm espessas mattas virgens com grande quantidade de madeiras excellentes para construções. Não se encontra por ali povoação alguma.”*



Imbuia centenária derrubada por uma motosserra da serraria René Frey & Irmão em 1946.  
Créditos: Museu Municipal de Fraiburgo.

Perto da foz do rio do Peixe e no vale do Uruguai, onde houvesse árvores nativas de erva-mate, a população crescia. Em 1898 o governo do Paraná criou na foz do rio do Peixe um Distrito Policial, nomeando subcomissário

(subdelegado) e suplente, pois o número de moradores da região Sul do original município de Cruzeiro já exigia segurança pública.

A segunda frente que recebeu moradores foi a região da atual cidade de Ponte Serrada. Seus habitantes forneciam erva-mate para Passo Fundo utilizando a estrada das tropas de mulas, que passava em Passo Fundo e em Xanxerê.

A terceira frente surgiu no final da década de 1890, eis que a abertura da estrada de ferro entre Paranaguá e Curitiba e a implantação de navegação fluvial, pelo rio Iguaçu, de União da Vitória ao porto de Caiacanga (perto do município de Curitiba), tornou viável a comercialização de erva-mate produzida por moradores dos atuais municípios de Água Doce e outros, situados entre os rios Estreito e Quinze de Novembro. A criação do distrito judiciário de Vicentópolis nessa área, pela Câmara Municipal de Palmas, em outubro de 1904, comprova tal fato.

Em 15 de fevereiro de 1905 o governo do Paraná, por meio do Decreto n. 47, fundou uma colônia na região da foz do rio do Peixe, com área de cerca de 12.000 hectares, para promover seu povoamento. Até 1908, as demais regiões do original município de Cruzeiro receberam poucos ou nenhum habitante. Tal situação só se alterou com o início da construção da estrada de ferro no vale do rio do Peixe.

## A administração paranaense

A primeira região do original município de Cruzeiro a receber moradores foi a área dos campos de Palmas. Porém, por comportar apenas cerca de 10 grandes fazendas, com criação extensiva de gado e com poucos habitantes, sem a existência de qualquer povoado, aquela área não despertou a atenção dos órgãos administrativos da Província e do estado do Paraná, que se voltaram para a região da foz do rio do Peixe e do vale do rio Uruguai.

O primeiro ato administrativo do governo do Paraná foi a criação do distrito policial do Rio do Peixe, em 11 de novembro de 1898, pelo Decreto n. 118. As divisas desse distrito policial são quase as mesmas das partes Sul e Central do futuro município de Cruzeiro, quais sejam:

*começando no Rio Uruguay, Goyo-En, na Barra do Rio Irany acima, até a divisa da fazenda do mesmo Irany; d'ahi vai acompanhando esta à rumo de Norte, até cahir no Rio do Matto; d'este acima até sua cabeceira; d'ahi vai á rumo da cabeceira do Rio Quinze de Novembro; d'esta segue á rumo da cabeceira do Rio Jangada, d'esta até a cabeceira do Rio do Peixe; descendo por este vai até a sua barra, no Rio Uruguay e descendo por este vai a barra do Rio Irany até encontrar o começo da divisa.*

Um dia depois, o Chefe de Polícia do Estado, por meio de seu Ato n. 352, nomeou as duas primeiras autoridades públicas sediadas no território do futuro município de Cruzeiro: Henrique Scheitel como

Subcomissário de Polícia (subdelegado) e Manoel do Espírito Santos Tigre como seu primeiro suplente.

No mês de outubro de 1904, a Câmara Municipal de Palmas, para homenagear o então presidente (governador) do Paraná, criou um distrito judiciário no alto Rio do Peixe, denominado Vicentópolis. Naquela época, cada distrito judiciário elegia quatro juízes distritais, denominação equivalente aos juízes de paz de Santa Catarina.

Por meio da Lei n. 808, de 05 de maio de 1908, o governo do Paraná abriu crédito para a “*abertura de uma estrada de cargueiros que ligue os Campos de Palmas á fóz do rio do Peixe.*” Na época existiam dois tipos de estradas: a estrada carroçável e a estrada de cargueiros, com o meio de transporte desta última sendo animais de carga: mulas e cavalos.

Até o final do ano de 1913 a região da foz do rio do Peixe, mais desenvolvida, continuou a receber as atenções do governo paranaense, como mostram:

- a) o Decreto n. 172, de 29 de março de 1910, criando uma agência fiscal de rendas no lugar denominado Rio do Peixe (atual Ipira);
- b) a Lei n. 1.122, de 23 de março de 1912, autorizando a construção de estrada entre Xanxerê e a barra do Rio do Peixe, passando pelo Irani;
- c) a Lei n. 1.139, de 26 de março de 1912, que criou a primeira escola na parte paranaense do vale do rio do Peixe, próximo à sua foz;

- d) o Decreto n. 135, de 02 de março de 1913, definindo os limites entre os distritos policiais de Rio do Peixe e Vicentópolis. O limite entre os dois, quanto à área banhada pelo rio do Peixe, foi o lajeado do Tigre, hoje conhecido por rio do Tigre. Com isso, as terras ao norte do lajeado do Tigre passaram a fazer parte do distrito policial de Vicentópolis, com a localidade paranaense de Limeira passando a integrar este último distrito;
- e) a Lei n. 1.307, de 01 de abril de 1913, criando o distrito judiciário do Rio do Peixe, com os mesmos limites e sede do distrito policial.

Em 17 de dezembro de 1910 foi inaugurado o trecho de União da Vitória a Marcelino Ramos da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Em maio de 1911 uma enchente destruiu a ponte provisória sobre o rio Uruguai, de madeira em treliça, quando já estavam levantadas as bases de pedra da ponte definitiva. O tráfego de trens só foi restabelecido em 27 de dezembro de 1912, com a construção de uma ponte de aço sobre o rio Uruguai.

A abertura do tráfego ferroviário fez com que a localidade do Herval paranaense passasse a ser o novo polo de toda a região do vale do Rio do Peixe, como mostram:

- a) a alteração, para a então Limeira, do curso da estrada entre Xanxerê e o rio do Peixe, conforme mensagem do governo paranaense

ao seu Congresso Legislativo em 01 de fevereiro de 1914;

- b) a criação da primeira escola no Herval paranaense, em 27 de março de 1914, pela Lei n. 1.400;
- c) a criação, pelo Decreto n. 401, de 12 de junho de 1914, de *“uma Agencia Fiscal de rendas, da categoria de segunda classe, no lugar denominado Herval, ficando subordinados a essa Agencia os postos fiscais existentes denominados Caçador, Rio das Antas, Rio das Pedras, Rio Bonito, Passo da Limeira, Capinzal, Rio do Peixe e Foz do Rio do Peixe (Uruguay) e que se acham atualmente subordinados a Agencia Fiscal de União da Victoria”*;
- d) a Lei n. 1.500, de 20 de março de 1915, alterando o limite norte do distrito judiciário do Rio do Peixe, que passou a ser o arroio do Estreito (atualmente é a divisa entre os municípios de Luzerna e Ibicaré). A localidade do Herval passou a integrar o distrito do Rio do Peixe, passando a ser a sua sede.

No dia 25 de junho de 1915 foi criado o distrito policial do Uruguai, separando-o do distrito do Rio do Peixe, tendo por limites: da barra do lajeado Caraguatá até sua nascente; desta até a cabeceira do lajeado Grande, por este abaixo até a sua foz no rio Jacutinga; por este abaixo até a foz do lajeado do Tunal; por este acima até a sua cabeceira; desta, em linha reta até o rio

Irani; por este abaixo até a sua foz no rio Uruguai; por este acima até a foz do rio do Peixe; e por este acima até a barra do lajeado Caraguatá.

No mesmo dia 25 de junho de 1915, através do Decreto n. 465, foi criado o distrito policial de São Bento (atual Ibicaré), tendo por limites: a barra do lajeado Estreito no rio do Peixe; por este acima até a foz do rio Quinze de Novembro; por este acima até sua nascente; daí, pelas entradas do sertão até o Paiol do Campo; deste, em linha reta, até a cabeceira do lajeado Estreito; e por este abaixo até a sua foz no rio do Peixe.



Mapa hidrográfico do Alto Vale do rio do Peixe.

Após o acordo de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná, em 23 de agosto de 1917, com o Decreto n. 585, o governo paranaense extinguiu os distritos policiais de Uruguai e São Bento, além de outros nove situados na região do Contestado. E no dia seguinte, através do Decreto n. 593, foi extinta a Coletoria de Rendias Estaduais do Herval.

Por um lapso do governo paranaense foi omitida a extinção dos distritos policiais e judiciários do Rio do

Peixe e de Vicentópolis que, até o final de 1918, ainda constaram no Quadro de Divisão Administrativa e Policial do estado do Paraná.

### A economia na época pré-catarinense

Desde os tempos da Província do Paraná a erva-mate foi a sua maior riqueza. A maior parte era exportada para a Argentina, secundada para as vendas ao Uruguai e Chile. Seu transporte até os portos de Paranaguá e Antonina era oneroso, em lombo de mulas.

A produção da erva-mate restringia-se à região Sul do Paraná, quer por falta de estradas quer em face ao custo do transporte. Esta situação começou a mudar no início de 1883, quando Amazonas de Araújo Marcondes veio a operar a navegação fluvial no rio Iguaçu, de União da Vitória ao porto de Caiacanga (atual Porto Amazonas, perto de Curitiba).

Em 1885 iniciou-se a operação da estrada de ferro entre Curitiba e Paranaguá. O ramal para Antonina foi inaugurado em setembro de 1892, e em novembro daquele mesmo ano a estrada de ferro chegou ao porto de Caiacanga. O transporte fluvial e ferroviário entre União da Vitória e Paranaguá ou Antonina viabilizou a produção de erva-mate na região do alto rio do Peixe.

Por falta de estradas as regiões do médio e do baixo rio do Peixe continuavam fora do mercado exportador de erva-mate. De 1890 a 1913 a economia do território do futuro município de Cruzeiro era restrita à criação de gado, nos campos de Palmas, e, com menor

expressão, à produção de erva-mate na sua região Sul e no alto vale do rio do Peixe.

A abertura definitiva do trânsito ferroviário entre Marcelino Ramos e União e a instalação de barbaquás (para secagem das folhas, para a fabricação da erva-mate cancheada, que era o produto exportado) fizeram a produção de erva-mate crescer significativamente a partir de 1914 na região do Vale do rio do Peixe. A primeira exportação de erva-mate foi realizada por Antônio Simões Cavalheiro, de Catanduvás, no início de 1914, totalizando 266.666 quilos.

A venda de gado e a exportação de erva-mate fizeram com que a arrecadação de Herval aumentasse significativamente nos últimos anos em que a região pertenceu ao estado do Paraná. O valor da arrecadação de Herval na moeda da época (mil réis) e para o período fiscal iniciado no mês de julho de cada ano, até o mês de junho do próximo ano, foi a seguinte:

1914/15	5.932\$587
1915/16	59.866\$737
1916/17	119.173\$663

A partir do período fiscal de 1915/16 a arrecadação de Herval superou em muito a da coletoria de Palmas, sede do município, que foi de 27.966\$281 no período de 1915/16 e de 41.986\$450 no período 1916/17.

No período fiscal de 1916/17 a arrecadação total do estado do Paraná foi de 6.912.070\$210. A arrecadação de Herval no mesmo período representou 1,72% de toda a arrecadação do estado do Paraná.

A arrecadação total de Santa Catarina foi de 3.660.400\$822 em 1916 e de 4.411.844\$483 em 1917, resultando em arrecadação média de 4.036.122\$653 para o hipotético período fiscal de 1916/17. A arrecadação de Herval representaria 2,95% do valor da arrecadação de todo o estado de Santa Catarina naquele período fiscal.

O estado de Santa Catarina, pois, em 25 de agosto de 1917, recebeu o município de Cruzeiro com uma economia pujante e promissora. O próprio governador de Santa Catarina, Felipe Schmidt, em sua mensagem ao Congresso Representativo (Assembleia Legislativa), no dia 14 de agosto de 1917, reconhecendo isso, assim se expressou:

Com a anexação da parte do território Contestado que nos cabe, passaremos a ser um dos grandes produtores de erva-mate. Temos, enfim, diante de nós probabilidades de um surto econômico que nos vae collocar, dentro em breve, em magnífica situação diante dos demais Estados da Republica.

## História do município de Cruzeiro (1917-1943)



### A origem da denominação do município

A Encyclopédia e Dicionário Internacional, editada por W.M. Jackson Inc. e impressa na cidade do Rio de Janeiro na época da criação do município de Cruzeiro, mostra que o significado da palavra “cruzeiro”, se for um substantivo masculino, é uma grande cruz de pedra que se arvora nos adros de algumas igrejas, em praças, estradas, cemitérios. Ou então é a parte da igreja onde se cruza a nave central com o transepto ou nave transversal. Se a palavra estiver na condição de adjetivo, a palavra “cruzeiro” é aquilo que tem cruz ou que é marcado com uma cruz. O Dicionário deu como exemplo para o adjetivo a “raposa cruzeira”. Os dicionários atuais expressam o mesmo significado da palavra “cruzeiro”, e alguns adicionam ao seu significado a “encruzilhada”.

Os mapas antigos da região do atual Meio-Oeste catarinense, à época da criação do município de Cruzeiro, mostravam a existência de apenas duas estradas na

área: a primeira, no sentido Norte-Sul, era a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, e a segunda, no sentido Leste-Oeste, quase perpendicular à primeira, era a estrada de terra que partia de Campos Novos em direção a Xanxerê. As duas importantes estradas formavam uma encruzilhada, da qual, provavelmente, decorre a denominação do município de Cruzeiro. Ambas as vias foram fator vital para o crescimento e desenvolvimento do município de Cruzeiro. No centro da encruzilhada, à margem direita do rio do Peixe e à beira do lajeado do Tigre, estava estrategicamente situada a então localidade de Limeira (Herval, até 25 de agosto de 1917), que foi o motor de tal crescimento e desenvolvimento.



E em 1943, na busca pela palavra que substituiria o nome original do município, os técnicos do governo e a comunidade local optaram pelo termo “Joaçaba”, que na língua tupi-guarani também significa “encruzilhada”.

## As denominações do município

O município de Joaçaba teve apenas duas denominações: Cruzeiro, desde a data de sua criação, em 25 de agosto de 1917, e a atual, a partir de 01 de janeiro de 1944.

Em 21 de outubro de 1943 o governo federal editou o Decreto-Lei n. 5.901 estabelecendo a revisão da divisão administrativa e judiciária do País, a vigorar a partir de 01 de janeiro de 1944. O art. 7º deste dispositivo legal eliminou a repetição dos nomes de cidades e vilas em todo o Brasil, prescrevendo que:

- I - Quando duas ou mais localidades tiverem a mesma denominação, esta prevalecerá para a de mais elevada categoria administrativa ou judiciária, na seguinte ordem de procedência: Capital, sede de Comarca, sede de Têrmo, sede de Município, sede de Distrito.
- II - No caso de haver mais de uma localidade da mesma categoria com o mesmo nome, êste será mantido naquela que o possuir há mais tempo.

Em obediência a esta determinação, em 31 de dezembro de 1943 o Interventor Federal em Santa Catarina, Nereu Ramos, promulgou o Decreto-Lei estadual n. 941, alterando a denominação de 52 cidades ou vilas do Estado. E, por consequência, alterando o nome dos respectivos municípios ou distritos.

Na ocasião, havia no Brasil diversas cidades e vilas com a denominação de Cruzeiro. Dentre estas, apenas duas comarcas com tal denominação, em São Paulo e em Santa Catarina. A prioridade do nome Cruzeiro competiu

então ao município paulista, eis que a sua sede municipal e o próprio município possuíam tal denominação desde 02 de outubro de 1901, por meio da Lei Estadual n. 789.



A partir, pois, de 01 de janeiro de 1944, o município catarinense de Cruzeiro passou a denominar-se Joaçaba.

Deve ser salientado que houve um equívoco na Exposição de Motivos ao Decreto-Lei n. 941, de 31 de dezembro de 1943, no que se refere à denominação do município de Joaçaba. Na página 34 consta que a prioridade da denominação de Cruzeiro competia a um termo judiciário do estado de Minas Gerais. O equívoco é evidente, pois a categoria de comarca da Cruzeiro catarinense teria prioridade sobre qualquer outro termo judiciário com tal homônimo. E também pelo fato de que efetivamente foi o município paulista que conservou a denominação de Cruzeiro.

## As sedes do município

Desde a época do Brasil Colônia as sedes dos municípios brasileiros de maior população e expressão recebiam, por lei, a categoria de “cidade”, enquanto as sedes dos municípios de menor expressão eram enquadradas na categoria de “vila”. Já as sedes de distritos recebiam a categoria de “povoado”. As sedes municipais poderiam receber qualquer denominação, igual ou diferente do nome do município. Esta opção quanto à denominação também era aplicável às sedes de distrito.



Mapa de Cruzeiro de 1927, dez anos após a criação do Município

O item 3 do art. 01 da Lei n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, estabeleceu que o município e a comarca de Cruzeiro teriam “sede na povoação que para esse fim, com esse nome e categoria de vila será criada em lugar apropriado, entre o alto Chapecozinho e o alto Chapecó.” De acordo com esta Lei, a sede do município de Cruzeiro ficaria localizada na parte catarinense dos campos de Palmas.

O art. 2º da mesma Lei determina que “enquanto não for instalada a vila de Cruzeiro, sede respectiva do município e comarca, tal será provisoriamente no povoado de Limeira, sito no mesmo município à margem direita do rio do Peixe.” Em 10 de novembro de 1917, data em que o município foi instalado, Limeira passou a ser a sede provisória do município e da comarca de Cruzeiro. E, pelo fato de ser sede provisória, tal localidade manteve sua categoria de povoado.

O propósito do governador Felipe Schmidt de instalar a sede definitiva do município na parte catarinense dos campos de Palmas foi seguido de medidas práticas. Na mensagem apresentada ao Congresso Representativo (atual Assembleia Legislativa), em 08 de setembro de 1918, ele afirma que deixa “terminados os estudos definitivos de um plano de cidade a edificar para sede definitiva do município de Cruzeiro, no lugar indicado pela lei n. 1.147 [bem como] de uma estrada que comunique essa sede com as estações de Perdizes e Herval [e também] com a cidade de Palmas.”

Porém, o governador seguinte, Hercílio Luz, através da Lei n. 1.243, de 20 de agosto de 1919, fixou a sede definitiva do município e da comarca de Cruzeiro na localidade de Catanduva (no singular), que foi elevada à categoria de vila, com a denominação de Cruzeiro. A região de Catanduva era, na época, a maior produtora da então principal riqueza natural do município de Cruzeiro, a erva-mate.

Em pouco tempo, porém, a localidade de Limeira, em face à sua posição estratégica, cresceu e desenvolveu-

se, superando a sede municipal em população e em expressão econômica. Os pedidos para trazer a sede do município para Limeira eram muitos. O próprio governador do Estado, Hercílio Luz, reconheceu esta necessidade. Ele promulgou a Lei n. 1.419, de 12 de outubro de 1922, a qual, em seu art. 17, § 27, autorizou o Poder Executivo a “mudar para o povoado de ‘Limeira’ a sede da comarca e Município de Cruzeiro.” A resistência da população da então sede municipal retardou tal mudança por mais de três anos, e ocorreu somente em 08 de março de 1926, com a edição do Decreto n. 1.948. Como consta no preâmbulo deste decreto, os motivos da mudança da sede municipal foram os apelos das autoridades estaduais e municipais da comarca de Cruzeiro, bem como o fato de Limeira ser a mais importante localidade do município, sendo que a transferência da sede facilitaria a administração pública. A nova sede municipal manteve o nome de Limeira, na categoria de vila. A anterior sede manteve a denominação de Cruzeiro, porém na categoria de povoado.



Mapa de Cruzeiro de 1935, com destaque para a região do atual município de Água Doce.

Em 24 de setembro de 1928, por meio da Lei n. 1.608, a vila de Limeira passou a denominar-se Cruzeiro do Sul, enquanto o povoado de Cruzeiro passou a chamar-se Catanduvas (no plural).

Em 02 de março de 1938, o Decreto-Lei federal n. 311 dispôs que a partir de 01 de julho daquele ano todas as sedes municipais passariam a ter a categoria de cidade e a mesma denominação do respectivo município. E que todos os distritos passariam a ser designados pelo nome de sua sede, que passaria a ter a categoria de vila. O art. 18 estabeleceu que até o dia 31 de março de 1938 os Estados deveriam publicar as denominações de seus municípios e distritos, bem como das categorias de suas sedes. Isso foi cumprido pelo governador do estado de Santa Catarina com a edição, em 31 de março de 1938, do Decreto-Lei n. 86. A partir de 01 de julho de 1938 e até o dia 31 de dezembro de 1943 a então vila de Cruzeiro do Sul passou a ser denominada Cruzeiro, com a categoria de cidade.

Em 01 de janeiro de 1944 a sede municipal passou a ter a denominação atual, Joaçaba.

A Tabela a seguir sintetiza as modificações da denominação, do local e da categoria das sedes do município de Joaçaba:

Denominação da sede	Local atual	Categoria	Data inicial	Data final
Limeira	Joaçaba	Povoado	25/08/1917	20/08/1919
Cruzeiro	Catanduvas	Vila	20/08/1919	08/03/1926
Limeira	Joaçaba	Vila	08/03/1926	24/09/1928
Cruzeiro do Sul	Joaçaba	Vila	24/09/1928	30/06/1938
Cruzeiro	Joaçaba	Cidade	01/07/1938	31/12/1943
Joaçaba	Joaçaba	Cidade	01/01/1944	.....

## As denominações da atual cidade de Joaçaba

Desde o início da construção do trecho de União da Vitória ao rio Uruguai da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, no ano 1908, foram projetadas diversas estações à margem esquerda do rio do Peixe. Com o decorrer da abertura da estrada de ferro, tais estações receberam sua denominação. Em torno delas surgiram pequenos núcleos urbanos, tanto na margem esquerda do rio do Peixe, no estado de Santa Catarina, quanto na sua margem direita, no estado do Paraná.



Mapa de Cruzeiro, de 1939, já com uma configuração mais próxima da atual

O Paraná deu à maioria das suas localidades na margem direita do rio do Peixe o mesmo nome das correspondentes estações da estrada de ferro: Caçador, Rio das Antas, Rio das Pedras (depois Perdizes e atual Videira), Pinheiro Preto, Rio Bonito (Tangará), Rio do Peixe e Rio Uruguai, sendo as duas primeiras pertencentes ao município de União da Vitória e as demais ao município de Palmas.

Defronte à estação de Rio Capinzal, a localidade paranaense foi denominada de Capinzal. As estações de São Bento (depois Itapuí e atual Ibicaré) e de Passo do Limeira (depois Bom Retiro e atual Luzerna) foram as exceções à regra, tomando ambas as denominações das localidades paranaenses.

Nos anos 1908 e 1909, quando foi iniciada a abertura do trecho final União da Vitória-rio Uruguai da estrada de ferro, o nome escolhido para a futura estação onde hoje está situada a cidade de Herval d'Oeste foi "Limeira". Tal denominação seria uma homenagem à Baronesa de Limeira, cujos herdeiros possuíam, na ocasião, extensas áreas de terras na região, quer no território do atual município de Concórdia, quer na região dos atuais municípios de Chapecó e Guatambu, onde possuíam a fazenda Campina do Gregório.

O nome de Limeira passou a ser utilizado por ambos os estados – Santa Catarina e Paraná – para denominar as duas pequenas localidades onde hoje se situam as cidades de Joaçaba e Herval d'Oeste. Assim, o então governador de Santa Catarina, Gustavo Richard, promulgou a Lei n. 838, em 02 de outubro de 1909, com o objetivo único de autorizar o Poder Executivo a *“contractar com quem mais vantagem offerecer a construção de uma estrada de rodagem, que ligue a villa de Campos Novos á estação de Limeira, da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.”*

Na mensagem lida pelo governador Gustavo Richard, na sessão do Congresso Representativo

(Assembleia Legislativa) de 17 de setembro de 1910, foi consignado que

como medida economica de grande alcance não menos importante seria a construcção de uma boa via de communicacão entre a Villa de Campos Novos e Limeira, Estacção da Estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, para facilitar a exportacão da herva matte e madeiras de diversas essencias que existem em grande quantidade naquelle municipio. Com este objectivo mandei já proceder ao estudo do traçado e aguardo planta e orçamento para revolver a respeito.

Novas menções à estrada Campos Novos-Limeira ocorreram nas mensagens que o governador de Santa Catarina dirigiu ao Congresso Representativo em 23 de julho de 1912 e em 24 de julho de 1913. Na mensagem do ano seguinte o governador catarinense já denomina esse lugar como estação de Herval, e não mais de Limeira.

A última menção ao nome Limeira por parte do Paraná, em atos oficiais, ocorreu em 01 de fevereiro de 1914, na mensagem ao Congresso Legislativo, na qual o governador paranaense cita a estrada de Xanxerê a Limeira. Em 27 de março de 1914, com a Lei n. 1.400, o governo do Paraná, continuando na sua prática de denominar as suas localidades da margem direita do rio do Peixe pelo mesmo nome da correspondente localidade catarinense à margem esquerda do rio, criou uma escola no Herval. A partir de então, em todos os atos oficiais a localidade paranaense é denominada de Herval, como: no Decreto n. 401, de 12 de junho de 1914, que cria uma Agência Fiscal de Rendas no lugar

denominado Herval; no Decreto n. 412, de 16 de junho de 1914, que nomeia Agente Fiscal do Herval, e em inúmeros outros atos, findando no Decreto n. 593, de 24 de agosto de 1917, que extingue a Coletoria de Rendas Estaduais do Herval.

Em agosto de 1917, quando da criação do município de Cruzeiro, o governador de Santa Catarina utilizou a anterior denominação de Limeira para o nome da sede provisória do Município. Certamente para distingui-la da localidade vizinha, pertencente ao município de Campos Novos, que continuou a ser denominada de Herval.

Em síntese, as denominações da atual cidade de Joaçaba são:

- a) Limeira, de 1908 ou 1909 até o mês de fevereiro de 1914;
- b) Herval, de março de 1914 até o dia 25 de agosto de 1917;
- c) Limeira, de 25 de agosto de 1917 ao dia 24 de setembro de 1928;
- d) Cruzeiro do Sul, de 24 de setembro de 1928 a 31 de março de 1938;
- e) Cruzeiro, de 31 de março de 1938 a 31 de dezembro de 1943;
- f) Joaçaba, a partir de 01 de janeiro de 1944.

## Os superintendentes e os prefeitos de Cruzeiro

Até outubro de 1930 o chefe do Poder Executivo dos municípios catarinenses era denominado Superintendente, e, a partir de então, passou a receber a titulação de Prefeito. Em todo o período que o município tinha a denominação de Cruzeiro não existia o cargo de Vice-Superintendente ou de Vice-Prefeito.

O período de gestão do Superintendente, dos Conselheiros Municipais (vereadores) e dos Juízes de Paz era de quatro anos, iniciando no dia 01 de janeiro do respectivo quadriênio e findando no dia 01 de janeiro do quadriênio seguinte. O artigo 8º da lei que criou o município do Cruzeiro determinou que a primeira eleição municipal seria realizada na época designada para a renovação do quadriênio então vigente (1915/1918). E que, até a posse das autoridades eleitas, tais cargos seriam exercidos por cidadãos nomeados pelo governador catarinense.

As eleições municipais eram realizadas entre os meses de setembro e novembro do ano anterior a cada quadriênio. Em Cruzeiro houve eleições municipais para os quadriênios de 1919/1922, 1923/1926 e 1927/1930. Na falta ou exoneração de Superintendente, de Conselheiro ou de Juiz de Paz, o governador do Estado marcava data específica para cada eleição suplementar. As datas de todas as eleições suplementares realizadas de 1919 a 1930 constaram das mensagens que o governador catarinense apresentou ao Congresso Representativo (Assembleia Legislativa). Nelas não consta qualquer eleição suplementar para Superintendente de Cruzeiro.

Às 17h30 do dia 03 de outubro de 1930 as tropas de Getúlio Vargas iniciaram a denominada Revolução de 1930, de maneira simultânea, em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Antes, porém, na madrugada do dia 03, o general Felipe Portinho, que estava em Erechim, preparado para a revolução, recebeu ordem para invadir o estado de Santa Catarina naquele mesmo dia, através da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Cerca das 10 horas da manhã, a estação de Marcelino Ramos foi tomada pelas forças revolucionárias. Às 11h20 uma litorina seguiu para tomar a estação Rio Uruguai, com o propósito de cortar as comunicações com as demais estações da Estrada de Ferro, o que ocorreu meia hora depois. Às 15h30 um trem, com um efetivo de 52 militares, seguiu para Herval, com o objetivo de tomar o quartel da polícia militar local. Todas as estações intermediárias foram conquistadas pelos revolucionários, que chegaram em Herval na noite do dia 03. Após forte tiroteio, o quartel foi conquistado, com sua guarnição sendo presa. Em seguida, cada uma das demais estações do Vale do rio do Peixe foi sucessivamente tomada. As tropas gaúchas chegaram em Porto União no final do dia 04. Nos dias seguintes, em direção a São Paulo, passaram por Herval inúmeros trens, carregando milhares de soldados.

Em uma dessas passagens, no dia 10 de outubro, o prefeito de Cruzeiro foi deposto. Em outra, Getúlio Vargas, chefe da revolução, chegou a Herval no dia 15 de outubro, fazendo aí uma pequena parada. No dia 24, os revolucionários chegaram à cidade do Rio de Janeiro, quando o Presidente Washington Luís

foi deposto de seu cargo, que passou a ser ocupado por uma Junta Governativa Provisória, integrada por três revolucionários. Em face a isso, no mesmo dia, o governador de Santa Catarina, Fúlvio Aducci, entregou o seu cargo a um triunvirato de militares gaúchos, que no dia seguinte nomearam o general Ptolomeu de Assis Brasil como governador provisório do Estado.

Em 03 de novembro Getúlio Vargas assumiu o governo provisório da nação. Na sequência, todos os restantes governadores do Brasil foram destituídos de suas funções, sendo substituídos por Interventores nomeados pelo novo Presidente. Tais Interventores, por sua vez, passaram a nomear os novos dirigentes municipais, já designados como Prefeito.

No dia 03 maio de 1933 foi eleita a Assembleia Nacional Constituinte, instalada no mês de novembro do mesmo ano. Em 16 de outubro de 1934 foi promulgada a nova Constituição do Brasil, que restabeleceu as eleições para senador, deputado federal e estadual, prefeito e vereador. As eleições para prefeito e vereador ocorreram no início de 1936.

No dia 10 de novembro de 1937, porém, Getúlio Vargas fechou o Congresso, as assembleias legislativas estaduais e as câmaras de vereadores, bem como substituiu os governadores eleitos por interventores federais. As eleições para todos os cargos públicos foram suspensas, inclusive as de prefeitos, que voltaram a ser nomeados pelos interventores federais. Esta situação perdurou até o final de 1945, quando o Presidente Getúlio Vargas foi deposto.

Os superintendentes e prefeitos de Cruzeiro, no período em que o município teve esta denominação, foram os seguintes, em ordem cronológica:

- a) o engenheiro agrônomo Lauro Severiano Rupp, nomeado pelo governador do Estado através da Resolução n. 934, de 01 de outubro de 1917, foi o primeiro Superintendente do município de Cruzeiro. Ele assumiu o cargo no dia 10 de novembro de 1917, data da instalação do Município. Foi exonerado a seu pedido pela Resolução n. 1.252, de 08 de agosto de 1918.
- b) o advogado Lázaro Bastos foi nomeado Superintendente em substituição a Lauro Severiano Rupp, exercendo o cargo até o dia 01 de janeiro de 1919.
- c) Manoel Otávio Bittencourt venceu as eleições municipais realizadas em 04 de setembro de 1918. Foi o primeiro Superintendente eleito do município de Cruzeiro, assumindo o cargo em 01 de janeiro de 1919. No final de 1921 Manoel Bittencourt, acompanhado de um grupo de companheiros, dirigiu-se ao quartel de polícia de Herval, onde estavam presos dois de seus amigos, acusados de tentar matar os irmãos Vitor e Eurico Rauem, emboscando e baleando-os. Os dois irmãos eram adversários políticos do Superintendente. O grupo atacou a polícia à bala, que revidou, obrigando os

agressores a fugir para o Rio Grande do Sul. Então, a prefeitura de Cruzeiro ficou acéfala.

- d) o cargo de Superintendente foi assumido então por Estevam Pires, que foi o Presidente do Conselho Municipal (Câmara de Vereadores) até data incerta, em meados de 1922.
- e) o médico Antônio Gonzaga, nomeado Superintendente, exerceu tal função desde meados de 1922 até o dia 01 de janeiro de 1923.
- f) o comerciante Vitor Felipe Rauen venceu as eleições municipais realizadas em 12 de novembro de 1922, tomando posse em 01 de janeiro de 1923. Exerceu todo o seu mandato de quatro anos, entregando o cargo de Superintendente para o seu sucessor em 01 de janeiro de 1927.
- g) Manuel do Nascimento Passos Maia venceu as eleições de 1926, assumindo o cargo de Superintendente de Cruzeiro no dia 01 de janeiro de 1927, com período de gestão de quatro anos. Antes, porém, em 10 de outubro de 1930, foi sumariamente deposto do cargo pelo comando da Revolução de 1930.
- h) Joaquim Ennes Torres chegou em Cruzeiro em outubro de 1926 como adjunto do promotor da Comarca. Adepto de Getúlio Vargas, mantinha contato com os getulistas desde alguns meses antes do início da Revolução

de 1930. Em 10 de outubro desse ano, com a deposição do Superintendente Passos Maia, Joaquim Ennes Torres foi nomeado “comandante da praça” de Cruzeiro, no posto de tenente-coronel. Então, mesmo que nomeado informalmente, ele exerceu de fato as funções de Prefeito do município de Cruzeiro por 18 dias, até 28 de outubro.

- i) Pedrini Primo Biggin foi nomeado Prefeito Provisório pela Resolução n. 30, de 28 de outubro de 1930, do Interventor Federal de Santa Catarina. Foi exonerado a pedido pela Resolução n. 330, de 31 de dezembro de 1930.
- j) o capitão Gervásio Rodrigues foi nomeado Prefeito Provisório pela Resolução n. 330, de 31 de dezembro de 1930. Foi exonerado a pedido pela Resolução n. 1.493, de 15 de abril de 1932.
- k) João Álvares da Fontoura foi nomeado Prefeito Provisório pela Resolução n. 1.493, de 15 de abril de 1932. Foi exonerado a pedido pela Resolução n. 2.117, de 07 de fevereiro de 1933.
- l) Pedro Kuss foi nomeado Prefeito pela Resolução n. 2.117, de 07 de fevereiro de 1933. Foi exonerado a pedido pela Resolução n. 2.309, de 22 de abril de 1933.
- m) o capitão da Força Pública Antônio Martins dos Santos foi nomeado Prefeito pela Resolução n. 2.310, de 22 de abril de 1933,

sem prejuízo de suas funções militares. Foi licenciado de suas funções de Prefeito pela Resolução n. 2.964, de 18 de novembro de 1933.

- n) José Luiz de Castro foi nomeado Prefeito Provisório pela Resolução n. 2.965, de 18 de novembro de 1933. Foi exonerado a pedido pela Resolução n. 3.843, de 14 de julho de 1934.
- o) Genésio Guilherme Paz, na qualidade de Secretário do município, foi nomeado para exercer interinamente as funções de Prefeito, pela Resolução n. 3.858, de 20 de julho de 1934. Foi exonerado de suas funções de Prefeito Interino pela Resolução n. 4.149, de 28 de novembro de 1934.
- p) Gasparino Zorzi foi nomeado Prefeito pela Resolução n. 4.150, de 28 de novembro de 1934. Em 16 de outubro de 1935, pela Resolução n. 4.596, foi concedido a ele período de licença de 30 dias, porém não mais retornou ao cargo de Prefeito.
- q) Genésio Guilherme Paz, após a renúncia de Gasparino Zorzi, novamente exerceu o cargo de Prefeito Interino de Cruzeiro, de 16 de outubro de 1935 a 16 de abril de 1936, data da posse do novo prefeito.
- r) Manuel do Nascimento Passos Maia sagrou-se vitorioso nas eleições para Prefeito de Cruzeiro realizadas no início de 1936. Tomou

posse do cargo em 16 de abril de 1936. No final do mesmo ano, por questões políticas, Passos Maia renunciou ao cargo.

- s) Luiz Dalcanalle Filho, na condição de Presidente da Câmara de Vereadores, assumiu o cargo de Prefeito no final de 1936. Foi exonerado a pedido em 04 de agosto de 1941, pela Resolução n. 10.687, de 04 de agosto de 1941.
- t) Newton da Luz Macuco foi nomeado Prefeito pela Resolução n. 10.688, de 04 de agosto de 1941. Exerceu as suas funções de Prefeito até o mês de novembro de 1945: como Prefeito de Cruzeiro até 31 de dezembro de 1943, e a partir de 01 de janeiro de 1944, como Prefeito de Joaçaba.

### A economia do município de Cruzeiro

O estado de Santa Catarina recebeu o município de Cruzeiro com a economia concentrada na erva-mate, secundada pela criação de gado bovino.

A conclusão do ramal de União da Vitória ao porto catarinense de São Francisco, no início de 1917, contribuiu para o crescimento das vendas de erva-mate para os Estados vizinhos e para o Exterior. As vendas catarinenses de erva-mate foram de 3.276 toneladas no ano 1915 e de 2.764 toneladas em 1916. A produção de erva-mate pelos municípios de Cruzeiro, Mafra, Chapecó e Porto União levaram os números das

exportações e vendas catarinenses a outros Estados para os seguintes volumes:

1925	20.253 toneladas
1926	19.461 toneladas
1927	22.515 toneladas
1928	21.724 toneladas

Além da erva-mate e do gado bovino, a estrada de ferro também propiciou a venda, para outros Estados, de madeira serrada, trigo e alfafa, com produção crescente no município. Os colonos de origem italiana e alemã, chegados na região a partir de 1913, foram os responsáveis pelo desenvolvimento da cultura do trigo e da alfafa.

A arrecadação de tributos estaduais, no período de 1927 a 1929, colocava a Coletoria de Limeira (e, depois, de Cruzeiro do Sul) entre as três maiores coletorias do Estado. Os números a seguir mostram tais valores (em mil réis):

Coletorias	1927	1928	1929
Joinville	769.541\$	865.075\$	1.179.381\$
Blumenau	562.649\$	595.720\$	574.884\$
Limeira/Cruzeiro do Sul	594.834\$	664.660\$	574.884\$
Lages	491.056\$	619.581\$	571.734\$

Na comparação contida na Tabela não estão incluídas a Tesouraria Geral e a Subdiretoria de Rendas de Florianópolis, pelo fato de arrecadarem tributos de todo o estado de Santa Catarina, nem as mesas de rendas de São Francisco, Itajaí e Laguna, cuja arrecadação decorre

da cobrança de tributos sobre a entrada de mercadorias adquiridas de outros Estados, transportadas por navios. A tributação de tais mercadorias era feita naqueles portos, não resultando em arrecadação sobre a produção própria de tais municípios.

A partir de 1929, inclusive a Argentina passou a reduzir gradativamente a importação de erva-mate proveniente do Brasil, com o início da produção de ervais plantados no vizinho País. Com isto, também gradativamente, a participação da erva-mate na economia do município de Cruzeiro foi perdendo importância, sendo superada pela produção de trigo.

## Geografia do município de Cruzeiro

São classificados a seguir os tipos de municípios originários de Joaçaba/Cruzeiro:

- a) Aqueles cujo atual território, em algum momento, fez parte integral do município de Joaçaba/Cruzeiro. São vinte e oito (28) municípios nesta situação: Água Doce, Arabutã, Arroio Trinta, Catanduvas, Concórdia, Arvoredo, Herval d'Oeste, Ibicaré, Iomerê, Ipira, Ipumirim, Irani, Itá, Jaborá, Lacerdópolis, Lindoia do Sul, Luzerna, Passos Maia, Ouro, Paial, Peritiba, Ponte Serrada, Presidente Castelo Branco, Salto

Veloso, Seara, Treze Tílias, Vargem Bonita e Xavantina.

- b) Aqueles cujo atual território, em algum momento, integrou parcialmente o município de Joaçaba/Cruzeiro. São cinco (5) municípios nesta situação: Alto Bela Vista, Macieira, Pinheiro Preto, Tangará e Videira.

Dentro deste critério, os atuais territórios dos municípios de Capinzal e Ibiá nunca integraram o município de Joaçaba/Cruzeiro.

Quanto ao município de Macieira, cerca de dois terços (2/3) de sua área integraram o original município de Cruzeiro (pertenceu a Cruzeiro a área a oeste do Rio São Domingos, incluindo o local da atual cidade de Macieira). No ano de 1934, com a emancipação de Caçador, tal área passou a pertencer a Caçador.

Não faziam parte do original município de Cruzeiro (considerando seu território em 25 de agosto de 1917):

- a) Parte da área do município de Ponte Serrada (transferida de Chapecó para Cruzeiro em 1938);
- b) Parte da área do município de Passos Maia (transferida de Chapecó para Cruzeiro, sendo parte em 1938 e outra parte em 1943);
- c) Toda a área do município de Herval d'Oeste (transferida de Campos Novos para Joaçaba em 01 de janeiro de 1944);

- d) Parte da área do município de Ibicaré (transferida de Campos Novos para Joaçaba em 01 de janeiro de 1944).

## Limites originais do município de Cruzeiro

### Limites a Leste

A Lei n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, que criou o município de Cruzeiro, no item 3 de seu art. 01 estabeleceu os seus limites:

*O seu territorio é delimitado pelos rios 15 de Novembro, do Peixe, Uruguay e Irany, até sua mais alta cabeceira e dahi em linha recta ao mais proximo afluente da margem esquerda do Chapecósinho, por este afluente, pelo Chapecósinho e pelo Chapecó acima até encontrar a linha limitrophe que vigorou entre os municipios de Palmas e Clevelandia, creados pela jurisdição paranaense, por esta linha até encontrar os actuaes limites com o Estado do Paraná e por estes até encontrar a linha entre as cabeceiras dos rios Jangada e 15 de Novembro.*

Não houve problemas de fixação dos limites quanto ao Sul (com o Rio Grande do Sul, pelo rio Uruguai) e ao Norte (com o Paraná, pela linha seca do divisor de águas das bacias do Uruguai e do Iguçu).

A falta de conhecimento das autoridades catarinenses sobre a região do Contestado, até então administrada pelo Paraná, levou a uma situação ambígua, na qual os mapas oficiais de Santa Catarina mostravam um limite na área Leste, e na administração pelos municípios de Cruzeiro e Porto União os limites

eram outros. Isso ocorria no trecho dos limites pelo rio 15 de Novembro, das cabeceiras até a nascente do rio Jangada.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil e a Argentina disputavam entre si a região das Missões. Ambos os países ajustaram a constituição de uma Comissão Mista Brasileira e Argentina para levantar e demarcar a região em litígio, bem como as áreas próximas a ela. No final de 1891 e nos primeiros meses de 1892 esta Comissão levantou e demarcou as bacias dos altos rios Chapecó e Chapecozinho. Foi encontrado um rio próximo às nascentes do rio Jangada. Os membros demarcaram tal rio até sua foz no rio do Peixe. Os membros brasileiros da Comissão denominaram este afluente do rio do Peixe de rio 15 de Novembro. Pouco antes da foz desse rio foi encontrado um afluente na sua margem esquerda, que foi denominado rio Verde. Os comissários também demarcaram parte do rio do Peixe, até próximo à atual cidade de Ibicaré.

Em 08 de fevereiro de 1909, através do Decreto n. 59, o Paraná criou o distrito policial de São Roque (atual Calmon), no município de União da Vitória. Os limites do novo distrito, com o município de Palmas, era o rio 15 de Novembro, desde a sua foz no rio do Peixe até sua cabeceira e daí às nascentes do rio Jangada.

Com a abertura da estrada de ferro, a região de Taquara Verde, então pertencente ao município de União da Vitória, começou a receber habitantes em razão dos pinheiros que ali eram extraídos e transformados

em madeira. Tais pessoas passaram a denominar de rio Quinze de Novembro o antigo rio Verde. E o curso superior do antigo rio Quinze de Novembro passou a ser denominado rio São Pedro.

Em 04 de abril de 1916, através do Decreto n. 284, foi criado o distrito policial de Taquara Verde. Os limites com o município de Palmas passaram a ser o rio Quinze de Novembro, até a foz do rio São Pedro, e deste até as suas nascentes e destas à cabeceira do rio Jangada. Posteriormente, o alto curso do rio São Pedro passou a ser denominado rio São Domingos.

Por ocasião da sua criação, o município de Cruzeiro recebeu apenas terras originárias do município de Palmas. Em consequência, o rio Jangada, citado na lei da criação do município de Cruzeiro, de fato corresponde aos rios São Domingos, São Pedro e Quinze de Novembro.

Os mapas elaborados pelos órgãos oficiais do estado de Santa Catarina mostravam os limites pelo novo rio Quinze de Novembro; destes para as nascentes do rio São Bento, daí até a sua foz no rio Jangada e deste até as suas nascentes. Nos mapas, cerca de 200 km<sup>2</sup> foram acrescidos ao município de Cruzeiro. Na realidade, a região continuou a pertencer ao município de Porto União, que a administrava e que, em 16 de julho de 1923, pela Lei municipal n. 58, lá criou o seu distrito de Taquara Verde. A ambiguidade foi encerrada apenas em 1934, com a criação do município de Caçador, sendo parte de sua área cedida pelo município de Cruzeiro.

## Limites a Oeste

Na parte Norte dos limites a Oeste, as divergências entre a Lei n. 1.147/1917 e a realidade foram muito grandes. A partir do médio rio Irani, quase nada do que constou na lei foi utilizado na demarcação dos limites entre os municípios de Cruzeiro e Chapecó:

- a) o rio Irani serviu de limites até o curso médio do rio Irani, e não até as suas cabeceiras;
- b) não houve fronteira seca em linha reta entre a cabeceira do Irani nem linha reta entre afluente da margem esquerda do Chapecozinho;
- c) não houve limites pelo rio Chapecó em seu sentido acima;
- d) não foi obedecido o limite que vigorou entre os municípios de Palmas e Clevelândia, que é o lajeado Santa Rosa.

O motivo de tantas incorreções é que o próprio estado do Paraná desconhecia o exato local da nascente do rio Irani. Sua nascente de fato situa-se no atual município de Água Doce, perto da divisa com o município de Caçador. Em mapa no ano 1910, elaborado pelo historiador Alfredo Romário Martins, este colocava as nascentes do rio Irani no atual município de Xanxerê.

Em 25 de novembro de 1916, após a assinatura de acordo de limites entre Santa Catarina e Paraná, o governador paranaense, Afonso Camargo, apresentou

memorial, tratando deste acerto, aos deputados estaduais do seu Congresso Legislativo. Fazia parte do memorial um mapa sobre a região do Contestado, elaborado por Romário Martins, que é considerado pelos seus conterrâneos como o maior historiador paranaense de todos os tempos. Neste mapa, as nascentes do rio Irani estavam próximas da atual cidade de Ponte Serrada.

Em face às incorreções dos mapas paranaenses, foi acertado que o limite pelo rio Irani seria aplicável até a foz do lajeado Bahia, perto da atual cidade de Ponte Serrada. Dessa forma, os limites entre os municípios de Cruzeiro e Chapecó, a partir desse ponto, passaram a ser os seguintes: da foz do lajeado Bahia, no rio Irani, até sua nascente; daí, por uma picada existente (atual SC-154) até o rio Chapecozinho; subindo este, até a foz do lajeado Tigre; subindo este até sua nascente, segue por linha reta até a nascente lajeado Norte; descendo este, até a foz no rio Chapecó; descendo este, até a foz do lajeado Quiguaí e subindo este até sua nascente, na divisa com o estado do Paraná.

### **Distritos de Cruzeiro**

Para manter a ordem pública, no final de 1917 e primeiros meses de 1918 o governador do estado de Santa Catarina criou distritos policiais nos municípios da região do ex-Contestado. No município de Cruzeiro foram criados seis distritos policiais: Cruzeiro (atual Joaçaba), Catanduva, São Bento (atual Ibicaré), Capinzal (atual Ouro), Sertãozinho (hoje, um pequeno povoado

no município de Lindoia do Sul) e Bela Vista (hoje, povoado de Esteves Júnior, no município de Ipira).



Placa de 1932, da Prefeitura do então Município de Cruzeiro

A partir do mês de janeiro de 1919 e até o final de 1943, foram criados 13 distritos no município de Cruzeiro, incluindo o distrito da sede municipal. Inicialmente foram criados distritos de paz, por lei municipal, que depois foram transformados em distritos administrativos. A partir de 1930 os distritos passaram a ser criados por lei ou por decretos estaduais, já na forma de distritos administrativos. Os 13 distritos criados no período em que o município tinha o nome de Cruzeiro são:

a) Limeira, criado pela Lei municipal n. 15, de 02 de janeiro de 1919. Tomou o nome de Cruzeiro do Sul pela Lei estadual n. 1.608, de 08 de março de 1926. Recebeu a denominação de Cruzeiro pelo Decreto-Lei estadual n. 86, de 31 de março de 1938, com vigência a partir de 01 de julho de 1938. Em 01 de janeiro de 1944, pelo Decreto-Lei estadual n. 941, de 31 de

- dezembro de 1943, recebeu a denominação de Joaçaba;
- b) Catanduva (no singular), criado pela Lei municipal n. 15, de 02 de janeiro de 1919. Tomou o nome de Cruzeiro pela Lei estadual n. 1.243, de 20 de agosto de 1919. Em data de 24 de setembro de 1928, pela Lei estadual n. 1.608, recebeu a denominação de Catanduvras (no plural);
- c) Irani, criado com a atual denominação pela Lei municipal n. 15, de 02 de janeiro de 1919. A localidade de sua sede tinha até então a denominação de Faxinal do Irani. Em decorrência de sua criação, foi extinto o distrito policial de Sertãozinho;
- d) Campo, criado pela Lei municipal n. 15, de 02 de janeiro de 1919. No início da década de 1930, por lei estadual, recebeu a denominação de Hercílioópolis;
- e) Bela Vista, criado pela Lei municipal n. 15, de 02 de janeiro de 1919. O povoado de sua sede tinha até então a denominação de Rio Uruguai. Foi desmembrado do município de Cruzeiro pela Lei estadual n. 635, de 12 de julho de 1934, para integrar o novo município de Concórdia;
- f) Abelardo Luz, criado pela Lei municipal n. 20, de 23 de junho de 1920. O povoado de sua sede, situada na margem direita do rio do Peixe, tinha até então a denominação

de Capinzal. Tomou o nome Ouro em 03 de outubro de 1929, pela Lei estadual n. 1.646, da mesma data. Foi desmembrado do município de Cruzeiro em 01 de janeiro de 1944, pelo Decreto-Lei estadual n. 941, de 31 de dezembro de 1943, para integrar o já existente município de Campos Novos;

- g) Ipira, criado com a atual denominação pela Lei municipal n. 61, de 07 de janeiro de 1924. O povoado de sua sede, situada na margem direita do rio do Peixe, tinha até então a denominação de Rio do Peixe. Foi desmembrado do município de Cruzeiro pela Lei estadual n. 635, de 12 de julho de 1934, para integrar o novo município de Concórdia;
- h) Itá, criado com a atual denominação pela Lei municipal n. 62, de 07 de janeiro de 1924. Foi desmembrado do município de Cruzeiro pela Lei estadual n. 635, de 12 de julho de 1934, para integrar o novo município de Concórdia;
- i) Concórdia, criado com a atual denominação pela Lei municipal n. 82, de 11 de agosto de 1927. O povoado de sua sede tinha até o ano de 1925 a denominação de Queimados. Foi desmembrado do município de Cruzeiro pela Lei estadual n. 635, de 12 de julho de 1934, para constituir o distrito sede do novo município de Concórdia.
- j) Itapuí, criado pelo Decreto estadual n. 414, de 05 de setembro de 1933. O povoado de

sua sede tinha até então a denominação de Barra do São Bento. Tomou a denominação de Ibicaré pelo Decreto-Lei n. 941, de 31 de dezembro de 1943, com vigência a partir de 01 de janeiro de 1944.

- k) Ponte Serrada, criado com a atual denominação pelo Decreto-Lei n. 238, de 01 de dezembro de 1938. Foi constituído com partes desmembradas dos distritos de Fachinal dos Guedes (do município de Chapecó), Herciliópolis e Irani.
- l) Água Doce, criado com a atual denominação pelo Decreto-Lei estadual n. 941, de 31 de dezembro de 1943, com vigência a partir de 01 de janeiro de 1944.
- m) Jaborá, criado com a atual denominação pelo Decreto-Lei estadual n. 941, de 31 de dezembro de 1943, com vigência a partir de 01 de janeiro de 1944. O povoado de sua sede tinha até então a denominação de São Roque.

Além destes 13 distritos, com vigência a partir de 01 de janeiro de 1944, através do Decreto-Lei estadual n. 941, de 31 de dezembro de 1943, o já denominado município de Joaçaba incorporou o território do até então distrito de Herval (atual Herval d'Oeste), pertencente ao município de Campos Novos. O distrito de Herval foi criado pela Lei municipal de Campos Novos n. 337, de 12 de abril de 1927. O Decreto-Lei n. 941/43 extinguiu o

distrito de Herval, e seu território passou a fazer parte do distrito de Joaçaba, na condição de seu subdistrito.

### A população do município de Cruzeiro



A população do município de Cruzeiro foi mensurada em dois recenseamentos do Brasil, ambos na data-base de 01 de setembro, em 1920 e 1940.

No recenseamento de 1920 foi apurada a população dos seis distritos de paz e do distrito policial de São Bento e foi a seguinte, em habitantes:

Bela Vista (atual Esteves Júnior em Ipira)	3.036
Abelardo Luz (atual Ouro)	2.784
Limeira (atual Joaçaba)	1.942
Cruzeiro (atual Catanduvas)	1.571
Irani	1.533
São Bento (atual Ibicaré)	1.415
Campo (atual Herciliópolis)	1.054
Total do município	13.335

A população do município de Cruzeiro quase triplicou entre 1920 e 1940, passando para 36.174 habitantes. Os números da população dos distritos de Cruzeiro e das sedes distritais no censo de 1940 são:

Distritos	População (habitantes)	
	Distrito	Sede
Cruzeiro (Joaçaba)	8.852	2.087
Ouro	7.275	331
Itapuí (Ibicaré)	6.108	161
Catanduvas	5.782	561
Herciliópolis	3.119	80
Irani	2.557	75
Ponte Serrada	2.481	319
Total do município	36.174	-



Cruzamento da Avenida XV de Novembro com a Rua Sete de Setembro

## 2.2 A COLONIZAÇÃO



José Carlos Radin<sup>2</sup>

Se voltarmos o relógio do tempo em 100 anos, Joaçaba seria vista como o emergente município sediado na pequena vila, Cruzeiro, à margem direita do rio do Peixe, defronte à estação ferroviária de Herval. Chamaria atenção a expressiva extensão territorial, de

7.680 km<sup>2</sup>, a qual se colocaria como desafiadora ao novo município, criado após o acordo interestadual de limites entre Santa Catarina e Paraná e o fim da Guerra do Contestado. A recém-construída ferrovia São Paulo-Rio Grande, símbolo de progresso e modernidade naquele tempo, ali se fazia perceber e se constituía em um emblema que expressava a efetivação do ideário liberal na região, ou seja, que a região estaria se inserindo no ideário de Brasil moderno.

<sup>2</sup> Doutor em História e professor da Universidade Federal da Fronteira Sul

Historicamente, o extenso território foi povoado por povos indígenas, desde tempo distante, de pelo menos 10 mil anos. No período mais recente prevaleceram os índios Kaingang. Com o avanço do processo de colonização portuguesa chegaram a esse território os luso-brasileiros, que em geral se ocuparam com o extrativismo da erva-mate e com a criação de gado. Este grupo passou a ser chamado de *caboclo*, em parte pelo processo de miscigenação com outros grupos, mas o que melhor o caracterizava era a vida simples, organizada a partir de uma economia de subsistência, por pequenas plantações, ou ainda pelo trabalho de peão, na lida com o gado, em alguma fazenda. A noção de posse coletiva da terra era outra característica importante deste grupo, que assim como os povos indígenas não possuía a mentalidade da propriedade privada da terra ou, dito de outra forma, guiava-se por uma noção diferente de propriedade, em especial quando comparada à que passou a prevalecer a partir do avanço da colonização. Também por isso essas populações foram vistas, pelas autoridades e opinião pública, como incapazes ou impróprias para o aproveitamento econômico do território. Por seu modo de vida, sua cultura e sua forma de lidar com a produção, os caboclos foram representados como pessoas do sertão, preguiçosas, atrasadas, rudes, violentas (por resistirem ao avanço dos forasteiros) e, em suma, inadequadas para promover o progresso do Brasil, da forma como era idealizado e apregoado pelas autoridades. Também em razão disso foram preteridos no processo, como pode ser

constatado pelas atrocidades promovidas na Guerra do Contestado. Por sua vez, os colonos eram representados como trabalhadores, ordeiros, progressistas e mais preparados para difundir a “civilização”, a exemplo do que teria ocorrido nas antigas áreas coloniais do Sul.

No início do século XX, um conjunto de fatores, entre os quais a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, criou o cenário que favoreceu a mudança radical no território de Joaçaba. A obra também foi conhecida como *ferrovia colonizadora*. Como se previa no decreto de concessão de terras na área marginal à linha, a empresa que a construiu assumia o compromisso de que a terra deveria ser utilizada para promover a colonização. Assim, na concessão pública havia implícito um plano de colonização, pelo qual se esperava assentar em torno de 10 mil famílias de agricultores em suas margens. A construção da ferrovia atraiu para suas proximidades um conjunto de iniciativas econômicas, em especial ligadas inicialmente à venda das terras e à exploração da madeira. Para impulsionar a colonização, a empresa criou uma subsidiária, a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, que juntamente com diversas outras empresas atuou na venda das terras, sendo seus principais alvos os colonos das antigas áreas coloniais gaúchas, em geral filhos de imigrantes e, em menor proporção, imigrantes. Entre as empresas que atuaram na região citam-se: Theodore Capelle & Cia., Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons Ltda., Ghilardi e Cia., Kroef, Selbach e Cia. e Luce Rosa e Cia.

A atuação das colonizadoras promoveu uma reconfiguração radical no território, considerando-se que replicou e difundiu um modelo de colonização centrado na pequena propriedade destinada à economia de âmbito familiar. Assim, no transcurso do primeiro quinquentenário de Joaçaba, grande parte do seu território original passou a ser ocupado por colonos. Saliente-se que, quando se fala de colonização, reporta-se também à relação entre colonizadores e colonizados. O avanço do processo de colonização intensificou a apropriação privada da terra, fato que se constituiu num pilar fundamental do novo modelo. Com ele, o modo de vida das populações nativas se enfraqueceu sobremaneira e o dos colonos foi afirmando sua hegemonia.

Ainda que a agricultura praticada pelos colonos objetivasse fundamentalmente a subsistência, também foi produzindo excedentes. Isso permitiu que, gradativamente, se formasse um mercado consumidor regional ou que se estruturassem indústrias, como foi o caso da moageira e frigorífica, as quais foram marcantes ao longo deste centenário. Nesse processo foram introduzidas novas relações de propriedade e de trabalho, o que condicionou a produção colonial a se organizar, em grande medida, em função do mercado capitalista e a ele se integrar.



O processo de colonização de Joaçaba, embora movido por fins mercantis, ao se desenvolver calcado na pequena propriedade familiar, contribuiu também para criar um sentimento comunitário e religioso. Isso porque os colonos organizaram sua vida social, em grande parte, em torno de comunidades religiosas que se formaram por todo o território. Nesse sentido, os colonizadores replicaram o modelo das antigas colônias sulinas de imigrantes. Por sua vez, tal prática se constituiu em importante fator de organização social, tendo em vista que a presença do Estado pouco ou não existia, ou tardou a chegar. Em torno dessas comunidades ou vilas surgiram, por iniciativa dos seus moradores, igrejas, escolas, cemitérios, centros comunitários, entre outros.

Assim, a colonização promoveu uma configuração peculiar do território, que a exemplo de outras áreas do Sul contribuiu para a consolidação de um modelo agrário *sui generis*. Esse modelo foi gradativamente se impondo e se tornando hegemônico em relação ao anterior, e os remanescentes das antigas populações, direta ou indiretamente, foram a ele incorporados. Também

constituiu a base de um sistema produtivo regional, que, além do desenvolvimento da agricultura de âmbito familiar, foi criando as condições para a expansão do

comércio e de inúmeras pequenas indústrias, entre as quais se destacaram a metal-mecânica, a moageira e, principalmente, a frigorífica.



Ponte sobre o Rio Estreito

## 2.3 O CONTESTADO



Aspecto atual da área onde os caboclos construíram o seu primeiro aldeamento: a chamada “Cidade Santa” do Contestado

Rogério Augusto Bilibio<sup>3</sup>

As regiões do vale do rio do Peixe, assim como localidades do Planalto e dos campos de Palmas, sofreram de 1912 a 1916 um conflito armado que ficou conhecido como a Guerra do Contestado.

Este conflito é popularmente entendido como uma luta entre Santa Catarina e Paraná pelo estabelecimento dos limites territoriais de cada Estado. Contudo, não há registro de embates entre as forças militares desses estados. Os confrontos ocorreram entre o exército brasileiro e os caboclos que habitavam a região. O Contestado é, assim, antes de tudo, um fenômeno que deve ser entendido no contexto de ocupação da região. Para melhor entender o porquê

da guerra, vejamos as palavras do capitão João Teixeira de Matos Costa, recolhidas pelo pesquisador Demerval Peixoto. O militar afirma que a revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados nas suas terras, nos seus direitos e na sua segurança. E complementa dizendo que o conflito do Contestado poderia ser evitado “*com um pouco de instrução e o suficiente de justiça, como um duplo produto que ela é da violência que revolta e da ignorância que não sabe outro meio de defender o seu direito.*”

Por esse depoimento percebe-se que não havia muita vontade por parte das autoridades governamentais em resolver o problema social do caboclo. Ao governo interessava mais preparar a área para os imigrantes, gente mais indicada para o desenvolvimento da região. Possuíam maiores conhecimentos agrícolas e manufatureiros, e, pelo menos em teoria, estariam mais capacitados para desenvolver a região. Assim, foi inevitável o conflito e também a derrocada dos caboclos, apesar de algumas vantagens obtidas nas batalhas iniciais. Fator decisivo para a manutenção desse período relativamente longo de conflito foi o aglutinamento dos revoltosos em razão de sua religiosidade, expressa claramente no culto aos “monges”.

O monge percorria os sertões e vivia na simplicidade, ou seja, algo parecido com os caboclos. Dava receitas de chás, fazia curas, batizava, e quando muito, aceitava como pagamento um pouso ou um prato de comida. Já os padres cobravam por seus ofícios religiosos e falavam um linguajar mais complexo, com termos mais

<sup>3</sup> Mestre em História Regional; professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

difíceis, confundindo os caboclos, que se sentiam muito mais tocados com as palavras simples do monge.

Amparados pela crença no monge, os sertanejos partiram para o combate e enfrentaram por quatro anos as forças legalistas. Ao final, o governo conseguiu desbaratar os revoltos, destruindo Santa Maria, seu último reduto. Aos caboclos sobreviventes restou perambular e tentar trabalhar “de agregado”. Após o final do conflito fez-se a divisão da área catarinense em municípios, ficando toda a região Oeste do estado formada por Chapecó e Cruzeiro (atual Joaçaba).

O conflito do Contestado teve seus pontos de maior beligerância em locais como Irani, Curitiba e Caçador. Porém, a região de maior concentração urbana de então, o município de Cruzeiro, por comportar a ferrovia e por sua posição estratégica, sofreu grande influência da contenda. Suas heranças ainda se verificavam anos após as batalhas, nos atos de violência. No aspecto político e econômico, a acomodação (forçada) dos caboclos como mão de obra dos imigrantes internos e estrangeiros, bem como a possibilidade da atuação das companhias colonizadoras, coloca a questão como fundamental para o surgimento das pequenas propriedades rurais e também dos próprios agrupamentos urbanos na região do Vale do rio do Peixe.

No dia 25 de agosto de 1917, o município de Cruzeiro é criado, juntamente com o município de Chapecó, no intuito de acabar com qualquer tentativa de contestação paranaense a respeito. É interessante salientar que, apenas um dia antes o governo do estado

do Paraná havia removido seus postos de arrecadação fiscal em Xanxerê, Três Barras, Herval e Itaiópolis, sacramentando o direito e a posse definitiva dessas terras por parte dos catarinenses.

Findo o conflito do Contestado, a ocasião era propícia para a ocupação definitiva da área, a qual ocorreu com a ação das companhias colonizadoras, destacando-se Henrique Hacker & Cia e Mosele, Eberle, Ghilardi & Cia, de Caxias do Sul, que tinha Hermano Zanoni como gerente em Limeira.

Os descendentes de italianos, alemães e tirolezes viriam a contribuir para o crescimento da região nos termos desejados pelo governo brasileiro, que eram ocupar a terra do Vale do rio do Peixe de forma definitiva e produtiva conforme a mentalidade capitalista. A fusão de costumes e tradições dava um novo perfil socioeconômico à região, pois o caboclo não tinha o hábito de exercer sua atividade campesina com o propósito de gerar excedentes. Para o imigrante, o cultivo da terra e uma possível indústria de fundo de quintal poderiam vir a ser formas de obtenção de lucro. Esse incremento agrícola, em consonância com as propostas governamentais de expansão da cultura do trigo, gerou mercado para a implantação de indústrias de equipamento para o campo, assim como um mercado distribuidor dos produtos regionais.

A imigração para a região de Joaçaba foi intensificada por descendentes de alemães e italianos radicados no Rio Grande do Sul. Assim, no início do século XX foram recriados na região os modelos das

pequenas propriedades. As terras bastante acidentadas do vale do rio do Peixe eram muito férteis, razão pela qual, mesmo após a remoção da cobertura vegetal inicial, sua exploração era viável. As propriedades de pequeno porte continuaram a trabalhar com as culturas antes experimentadas no Rio Grande do Sul.

Quanto aos caboclos, os sobreviventes dispersaram-se por todo o Oeste e Planalto catarinenses. Não houve, na época, qualquer ação do Estado que tivesse como objetivo integrá-los à sociedade da região, seja por meio de distribuição de terras, seja pela educação formal.

## 2.4 A GUERRA DO CONTESTADO E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO GRANDE OESTE E SEUS CENTROS URBANOS



Cena da montagem da peça O Contestado pelo grupo teatral Toca de teatro universitário

Adgar Zeferino Bittencourt<sup>4</sup>

Há mais de 100 anos, na madrugada do dia 23 de outubro de 1912, travou-se o combate do Irani, no qual morreram o monge José Maria, do lado dos caboclos,

mais uma boa dezena de civis, o Coronel João Gualberto, comandante das forças especiais do Paraná, e um bom número de soldados da polícia do vizinho estado. Naquele tempo, o Irani e todas as terras a Oeste do rio do Peixe até a Argentina faziam parte do Paraná. Santa Catarina contestava esse território com mais de 48 mil km<sup>2</sup> conquistados aos argentinos numa batalha diplomática que durou 300 anos.

<sup>4</sup> Odontólogo, professor e ex-diretor Geral do Hospital Universitário Santa Terezinha. Cronista há 30 anos, mantém coluna permanente em vários jornais e revistas de Santa Catarina.

A Guerra do Contestado fez milhares de vítimas e embolou um grande número de causas que não ficaram no simples ato de desalojar invasores barrigas-verdes dos campos de Palmas. Os caboclos que se reuniram em torno do monge José Maria tinham por motivação o misticismo e a cultura de que a sua sina de desgraçados estava próxima do fim. Acreditavam que, em breve, um exército encantado composto pelos mortos em sofrimento nos combates e nas tiranias dos estrangeiros da estrada de ferro e dos coronéis espoliadores viria em socorro dos desvalidos e inauguraria uma era de abundância em que rios de mel e montanhas de cuscuz matariam a fome e a sede dos esquecidos de Deus.

Os caboclos, que de início se reuniam para procurar a cura de seus males, benzer os filhos e os animais, praticar o exercício do louvor a São João Maria e a São Sebastião, tiveram a sua paz e o direito de trânsito pelos caminhos cortados pelo também direito de exploração das companhias de colonização, herdeiras das terras devastadas pelos construtores da ferrovia que unia São Paulo ao Rio Grande do Sul. A terra que era do caboclo, sem titulação da propriedade, deixou de ser um direito divino transmitido de pai para filho desde todos os tempos e passou a ter dono. Os habitantes pobres passaram a constituir os migrantes do novo século e, expulsos de casa, ofendidos na sua honra e com suas famílias sem estrutura, apelaram para sua última instância: a reação bélica e, por consequência, a guerra.

Assim, foram quatro anos de luta, 20 mil vidas desperdiçadas e a devastação da maior floresta de araucária do Planeta, posta ao chão pela tecnologia dos grandes predadores estrangeiros que tomavam a paga pela construção da estrada de ferro entre União da Vitória e Marcelino Ramos e entre Porto União e o porto de São Francisco. O que era místico e religioso e a proposta de vida em comum de uma irmandade em que o “tudo era nada e o tudo era de todos” terminou em vandalismo e depredação ao longo dos anos. Os caboclos, que aspiravam à santidade entre as nuvens e aos pés de São Sebastião, ao serem perseguidos,

ilhados em seus redutos, ameaçados por terra e ar e por milhares de soldados, também pobres e famintos, deixaram o rosário e pegaram o facão de talhar a erva-mate para praticar a degola e o jaguncismo. Assim, foram quatro anos de luta até a prisão e julgamento do “último” comandante em 1916: Adeodato Manoel Ramos. Mais de 100 anos depois, ainda se reza o terço caboclo nos “canfundós” do Planalto Norte e do Meio-Oeste catarinenses onde o Contestado ainda não acabou! Viva São José Maria! Viva São Sebastião! Viva a Monarquia! Morra a corrupção!



Aspecto atual das áreas onde a ferrovia desalojou milhares de caboclos, provocando o conflito.



Créditos: L&F Fotografias

## 2.5 JOAÇABA, 20 ANOS EM 100



Nelson Wedekin<sup>5</sup>

De mudança para Joaçaba, no começo dos anos 1950, vim pensando em como seria a grande cidade, a “Capital do Oeste Catarinense”. Chegamos de noite. Quando as luzes cintilaram no vale, meu coração de menino disparou. Caramba! Era imensa! Aos olhos infantis, maior do que eu tinha sido capaz de imaginar. As cidades-irmãs de Joaçaba e Herval d’Oeste pareciam uma só. As luzes da cidade vistas do alto, de longe, os contornos escuros das colinas: a imagem ficou gravada para sempre na minha memória.

<sup>5</sup> Advogado e político.

Joaçaba estava ali, por assim dizer, aos meus pés, repousando em meio à geografia tortuosa, de paredes íngremes, a cidade apinhada entre o rio do Peixe e os morros, a comuna erigida pelo engenho e arte de personagens singulares, os tipos humanos que a formaram, vindos do Rio Grande do Sul, Alemanha e Itália. Descobri, um pouco decepcionado, que Joaçaba não era tão grande, e que “Capital do Oeste Catarinense” era um título que os próprios habitantes se haviam outorgado. Mas descobri também, com o tempo, que no território exíguo e algo inóspito pairava uma certa magia, uma energia vital, um charme discreto.

Logo me enturmei com os meninos da minha idade, e com eles, como uma gangue juvenil, visitamos todos os pomares das redondezas, à procura de frutas da estação. O doce sabor da fruta madura, tirada do pé, e mais, o prazer de pular a cerca, esgueirar-se pela mata rasteira sem ser visto, os nervos à prova, a mostrar quem tem coragem.

Dos pomares ao futebol foi um salto natural. Nas redondezas não existiu potreiro, campinho de chão ou grama, plano ou irregular, onde não tenhamos levantado uma trave precária e disputado partidas homéricas, exibindo nosso talento e, mais frequentemente, a falta dele. Pelo tanto que joguei bola naquela época, era de se esperar que vestisse a camisa do Vasco e fizesse gol de bicicleta no Maracanã lotado. Mas não me dei bem como goleiro por causa de lesões frequentes e, sobretudo, porque a bola nunca me concedeu – nem eu a ela – intimidade.

A missa dominical era obrigação inescapável. O drama era a confissão. Naquele tempo, ou era a confissão ou o inferno. Tomados de medo pelas terríveis represálias que se abatiam sobre os pecadores, era melhor ajoelhar e contar tudo. A maior vergonha era confessar os pecados da carne. Pois exatamente nestes, certos confessores – sem trocadilho – iam fundo e especulavam se foi por meio de palavras ou ações, sozinho ou com outros, quantas vezes, e detalhes assim. Havia confessores durões e confessores bonzinhos. Frei Bruno pertencia à categoria dos exigentes. Ele tinha o direito, porque era exigente consigo mesmo, levava

uma vida ascética, para Deus e a Igreja, e queria que as ovelhas do seu rebanho fossem iguais ou, pelo menos, parecidas. Não lembro de ter ouvido falar que na época ele era visto em dois lugares ao mesmo tempo. Mas ele andava léguas a pé, em bairros e ermidas distantes, com a pasta preta e o guarda-chuva. Torço muito para que Frei Bruno seja canonizado. Poderei, então, dizer que um santo de verdade me abençoou, falou comigo, e a ele confiei os meus pecados.



Os irmãos maristas, do ginásio Frei Rogério, também eram chamados de padres, mas padres não eram, pois não podiam officiar os sacramentos. O ensino dos maristas era de primeira, os professores muito bons (em geral), a disciplina rigorosa. No meu primeiro dia de Frei Rogério estava um pouco frio, e na falta do que fazer, eu estava de mãos no bolso. De repente, alguém me deu um cascudo no cocuruto. Me virei com o ímpeto de xingar o agressor com um palavrão daqueles que se aprende na rua, mas gelei: era o irmão Venâncio, um durão conhecido na praça. Descobri que mãos no bolso atijam o demônio e isso não era coisa de cristão, e menos ainda de aluno marista.

As mulheres, então, entraram na nossa vida! Por causa delas nos assomou momentânea e suave loucura, nossa imaginação voou para lugares incertos e não sabidos, e descobrimos que se pode sonhar de olhos abertos, olhando o vazio. O flerte, que é como se chamava a paquera naquele tempo, podia rolar no baile, na confeitaria, na procissão de Corpus Christi. Mas o lugar predileto, o palco iluminado da paquera, era a Avenida Quinze. Nos sábados e domingos à noite, antes da sessão do cinema, os jovens da cidade desfilavam, indo e voltando, do Cine Vitória até a esquina do Bonato, como numa passarela. Nunca transitaram, em tão poucos metros de avenida, tantas moças bem produzidas e tantos rapazotes fazendo pose. Nas noites em que a bruma do rio levantava e invadia a cidade, o desfile ganhava em mistério e romance. Só quem esteve lá sabe: era a glória. No último minuto, todos entravam

no cinema e ali, na telona, abria-se um novo e fascinante mundo de aventura, ação, drama, e amor, muito amor.

Meus companheiros inseparáveis nessas peripécias e descobertas eram o Nene Poletto, o Marcos Calliari e o Luiz Chillemi (Titcho), que não tinham a menor necessidade de partir tão cedo, e outros que estão por aí ainda cheios de vida – espero que por muito tempo – Hélio Link, Valódia, Fuga (Darcy), Menegotto (Waltoir), Ceconello (Valdir) e Nilton Carvalho, o Sussú. Todos tomamos a água do rio do Peixe, subindo de barco até o “balneário” da Prainha, que ficava um pouco acima da ponte Jorge Lacerda, e depois descendo a nado, corrente a favor, uns dois quilômetros abaixo.

Volto ao futebol. Atlético e Comercial eram rivais como Vasco e Flamengo, guardadas as proporções. Dos campinhos de várzea para o estádio municipal Oscar Rodrigues da Nova, Joaçaba viu jogar verdadeiros craques. Não quero exagerar, mas eram jogadores – se fosse hoje – de série A do campeonato brasileiro. Nene Poletto era meia-atacante, gênio do drible, deixava sentados os marcadores, tinha o faro do gol. Vicentinho, craque de berço, cheio de estilo, botava a bola no chão e limpava o lance. Clóvis do Santos, o Bode, chute potente, e muito antes de Ronaldinho Gaúcho, olhava para um lado, e lançava a bola no vazio inverso, deixando o companheiro livre. Valódia, lateral-esquerdo, raramente fazia falta, controle de bola perfeito, e de canhota botava a bola onde queria. Délcio, o Taxinha, e Hélio Link eram do time dos baixinhos, o primeiro um ponta rapidíssimo e incisivo; o segundo, meia-atacante,

malandro, sabia irritar os adversários, raciocínio rápido com a bola nos pés.

Joaçaba teve dois grandes goleiros, Célio (Maciel), uniforme sempre impecável, saía do gol com precisão, fez carreira no Atlético Paranaense e no Coritiba. E Valdinho (Simi), *in memoriam*, o maior goleiro que pisou no Rodrigues da Nova, ágil, elástico, colocação perfeita, fechava o gol. Ficou pouco tempo no Grêmio, não gostou da concentração. Dinha (*in memoriam*) jogava em todas as posições de defesa e meio de campo, tratava a bola com carinho, jogador de alta técnica, foi lateral-direito e esquerdo do Grêmio. E Rui Liberali, meio-campista que jogava de cabeça erguida, muita visão de jogo, depois foi para o Internacional e fez carreira no Esportivo, de Bento Gonçalves.

Nos idos de 1956, levado pelas mãos do meu pai, assisti de perto ao comício do candidato a presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, da aliança PSD-PTB, na frente da Prefeitura. Veio gente de toda a região. No palanque os oradores se revezavam, punhos fechados, dedo em riste, gestos frenéticos, voz expressando indignação, dúvida e certeza, a peroração que desancava os adversários e dava o tom épico de um futuro radioso, a salvação da lavoura e do País. O Brasil continua a mesma coisa até hoje, senão pior. Mas eu nunca mais fui o mesmo.



Logo adiante, em 1960, ainda não era eleitor, mas vi tudo de perto. Meu candidato a prefeito era Paulo Stuart Wright (PSD-PTB), filho de um casal de missionários presbiterianos, muito popular entre os desportistas (era jogador de basquete) e entre a juventude. Todos davam de barbada a vitória de José Waldomiro Silva, cacique regional da UDN, deputado estadual. A candidatura de Wright era um azarão. Wright cresceu na campanha, surpreendeu, e foi uma pena: um dia a mais de campanha e ele seria prefeito. Perdeu por nove votos. Os derrotados ainda fizeram, na frente da Rádio Herval d'Oeste, que era em Joaçaba, na Rua Francisco Lindner, um ato público pedindo a renúncia de Silva, o qual, com toda a razão, não deu a mínima.

Na eleição seguinte, Paulo Wright foi eleito deputado estadual pelo PSP. Usou o mandato para organizar o povo trabalhador, os pescadores do litoral.

Com o golpe militar de 1964, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina cassou-lhe o mandato, em ato de eterna covardia e vergonha. Cassado, entrou na clandestinidade e de lá nunca saiu. Foi morto pelas forças de repressão, em circunstâncias que até hoje não foram esclarecidas. Dos políticos ligados a Joaçaba, Paulo Stuart Wright foi o que protagonizou o evento mais trágico e relevante.

No ano 1963 servi o Tiro de Guerra e logo no ano seguinte a barra pesou. Fui preso no meio de um filme no Cine Vitória. De repente as luzes acenderam. Eu estava com minha namorada Arlete, hoje minha mulher. Pensei que estava sendo preso por causa das minhas incursões pelos pomares da região. Mas depois de tanto tempo, e por soldados do exército? Descobri, então, que eu era um perigoso subversivo. Não podia mesmo dar certo uma “revolução” que me considerava perigoso.

Fui preso nos primeiros dias do Golpe de 1964 porque nos anos anteriores tinha sido líder da União Estudantil Joaçabense (UNEJO) e o novo regime precisava de bodes expiatórios. Me soltaram sem acusação formal e sem pedir desculpas. A prisão me deixou sem ambiente na cidade e tive de fazer as malas. Fui para Florianópolis, onde no ano seguinte ingressei na Faculdade de Direito da UFSC, junto com três outros joaçabenses: Adolfo Zigelli, Humberto Pereira e Markian Getúlio Kalinoski.

No mesmo ano de 1965, de férias em Joaçaba, acompanhei os infalíveis brodos de galinha e comícios eleitorais na campanha de Ivo Silveira-Francisco Dall'Igna, do PSD-PTB, ao governo do estado, organizados pelo

deputado Nelson Pedrini, líder regional combativo e voluntarioso. Alvir Moreira, fiel escudeiro de Pedrini, era um desses tipos inesquecíveis da cidade, uma figuraça. Vestia-se como um dândi, fatiotas de paletó traspassado, gravata de cores vivas, e vivia de..., francamente não sei ou não me lembro. A cidade era rica de personagens interessantes, tipos inesquecíveis, singulares figuras humanas. Daria para escrever um livro. Não quero deixar para depois: os meus prediletos eram o centenário Raul Pereira e Antônio Victorino Sganzerla (*in memoriam*). Homens de bem, suaves no trato, fiéis aos seus amigos, às suas crenças e predileções, vidas inteiras de retidão, honestidade e trabalho.

No ano 1967 abrimos em Joaçaba um escritório de advocacia, Markian Getúlio Kalinoski e eu. Na época, estudantes de Direito a partir do 3º ano podiam patrocinar causas menores. Nos revezávamos, um cumpria a frequência mínima na faculdade, outro atendia o escritório. Deu para sobreviver e até para comprar nosso primeiro carro, um fusca, é claro. Markian foi eleito presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro (CAXIF), da Faculdade de Direito, vencendo no pleito estudantil – vejam só – nada menos que o futuro governador Esperidião Amin, que era nosso colega.

A advocacia sempre foi um campo fértil da política, e na eleição de 1969 me elegi vereador de Joaçaba, na mesma eleição em que também se elegeu (bem mais votado do que eu) um jovem radialista que começava a se destacar, Iraí Zílio, ambos pelo MDB. Orador vibrante, Iraí é inesquecível pela identificação

com Joaçaba, honestidade pessoal, espírito público e compromisso com a democracia. Iraí nos deixou muito jovem, uma grande perda.

Da minha eleição em outubro de 1969, e antes mesmo da diplomação, o regime militar abriu um processo na famigerada Lei de Segurança Nacional contra Kalinoski, o padre Frei Paulo Matineschen Neto e eu. O promotor militar quis incluir na denúncia o ex-senador Brasília Celestino de Oliveira, joaçabense de escol, a partir de um certo momento corajoso combatente das tropelias do regime autoritário. Chamou de *rega-bofe* um daqueles banquetes autolaudatórios dos poderosos do dia. A Justiça Militar teve a decência de não aceitar a denúncia contra o doutor Brasília, mas não livrou a cara dos demais. Respondemos a um longo processo por três anos e ao final fomos todos absolvidos: as acusações eram ridículas. Ditaduras sempre acabam caindo no ridículo.

Fui intimado a comparecer ao Batalhão do Exército de Porto União, não me deixaram ir para o hotel, tive que dormir no quartel. Quer dizer, me prenderam de novo, dessa vez só por uma noite. Mas no quartel tudo ficou bem explicitado: eu deveria ter muito cuidado com o que dissesse e o que fizesse no meu mandato e nas minhas atividades. As ameaças não ficaram restritas à minha pessoa, mas se estendiam a meus familiares.

No ano 1970 renunciei ao mandato de vereador e fui para São Paulo. Compareci a uma única sessão da Câmara. Era uma forma de protesto – que hoje, à distância, reconheço meio duvidoso, porque ninguém

deu a mínima. Mais uma vez tive de sair de Joaçaba, desta vez em definitivo.

Ainda hoje, quase 50 anos depois, aparecem nos meus sonhos o pomar de frutas maduras, a bola rolando no campinho de terra, os remansos do rio e as encostas onduladas. Vejo, às vezes, um orador inflamado prometendo uma nova era. Nos meus sonhos, em meio à bruma que sobe do rio, de vestido novo e laço no cabelo, desfilam as meninas da cidade, e saídas da tela do Cine Vitória, incógnitas, as deusas do cinema. Na noite dos meus sonhos me visitam os personagens da cidade, os amigos, os que estão vivos e os que já partiram.

Joaçaba está em mim, visceral, profunda e definitiva.

## CIDADÃOS HONORÁRIOS DE JOAÇABA

Joaçaba concedeu, ao longo de sua história, diversas homenagens a pessoas que de alguma forma mostraram seu amor e dedicação por esta terra.

Nominamos a todos, com os respectivos anos de outorga, eternizando as suas contribuições por Joaçaba:

Ademir Tadeu de Oliveira (2014) – Delegado de Polícia

Alcides Vettorazzi (2010) – Magistrado

Alexandre Muniz de Queiroz (1985) – Advogado

Alfredo Rudolfo Sigwalt (1985) – Maestro

Aluar de Oliveira Pinto (1995) – Médico

Antônio Carlos Konder Reis (1978) – Governador

Antônio Diomário de Queiroz (2006) – Educador

Aristides Cimadon (1996) – Educador

Attilio Francisco Xavier Fontana (1980) – Industrial

Attilio Hermes (1996) – Músico

Celso Ramos (1966) – Governador

Desiré Herbaux (Ir. Afonso) (1967) – Educador

Henrique Muller (1997) – Bispo

Edemar Gruber (2005) – Desembargador

Elisete de J. S. Mello (2005) – Educadora

Emílio Garrastazu Médici (1973) – Presidente da República

Erwin Rieger (1994) – Pastor

Francisco Lindner (1968) – Industrial

Hilário Guther (1982) – Líder Comunitário

Ivan Oreste Bonato (1990) – Senador

Jacira Maria Paravisi Zilio (2016) – Líder Comunitária

Jaire Formighieri de Almeida (1992) – Advogado

Jayme Scherer (2014) – Empresário

João Gonçalves de Souza (1967) – Ministro do Interior

João Maria da Silva Néri (1995) – Comerciante

João Raimundo Colombo (2015) – Governador

Jorge Konder Bornhausen (1978) – Governador

Jorginho Mello (2009) – Deputado Federal

José Zeferino Pedroso (2002) – Deputado Estadual

Luiz Carlos Bortolozzo (2008) – Sacerdote

Luiz Henrique da Silveira (2003) – Governador

Luiz Specht Filho (1992) – Industrial

Márcio Conte Júnior (2008) – Magistrado

Maria Contarda Franciosi (1993) – Religiosa

Mário David Andreazza (1972) – Ministro dos Transportes

Mário Fett (1993) – Industrial

Mário Wolfart (2016) – Delegado

Mauro Batista (1992) – Engenheiro

Miguel Kopstein Russowsky (1980) – Médico

Nelson Konrad (1988) – Desembargador

Natália Zilio (2010) – Atleta

Nelson Paulo dos Santos (2009) – Radialista

Nelson Wedekin (1995) – Senador

Nery Fuganti (1997) – Comerciante

Oswaldo Theodoro Zendron (1996) – Comerciante

Raul Anastácio Pereira (2017) – Industrial

Raul Furlan (2000) – Prefeito de Joaçaba

Roberto Garayo (2015) – Músico

Ruy Klein Homrich (2008) – Prefeito de Joaçaba

Sérgio Hillesheim (1987) – Sacerdote

Silvério Weber (1992) – Sacerdote

Tadeu Margarida (2000) – Empresário

Teodorico Fernandes (1995) – Médico veterinário

Udilo Antonio Coppi (1998) – Prefeito de Joaçaba

Walter Pereira de Mendonça (1993) – Comerciarío

# Capítulo 3

## Geografia Física

situação geográfica, clima, hidrografia e mapas atuais

---



Créditos: Kleberson Brocardo



### 3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS



Créditos: Graciela Lindner

Rogério Augusto Bilibio<sup>6</sup>

Joaçaba está situada no centro do Vale do rio do Peixe, na região conhecida em Santa Catarina como Meio-Oeste. Esta região tem clima considerado subtropical, por apresentar verões quentes, meia-estação amena, e inverno – para os padrões brasileiros – rigoroso. Ainda na classificação climática mais abrangente, segundo o padrão Thornthwhite, Joaçaba é considerada uma cidade de clima super úmido; quanto à média pluviométrica, está compreendida na faixa de 2.200 mm/ano.

A temperatura média anual de Joaçaba é de 18 °C, e a altitude, de 522 m. Contudo, a amplitude térmica é bastante elevada, pois no verão as temperaturas se mantêm por muito tempo próximas ou acima dos 30 °C, enquanto na meia-estação as médias caem para 20 °C e no inverno chegam a 0 °C ou mesmo a temperaturas negativas.

No aspecto hidrográfico, Joaçaba está compreendida na bacia do rio Uruguai, na Vertente do Interior. Os rios desta região têm seu nascedouro nas encostas e morros, correndo todos em direção ao rio Uruguai e daí ao rio da Prata. O principal rio de Joaçaba é o rio do Peixe, que limita a cidade com o município de Herval d'Oeste.

O rio do Tigre, que atravessa o centro da cidade e deságua no rio do Peixe, é peculiar por vários motivos. Primeiramente, nasce nos limites do município, na linha

<sup>6</sup> Mestre em História Regional; professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Salto do Tigre, nas proximidades do vizinho município de Catanduvas, em uma altitude de aproximadamente 1.000 m. De fato, sua altitude máxima é de 1.018 metros. Já na desembocadura junto ao rio do Peixe sua altitude é de 472 m. A sua bacia compreende uma área de 87 km<sup>2</sup>. O rio percorre, considerando suas curvas e desníveis, 34 km dentro do município de Joaçaba. Em segundo lugar, ao se aproximar do encontro com o rio do Peixe, muda a sua direção e passa a correr em sentido inverso. Isso porque um paredão rochoso o impede de seguir o curso que a gravidade determina. Este fenômeno é

considerado raro. O rio do Tigre, por escoar suas águas na área urbana, faz parte da cultura e das histórias dos joaçabenses desde sempre. Não são poucos os saudosos de suas águas límpidas do passado, da abundância de peixes e dos locais de lazer que ele proporcionava. Ao chegar no centenário, o rio do Tigre ainda possui beleza ímpar, pelo que restou de suas matas nas margens e dos peixes que ainda teimam em sobreviver em suas águas, na área urbana, não mais tão límpidas.

A vegetação da região é considerada floresta ombrófila mista, mais popularmente conhecida como

Mata de Araucárias, com grande quantidade de espécies vegetais também encontradas na Mata Atlântica. Todavia, árvores como o cedro, a imbuia e a peroba eram abundantes na região no início do século XX.

Em relação à fauna, Joaçaba apresenta na sua área urbana a ocorrência de numerosas espécies de aves e mamíferos de pequeno porte, como preás, cutias e quatis. Nas áreas interioranas, a quantidade de espécies aumenta, tanto para aves quanto para répteis, mamíferos e insetos. A população do município estimada pelo IBGE em 2016 é de 29.310 habitantes.



Passarela sobre o Rio do Tigre: a beleza natural convivendo com o espaço urbano  
Créditos: Gilvam Dalla Costa

## 3.2 ARQUITETURA E URBANISMO NO CENTENÁRIO DE JOAÇABA



Movimento Oficina Urbana<sup>7</sup>

### Propósitos e Premissas

Escrever sobre a trajetória da arquitetura e do urbanismo de Joaçaba quando esta completa seu

<sup>7</sup> Arquitetos e urbanistas do Movimento Oficina Urbana, que congrega profissionais de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna.

primeiro centenário tanto é gratificante quanto se constitui em grande responsabilidade. São muitos os aspectos intrincados nessa história. No entanto, por conta da magnitude de tal desafio, nos propomos a fazer apenas uma breve imersão no assunto, sem a pretensão de ir a fundo, dada a complexidade de tal abordagem. Porém, além de cativar a atenção dos leitores, desejamos que este caminho seja tema de maior

profundidade investigativa, tal a sua importância para a compreensão das possibilidades e desafios desta cidade na contemporaneidade.

Estas linhas tratam de ilustrar uma breve faceta, sem feições muito precisas, de aspectos arquitetônicos e urbanísticos que, de certa forma, marcaram o caminho percorrido por nossa cidade. No que diz respeito à arquitetura, limitamo-nos a descrever obras que, por terem aspectos formais comuns ou terem sido edificadas mais ou menos no mesmo período histórico que suas referências externas, destacam-se no cenário arquitetônico joaçabense. Como referências significativas de estilos ou movimentos arquitetônicos, tomamos o Art Déco, o Modernismo e o Pós-modernismo, considerando este último como uma gama variada de tendências que marcaram a arquitetura a partir dos anos 1970. Cabe aqui o alerta de que tais estilos não necessariamente foram seguidos em todos os seus aspectos conceituais ou formais pelas obras apresentadas. Como dito, servem apenas como referência para balizar a presente leitura. Quanto aos aspectos urbanísticos, mostramos, de forma geral, como o crescimento da cidade, especialmente no segundo cinquentenário, determinou os maiores desafios urbanos a serem enfrentados no futuro.

## Introdução

A trajetória descrita, no âmbito da arquitetura, será aquela marcada por movimentos ou estilos que caracterizaram a arquitetura brasileira a partir do segundo quarto do século XX. As edificações ilustradas são referências para um entendimento geral das diferentes concepções estéticas experimentadas.

O Art Déco, manifestação estética disseminada entre os anos 1930 e 1940, caracterizava-se pela profusão de detalhes em linha reta, conformando feições horizontalizadas e verticalizadas nos elementos de fachada das edificações. Considerado como um movimento de transição entre o ecletismo e o modernismo, marcou a arquitetura com desejo de modernidade, reflexo das aspirações políticas e sociais da época.

O Modernismo foi, sem dúvida, a expressão máxima da vanguarda arquitetônica no século XX. Muitos foram os avanços relacionados ao emprego de novos materiais, tecnologias e sistemas construtivos. O Modernismo aspirou ser aceito em todos os recantos do Planeta com a alcunha de “estilo internacional”. Sinônimo de uma sociedade que avançava em direção ao progresso, teve seu auge no período entreguerras. No entanto, sem conseguir dar respostas satisfatórias às demandas do período pós-guerra, teve seus pressupostos questionados a partir dos anos 1960, o que abriu caminho para que diversas vertentes arquitetônicas fossem surgindo, como forma de contrapô-lo, transformá-lo ou

até mesmo reafirmá-lo, ainda que sob nova ótica, como corrente hegemônica na arquitetura.

A profusão de novas tendências após os anos 1960 é conhecida como Pós-modernismo, o qual, sem nenhum estilo ou concepção arquitetônica predominante, dominou o discurso arquitetônico até os anos 1990. O leque de opções conceituais, tecnológicas e formais abrangeu um espectro amplo de propostas, muitas vezes utópicas, que iam de cidades caminhantes (*walking cities*), passando por soluções tecnológicas de ponta (*arquitetura high tech*), regionalismos (*em oposição à massificação arquitetônica sem identidade*), até os revivals (*retorno ou valorização de estilos do passado*).

A partir dos anos 1990, com a globalização decorrente da possibilidade da comunicação por satélite e do advento da internet, as preocupações com a finitude dos recursos naturais abriram espaço para uma arquitetura que busca a sustentabilidade em seus processos, assim como novas possibilidades tecnológicas realimentaram o desejo por novas concepções formais e construtivas. Os megaprojetos, símbolos de uma arquitetura abraçada pelo capital financeiro globalizado, passam a dar vez a propostas mais adequadas às realidades locais, sem que se prescindisse da busca pela inovação, por resultados estéticos diferenciados e pelo uso de materiais com melhor desempenho.

Nos últimos anos a arquitetura tem sido pautada pelas experimentações. Entretanto, as vertentes da sustentabilidade e da acessibilidade permeiam horizontalmente todas as abordagens. É ponto pacífico

que estes aspectos não mais serão desconsiderados nas propostas arquitetônicas. No mais, vive-se um momento em que as dicotomias público e privado, global e local, custo e desempenho, arte e técnica, entre outras, sobressaem-se no cardápio das discussões arquitetônicas.

No campo do urbanismo, o Brasil vivenciou, a partir dos anos 1960, uma intensa movimentação migratória do campo para a cidade. As cidades cresceram mais do que podiam em termos de oferecer a toda a população condições dignas de moradia, infraestrutura, trabalho, etc. O planejamento urbano não conseguiu sanar as demandas que se apresentavam, e os problemas foram aumentando.

Nos últimos anos a habitação, a mobilidade e o saneamento foram temas recorrentes nos embates que tratavam de buscar um futuro melhor para as cidades. A participação popular na discussão e definição das políticas públicas tem aumentado e o sinal é que este é o caminho. Lastreado pela Constituição cidadã de 1988 e pelo Estatuto da Cidade (2001), os cidadãos têm cada vez mais a consciência de que são os verdadeiros protagonistas nas transformações urbanas em direção a cidades mais sustentáveis e equitativas.

Neste cenário de transformações constantes, Joaçaba desenvolveu sua arquitetura e seu urbanismo, atenta aos condicionantes sociais, econômicos e tecnológicos locais, mas sem deixar de absorver influências externas que, ao longo deste primeiro

centenário, caracterizaram a diversidade arquitetônica e o padrão urbanístico que observamos hoje.

## O urbanismo

Ao longo da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, diversos núcleos povoados se formaram no decurso do século XX. Joaçaba nasce e cresce neste contexto. A ferrovia, caminho mais rápido para trazer e levar mercadorias e pessoas, foi, durante muitas décadas, a principal ligação viária com o restante do País. Não por acaso a cidade se estabeleceu no fundo do Vale do rio do Peixe e, por um longo período, até meados dos anos 1970, foi ocupando os fundos de vale dos afluentes deste rio.

A partir da consolidação da BR 282, no final da década de 1970, aliada à decadência do sistema ferroviário no mesmo período, a cidade passa a se expandir para as cotas mais altas, ocupando áreas planas no alto dos morros. Este processo ocorre concomitantemente ao adensamento da área central e à ocupação de encostas.

A configuração espacial da cidade adquire novas características no momento em que o crescimento extrapola os limites das encostas e os novos atributos pouco se assemelham às qualidades espaciais encontradas no restante do tecido urbano já consolidado. Assim se delineou o processo de expansão que resultou na ocupação que conhecemos atualmente. Características marcantes das grandes cidades, os loteamentos e conjuntos habitacionais distantes do centro urbano são a expressão mais clara de uma

periferia urbana rarefeita e segregada, constituindo soluções que descaracterizam a paisagem urbana no sentido da continuidade espacial e da sobreposição das funções, características inerentes à cidade tradicional.



Muitos desafios se colocam para o crescimento e desenvolvimento da cidade: como ocupar as áreas adjacentes ao vale central? Como estabelecer ligações viárias que possibilitem conexões eficazes com as áreas altas? E as áreas mais íngremes, obstáculos ou potencialidades? Estas e tantas outras são questões que se apresentam na medida em que a cidade possui uma dinâmica de crescimento acelerada, em diferentes direções e com intensidades variadas.

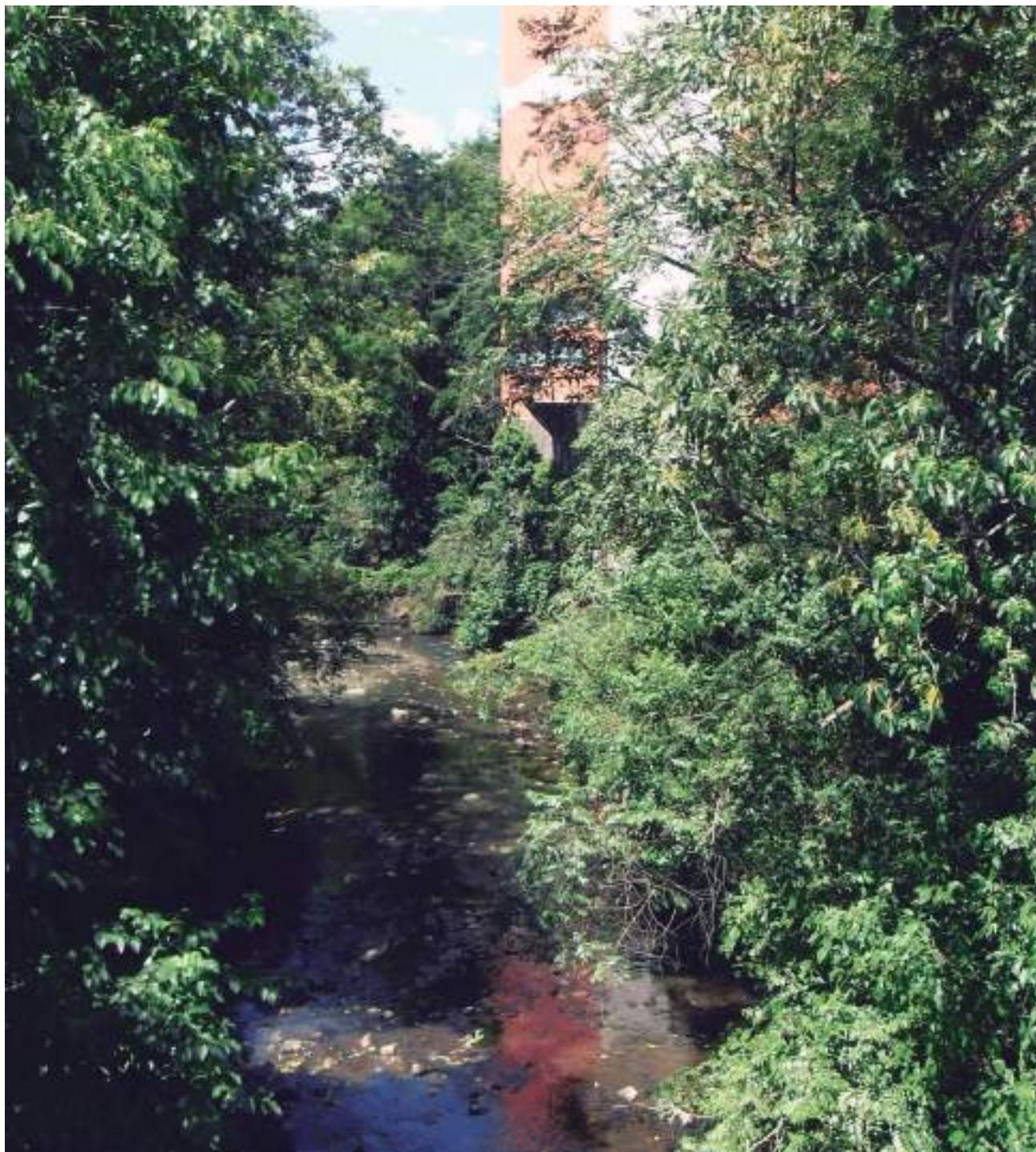


O adensamento da área central já chegou a seu limite? Como resolver o problema do trânsito? Ao que parece, muitas são as perguntas que requerem

urgência pelas respostas. É o caso, por exemplo, da Vila Cachoeirinha. As dinâmicas de expansão urbana e de parcelamento do solo muitas vezes resultam da necessidade de se prover acesso à habitação por parte das classes de baixa renda. Nesse sentido, as políticas públicas de habitação, saneamento e transporte devem equacionar estas demandas, de modo que não se percam de vista algumas das características de desenvolvimento urbano que são salutares para a população e para o Município: cidade compacta, otimização de infraestrutura e mobilidade urbana compatível.

Entre as questões já colocadas, ressalta-se a importância dos espaços públicos para o desenvolvimento da cidade. Neste aspecto, o Município possui três espaços centrais essenciais: a tradicional Praça Adolfo Konder, a Praça da Catedral, requalificada em 2003, e o Parque Municipal, que está em fase de conclusão de suas obras. A articulação destes espaços ao sistema de mobilidade urbana e aos demais equipamentos públicos será estratégica para alavancar a qualidade urbana da cidade.





A cidade viveu ao longo de sua história às margens do rio do Peixe e de seu principal afluente local, o rio do Tigre. A população estabeleceu uma relação com ambos, que foi mudando no transcorrer das décadas, visto que a balneabilidade, a fonte de alimentos e os usos para o lazer, comuns no início, foram dando lugar para usos menos nobres e até ao desuso. Atualmente a cidade praticamente volta suas costas aos rios. Este cenário precisa ser mudado. A requalificação urbanística e ambiental dos rios e suas margens deve devolver à população a possibilidade de uma relação mais direta com estes corpos d'água. Caberá às instituições públicas e à comunidade organizada a ressignificação destes espaços, potencializando-os como forma de preservá-los.

Uma história, ainda que breve, sobre aspectos da urbanização de Joaçaba não poderia deixar de considerar suas relações com as cidades de Herval d'Oeste e Luzerna. Em que pesem suas particularidades político-administrativas, em se tratando de dinâmica urbana, todas fazem parte de um mesmo organismo. Vistas lá do alto, da janela de um avião, não se distinguem limites administrativos. Tudo parece pertencer a uma mesma mancha urbana, banhada por rios, entrecortada por áreas verdes e com um complexo sistema de vias e edificações que possuem vitalidade própria e se articulam com as áreas rurais e com a região. Ainda, e principalmente, esta grande mancha é a base na qual milhares de pessoas administram sua vida. Este aspecto simbiótico não deve ser perdido de vista no momento do planejamento e da gestão urbana das três cidades.

## A arquitetura

Como bem ilustra o Álbum do Cinquentenário, até os anos 1930 as edificações eram, em sua maioria, construídas com madeira. A alvenaria de tijolos surgia, naquele momento, apenas em edificações de maior porte, como armazéns. Outras obras significativas em alvenaria foram o Colégio Frei Rogério, o Colégio Cristo Rei e o Seminário Nossa Senhora dos Anjos, nos anos 1940, 1950 e 1960, respectivamente.

O Art Déco foi um estilo que predominou entre os anos 1940 e 1960. A área central da cidade expressou com vigor a intencionalidade de marcar a arquitetura com a verticalidade das esquadrias, a horizontalidade dos detalhes e esquinas arredondadas, quase sempre com edificações de dois pavimentos. Atualmente são poucos os exemplares restantes que depõem sobre este estilo. Ao longo dos anos, a partir de um processo de verticalização e densificação do centro da cidade, estas edificações foram dando lugar a outras, com mais pavimentos e em concepções arquitetônicas variadas.



Nos anos 1960 a cidade já ostentava edificações modernistas, as quais evidenciavam a conexão da sua arquitetura com o movimento que, naquele período, demonstrava sinais de enfraquecimento a nível mundial. Cerca de uma dezena (talvez mais) de casas, com grandes vãos de aberturas, telhados não aparentes, horizontalidade predominante e volumetrias marcantes pontuavam algumas das principais ruas da cidade, como a Avenida Santa Terezinha, a Rua Sete de Setembro e imediações. A residência situada na Avenida Santa Terezinha (Foto arquitetura 1), projetada pelo famoso arquiteto José Hermeto Palma Sanhotene, é, nas palavras do ilustre arquiteto joaçabense Norberto Sganzerla, “certamente o exemplar mais autêntico da arquitetura moderna em Joaçaba.”





No final dos anos 1970 e início dos 1980, a arquitetura moderna em Joaçaba toma fôlego novamente, com edificações cujas concepções formais se mostraram originais e arrojadas.





característica de exibir elementos de concreto na fachada, sejam brises sejam elementos da própria estrutura (ainda que, em muitos casos, com o recebimento de pintura, ao contrário do estilo original, que exibia o material em seu estado bruto), além de materiais em seu estado natural, como o tijolo.



O Brutalismo, na sua concepção estrita, não necessariamente influenciou edificações em Joaçaba. No entanto, cabe destacar exemplares, em sua grande maioria datados dos anos 1980, que possuem a



Os revivals são recorrentes na arquitetura sempre que esta entra em períodos de crise. Nos anos 1990, de forma abrangente, e em Joaçaba na primeira década do presente século, o neoclássico reaparece para dar identidade ao “estilo de morar” da classe média. O rebuscamento estético deste estilo, que adota elementos geométricos inspirados na ordem clássica e detalhes sobrepostos ao elemento de vedação principal (parede), caracteriza inúmeros exemplares residenciais unifamiliares e multifamiliares. A partir do momento em que estes elementos se proliferam indistintamente para arquiteturas mais populares, o estilo perde força, dando lugar a outros valores estéticos, de certa forma mais contemporâneos e concatenados com o seu período histórico.



A contemporaneidade na arquitetura em Joaçaba procura, como de resto sempre o fez, adaptar-se às exigências de mercado e às concepções estéticas e funcionais que, de certa forma, firmam-se no cenário arquitetônico brasileiro. Às novas necessidades de morar e trabalhar correspondem novas respostas em termos espaciais. Na habitação, os espaços de socialização ganham importância e redefinem as relações entre cozinha, sala e varanda. No trabalho, a necessidade de flexibilidade nas atividades requer dos espaços possibilidades de layouts dinâmicos e práticos.





## Conclusões

Joaçaba chega aos 100 anos tendo uma bela história a contar. Com obstáculos vencidos, mas também não isenta de lacunas a serem enfrentadas, com a responsabilidade de estar preparada para os desafios que se colocarão nos próximos 100.

A arquitetura e o urbanismo de Joaçaba cumprem seu papel de ajudar a contar cada capítulo dessa história. Assim como em um livro, essa narrativa nos ajuda a

entender por quais caminhos trilhamos, de modo a não perdermos o fio condutor da vida urbana que nos foi legada e que reservaremos para as próximas gerações. A “qualidade de vida” que todos almejamos não prescinde da qualidade das edificações que abrigam nossas mais variadas atividades, tampouco da qualidade dos espaços públicos em que vivenciamos e exercemos nossa cidadania.

### 3.3 PONTE EMÍLIO BAUMGART



Créditos: Guanabara

Marckson Theones Kielek<sup>8</sup>

O marco inicial da ponte Emílio Baumgart pode ser considerado o ano 1926, quando o então Presidente Washington Luís aceitou o convite feito pelos agricultores, produtores e superintendentes do alto escalão militar para participar de um almoço e logo

em seguida de uma “roda de conversa”, para tratar de assuntos de interesses da Vila do Herval, em Santa Catarina, foi lançada a ideia de construir uma ponte sobre o rio do Peixe, considerando que as travessias das mercadorias, dos animais e das pessoas eram feitas por meio de balsas. A ideia inicial partiu do Coronel Manoel do Nascimento Passos Maia.

O sonho de se ter uma travessia sobre o rio começava a ter forma. Emílio Baumgart projetou e iniciou

a construção da primeira ponte sobre o rio do Peixe, porém, ao término da concretagem dos pilares, houve uma cheia repentina, que deslocou suas estruturas às margens do Rio. Depois de paralisar a obra e refazer um novo projeto, com novos cálculos e fórmulas, Baumgart decidiu aplicar o concreto armado e utilizar um processo usado em construção de treliças metálicas, acrescentando trechos em balanço, suportados pelas partes previamente instaladas. Com isso, Baumgart resolveu um problema que parecia insuperável, o desnível entre as duas extremidades em balanço, ele projetou a ponte em curva U, tendo em vista o aumento gradativo das águas do rio.



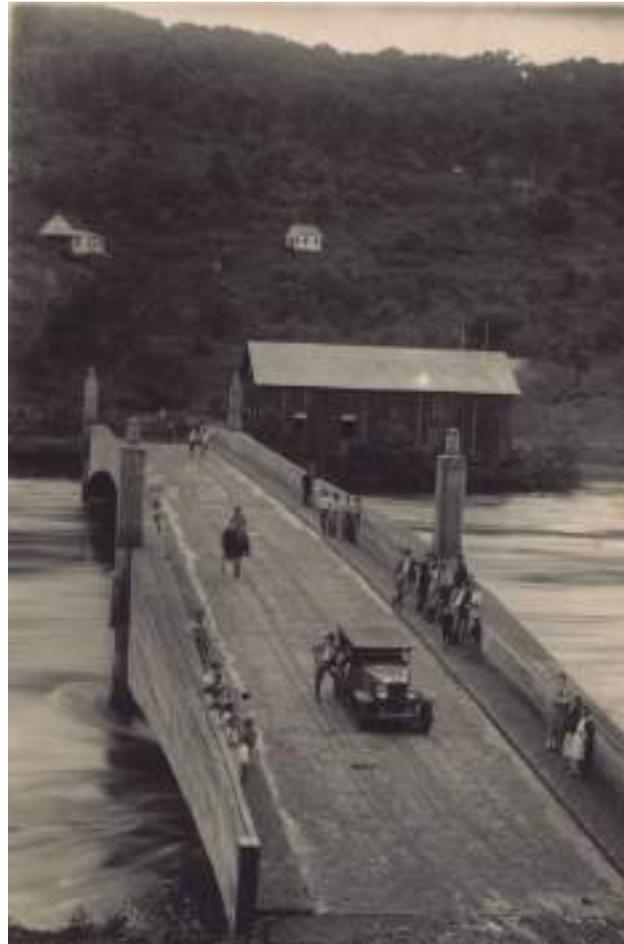
Etapa final de construção da ponte. Deste ângulo, pode-se ter uma noção do desafio de projetar o concreto armado sem sustentação

A Ponte foi construída de modo inovador. Após a construção dos quatro pilares, Emílio Baumgart colocou na altura do eixo uma rótula (rolos de ferro fundido) dentro da viga, a qual era suportada pelos pilares em

<sup>8</sup> Especialista em Logística; Pesquisador Regional.

forquilhas. Essa solução assegurava livre rotação da viga, formando, assim, um quadro hiperestático. Este método foi escolhido para evitar momentos de flexão nas colunas. O início da Construção foi supervisionado pelos senhores Tranquilo de Carli (pai do senhor Flavio de Carli) e Luiz Francisco Tedesco, engenheiros responsáveis. A construção foi subsidiada pela Rede Viação São Paulo – Rio Grande, sendo o custo aproximado de 800 contos de réis. Pouco tempo depois, a obra foi transferida para a firma Gusmão, Dourado & Baldassini, que, por sua vez, trouxe pessoas de várias partes do País para a inicialização da obra. O canteiro de obra também se tornou uma sala de aula a céu aberto, pois a construção era acompanhada por inúmeros engenheiros, alunos de engenharia e simpatizantes de Norte a Sul do Brasil.

Baumgart projetou a construção simultaneamente para ambos os lados, tendo previsto o encontro das partes no meio do rio. Muitos criticaram a forma da construção, pois nunca tinham visto uma ponte sem escoramento ao meio. Para a segunda etapa, Baumgart decidiu concretar 9,27 metros em um dos lados e, ao término dessa concretagem, na outra margem repetiram o mesmo processo. Para o fechamento total do vão, Baumgart deixou um trecho de 3,11 metros, praticamente o dobro dos trechos em balanços de 1,545 metros, para ser concretado no local, corrigindo eventuais erros. Ao perceber que ambas as partes da ponte se juntaram ao meio com perfeição, as rótulas temporárias foram inutilizadas e concretadas ao final do processo.



Um ano após ser iniciada a construção da ponte, o dia tão esperado para a inauguração chegou e, com ela, outro grande desafio. Durante o mês de outubro de 1930 a situação política era delicada, pois Washington Luís e Getúlio Vargas se confrontavam na famosa Revolução de 1930. Porém, no dia 24 daquele mês a ponte de Herval foi inaugurada pela população, padres e freiras, e entrou para a história definitivamente como a primeira ponte em concreto armado do mundo, com 68,27 metros de vão e sem escoramentos, sendo a primeira em viga

reta, um marco para a época, obtendo Record Mundial, alcançando um total de 117,70 metros de uma ponta a outra. Um mês após, no dia 24 de novembro, houve a reinauguração, dessa vez com cargas máxima sobre a ponte, entre elas as autoridades, a comunidade e os automóveis.

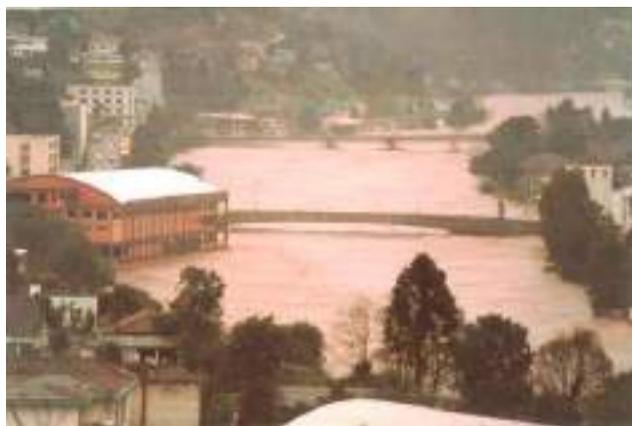


Inauguração, ou “reinauguração” da Ponte Emílio Baumgart.

Após 83 anos de sua construção, foram feitos testes de durabilidade nas ruínas da ponte Emílio Baumgart e foi comprovado que existem pouquíssimas marcas de fissuras oriundas de defeitos ou patologias do concreto, sendo que o índice de esclerométricos (Durabilidade) e de carbonatação (Carbono) estava com resultado superior ao esperado, mesmo tendo variações das águas, pouca tecnologia para a época e variações de temperatura.

## A ponte e a enchente de 1983

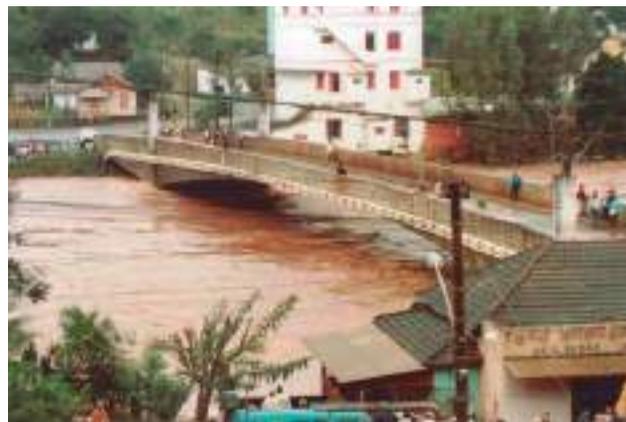
A enchente ocorrida no mês de julho de 1983 foi a mais trágica da história, pois causou a destruição de muitas casas, empresas e pontes. Entre essas pontes estava o monumento histórico da engenharia mundial, a ponte Emílio Baumgart. O mês de julho daquele ano, mais precisamente o dia 07, será lembrado para sempre pelo rastro de destruição deixado em todo o Vale do rio do Peixe. Os níveis das águas ultrapassaram 14 metros do nível normal.



O Brasil inteiro, pelas mídias, destacou o ocorrido no grande Vale do rio do Peixe, pois se estava encaminhando para uma enchente de consequências trágicas.

Uma semana de chuvas fortes incomuns e a caixa do rio não suportou tanto volume das águas que invadiram suas laterais, destruindo ruas, avenidas e empresas, descarrilhando as locomotivas que estavam no pátio da estação de Herval d'Oeste, levantando os

trilhos como se fossem de papel e destruindo tudo o que havia pela frente. As autoridades, temendo o pior, interditaram a segunda ponte (Jorge Lacerda), e as duas cidades ficaram ilhadas, famílias sem ter para onde ir, ruas, casas e empresas destruídas, sem o único meio de acesso para ambas as cidades em um trajeto de 16 km.



Totalmente isoladas dos demais municípios, “lançava-se no ar” um dramático pedido de socorro, pois havia centenas de pessoas desalojadas que buscavam abrigo nas partes mais altas, sem acreditar no que estava acontecendo.



Imagens da trágica enchente de 1983, a maior registrada até hoje.

Os pedidos de socorro eram ouvidos, no entanto, era impossível atendê-los. Ao clarear o dia muitas pessoas ainda permaneciam no local e nas proximidades para ver o que aconteceria com o prédio que foi danificado com a queda da ponte. O corpo de bombeiros, juntamente com a defesa civil, monitorava a nascente do Rio em Calmon, Santa Catarina, pois como lá ainda chovia, era questão de horas para que as águas desembocassem no Vale do rio do Peixe, visto que o rio a cada hora subia aproximadamente 20 cm. No interior a situação também era crítica, as pontes de madeira foram arrancadas, plantações foram perdidas e famílias ficaram ilhadas.

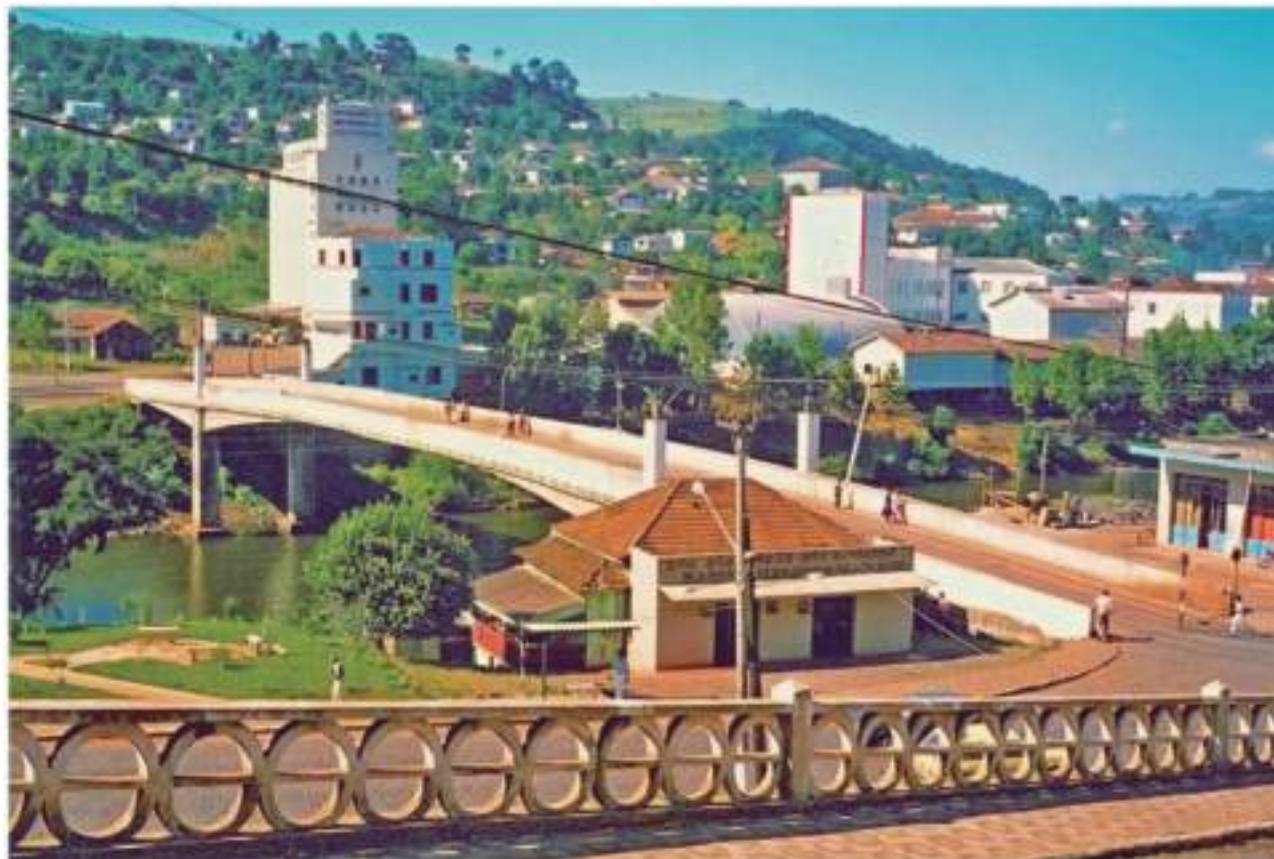
Em meio à destruição, tanto no lado de Joaçaba quanto no de Herval d'Oeste, o que restava em pé “caiu por água”, o prédio de quatro andares desapareceu em segundos, sendo engolido pelo rio. Foram momentos de angústia, de dor extrema e de muita reflexão. Apareceram, então, os heróis anônimos, dezenas, centenas deles, que se reuniram (aqui, ali, acolá) e deram sua contribuição

aos flagelados. A dor daquelas famílias só foi amenizada pelo cessar das chuvas e a chegada de doações de mantimentos, agasalhos e remédios. A solidariedade tomou conta das pessoas, o Brasil se voltou para Santa Catarina, principalmente para a região de Joaçaba.

Aos poucos as águas foram baixando e com ela aparecendo casas e empresas destruídas, pontes arrancadas de seu leito, entulhos e madeiras amontoados, vagões e carros arrastados como se fossem brinquedos. O mau cheiro predominava no ar, era um lamaçal, galhos, ferros retorcidos, lixo por toda parte. O comércio ficou paralisado, o interior intransitável. Após 110 dias de reformas, construção, ajuste e muito trabalho, as cidades de Joaçaba e Herval d'Oeste começaram a se reerguer para um recomeço. A enchente de 1983 não destruiu apenas as cidades, destruiu famílias; porém, não destruiu a dignidade e a força do povo que fez da destruição um trampolim para reconquistar tudo o que perdeu. Julho de 1983, uma marca cravada nos corações de muitas pessoas, pois o medo se vence, o trauma nunca se esquece.



Local onde existia a ponte. Dos dois lados do rio é possível verificar os destroços



### 3.4 BREVE HISTÓRICO DO AEROPORTO DE JOAÇABA



Primeira aterrissagem realizada no Aeroporto de Joaçaba, em 1949

Artur Lindner<sup>9</sup>

O Aeroporto de Joaçaba serve ao município e à região Meio-Oeste do estado de Santa Catarina. Inaugurado em maio de 1949, é o aeroporto mais antigo do interior catarinense. Sua localização é privilegiada, estando aproximadamente a 300 km das capitais do Sul do Brasil, bem como a 300 km da fronteira da Argentina e Paraguai e no centro do maior celeiro de

aves e suínos do mundo. Está localizado às margens da BR-282 e a 6 km do centro da cidade.

Dada a difícil topografia da região, o aeroporto foi construído em uma parte alta, com o desmanche de dois morros para se conseguir área plana de 1.300 metros de comprimento e aproximadamente 180 metros de largura. No início a pista era de saibro em chão batido. Operavam no aeroporto os famosos aviões DC-3 com linhas diárias para São Paulo, levando mercadorias e passageiros. Para se ter uma ideia de carga, traziam-se os jipes DKW para

concessionárias de Joaçaba e na volta embarcavam-se máquinas agrícolas. Existiam decolagens noturnas com balizamento por lampiões de querosene.

Além de aviões exclusivamente para passageiros, de diversas companhias aéreas (Varig, Real, TAC e Sadia), os de carga transportavam também os produtos do frigorífico Sadia de Concórdia. Alguns aviões eram mistos, levavam carga e passageiros.

Na década de 1950 foi fundado o Aeroclub de Joaçaba, com o intuito de formar pilotos e estimular as atividades aéreas. As aeronaves de treinamento eram cedidas pelo Ministério da Aeronáutica em comodato, com a finalidade de instrução e treinamento de pilotos. O Aeroclub existe até hoje.

Na década de 1980 o aeroporto recebeu pavimentação asfáltica nas dimensões de 1.270 m de comprimento por 180 m de largura, com os devidos pátios de estacionamento para as aeronaves.

Com a melhoria da estrutura rodoviária e construção da BR-282 e o fim dos subsídios governamentais, a aviação comercial de linhas aéreas para a região ficou inviável. Pequenas companhias tentaram reativar as linhas, mas sem sucesso. Eram aeronaves pequenas transportando poucos passageiros com custo muito alto.

<sup>9</sup> Industrial e Administrador; Gerente Administrativo da Francisco Lindner S.A



Importância do aeroporto de Joaçaba na história da aviação brasileira.

Hoje o aeroporto recebe voos particulares diariamente, pois atende a todos os municípios da região Meio-Oeste, com opção de operação noturna. Para a realidade de transporte de passageiros, ele precisaria receber aeronaves maiores, o que a pista e as instalações não comportam. Atualmente está em fase de projeto uma revitalização do aeroporto para conseguir operar com aviões maiores, o que daria nova dinâmica, agilidade e conforto no deslocamento de pessoas para grandes centros do País.



Créditos: Nereu de Araújo



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

### 3.5 RIO DO PEIXE: NATUREZA E SOCIEDADE



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

Joviles Vitério Trevisol<sup>10</sup>  
Luiz Fernando Scheibe<sup>11</sup>

Os rios estão presentes na vida dos indivíduos e das sociedades em escalas e dimensões raramente percebidas. Todas as civilizações do passado, assim como as sociedades do presente, serviram-se deles para assegurar a sua sobrevivência e prosperidade. A história da humanidade não pode ser contada e compreendida sem a apropriação

<sup>10</sup> Pós-Doutor em Sociologia pela Universidade de Coimbra; Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo; Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul.

<sup>11</sup> Doutor em Geociências (Mineralogia e Petrologia) pela Universidade de São Paulo; Professor Emérito da Universidade Federal de Santa Catarina.

dos rios e dos recursos naturais por eles oferecidos. Se as sociedades dimensionassem adequadamente a história e essa importância, elas organizariam festividades comemorativas pelos 9,4 milhões de anos de existência do rio Amazonas e pelos milhões de anos dos rios Nilo, Eufrates, Tigre, Ganges, Reno, Danúbio, Elba, Tâmis, Sena, Reno, São Francisco, Paraná, da Prata, Uruguai, do Peixe, do Tigre e de tantos outros.

No auge de seus (imprecisos) milhões de anos de existência, o rio do Peixe é para a cidade de Joaçaba, resguardadas as devidas proporções e diferenças, o que os rios Sena, Tâmis, da Prata e Amazonas são,

respectivamente, para os habitantes de Paris, Londres, Buenos Aires e Manaus. A relação é completamente umbilical. É impossível compreender a história e os processos de desenvolvimento de Joaçaba sem considerar a presença do rio do Peixe. O rio precede a existência da cidade. Ele é o “ponto zero”. Ao longo das décadas ele tem sido a base de toda a economia regional, da ocupação do solo e da vida social, política e cultural. O cotidiano das pessoas é inteiramente mediado pela presença do rio.

Em seus 290 km de extensão, da Serra do Espigão (nascente) ao rio Uruguai (fuz), o rio do Peixe abriga, em média, uma cidade a cada 20 km, concentrando, no início do século XXI, 218.594 pessoas, das quais 179.528 (78,5%) vivem no espaço urbano e 39.066 (21,5%) no espaço rural. Nas suas margens está a centenária Joaçaba e mais 13 cidades do Meio-Oeste catarinense: Caçador, Rio das Antas, Videira, Pinheiro Preto, Tangará, Ibicaré, Luzerna, Herval d’Oeste, Lacerdópolis, Ouro, Capinzal, Ipira e Piratuba.



Povoado de Limeira (atual Joaçaba) em 1917.

As relações humanas com o rio se intensificaram e se transformaram profundamente a partir da primeira década do século XX, com a construção da estrada de ferro ligando os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. As obras trouxeram para o Vale, entre 1908 e 1910, operários e comerciantes de todos os lugares, originando as primeiras estações ferroviárias e, mais tarde, as vilas e as cidades atuais. Aos poucos, o modelo de ocupação humana, bem como a economia, a cultura e o meio ambiente da região se alteraram. A economia de subsistência dos índios e dos caboclos foi substituída por uma economia capitalista centrada na exploração da madeira. As vastas florestas de araucárias forneceram a matéria-prima para centenas de serrarias instaladas na região.



Povoado de Limeira em 1919

A partir dos anos 1960, um novo ciclo econômico começou a ganhar contornos e mobilizar recursos. As pequenas propriedades de agricultura familiar deram origem ao moderno setor agroindustrial, com a instalação de importantes frigoríficos de abate de suínos

e aves, produzidos por milhares de granjas e aviários. Passados 100 anos, após tantas transformações, o rio do Peixe e seus afluentes continuam sendo fundamentais e estratégicos para a economia de Joaçaba e de todos os 27 municípios que integram a sua bacia hidrográfica. A região produz, vende e exporta diariamente bens primários (*commodities*), cujo processo de produção depende completamente da oferta regular de água de boa qualidade. A inserção econômica dessa região nos mercados nacional e internacional tem ocorrido por meio da produção de alimentos, especialmente de milhares de toneladas de proteína animal. Em outras palavras, o que exportamos para o competitivo mercado internacional da Europa, Rússia, China, Chile e tantos outros países é água, transformada em carnes e seus derivados.

As festividades do centenário do município de Joaçaba não podem esquecer desse ilustre personagem. Silencioso, acanhado e encaixado em margens estreitas definidas pelos contornos de um vale, o rio do Peixe continua ali, como sempre esteve, dizendo-nos diariamente que a natureza é uma dimensão inexorável e contínua e que o rio conecta e integra, sem qualquer distinção, o passado, o presente e o futuro. Similar a um espelho, o velho Peixe reflete a presença humana nessa região, reflete a forma como a cidade se relaciona diariamente com ele. A relação entre natureza (rio) e sociedade (cidade) é tão umbilical e profunda que o rio do Peixe é uma extensão de nós. Ele acaba, na prática, expressando o que somos e o que ambicionamos ser.

## Do rio do Peixe ao ventre da terra: as águas subterrâneas

Há 180 milhões de anos, a área hoje abrangida pela Bacia do Rio do Peixe era coberta pelas dunas de areia do imenso Deserto de Botucatu, no centro do supercontinente de Gondwana. Já no início do processo de separação entre a África e a América do Sul, o mesmo magma basáltico que formou o fundo do até então inexistente Oceano Atlântico passou a subir através de grandes fraturas nos continentes, espalhando-se em derrames sucessivos e formando um pacote rochoso com centenas de metros de espessura, constituído principalmente por basalto, a pedra-ferro usada nos antigos calçamentos das ruas e cuja alteração dá origem aos férteis solos de toda a região do Oeste catarinense: o grupo Serra Geral.

A consolidação das areias do deserto deu origem a uma rocha, o Arenito Botucatu, cuja consistência porosa permite o armazenamento de uma grande quantidade de água e que é hoje conhecido como o Sistema Aquífero Guarani (SAG).

Já as camadas de basalto que cobrem o Aquífero Guarani possuem muitas fraturas e algumas camadas intermediárias de solos e material poroso, vindo a constituir-se também em um aquífero de enorme importância regional, o Sistema Aquífero Serra Geral (SASG).

Por estar o Aquífero Serra Geral situado mais próximo da superfície, as águas desse Sistema, além de

garantir a permanência dos córregos e de formar fontes muitas vezes usadas no abastecimento doméstico e dos animais, podem ser captadas em poços artesianos tubulares de 60 a 200 metros de profundidade, tornando-o a principal fonte de águas subterrâneas de toda as regiões Oeste de Santa Catarina, Sudoeste do Paraná e Noroeste do Rio Grande do Sul – mesmo quando comparado à captação das águas do Sistema Aquífero Guarani. Em Santa Catarina há milhares de poços cadastrados no Aquífero Serra Geral e pouco mais de uma centena de poços no Aquífero Guarani.

Apesar do reconhecimento de sua inegável importância – e até pelo intenso uso doméstico, industrial e na agropecuária –, as águas do rio do Peixe e de seus numerosos afluentes vêm sofrendo graus diversos de poluição e mesmo em períodos de estiagem deixam de atender com a qualidade e quantidade necessária a todos esses usos.



Nascente do rio do Peixe

É nesses casos, bem como em localidades ou propriedades com dificuldade permanente de acesso à água superficial boa e abundante, que a água subterrânea, acumulada por milênios no ventre da terra, vem socorrendo os habitantes das zonas rurais e urbanas de Joaçaba e de todos os outros municípios da Bacia do rio do Peixe.

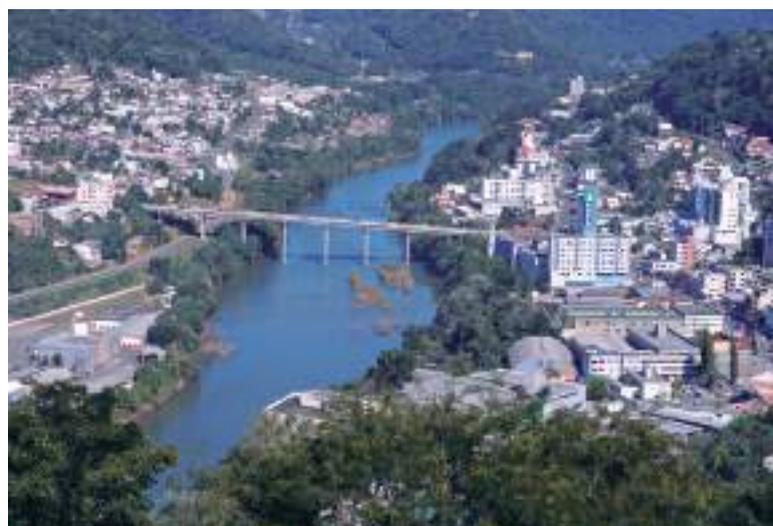
Pelo fato de o Aquífero Serra Geral estar junto à superfície e ser recarregado pelas águas da chuva ou dos córregos e rios, esse aquífero se torna vulnerável à contaminação, que também pode ocorrer por defeitos de construção ou da manutenção dos poços. Atenção especial deve se dar às cidades em que não há sistemas eficientes de coleta e tratamento de esgotos e há muitos poços localizados na própria área urbana.

Por outro lado, sendo a água considerada um bem público de uso comum, não sujeito à privatização, é necessário atender à regulação que exige o cadastramento dos poços antigos e a outorga prévia antes da perfuração

de qualquer novo poço. Esta exigência da outorga é ainda mais importante em se tratando de poços mais profundos, como os que cada vez mais estão sendo perfurados para atingir o Sistema Aquífero Guarani, até então considerado como uma reserva estratégica para toda a região Oeste de Santa Catarina.

A excepcional qualidade de vida dos habitantes de Joaçaba, tão condignamente comemorada por ocasião de seu centenário, foi obtida graças ao esforço coletivo e ao uso dos recursos naturais, entre eles as águas superficiais e subterrâneas da bacia do Rio do Peixe.

Para perpetuar esses recursos, legando-os às próximas gerações, é necessário tratá-los com o devido respeito, assumindo um processo de Gestão Integrada dos Recursos Hídricos (GIRH), em que se considera em sua forma global o ciclo hidrológico e se aproveita devidamente, junto às formas tradicionais, desde a água da chuva até as águas de reúso industrial e urbano.



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle

### 3.6 RENATURALIZAÇÃO DO RIO DO TIGRE



Créditos: Gilvam Dalla Costa

Ricardo Marcelo de Menezes<sup>12</sup>

Nossa história como sociedade passa sempre pelo desenvolvimento de acordo com a disponibilidade de recursos hídricos, a água. No Vale do rio do Peixe não foi diferente, quando as primeiras famílias colonizadoras

<sup>12</sup> Pró-Reitor de Graduação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professor do Curso de Direito.

da era moderna chegaram por aqui trataram de se estabelecer perto dos rios, seja para garantir suas necessidades básicas, seja para usá-los como fonte de energia, navegação, etc.

O município de Joaçaba está inserido na Bacia hidrográfica do rio do Peixe, a qual é contribuinte da Bacia do rio Uruguai, integrante da Bacia do rio da Prata, que deságua suas águas no Oceano Atlântico; a Bacia

em questão está situada na região hidrográfica RH3 e localiza-se no Meio-Oeste do estado de Santa Catarina, sendo integrada por 26 municípios, entre os quais está Joaçaba. Ela abrange uma população estimada de aproximadamente 600 mil pessoas, somando-se zona rural (21,5%) e urbana (78,5%).

A Bacia hidrográfica do rio do Tigre drena parte do município de Joaçaba, no qual está inserida em sua totalidade, compondo a paisagem da área rural e urbana central antes de afluir para a margem esquerda do rio do Peixe. Este é um dos principais tributários do rio Uruguai oriundos do território catarinense. As características socioeconômicas do município de Joaçaba impõem um conjunto de pressões sobre a bacia do rio do Tigre que podem ser reconhecidas e tratadas em âmbito municipal, onde instituições de ensino e pesquisa, do setor privado, não governamentais e o poder executivo podem interagir de maneira produtiva nesse intento.



Créditos: Lucivani Gazzóla



Créditos: Ariovaldo Mendes da Silva

Com o passar do tempo, o rio foi ficando esquecido, deixado de lado e acabou se tornando invisível enquanto o desenvolvimento rural e urbano do município de Joaçaba acontecia. Apesar de algumas vozes solitárias ao

longo das décadas bradarem por uma atenção especial, por um novo olhar para o rio do Tigre, não foram atendidas. Em 2010, por vários entendimentos entre o município de Joaçaba e a Unoesc, foi desenvolvido um projeto para promover o Diagnóstico Socioambiental da Bacia Hidrográfica do Rio do Tigre, agregando também a parceria e os recursos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável do Estado (SDS), por meio do Fundo de Recursos Hídricos (Fehidro).

Esse projeto, que teve sua execução entre 2010 e 2011, resultou em extenso relatório que avaliou aspectos como solo, fauna, flora, qualidade da água, tanto na área rural quanto na urbana, análise da cadeia produtiva, áreas passíveis de recuperação e alguns outros pontos que podem ser consultados no documento, sendo o ponto de partida para que a administração pública e as forças vivas da comunidade possam alterar a realidade atual e voltar a ter um rio que seja motivo de orgulho e possa ser utilizado em suas mais variadas facetas pela comunidade de todo o município.

As recordações de muitas crianças que outrora brincavam ao longo do rio, em pequenos remansos, pescavam, usufruindo das possibilidades que o rio oferecia se confrontam hoje com memórias de pessoas com 60 anos ou mais que não veem essas mesmas possibilidades disponíveis às gerações atuais.

No intuito de resgatar essas possibilidades de interação com o rio do Tigre, surgiu a muitas mãos, gestado na Unoesc, um novo projeto para recuperação ambiental e reintegração social do rio do Tigre, que

foi abraçado por muitas instituições da comunidade joaçabense, integrou o documento *Voz Única*, encabeçado pela ACIOC, assinado por mais de 30 outras instituições, e acolhido pela atual gestão municipal como uma de suas metas de ação para os próximos quatro anos de mandato.

Esse projeto, em linhas gerais, aponta quatro princípios para a recuperação ambiental e reintegração social do rio do Tigre: 1) revitalização do potencial ambiental; 2) recuperação da relação rio-cidade; 3) potencialização de atividades ao longo do rio; 4) gestão compartilhada entre poder público, entidades e comunidade.

Certamente, em alguns anos poderemos ter no rio do Tigre um novo alento para uma nova visão de sociedade, integrada com os recursos naturais, que busca o desenvolvimento sustentável e trata com respeito um de seus maiores bens, a água, o rio do Tigre.



Créditos: Lucivani Gazzóla

### 3.7 PARQUE NATURAL DO VALE DO RIO DO PEIXE



Gedalva Terezinha Ribeiro Filipini<sup>13</sup>

Joviles Vítório Trevisol<sup>14</sup>

O município de Joaçaba recebeu do Ministério da Agricultura a concessão de um imóvel localizado a aproximadamente 10 km da sede do município, às margens da BR-282, com a finalidade de promover a criação de um Parque Natural destinado à conservação da fauna e da flora e à promoção de Educação Ambiental e pesquisas. O parque foi criado pela Lei municipal n. 2.800, de 11 de abril de 2002, em área de 302 ha, delimitada pelas coordenadas geográficas 28o 04' 28o 19' de Latitude Sul, e 49o 22' 49o 39' de Longitude Oeste, e está localizado nos domínios das “Matas de Araucárias”, em altitude aproximada de 800 metros.

No inventário florístico realizado à época da criação do Parque, foram catalogadas 131 espécies (43 arbóreas e 88 arbustos pertencentes a 48 famílias), identificando a presença de exemplares de espécies vegetais endêmicas como a *Myrtaceae Eugenia rotundicosta* D. Legrand, classificada como raríssima, o que evidencia a singularidade desse remanescente florestal, tanto pela qualidade da cobertura vegetal, que conta com belíssimos exemplares de espécies nativas já em risco de extinção, quanto pela localização ecológica em zona de ecótono entre duas importantes regiões fitogeográficas – a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Decidual – atribuindo à área grande relevância científica e turística.

<sup>13</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora Universitária e Educadora Ambiental.

<sup>14</sup> Pós-Doutor em Sociologia pela Universidade de Coimbra; Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo; Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Destaca-se como patrimônio natural pela presença de espécies como o pinheiro brasileiro (*Araucaria angustifolia*), a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), o cedro (*Cedrela fissilis*), a maria-preta (*Diatenopterix sorbifolia*), a canela-guaica (*Ocotea puberula*), a canela-fogo (*Cryptocarya moscata*), a canela lageana (*Ocotea pulchella*), o camboatá branco (*Matayba elaeagnoides*), o açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), a cabreúva (*Myrcarpus frondosus*), a canela imbuia (*Nectandra megapotamica*), a canela-preta (*Ocotea catharinensis*), a guabirobeira (*Campomanesia xanthocarpa*), o pessegueiro-bravo (*Prunus myrtifolia*), a uvaia (*Eugênia pyriformis*), a tarumã (*Vitex megapotamica*), a sapopema (*Sloanea monosperma*) e a imbuia (*Ocotea porosa*), árvore-símbolo do estado de Santa Catarina.



Sapopema Centenária (*Sloanea monosperma*)



Líquens vermelhos, indicadores de qualidade do ar

A fauna local classifica-se na província zoogeográfica Guarani, e os trabalhos de campo desenvolvidos por Raimundo (2003)<sup>15</sup> entre 2001 e 2002 registraram a presença de 81 espécies de aves, representando 13,6% da avifauna do estado de Santa Catarina.

<sup>15</sup> RAIMUNDO, M. G. Estudo do processo de criação de uma unidade de conservação no Vale do Rio do Peixe. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental)–Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003.

A criação da Unidade de Conservação mostrou-se de relevância regional em virtude das inúmeras nascentes aí existentes, por constituir um importante reservatório de sementes e ser um centro dispersor de fauna e flora. Tem, em seu interior, o Núcleo Pedagógico de Educação Rural (Nuperajo), escola cujos professores participaram do Projeto *Formação de Educadores Ambientais*, pesquisa-ação desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado em Educação da Unesco de Joaçaba com o objetivo de ampliar a sensibilização da comunidade do entorno para o cuidado e a preservação desse importante patrimônio natural localizado às margens da BR 282, que liga nosso Estado aos países do Mercosul, e a poucos quilômetros da BR 153, com ligação natural com os estados do Rio Grande do Sul e Paraná.

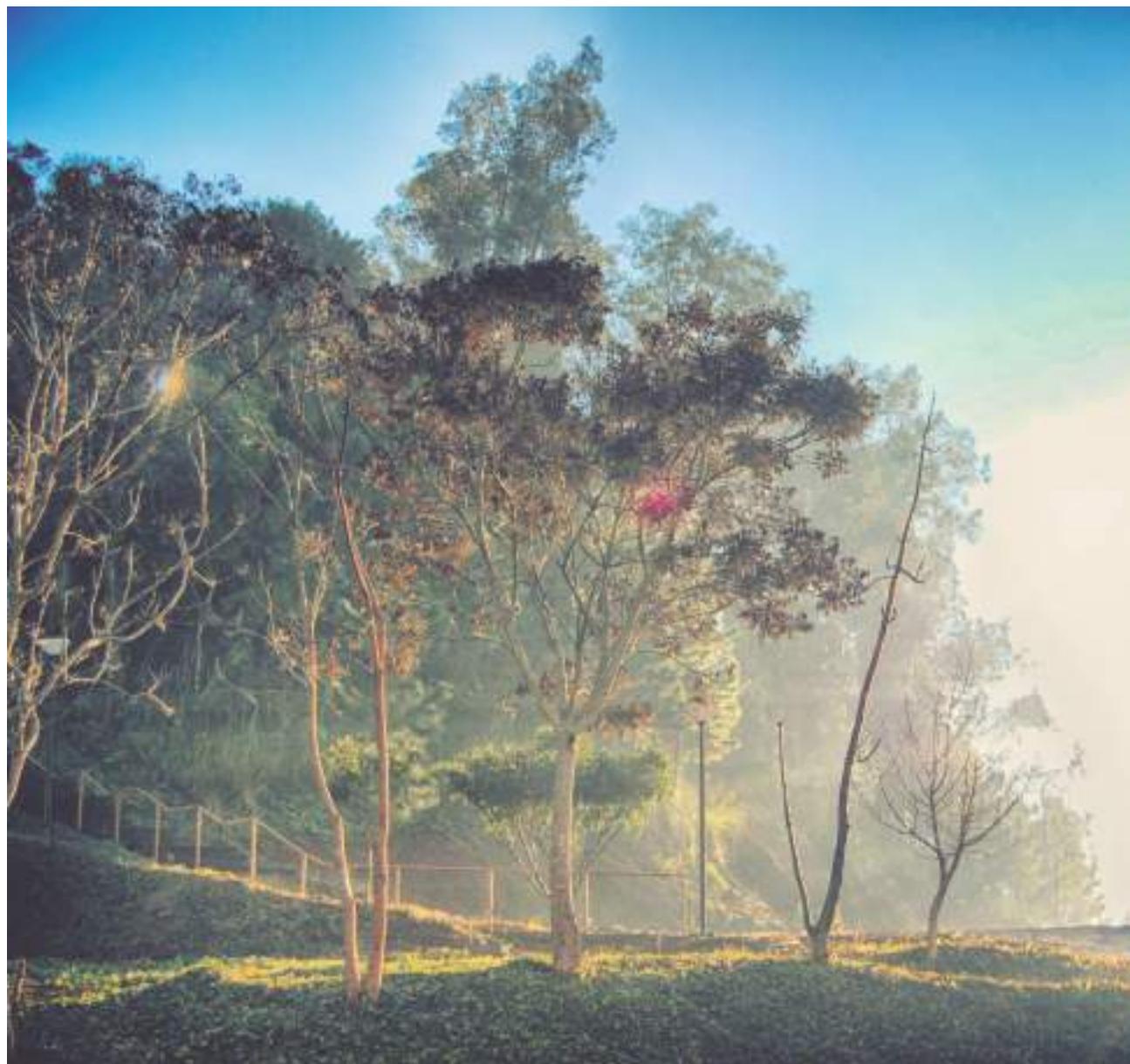
As potencialidades do Parque ainda não foram devidamente reconhecidas pela comunidade. Ele abriga um patrimônio ecológico da maior grandeza. Trata-se de uma área que sobreviveu ao rápido e intenso processo de derrubada e de extração das florestas de araucárias (e outras espécies) da região. A floresta possui árvores centenárias, que sobreviveram ao tempo pelo fato de estarem numa área pública de posse do Ministério da Agricultura.

A área oferece pelo menos três grandes potencialidades. O primeiro potencial é de natureza científica e tecnológica, pois o Parque é um extraordinário laboratório natural que permite desenvolver pesquisas e projetos inovadores em inúmeras áreas de conhecimento e de atuação profissional. A área é, potencialmente, a “casa” de biólogos, botânicos, engenheiros ambientais,

engenheiros florestais, agrônomos, educadores. O segundo potencial é de natureza formativa e educativa. O Parque pode servir às universidades e às escolas da região para o desenvolvimento de inúmeras atividades de educação ambiental, bem como para as atividades e estudos de campo, estágios, projetos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. O terceiro inegável potencial é de natureza turística. Cada vez mais as áreas naturais estão sendo incorporadas pelas pessoas que residem nos espaços urbanos como alternativas de lazer e de relaxamento. O Parque está localizado próximo a inúmeros municípios da região, além de situar-se nas imediações de uma importante rodovia, que permite acesso rápido e fácil a ele. Em poucos minutos é possível acessar a área e usufruir de tudo o que a natureza continua a nos oferecer de graça e de forma sempre renovada.



Créditos: Lucivani Gazzóla



Créditos: Talita Savaris

### 3.8 DISTRITO DE NOVA PETRÓPOLIS



Créditos: Giovana Patrícia Bizinela

#### Histórico – 13 de maio de 1890

Antônio Trindade dos Santos, caboclo destemido, sua esposa e um filho, que apenas começava a andar, embrenhavam-se mata adentro. Por último vinha o burro de cargueiro. Já há muito haviam atravessado o rio

<sup>16</sup> Representante comercial com formação em Contabilidade; joaçabense de Nova Petrópolis, mora atualmente em Curitiba, PR.

Orildo Bulgarelli<sup>16</sup>

do Peixe. Ele, de machado e foice, abria a picada que os levava cada vez mais para dentro da mata.

A noite descia, tudo cobrindo com seu véu preto. Em frente, um pico apontava para os céus. Para enfeitá-lo, algumas estrelas que cintilavam, e, por trás, a lua com sua coroa prateada. Ouvia-se continuamente o ruído amortecido de uma queda d'água, que aos poucos se aproximava.

Depois de alguns passos, despontou com o limiar da rainha da noite uma bela e espumante cascata, onde a água saltava de pedra em pedra descrevendo graciosas curvas. Este foi o local escolhido pelo chefe da família para o repouso noturno. Momentos após, o sono dominava a pequena caravana, fatigada pela longa caminhada.

Veio o despontar da aurora, acompanhado do gorjeio dos passarinhos, que naquele momento davam as boas-vindas, desconfiados, àqueles que seriam hóspedes e senhores do lindo vale, os fundadores de Nova Petrópolis. Antônio Trindade dos Santos, pela vez primeira, lavava seu rosto nas límpidas águas do rio que mais tarde receberia o nome de Tigre.

Depois, subindo a cascata, contemplou, vislumbrando, o monte que estava à sua frente e, radiante, descortinou o vale com sua verde mata que recebia os primeiros raios solares!



Créditos: Giovana Patrícia Bizinela

E aquele homem forte, de olhos penetrantes, que havia partido sem rumo de terras distantes, resolveu fazer ali a sua morada. Dentro de poucos dias estava pronta a pequena cabana que servia de abrigo seguro à sua família.

Somente em 1900 mais duas famílias chegaram às margens do rio do Tigre, seguindo o carreador feito 10 anos antes. Já de mais longe avistaram o salto d'água e a casa do xará Antônio Trindade, onde se hospedaram.

E à noite, *ao rodar a cuiá de chimarrão, três homens destemidos, caboclos resolutos e arrojados, traçam planos e discutem. Por fim, Antônio Cordeiro e Antônio Pacheco resolveram ser vizinhos do seu precursor, e mais dois ranchos foram construídos. A partir de então, aquele lugar ficou sendo chamado de “Três Casas”. Nenhum progresso teve Três Casas até 1920. Seus moradores, à custa de burro de carga, iam buscar mantimentos e agasalhos na longínqua cidade de Porto União. Seu meio de vida e renda eram a caça, a pesca, a extração da erva-mate e a criação de algum gado e caprinos.*

Em 1920 veio a Cia. Moserle de Colonização. Para que o “seu” Antônio Trindade dos Santos continuasse a ser dono daquele rincão, teve que se dirigir ao governo do Estado, que o presenteou com duas colônias de terra.

Junto com a Cia. de Colonização vieram os primeiros imigrantes italianos, os quais iniciaram o desmatamento e o trabalho na agricultura.

Em 1925 os senhores Maximiliano Bulgarelli e Antônio Trindade dos Santos ergueram a primeira capela, sendo capelão o Pe. Frei Solano, OFM. Para padroeira foram escolhidas as Três Pessoas da Santíssima Trindade.

O centro do comércio transformou-se na cidade de Catanduvás, que veio a ser Comarca e à qual Três Casas pertencia. Antônio Trindade dos Santos foi nomeado Vice-Prefeito do Município.

Houve, então, um surto de desenvolvimento com a extração da madeira, principalmente o pinho. Instalaram-se muitas serrarias, o que obrigou a abertura de algumas estradas.

Porém, com a transferência da Comarca de Catanduvás para Joaçaba, Três Casas passou a integrar este novo município.

No dia 13 de fevereiro de 1950, conforme Lei n. 1, Três Casas foi elevada à categoria de Distrito, sendo seu primeiro Intendente o Sr. Benevenuto Cesar Branco. A partir de então o lugar ficou sendo chamado de Nova Petrópolis – por sugestão da Irmã catequista franciscana Augusta Neotti, que tinha um irmão estudando para ser padre na cidade de Petrópolis, RJ –, nome que conserva até hoje.



Créditos: Giovana Patrícia Bizinela

A população do distrito, situado na altitude de 755 m, é de 663 habitantes, na sua maioria descendentes de italianos que migraram do estado do Rio Grande do Sul. Destes, 579 são cadastrados como eleitores.

Em termos de educação e saúde, a Escola Reunida Professora Julieta Lentz Puerta atende aos alunos da comunidade e de vários bairros da cidade de Joaçaba, em período integral, do primeiro ao nono ano. A atual diretora é a Professora Dionilce Carpegiani Bulgarelli. A escola tem bons indicadores de qualidade, atestados pelo município e pelo Ministério da Educação. Na saúde, a comunidade possui uma Unidade Básica de Saúde, com atendimento dos seguintes profissionais: um médico, um dentista, uma enfermeira, uma técnica de enfermagem, duas agentes comunitárias de saúde com atendimento domiciliar, para acompanhamento a pessoas acamadas ou domiciliadas, grupos de diabéticos e hipertensos.

Economicamente, a base principal é a pecuária, principalmente na produção de aves e suínos. Apesar de a produção leiteira ser menor que a avicultura de corte e a suinocultura, é uma atividade muito importante, pois é dela que muitas famílias tiram sua renda mensal. A produção agrícola é considerada familiar e se resume a pequenas lavouras de milho e soja, cultivo de erva-mate e extração de madeira.

Como é característico na região Oeste, em Nova Petrópolis predomina a religião Católica Apostólica Romana. Atualmente a capela é atendida pela Paróquia São José e Diocese de Joaçaba, sendo o Bispo Diocesano Dom Mário Marquez, o vigário o Padre Amarildo Jorge Dellagrano e o pároco o Padre Gilberto Antônio Boçon.



Créditos: Giovana Patrícia Bizinela

Até o ano 1966 a capela era construída de madeira. Entre 1966 e 1967 foi construída a atual, de alvenaria, com a ajuda da comunidade religiosa, presidida pelo senhor Narciso Bulgarelli e sob a orientação do Padre Frei Davino Munaretto. Existe, também, uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus, atendida por um pastor de Joaçaba.

Anualmente, no dia 12 de outubro – dia de N. Sra. Aparecida – é realizada uma romaria com celebração da Santa Missa até o Santuário situado no morro mais alto da

comunidade. A cada ano cresce a vinda de romeiros, inclusive de outras localidades.

As principais entidades disponíveis são: Associação de Moradores – Pres. Sueli Gross; Grupo de Mulheres Agricultoras; Grupo da Terceira Idade; Clube 4/S Esquina; Conselho Administrativo da Igreja – Apostolado da Oração e Legião de Maria; Encontro de Casais; e Esporte Clube Petropolitense, com equipe de futebol.



70 anos das irmãs catequistas franciscanas

### 3.9 O DISTRITO DE SANTA HELENA



Roseli Maria Lago<sup>17</sup>

Pesquisas realizadas com as famílias mais antigas da nossa região indicam que os primeiros moradores chegaram a Santa Helena por volta do ano 1910, sendo eles Salvador Cardoso, avô de Luiz e Salvador Eleutério, junto com mais dois irmãos. Vieram do Rio Grande do Sul abrindo piquetes na mata e pararam nesta região porque

havia abundância em água, caça, erva-mate e pinheiros, cuja semente, o pinhão, era usada para engordar suínos.

Acredita-se que por volta de 1917 existiam alguns moradores na comunidade, sendo os primeiros de que se tem registro: Genuíno de Oliveira e Abenizer Brasil. Após a década de 1930, diversas famílias provenientes do Rio Grande do Sul começaram a se estabelecer na comunidade, em sua maioria descendentes de italianos.

Com a chegada de novos moradores nas décadas de 1940 e 1950 a vila cresceu, surgindo, então, a necessidade de uma nova capela com mais espaço. A construção da atual capela se iniciou por volta de 1953 e foi concluída em 1960, toda em tijolos trançados, sem o uso de ferro. O projeto da capela foi de Frei Edgard, e o pedreiro responsável, o Sr. Domingos Gaglietti, contando com o apoio da comunidade, que colaborou com dias de serviço. O terreno foi doação de Ângelo Sganzerla e pertence à Mitra Diocesana.

Contemporânea à construção da capela, foi edificada nova escola, administrada pelas freiras irmãs catequistas, das quais a mais popular e que por muitos anos trabalhou na comunidade foi a sempre lembrada Irmã Honorata. O colégio foi transferido para o poder público por volta de 1965. É importante ressaltar que o Bispo Dom Mario Marquez da catedral de Joaçaba residiu na Linha Pinhal e estudou na Escola Municipal Anita Lopes Vieira.

Santa Helena fazia parte do distrito de Nova Petrópolis antes de pertencer, por 23 anos, a Jaborá. A comunidade apresentou o desejo de anexar-se ao município de Joaçaba, e aos 16 de outubro de 1987 solicitou esse desmembramento. O Legislativo de Jaborá resolveu por unanimidade aprová-lo, respeitando a vontade e manifestação da comunidade.

<sup>17</sup> Diretora da Escola Municipal Anita Lopes Vieira; Educadora do Sistema Público Estadual e Municipal na Área de Línguas

Em 05 de novembro de 1988, conforme a Lei n. 1455/88, a comunidade de Santa Helena foi elevada à categoria de Distrito, sendo seu primeiro intendente o Sr. Santinho Albiero. Passaram pela Intendência vários intendentes, cargo não exercido atualmente. O Distrito conta com as seguintes instalações: Intendência Distrital, sala de reuniões, posto de saúde, consultório médico, consultório odontológico e posto bancário.

A Escola Municipal Anita Lopes Vieira iniciou suas atividades em 1941, quando pertencia ao Estado. Passou a ser oficialmente escola municipal pela Lei n. 2.561, de 07 de agosto de 1998. Seu primeiro professor foi Altair Verão Pontes, que lecionou por dois anos; o inspetor escolar era Márcio Garcia. De 1943 a 1945 foi regida pelo professor Edenezir Brasil. De 1946 a 1948 foi desdobrada de Santa Helena, Distrito de Jaborá, município de Joaçaba, sendo seu professor Anselmo Veroneze.

Em 1949 chegaram as irmãs catequistas, que foram diretoras e permaneceram até 1969. Nessa escola estudaram muitas pessoas ilustres que fizeram parte da história de Joaçaba, como os prefeitos Normélio Zilio, Raul Furlan e Joventino De Marco (vice), Iraí Zilio (deputado) e Dom Mario Marquez (bispo). No ano 1970 a escola já era regida pela Professora Maria Claudete Lorenzetto. As irmãs deram grande contribuição à comunidade por 20 anos. Nesse período de tempo, a escola teve uma média de 100 alunos por ano. A escola atualmente atende a 54 alunos das comunidades circunvizinhas: Santa Helena, Linha Ficagna, Pato Roxo, Linha Quioca, Km 16, Km 20, Linha Quioca, e bairros da cidade de Joaçaba. A comunidade é atendida pelo posto de Saúde desde 1987.

A base econômica de Santa Helena é a agricultura, destacando-se como principais produtos milho, feijão e

trigo, e a pecuária nos arredores do Distrito. Nos últimos anos desenvolveu-se muito a suinocultura, a avicultura, o laticínio de leite e a extração da erva-mate. A população estimada é de 1.050 pessoas que residem em diversas linhas e na sede principal.

Na comunidade de Santa Helena as religiões professadas são a Católica e a Evangélica – Assembleia de Deus. A vida social é representada pela sede de esportes (Esporte Clube Avante) com campo de futebol, cancha de bolão e um centro comunitário da Igreja Católica para festas e afins. Alguns grupos de pessoas se reúnem para atividades de recreação e descontração na comunidade: o Clube de Mães Harmonia e o Grupo da Melhor Idade Primavera.



Capítulo 4

Geografía Humana

---



Visita de políticos e empresários de Joaçaba às instalações da Varig em Porto Alegre por ocasião do voo inaugural da empresa àquela cidade em 1951.

Ao fundo, no aeroporto de Joaçaba, o bimotor Curtiss Commandor (da esquerda para a direita): Romano Massignan, Brasília Celestino de Oliveira, Getúlio Camargo (Gerente da Varig), Bráulio Xavier, Rogerio Fagundes, Jose Waldomiro Silva, Albino Biaggio Sganzerla, Jose Benedito Muniz de Queiroz - chefe da Rede Ferroviária Federal, Jaco Spessato, Atillio Pagnoncelli, Carlos Zimmer - gerente do Banco INCO, Ruben Berta, José Miranda Ramos, Raul Anastácio Pereira, Joaquim Guerreiro - funcionário da Varig, Eitel Brenner, Harri Meier, Darcí Gomes, Francisco Lindner, Francisco Santini, Oscar Matte, Arnildo Ko-Freitag, Domingos Romano Grotto, Geraldo Tomaz.



# PODERES PÚBLICOS





## 4.1 PODER EXECUTIVO

Os governantes de Cruzeiro desde 1917 até 1943 estão descritos no capítulo 2 deste livro, no artigo de Enéas Jeremias de Queiroz. São nominados a seguir os primeiros 19 Prefeitos. O vigésimo, Newton da Luz Macuco, governou o município sob as duas denominações: Cruzeiro e Joaçaba.



01



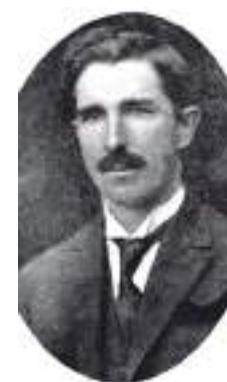
02



03



05



06

01 – Lauro Severiano Rupp – 10/11/1917 a 08/08/1918

02 – Lázaro Bastos – 08/08/1918 a 01/01/1919

03 – Manoel Otávio Bittencourt – 01/01/1919 ao final de 1921

\*04 – Estevam Pires – final de 1921 a meados de 1922

05 – Antônio Gonzaga – meados de 1922 até o dia 01/01/1923

06 – Vitor Felipe Rauen – 01/01/1923 a 01/01/1927

07 – Manuel do Nascimento Passos Maia – 01/01/1927 a 10/10/1930

08 – Joaquim Ennes Torres – 10/10/1930 a 28/10/1930

09 – Pedrini Primo Biggin – 28/10/1930 a 31/12/1930

\*10 – Gervásio Rodrigues – 31/12/1930 a 15/04/1932

\*11 – João Álvares da Fontoura – 15/04/1932 a 07/02/1933

12 – Pedro Kuss – 07/02/1933 a 22/04/1933

13 – Antônio Martins dos Santos – 22/04/1933 a 18/11/1933

14 – José Luiz de Castro – 18/11/1933 a 14/07/1934

\*15 – Genésio Guilherme Paz – 20/07/1934 a 28/11/1934

16 – Gasparino Zorzi – 28/11/1934 a 16/10/1935

\*17 – Genésio Guilherme Paz – 16/10/1935 a 16/04/1936

18 – Manuel do Nascimento Passos Maia – 16/04/1936 ao final de 1936

19 – Luiz Dalcanalle Filho – final de 1936 a 04/08/1941



07 | 18



08



09



12



13



14



16



19

\*Não foram encontrados registros fotográficos

**20 – Newton da Luz Macuco – 04/08/1941 a 04/12/1945**



Natural de Florianópolis, nasceu em 17 de novembro de 1898. Coursou o Grupo Escolar Lauro Müller e o Ginásio Catarinense. De 1934 a 1936 foi Coletor em Cruzeiro do Sul, retornando para Florianópolis como

Primeiro Escriturário da Fazenda do Estado. Em 1940 foi nomeado Delegado Regional do Serviço do Recenseamento, com sede em Cruzeiro. Em agosto de 1941 assumiu a Prefeitura de Cruzeiro que, no decorrer da sua gestão, passou a denominar-se Joaçaba. Suas principais obras foram a conclusão e instalação do Grupo Escolar Roberto Trompowsky, a construção da Cadeia e do Centro de Saúde. Exonerado a 4 de dezembro de 1945, regressou a Florianópolis.

**21 – Euclides Simões de Almeida – 04/12/1945 a 28/01/1946**



Nasceu dia 20 de maio de 1918 em São Bento de Sul (SC). Coursava a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil no RJ quando, em 1937, entrou para a Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Distrito

Federal. Em 1942 foi graduado Tenente. Nesse mesmo ano foi nomeado prefeito de Palhoça (SC). Em 10 de setembro de 1945 foi nomeado Delegado Especial de

Joaçaba, tendo assumido a Prefeitura Municipal em dezembro. Acometido de febre tifoide, deixou o cargo em janeiro de 1946, sendo transferido para Florianópolis. Em 1959 alcançou o posto de Coronel e foi nomeado Comandante Geral da Polícia Militar de Santa Catarina.

**22 – Newton da Luz Macuco – 28/01/1946 a 26/07/1946**

Atendendo ao pedido do interventor Luiz Galotti, Newton Macuco voltou ao cargo de Prefeito em 28 de janeiro de 1946, que exerceu até 26 de julho desse ano. Em Florianópolis, foi diretor da Caixa Econômica Federal de Santa Catarina até 1956, quando, a convite do governador Jorge Lacerda, passou a dirigir o Tesouro do Estado.

**23 – Gilberto Evilásio da Luz – 26/07/1946 a 1947**



Engenheiro civil, sucedeu a Newton da Luz Macuco por nomeação do então Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, Nereu Ramos, e renunciou no ano seguinte em favor do Presidente da Câmara de

Vereadores, Domingos Bonato.

**24 – Domingos Floriani Bonato – 1947 a 31/01/1948**



Nasceu em São Paulo em 28 de setembro de 1893. Foi para a Itália com os pais e de lá, aos 18 anos, para a Argentina, onde trabalhou como ferreiro. Voltando ao Brasil em 1917, foi morar em Passo Fundo, balconista da firma João

Floriani, tendo se casado com Sirene Becker Bonato. Em 1921 mudou-se para Marcelino Ramos, onde montou casa comercial, tendo em 1923 aberto filial em Herval d'Oeste, transferindo-a posteriormente para Joaçaba, para onde foi morar em 1943. Como fundador e Diretor-Presidente da firma Bonato S/A, projetou-a como o principal estabelecimento comercial da cidade. Foi vereador por Joaçaba, ocupando por diversas vezes o cargo de Presidente da Câmara Municipal.

**25 – Oscar Rodrigues da Nova – 31/01/1948 a 31/01/1951**



Nasceu em Jaraguá do Sul (SC) em 3 de janeiro de 1907. Em São Paulo, formou-se contador. Em 1925 transferiu-se para Capinzal, e de lá para Campos Novos, onde foi Secretário-Tesoureiro da prefeitura

local. Em 15 de novembro de 1933 passou a residir em Cruzeiro do Sul, casado com Alécia Antunes de Souza, tornando-se gerente da firma Carlos Hoepcke S.A.

Nas eleições municipais de 1947, concorreu à Prefeitura pelo PSD, sendo eleito com 4.046 votos, contra 3.247 da coligação UDN-PTB. Em três anos do mandato construiu o Aeroporto Santa Terezinha, o Estádio Municipal, deixou em fase de acabamento o prédio da Prefeitura, abrigando Fórum e cartórios, além de abrir novas ruas, macadamizar outras, colocar meio-fio na maioria delas, criar novas escolas. Em 31 de janeiro de 1951 assumiu cadeira na Assembleia Legislativa. Foi reeleito deputado estadual em 1955 e 1958.

**26 – José Waldomiro Silva – 31/01/1951 a 31/01/1955**



Nasceu em 21 de junho de 1902 em Campos Novos. Nos anos 1920 e 1921 exerceu a função de Fiscal do Estado nas estações ferroviárias de Rio Uruguai e Rio de Peixe (Piratuba) e de 1922 a 1925 foi Fiscal Geral do município

de Cruzeiro, exercendo ainda, interinamente, o cargo de Escrivão de Limeira. Designado Escrivão de Paz do recém-criado distrito de Itá, foi nomeado em 1927 escrevente juramentado do Cartório Geral da Comarca de Cruzeiro, e finalmente, em 1931, Tabelião de Notas e Escrivão dos Feitos da Fazenda, até 1946, quando se aposentou.

Na política, foi eleito vereador em 1935, mas afastado desse cargo pelo golpe de Estado de 1937. Em 1950 elegeu-se Prefeito de Joaçaba, obtendo 3.961 votos. Deu continuidade às obras do aeroporto e do Estádio Municipal, ampliou as

estradas municipais, construiu ponte baixa sobre o rio do Peixe em Ibicaré. Realizou a primeira Exposição Estadual do Trigo. Renunciou, porém, antes do término do mandato, em 31 de janeiro de 1955, para assumir as funções de deputado estadual, sendo reeleito para o período de 1959-1962.

**27 – Benevenuto Cesar Branco – 31/01/1955 a 28/02/1955**



Por ser o Presidente da Câmara Municipal, ocupou o cargo de Prefeito por breve período, para cobrir a ausência de José Waldomiro Silva até a nomeação de Albino Sganzerla.

**28 – Albino Biaggio Sganzerla – 28/02/1955 a 31/01/1956**



Nasceu em Guaporé (RS) em 2 de fevereiro de 1912. Desde a infância trabalhou com os pais, Ângelo e Maria, na loja de comércio de produtos secos, molhados, ferragens de diversos gêneros. Em 1936 Albino

veio trabalhar na firma Ponzoni, Brandalize & Cia. em Videira. Alguns meses depois, mudou-se para Cruzeiro do Sul, contratado contador do Frigorífico Pagnoncelli. Em 1937 abriu Escritório de Representações Comerciais com razão social de Albino Sganzerla & Cia.

Em 1939 Albino esposou Zenaide Glória Sganzerla e tiveram seis filhos. Fundou as firmas Distribuidora de Caminhões Dodge e de autopeças Sganzerla, Scherer & Cia, sendo também concessionárias Crysler. Em 1957 iniciou as atividades da Imcal Importadora Catarinense S./A. no ramo de Atacadista de produtos industrializados e importados.

Albino Biaggio Sganzerla, empresário dinâmico, a comunidade e o Frei Edgar Loers o elegeram por 7 mandatos Presidente da Comissão Pró-Construção da gótica Catedral Santa Terezinha, concluindo a vultosa obra em 1955. Foi fundador e por oito mandatos Presidente da Associação Comercial Industrial do Oeste Catarinense (ACIOC), construindo a sua sede com três pavimentos de alvenaria no centro de Joaçaba.

Como presidente da Câmara Municipal, exerceu a função de Prefeito de Joaçaba para finalizar o mandato de José Waldomiro Silva. Na sua gestão deu início às obras de calçamento das ruas centrais, construiu duas pinguelas réplicas da Ponte Hercílio Luz no centro de Joaçaba, diversas pontes no interior, criou a Patrulha Mecanizada para obras e manutenção dos 1.200 km de estradas do extenso município e no final da sua gestão realizou a 5ª Festa Nacional do Trigo com a presença do Governador e do Ministro da Agricultura.

**29 – Ruy Klein Homrich – 31/01/1956 a 31/01/1961**



Natural de Soledade (RS), nasceu em 16 de setembro de 1923. No Instituto Educacional de Passo Fundo cursou o ginásio e o contador, formando-se em 1942. Mudou-se então para Caçador, tendo se

transferido para Joaçaba em 1945 a pedido da firma Saulle Pagnoncelli S.A. como subchefe de escritório. Em 1955 tornou-se Diretor-Gerente da firma Romano Massignan. Em outubro desse ano foi eleito Prefeito de Joaçaba pela UDN. Realizou governo progressista e equilibrado. Em 1958, fruto de seus empreendimentos, Joaçaba foi proclamado como um dos 10 municípios de maior progresso no Brasil. Na sua gestão a cidade foi dotada da Praça Adolfo Konder, foi iniciado o calçamento de diversas ruas, construída a estação de passageiros do Aeroporto Municipal. Durante o desfile cívico de 7 de Setembro, ao presenciar tantos jovens desfilando, concluiu que Joaçaba necessitava trazer mais empresas para oferecer trabalho e renda. Conseguiu então implantar a Empresa Incobrasa Catarinense, mais tarde incorporada pela Sadia, e depois ADM.

Ruy Homrich foi um dos fundadores da Sociedade Cultural e Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste (SCAJHO) e também desempenhou importante papel na implantação da Associação Comercial e Industrial do Oeste Catarinense (ACIOC), entidade que presidiu entre os anos de 1962 a

1963 e 1971 a 1972. Era casado com Dulce Mírian Pereira Homrich, filha de um dos mais tradicionais moradores de Joaçaba, o Cel. Arthur Pereira. Faleceu no dia 10 de maio de 2011, aos 88 anos. Em seu sepultamento, a Banda dos Tiroleses de Treze Tílias prestou-lhe homenagem. A gestão de Ruy Homrich ocorreu em um período de crescimento econômico significativo de Joaçaba.

**30 – José Waldomiro Silva – Reeleito: 31/01/1961 a 31/01/1966**

Desta vez José Waldomiro Silva renunciou à função de Deputado Estadual, para ser reconduzido à Prefeitura Municipal, após vencer Paulo Stuart Wright por 9 votos. Neste segundo mandato calçou a paralelepípedos mais de trinta mil metros quadrados de ruas na cidade e em Luzerna, manteve em contínuo funcionamento 21 escolas, todas convenientemente mobiliadas e instaladas em prédios próprios, renovou o parque rodoviário, melhorou a oficina de emergência para as máquinas e a fábrica de tubos da Prefeitura, construiu diversas casas para funcionários, remodelou a caserna do Tiro de Guerra, realizou completo serviço de drenagem em toda a pista do aeroporto municipal.

**31 – Udilo Antônio Coppi – 31/01/1996 a 31/01/1970**



Nasceu no distrito de Santa Tereza em Bento Gonçalves, a 7 de setembro de 1928, filho de João e Laura Coppi. Cursou o primário no Grupo Escolar de Santa Tereza, passando em seguida a ajudar os pais

numa pequena indústria de madeira e marcenaria. Com 16 anos, trabalhou como ajudante de João Janizella na instalação de moinhos. Trabalhou como técnico neste mesmo ofício em outras firmas. Em Joaçaba executou o serviço técnico dos moinhos Santa Elizabeth (Romano Massignan), Irmãos Zílio Ltda., Ind. & Com. Kunz, Germano Poyer, Aquiles Piovesan S.A (Eral Velho), D'Agostini e Antonio Vier Ltda. (Lacerdópolis).

Estabeleceu-se definitivamente em Joaçaba em 23 de março de 1955, quando ingressou na firma Irmãos Zílio, como acionista e gerente. No dia 25 de maio de 1957, na cidade de Caçador, casou-se com Lucilla Mioni Coppi, nascendo dessa união os filhos Airton, Roberto, Laércio e Adriana.

Durante 24 anos foi presidente do Sindicato das Indústrias do Trigo no Estado de Santa Catarina (Sinditrigo), tendo também exercido o cargo de diretor da FIESC por 21 anos. Foi presidente da ACIOC no biênio 1974/1975. Participou ativamente do Lions Club Joaçaba Centro durante 35 anos. Foi fundador do Clube de Automóveis Antigos de Santa Catarina, o primeiro clube

de antigomobilistas do Estado. Além de atuar na indústria moageira, fundou a Coppi Máquinas, que fabricava máquinas e equipamentos para a indústria moageira, frigoríficos (empanados, pizzas e lasanhas), indústria de soja, milho, trigo e arroz, com sistemas de transporte pneumático, armazenagem e limpeza. Atuando em todo o Brasil e no Mercosul, elevou o nome de Joaçaba, aliando a tecnologia e a eficiência que marcam a gente catarinense.

Várias obras destacam-se em sua administração: ligação pavimentada entre o município de Joaçaba ao distrito de Luzerna; implantação e instalação do Sistema Intermunicipal de Água e Esgoto (Simae); aquisição de maquinários pesados para a área urbana e rural; fundação da Cooperativa Tritícola Rio do Peixe (Cooperio); viabilização e assinatura da fundação da FUOC, hoje Unoesc; criação da Biblioteca Pública; construção do Ginásio de Esportes para os Jogos Abertos de 1967, o “Silveirão”, homenagem ao governador Ivo Silveira; ampliação da subestação da Celesc para suporte às indústrias estagnadas por falta de energia elétrica. Em sua gestão, foi presidente da Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense (AMMOC). Organizou no ano do cinquentenário a 1ª Frinajo – Feira Regional da Indústria e Agropecuária de Joaçaba.

**32 – Nilson Germano Zomkowski – 31/01/1970 a 31/01/1973**

Vice-Prefeito: Ivo Rodrigues de Carvalho



Nilson Germano Zomkowski nasceu em 27 de maio de 1937, em Catanduvas, SC. Filho de Ladislau Zomkowski e de Clara Zomkowski, descendentes de italianos e poloneses, concluiu o ensino médio em

Curitiba, graduando-se em Odontologia pela UFSC, em Florianópolis. Foi deputado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina na 8ª legislatura (1975-1979) e na 9ª legislatura (1979-1983), eleito pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Iniciou sua carreira política como vereador em Joaçaba em 1963, e, enquanto Prefeito da cidade, pela Lei 677, de 18 de julho de 1972, autorizou a doação de área de terras de 67.472 m<sup>2</sup> para a instalação do *campus* universitário da Unoesc – Universidade do Oeste de Santa Catarina.

**33 – Raul Furlan – 31/01/1973 a 01/02/1977**

Vice-Prefeito: Rubens Carlesso



Natural de Caxias do Sul, Raul Furlan nasceu em 22/12/1936. Chegou a Joaçaba em 1943, para estudar no Ginásio Frei Rogério. Formou-se como Técnico do Comércio em 1958. Foi calouro da 1ª turma do curso de Administração

da FUOC (hoje Unoesc). É casado com Nadja Terezinha Saraiva Furlan, com quem tem dois filhos, Raul Júnior e Laís. Sua vida profissional foi construída como empresário nos ramos comercial e agropecuário. Na política, foi vereador de 1967 a 1969, sendo o presidente da Câmara Municipal por ocasião do cinquentenário. Presidiu a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), foi Secretário de Estado de Desenvolvimento Regional entre 2004 e 2006 e Gerente Regional da Fundação do Meio Ambiente (Fatma) entre 2007 e 2009.

Como agente político, Raul Furlan deixou expressivo legado de realizações: o abastecimento de água foi significativamente melhorado e ampliado, principalmente neste primeiro mandato. Também deste período destacam-se a construção da Rodoviária Municipal, calçamento e asfaltamento de ruas urbanas e rurais, abertura de novas ruas, construção de acessos para pedestres e escadarias, patrolamento de estradas continuamente, bem como aquisição de equipamentos

agrícolas, construção de quadras esportivas e obras de mobilidade urbana.

**34 – Evandro Santos Magalhães de Freitas – 01/02/1977 a 01/02/1983**

Vice-Prefeito: Ademio Hoffelder



Nasceu em 01/11/1929 em Joaçaba, filho de João Leôncio e Clara Adélia Magalhães de Freitas. Estudou no ginásio no Colégio Frei Rogério e no Colégio Cristo Rei. Trabalhou na Rede Ferroviária e no

Ibama, onde foi agente de inspeção de indústria e comércio, até sua aposentadoria. Casou-se em 1957 com Claedy Toscan, com quem teve os filhos Ricardo e Rosângela. Foi vereador no período de 1973 a 1977. Faleceu aos 79 anos, sendo sepultado em Joaçaba em 31/1/2009.

Como Prefeito suas principais realizações foram: investimento no Carnaval (blocos e bailes, Escola Vale Samba e Escola Unidos de Herval), construção da ponte que liga a Av. XV de Novembro com a Rua Duque de Caxias; outra em Nova Petrópolis; uma sobre o rio Limeira em Luzerna; uma sobre o rio Caraguatá – Linha Abatti. Destacam-se também: calçamento do acesso ao Campus Universitário FUOC; passarela da Av. XV de Novembro com a Rua Roberto Trompowsky; núcleo habitacional da Cohab; Fórum da Comarca; Escola Municipal Clara

Zonkowsky, no bairro Flor da Serra; primeiro Bloco da FUOC; início do Teatro Municipal; prédio do CNEC; Centro Social Urbano na Vila Pedrini; Posto de Saúde em Luzerna; início da implantação da rede de esgoto; fundação do Joaçaba Esporte Clube-JEC; 1ª Indoesc – Feira Industrial do Oeste Catarinense em 1980; instalação de Posto de Saúde e sistema de abastecimento de água em Nova Petrópolis.

**35 – Normélio Zílio – 01/02/1983 a 02/01/1989**

Vice-Prefeito: Antoninho Brandt



Normélio Zílio é filho de Anselmo e Gentila Gasparini Zílio. Nasceu em 10 de maio de 1941, na cidade de Catanduvas. Casou-se em 1975 com Jacira Maria Paravisi, com quem teve três filhos: Leonardo, Roberto

e Carolina.

Foi gerente da Rádio Catarinense de 1967 a 1977 e gerente administrativo da Cooperativa Cooperio de 1977 a 1982. Dirigiu a Regional da Celesc em 1989 e 1990. Agente Publicitário de 1991 a 1994, foi Diretor Regional do IPESC de 1995 a 1997. Vereador (PMDB) no período de 1974/1977, elegeu-se deputado estadual em 2002. Foi Coordenador Regional da Educação em Joaçaba em 2003 e nomeado o primeiro secretário da Secretaria de Desenvolvimento Regional (SDR) de Joaçaba entre 2003 e 2004. Faleceu em 21 de fevereiro de 2004.

**36 – Raul Furlan – 02/01/1989 a 01/01/1993**

Vice-Prefeito: Norival Fiorin



Raul Furlan sobressaiu-se no segundo mandato nas áreas de educação, economia e serviço social.

Na educação, empenhou-se em assegurar que o estudante do meio rural pudesse concluir seus estudos. Inaugurou e

reformou várias escolas do interior do município. Na área urbana também foram executadas ampliações e reformas. Em parceria com o governo estadual foram reformadas seis escolas estaduais. No ensino superior Raul Furlan atuou decisivamente para que a Unoesc tivesse seu espaço físico e condições de ampliar seu *campus*.

Na economia, foi oportunizada a atração de mais de 30 indústrias que se instalaram em Joaçaba nos seus dois mandatos atraídas por meio de doação de terrenos, incentivos fiscais e celebração de dezenas de convênios. A construção do Centro de Treinamento do Senai e a sede social do Sesi também são importantes marcos neste sentido.

Em termos de saúde e serviço social, foram ampliadas e criadas diversas políticas de atendimento à população no setor de serviços médicos, laboratoriais e farmacêuticos. Vários convênios melhoraram (ou criaram) programas de atendimento à população carente, diminuindo a incidência de doenças e aumentando os indicadores de saúde no município.

**37 – Afonso Dresch – 01/01/1993 a 21/02/1996**

Vice-Prefeito: Armino Haro Neto



Nascido em 17 de novembro de 1948 em Luzerna, filho de Afonso Edmundo e Gertrudes Dresch, teve vida atuante na política, no empreendedorismo e no turismo. Era casado com Ivone Elisabeth Dresch e dessa união nasceram três filhos: Fábio, Cinthia e Rafael.

Formado em Administração de Empresas, iniciou sua atividade profissional em 1968 como sócio subgerente da empresa Bemaluz Ltda. Luzerna. Em 1974 foi sócio fundador da Sociedade de Turismo de Treze Tílias, iniciando programa para o fomento do turismo daquela cidade. De 1983 a 1988 tornou-se pela primeira vez Chefe do Poder Executivo do município de Treze Tílias pelo qual foi agraciado com o título de Cidadão Honorário. Exerceu a presidência da Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense (AMMOC), de 1985 a 1986. De 1989 a 1990 administrou o Empreendimento Condomínio Treze Tílias Park Hotel. De 1991 a 1992 foi Secretário de Estado de Habitação, Saneamento e Desenvolvimento de Santa Catarina.

Prefeito de Joaçaba, criou a Fundação de Turismo do Vale do Contestado (Conttur), com o objetivo de fomentar e integrar o turismo regional, com abrangência dos municípios de Piratuba a Caçador, tendo sido seu primeiro presidente de 1994 a 1996. Outros projetos de

expressão: criação da Fundação Municipal de Cultura; criação de corais, bandas e grupos folclóricos; construção da Casa do Artesão e do Centro de Promoções Joaçaba (CPJ), para exposições e feiras industriais, comerciais e de prestação de serviços. O Anfiteatro Unoesc leva seu nome em razão do forte empenho a favor da cultura e educação. Em 21 de fevereiro de 1996, juntamente com seu vice, Afonso renunciou à prefeitura para concorrer a prefeito de Treze Tílias no mesmo ano, e o seu vice para concorrer a prefeito de Joaçaba. Faleceu em Treze Tílias no dia 15 de abril de 2013, aos 64 anos de idade.

**38 – Joventino De Marco - 22/02/1996 a 01/01/1997**



Nasceu em Joaçaba em 23 de novembro de 1952. Filho de Carmela e Valdomiro De Marco, casou-se com Divair e têm três filhos: Disney, Disneia e Volnei. Em 1982 concorreu ao cargo de vereador de Joaçaba, eleito com 321 votos. Em 1992 tornou-se o vereador mais votado da história do município, com 986 votos. Em 1995 assumiu a presidência da Câmara e nessa condição completou o mandato de prefeito municipal até 31 de dezembro de 1996. Em 2000, Joventino De Marco concorreu novamente a vereador e foi eleito com 982 votos. Na 15ª Legislatura, período de 2005 a 2008, reelegeu-se com 866 votos.

Suas principais realizações estão na área da infraestrutura, na pavimentação de várias estradas em

bairros de Joaçaba, como o Menino Deus; acesso ao aeroporto do município; patrolamento e cascalhamento das estradas rurais em todo o município; canalização da sanga no centro de Nova Petrópolis.

Na área habitacional, destaca-se a construção do conjunto João Pires, da escadaria no Bairro Santa Tereza e do Ginásio de Esportes no Bairro Boa Vista.

**39 – Normélio Zílio – 01/01/1997 a 01/01/2001**

Vice-Prefeito: Ricardo Grandó

Das realizações como prefeito de Joaçaba por dois mandatos e agente político, destacam-se a construção do segundo bloco do campus I da Universidade do Oeste de Santa Catarina e a doação do terreno para as instalações do campus II, onde funcionam os cursos da Saúde e das Engenharias; doação do terreno onde está sendo construído o Centro de Inovação Tecnológica; doação do terreno do Sesi; acesso asfáltico ao Sesi; instalação do Nuperajo no distrito de Nova Petrópolis; aquisição e preparação do terreno para a construção do frigorífico Aurora; organização dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) 1988 e 1989; implantação do sistema de água dos bairros Bela Vista 1 e 2, Vila Simone, Jardim das Hortênsias, Santa Clara e região do aeroporto. Recuperação de todo o sistema de esgoto dos bairros Clara Adélia e Contestado. Após a enchente de 1983, uma série de obras de recuperação foi realizada naquele e nos anos seguintes.

Ainda nas ações de governo destacam-se: inauguração do primeiro PSF do município de Joaçaba, no bairro Santa Tereza; pavimentação das ruas Saul Assad,

Alencar Bittencourt, José Gurgacz, Arcelino Wolf dos Santos, Frei Silvério Weber e Rua Jorgelino Ribeiro dos Santos, além de vários muros de contenção; construção do Ginásio de Esporte Nelson Pedrini e da escola com o mesmo nome; Conjunto habitacional do bairro Jardim Cidade Alta; no Bairro Santa Tereza foi pavimentada a travessa Cesário Silva. Substituição das pontes no mesmo bairro, as quais eram de madeira, por pontes de concreto.

40 – **Armindo Haro Neto** – 01/01/2001 a 01/01/2005

Vice-Prefeito: Jorge Luiz Dresch



Nasceu em Joaçaba em 28/11/1949, filho de Horacio Haro e Emilia Menegassi. É casado com Elia de Lima. Tem quatro filhos: Angela, Eduardo, Humberto e Felipe. Durante 14 anos foi jogador de futsal,

acumulando títulos em nível regional e estadual, fazendo parte dos grandes times de Joaçaba dos anos 70 e 80. Também atuou no futebol de campo. Após o período de esportista, ingressou na vida política, sendo vereador por dois mandatos: de 1983 a 1988 e de 1989 a 1992. Na eleição seguinte, elegeu-se vice-prefeito na chapa encabeçada por Afonso Dresch.

Em 2000 foi eleito prefeito de Joaçaba e reeleito em 2004, sendo, portanto, o primeiro prefeito reeleito de Joaçaba. No seu primeiro mandato liderou a recuperação da capacidade de investimento do poder público e

a nova organização administrativa a partir da Lei de Responsabilidade Fiscal. As dívidas, inclusive com folha salarial dos servidores, foram gradativamente quitadas e foi organizada uma nova realidade administrativa.

No âmbito da educação, uma série de obras e melhoramentos foram executados, entre manutenções, aquisição de equipamentos e recursos pedagógicos, melhorias do transporte escolar. Na organização da educação foi importante a democratização do processo, com a criação da lei para eleição dos diretores de escolas e creches.

Outro ponto de destaque é a conclusão, após mais de duas décadas, do Teatro Alfredo Sigwalt. Ainda no ramo da cultura, neste período Joaçaba foi sede de numerosos eventos, sempre apoiados pelo poder público.

41 – **Armindo Haro Neto** – 01/01/2005 a 01/01/2009

Vice-Prefeito: Marcos Antonio Zanardo

A extensa lista de realizações do Prefeito Armindo Haro Neto entra no segundo mandato: reforma da prefeitura municipal; pavimentação asfáltica de 96 ruas no município; construção de 11 miniginásios multiuso; instalação do Centro de Referência da Melhor Idade, do Abrigo Frei Bruno; viabilização do SAMU, a nova Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital Universitário, e implantação de oito Estratégias de Saúde da Família.

42 – **Rafael Laske** – 01/01/2009 a 01/01/2013

Vice-Prefeito: Joventino De Marco



Nascido em 20 de abril de 1975 no Hospital Santa Terezinha, em Joaçaba, filho de Darcy e Elfrida Dorl Laske. Casou-se com Lucíola Cristina Teixeira Darge e é pai de Rafael Augusto e Clara. Graduado em

Administração de Empresas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) de Joaçaba, pós-graduado em Administração Pública pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) foi presidente da Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense em 2016. É secretário executivo da Agência de Desenvolvimento Regional de Joaçaba desde fevereiro de 2016.

43 – **Rafael Laske** – 01/01/2013 a 01/01/2017

Vice-Prefeito: Marcos Weiss

Nos oito anos à frente da Prefeitura de Joaçaba, Rafael Laske viabilizou obras e ações importantes para o desenvolvimento do município e que se refletem em mais qualidade de vida à população. Destaque para a revitalização do Acesso Adolfo Zigelli, a construção do novo Terminal Rodoviário Horivil Zago e o início das obras do Parque Central, do ginásio de esportes no bairro Santa Tereza e do Centro de Inovação. A pavimentação de dezenas de ruas, com destaque para os acessos a Vila Cordazzo e ao Jardim Alvorada e a manutenção de estradas rurais também estão entre as realizações.

Das ações voltadas ao fomento da economia e à geração de empregos, destaca-se a intervenção para a reabertura da unidade de abate de suínos da Coopercentral Aurora Alimentos e para a implantação da primeira usina de biodiesel de Santa Catarina, na unidade da ADM. O município ainda cedeu terrenos para a construção da nova sede e da cozinha industrial do Sesi e da unidade do Senai. Foram construídas quatro Estratégias Saúde da Família (ESFs) e duas Unidades de Saúde, e viabilizado um Pronto Atendimento na área central e academias ao ar livre.

O Aeroporto Santa Terezinha foi revitalizado, a Feira Livre Municipal foi reformada e novas casas populares foram construídas, assim como a Casa Mortuária de Nova Petrópolis e as novas sedes do Tiro de Guerra e do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Foi implantada a coleta seletiva de lixo, ampliado o saneamento básico, desenvolvido o estudo socioambiental e construído um muro de gabião às margens do rio do Tigre. Além disso, foi viabilizado o projeto técnico das vias marginais, da BR-282 até a PRF. Outro projeto foi o Cidade Digital, sendo o único município catarinense contemplado no programa piloto do governo federal.

Na educação, destaque para a nova Creche Rita Costenaro Petry, a implantação da Escola em Tempo Integral e melhorias nas unidades. No esporte, as escolinhas esportivas, o Bolsa Atleta e a realização dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) em 2015, dos Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (Parajasc) em 2013 e do Campeonato Brasileiro de Tênis de Mesa em 2014. Na cultura, o Festival de Dança, o

Família na Praça e a criação da Casa da Cultura Rogério Sganzerla, além do repasse de recursos para o Teatro Alfredo Sigwalt e o Carnaval.

## O Poder Executivo do Centenário

44 – **Dioclésio Ragnini** – 01/01/2017 a 01/01/ 2021

Vice-Prefeito: Jucelino Jorge Ferraz



Dioclésio Ragnini nasceu em Cacique Doble (RS) em 10 de maio de 1961. Filho dos agricultores Ésio Patrocínio e Elza Inês Úrio Ragnini, com seus seis irmãos ajudou os pais na agricultura. Em 1974 trabalhou como cobrador de ônibus em Lages. Em 1979 começou no ramo de aço como empregado e em 1985 se tornou empresário; dois anos depois consolidou sua empresa no município de Joaçaba.

Dioclésio Ragnini é casado com Aparecida Sauer Ragnini e pai de Mariana e Guilherme. Em 2016 colocou-se à disposição para concorrer a prefeito de Joaçaba, elegendo-se para a gestão 2017/2020. Empresário, prefeito, esposo, pai sempre envolvido com a comunidade, com diversos trabalhos em associações e entidades de classe, tem a honra de estar à frente do Município no ano do Centenário.

Um dos maiores legados que Dioclésio quer deixar para Joaçaba é um município desenvolvido, atrativo para

investidores e agradável para se viver. “Joaçaba tem muito potencial para crescer e é por isso que estamos dando nosso melhor para que o Município cresça cada vez mais, de maneira desenvolvida e planejada. São 100 anos de muitas conquistas e lutas e a nossa vontade de trabalhar é a mesma vontade do povo joaçabense, que durante um século tem dado sua contribuição para esta bela cidade.”

## Vice-Prefeito: Jucelino Jorge Ferraz



Jucelino Jorge Ferraz nasceu no Distrito de Nova Petrópolis e tem onze irmãos, três filhos e quatro netos. Fez carreira como empresário no ramo publicitário, atuou no setor executivo em algumas empresas, como Docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina e também como político. Trabalha como professor desde 1984. Iniciou sua carreira pública em 2001, sendo vereador até 2004. No ano de 2013 voltou para a Câmara de Vereadores, e, no mandato concluído em 2016, foi Presidente do Legislativo.

## 4.2 PODER LEGISLATIVO

1ª Legislatura – 30/12/1947 - 31/01/1951
Antônio Lúcio Atilio Pagnoncelli Domingos Floriani Bonato Fioravante Salvador Guerino Piva Dalcanalle Jacob Balduino Antes José Almeida Pimpão Romano Massignan Virgílio Grando Virgílio Noll Wilibaldo Vier
2ª Legislatura – 01/02/1951 - 31/01/1955
Atilio Ferreti Beno Jacob Arenhart Calímero Bortolon Carlos Zimmer Ernani Abreu Santa Ritta Fioravante Bortolon Mário Denardi Olindo João Antonio Bilibio Osvaldo Bezerra de Araújo Mello Silvestre Dresch Virgílio Grando
3ª Legislatura – 01/02/1955 - 31/01/1959
Afonso Edmundo Dresh Alvino Raitz Antonio Landero da Silva Atavante Bazzo Benevenuto Cesar Branco Benno Jacob Arenhart João de Gregori Lourival Mendes Octávio Montenegro de Oliveira Paulo Walmor Kummel Severino Guerreiro
4ª Legislatura 01/02/1959 - 31/01/1963
Albino Biagio Sganzerla Alexandre Muniz de Queiroz Attilio Marino Sganzerla Claudino Mascarello Edwin Schidlowski Irineu Carlesso Ivo Nerci Hartmann Ladislau Cláudio Werpachowski Mário Antonio Fernandes Nelson Pedrini Octávio Montenegro de Oliveira

5ª Legislatura – 01/02/1963 - 31/01/1967
Alexandre Muniz de Queiroz Avelino Schneider Breno Angelo Pover Claudio Mascarello Eugênio Ascolli Flávio Ermani Barbisan Ivo Rodrigues de Carvalho Luiz Dalla Costa Nilson Germano Zomkowski Oracy Bucco Orestes Genuino Grando
6ª Legislatura – 01/02/1967 - 31/01/1970
Albino Biaggio Sganzerla Alexandre Muniz de Queiroz Clovis dos Santos Flávio Ermani Barbisan Miguel Noil Kalinoski Nelson Brunoni Nilson Germano Zomkowski Nilton José Carvalho Raul Furlan Reneo Dahmer Walter Pereira Mendonça
7ª Legislatura – 01/02/1970 - 31/01/1973
Aldo Dolzan Claudio Weiller Delcio Silvestre Guerreiro Dino de Meda Iraí Zílio Irineu Weiller João Primo Abatti José Dapper Nelsi Slaviero Nelson Wedekin Nilton Pedrini Waldomiro Dall Agnol
8ª Legislatura – 01/02/1973 - 31/01/1977
Ademio Hoffelder Aldo Domingos Dolzan Antonio Brandt Clóvis dos Santos Dino de Meda Ernesto Moreira Evandro Santos Magalhães de Freitas Mariano Wesoloski Milton Laske Normélio Zílio Telismar Gewehr

9ª Legislatura – 01/02/1977 - 31/01/1983
Altair Moro Anselmo Putti Antonio Brandt Círla de Meneses Pradi Claudio Aurélio Irineu Weller Lucia Dione Mombelli da Luz Markian Getulio Kalinoski Milton Laske Roldão do Nascimento Maestri Telismar Gewehr
10ª Legislatura – 01/02/1983 - 31/01/1988
Armindo Haro Netto Darcy Fuga Hamilton Rossin Honório Zibetti Jaire Formighieri de Almeida Jorge Zamoner Joventino de Marco Liduvino Morandini Milton Laske Norival Fiorin Roldão Maestri
11ª Legislatura – 01/02/1989 - 31/01/1992
Alcir Denardi Armindo Haro Netto Darcy Laske Eugenio Zibetti Júlio César do Prado Liduvino Morandini Nelsi Carniel Normélio Krug Pedro Fiório Roldão Maestri Waldemar Quióca
12ª Legislatura – 01/01/1992 - 31/12/1996
Alcides Volpato Alcir Denardi Aldo Dolzan Altevir da Cas Anselmo Putti Darcy Laske Dulce Zanini Eugênio Zibetti José Airton Hoffman Joventino de Marco Júlio César do Prado Norberto Strisch Filho Rogério Baratieri

13ª Legislatura – 01/01/1996 - 31/12/2000
Ademir Righi Aldo Dolzan Altevir da Cas Claudir Marcon Edmar de Oliveira Pinto Jorge Ronaldo Pohl Júlio César do Prado Luiz Vastres Marcos Weiss Mário Wolfart Paulo Vargas Rafael Laske Valdir Souza
14ª Legislatura – 01/01/2001 - 31/12/2004
Ademir Luiz Righi Altevir da Cas Atenilson Moslinger Delsa do Prado Elói Hoffelder Joventino de Marco Jucelino Ferraz Marcos Weiss Rafael Laske Ricardo Tommasi Roberto Wesoloski Silvana Marcon Valdir Souza
15ª Legislatura – 01/01/2005 - 31/12/2008
Ademir Luiz Righi Atenilson Moslinger Delsa do Prado Elói Hoffelder Eurípedes Castagnaro Fabiano Piovesan José Luiz Junqueira de Carvalho Joventino de Marco Sueli Ferronato
16ª Legislatura – 01/01/2009 - 31/12/2012
Ademir Zanchetta André Dalsenter Elói Hoffelder Fabiano Piovesan Francisco Moreira Lopes José Luiz Junqueira de Carvalho Luiz Vastres Mário Wolfart Sueli Ferronato

17ª Legislatura – 01/01/2013 - 31/12/2016
Ademir Righi Almir Pastori Divair Terezinha de Marco Eber Marcelo Bundchen Eloi Hoffelder Francisco Moreira Lopes Jucelino Jorge Ferraz Luiz Vastres Vilmar Zílio
18ª Legislatura – 01/01/2017 - 31/12/2020
Almir Pastori Andre Dalsenter Diego Bairros Disneia de Marco Francisco Moreira Lopes Jose Otavio Calliari Filho Luiz Vastres Ricardo Antonello Sergio Favretto



Vereadores do período do Centenário

## Senadores

### Brasílio Celestino de Oliveira Júnior – Suplente de senador – 1959 a 1967



Nasceu em Rio Negro (PR), em 10 de março de 1912, filho de Brasílio e de Maria José Celestino de Oliveira. Advogado militante, ingressou na União Democrática Nacional, da qual foi, em Santa Catarina e

em época agitada, seu presidente. Secretário do Interior e Justiça dos governadores Jorge Lacerda e Heriberto Hülse, foi eleito suplente de senador na chapa de Irineu Bornhausen, em 1959.

### Attilio Francisco Xavier Fontana – 1963 a 1970



Attilio nasceu em 7 de agosto de 1900, em Santa Maria (RS). Foi empresário, fundador e proprietário da Sadia/SA, e político. Seus pais, Romano Fontana e Thereza Dalle Rive, migraram de Sarcedo,

província de Vicenza, Região do Vêneto – Itália, e vieram ao Brasil em 1888. Em 1921 faleceu seu pai e Attilio se transferiu para Bom Retiro, atual Herval d'Oeste, como enfardador de alfafa. Em 1922 casou-se com Diva Bordin.

É pai de oito filhos: Walter, Lucy, Omar, Odylla, Maria Terezinha, Odila, Vera Lúcia e Carla Maria.

Elegeu-se vereador e para prefeito municipal de Concórdia de 1951 a 1954, deputado à Câmara dos Deputados por Santa Catarina na 40ª legislatura (1955-1959) pela Aliança Social Trabalhista, coligação do Partido Social Democrático (PSD) com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e na 41ª legislatura (1959-1963) pelo PSD.

Foi eleito senador da República em 1962, exercendo as funções de secretário da Agricultura de Santa Catarina (1960-1961) e de vice-governador (1971 a 1975). Em 7 de junho de 1944, a partir da aquisição e recuperação de um frigorífico em dificuldades, a S. A. Indústria e Comércio Concórdia, rebatizada por Attilio como Sadia, desenvolveu importante atividade empresarial. Em 1953 iniciou o transporte aéreo de mercadorias de Concórdia para São Paulo, onde inaugurou o Moinho da Lapa S/A. Em 1961 criou a Frigobras em São Paulo. E em 1970 deu início às exportações para países árabes e europeus, Ásia e América Latina. A Sadia inaugurou unidades em Toledo e Dois Vizinhos/PR, e Várzea Grande/MT em 1974. Em 1977 foi constituída a Sadia Agropastoril Ltda. e em 1978 instituiu a Fundação Atillio Francisco Xavier Fontana. Em Joaçaba, implantou “uma indústria de óleo de soja com capacidade bastante grande, pela ordem de 800 toneladas/dia”, que passou a operar com a razão social de SADIA Joaçaba Indústria de Óleos Vegetais Ltda. Cidadão Honorário de Joaçaba, faleceu em 15 de março de 1988, em São Paulo, com 88 anos de vida.

### Ivan Oreste Bonato –1983 a 1990



Ivan Oreste Bonato nasceu em 07/12/1937, filho caçula de Oreste Floriani e Yolanda Bordin Bonato. Graduou-se em Agronomia pela Universidade do Paraná e Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas do

Paraná. Casou-se com Maria Odete Brandalise Bonato, com quem teve dois filhos, Valéria Brandalise Bonato e Rodrigo Linneu Bonato. Assim que se formou, veio morar em Joaçaba, exercendo a diretoria financeira do Bonato S.A. Empreendedor; ajudou a criar e a expandir várias outras empresas, todas elas com sua marca de homem sério e competente.

Em 1975, aos 37 anos, assumiu a Secretaria da Fazenda de Santa Catarina, durante a administração de Antônio Carlos Konder Reis, e depois por mais três anos durante o governo de Jorge Bornhausen. A política o projetou a patamares elevados de contribuição ao país, como Senador Constituinte entre 1986 e 1987.

Em 1982 Ivan Bonato criou a TV Barriga Verde em Florianópolis e em seguida a TV Barriga Verde de Joaçaba, que passou a ser chamada de TV Catarinense. Como empresário bem-sucedido, chegou a Vice-Presidente da Perdigão S.A de 1984 a 1993 e também a Presidente da Bonato Material de Construção, da Bonato Couros e da Rede Catarinense de Rádio e Televisão. Faleceu no dia 6 de agosto de 2015.

### **Nelson Wedekin – 1987 a 1994**



Nelson Wedekin nasceu em 01/10/1944 em Mondaiá - SC, filho de João Batista e Bernardina Lemos Wedekin. É casado com Arlete Teresinha Liberali, com quem tem três filhos: Luana Maribele, Nara Micaela e

Leonardo. Iniciou os estudos em Mondaiá e completou os cursos primário e ginásial em Joaçaba, no Ginásio Frei Rogério dos Irmãos Maristas.

Nelson Wedekin começou a trabalhar aos 14 anos, como office-boy, no Banco Agrícola Mercantil S.A. em Joaçaba. Em 1969 se elegeu vereador da cidade pelo MDB. Em 1970 se formou em Direito (UFSC e FDBC) e em 1974 em Jornalismo pela USP.

Wedekin foi presidente da Comissão de Justiça e Paz, organismo da Igreja Católica em defesa dos direitos humanos, de 1979 a 1982, em Florianópolis. Fundou jornais e colaborou em várias publicações como *Contestado*, *Afinal*, *Lutas da Maioria*, *Bom Dia Domingo*. Foi advogado de presos políticos de Santa Catarina. Elegeu-se deputado federal em 1982 e senador em 1986 pelo PMDB, sendo constituinte da Constituição de 1988.

Wedekin exerceu a Presidência do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE de 1995 a 1997. De 1997 a 1998 ocupou o cargo de Secretário da Fazenda do Estado de Santa Catarina. Em 2003 foi Diretor Financeiro do Badesc – Agência Catarinense de Fomento

S. A. e no mesmo ano Diretor Comercial de Relações Institucionais do Banco do Estado de Santa Catarina S.A. Em 2004 se tornou Presidente do Grupo APLUB, de previdência complementar, capitalização e seguros, em Porto Alegre - RS. Desde 2013 ocupa a presidência da Fundação de Crédito Educativo (Fundacred).

### **Deputados Federais**

#### **Romano Massignan – 1967 a 1971**



Nasceu em Alfredo Chaves, hoje Veranópolis (RG), em 30 de julho de 1911. Transferiu-se, em 1924, para Barra Verde - Herval d'Oeste. Em 1927 veio a residir em Herval. Em 1947 fundou a empresa Romano Massignan S.A.,

operando com madeira e moinho de trigo em Joaçaba. Foi casado com Elsa Alda Nogara Massignan. Sua vida pública iniciou-se em 1937 como intendente distrital em Herval d'Oeste. Posteriormente, pela UDN, foi eleito vereador por Joaçaba e, em 1951, deputado estadual. Em 1966 foi eleito deputado federal pela ARENA.

### **Jorginho Mello – 2011 a 2018**



Jorginho Mello iniciou sua trajetória política como Vereador no vizinho município de Herval d'Oeste simultaneamente à sua carreira funcional no então Banco BESC. Foi deputado estadual de 1995 a 2010,

sendo eleito presidente da Assembleia Legislativa em 2009, tendo atuado como governador interino por 10 dias. No parlamento estadual criou leis importantes para a educação catarinense, como a Bolsa Jorginho e o programa Cem Cópias, Sem Custo.

Em 2010 foi eleito deputado federal com 120 mil votos e reeleito em 2014 com 140 mil votos. Foram mais de 8 mil joaçabenses votando em Jorginho Mello, o que representa 53% de todo o eleitorado da cidade. Em Brasília tem se destacado como presidente da Frente da Micro e Pequena Empresa, que aprovou o aperfeiçoamento do Super Simples, e como presidente da Frente em Defesa dos Conselhos Tutelares. Seu desempenho nesse trabalho lhe rendeu o título de deputado catarinense mais atuante e o segundo melhor do Brasil, em avaliação da revista Veja.

O deputado Jorginho Mello sempre se mostrou à disposição dos pleitos e investimentos de Joaçaba. Somente no período posterior a 2011, como deputado federal, destinou mais de R\$ 9 milhões em equipamentos para a saúde, reformas de escolas e do

HUST, pavimentação de ruas, compra de ônibus para o transporte escolar, construção de ginásios de esportes e destinação de kit para o Conselho Tutelar.

## Deputados Estaduais

### Antônio Nunes Varela – 1947 a 1951



Nasceu em 16 de fevereiro de 1911, em Laguna. Formou-se em Direito na Universidade Federal de Santa Catarina. Foi presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro. Casado com Itamar de Souza, tiveram o filho João Eduardo.

Em 1937 foi Secretário da Associação Catarinense de Imprensa, destacando-se como diretor do jornal *Diário da Tarde* e redator-chefe do jornal *Dia e Noite* de Florianópolis em 1938 e 1939. Nomeado Promotor Público da Comarca de Cruzeiro em 1940, exonerou-se para concorrer às eleições de 19 de janeiro de 1947. Eleito com consagrada votação, foi escolhido líder da maioria na Assembleia Legislativa até o final do mandato, em 1951.

Presidiu o Rotary Clube de Joaçaba em 1954-1955 e foi Governador do Rotary Clube de Santa Catarina em 1963 e 1964. Presidiu a Associação dos Advogados de Joaçaba.

### Agostinho Mignoni –1958 a 1962



Nasceu em Veranópolis (RS) em 5 de junho de 1919, filho de José e Margarida Mignoni. Veio residir em Joaçaba, onde passou a exercer o jornalismo como diretor-proprietário do jornal PETEBÊ.

Casou-se com Edy Hintz, tendo duas filhas: Ediléa Clarice e Tânia Maria.

Contabilista, instalou em Joaçaba movimentado escritório de contabilidade e seguros em geral. Líder político, gozou de estima na região do rio do Peixe. Escritor de combate, foi vítima e autor de um livro de grande repercussão: *Direito de Espancar – Retrato de um Governo*. Eleito deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro, sua atuação na Assembleia Legislativa foi muito bem apreciada por seus pares. Catarinense por adoção, deu o melhor de seus esforços em prol de Santa Catarina.



### Nelson Pedrini – 1963 a 1979

Nasceu em Joaçaba em 27 de maio de 1935. É neto do Cel. Pedrini Primo Biggin e filho de Aquiles e Dozolina Ernesta Marafon Pedrini. Coursou o primário no Grupo Escolar Roberto

Trompowsky e o ginásio no Frei Rogério. Concluiu Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, formando-se em 1958. Retornou a Joaçaba, dedicando-se à advocacia e à política. Advogou nas comarcas do vale do rio do Peixe.

Foi vereador em 1958, então o mais votado de Joaçaba. Em 1962 foi eleito deputado estadual pelo PSD e reeleito em 1966, 1970 e 1974 pela ARENA. Presidiu a Assembleia Legislativa do Estado no biênio 1971-1972. Vice-Presidente do Tribunal de Contas do Estado em 1979, assumiu a presidência nos anos 1980 e 1981. Exerceu a chefia da Consultoria Geral do Estado em 1982 e a Procuradoria Geral de 1983 a 1985. Foi Assessor da Prefeita Ângela Amin no período 1997-1998, e a partir de fevereiro de 1999 Consultor do Gabinete do Governador Esperidião Amin. Lecionou na Faculdade de Educação da UDESC. É autor do livro *Pedra Lisa*, com 111 crônicas de sua história vivida.

Dentre as realizações que liderou a favor de Joaçaba destacam-se a instalação da Receita Federal, juntamente com Oscar Rodrigues da Nova, a construção do Fórum, a implantação da Estrada da Amizade de Videira a Joaçaba e da estrada do trevo de Catanduvás a Jaborá.

### Walter Zigelli – 1963 a 1967



Walter Zigelli é natural de Joaçaba, nascido em 1933, filho de Guilherme e Olga Zigelli. Casado com Alba Lúgia Franzoni, tem dois filhos e dois netos. Fez o curso primário no Grupo Escolar Roberto

Trompowsky e o ginásio no Frei Rogério.

Foi Secretário da Prefeitura Municipal de Joaçaba na gestão do Prefeito José Waldomiro Silva. Na juventude foi Tabelião de Notas da Comarca de Joaçaba e jornalista (Jornal Cruzeiro do Sul), implantando as bases do radiojornalismo profissional com sucesso e atuando com seu irmão radialista Adolfo Zigelli na Rádio Diário da Manhã em Florianópolis. Oficial de Gabinete do Governador Jorge Lacerda, foi também membro do serviço de imprensa no governo Heriberto Hülse.

Iniciou a carreira no Legislativo como vereador em Joaçaba de 1957 a 1962, líder da bancada da UDN. De 1963 a 1967 foi deputado estadual, autor de vários projetos em defesa dos direitos humanos, inclusive o que tratou da Defensoria Dativa.

Advogado formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), exerceu carreira profissional ascendente no poder legislativo, executivo e judiciário, aposentando-se como Juiz: uma vida dedicada ao exercício diário da cidadania, o que o destaca como personalidade pública reconhecida em todo o Brasil.

Com dedicação, foi professor na UFSC em Direito Processual Civil. Prestou concurso para Juiz, assumindo como Substituto na Comarca de Joinville, sendo, depois, sucessivamente, Juiz de Direito nas comarcas de Trombudo Central, Orleans, Biguaçu, Palhoça e Florianópolis. Destacou-se como Procurador Geral de Santa Catarina, período em que implantou a Defensoria Pública do Estado e Cartilhas Eleitorais. Dirigiu o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel). Recebeu a Comenda do Legislativo Catarinense em 2015.

Atualmente, mantém o escritório Walter Zigelli Advocacia e Consultoria, em Florianópolis, com foco na área eleitoral.

### Paulo Stuart Wright – 1963 a 1964, quando foi cassado.



Nasceu em Joaçaba em 2 de junho de 1933, filho de Lathan Ephair e de Maggie Belle Müller Wright, ambos missionários norte-americanos que desenvolviam trabalho religioso no vale do rio do Peixe.

Quando Paulo tinha 9 anos, dois de seus irmãos morreram afogados nesse rio. Paulo costumava visitar orfanatos e asilos, doando roupas, sapatos e confortando as famílias desamparadas.

Estudou sociologia em Los Angeles, nos EUA. Quando fazia doutorado foi convocado para a guerra da Coreia, por ser filho de americanos. Deixou os EUA e passou a ser procurado pelo FBI. De volta ao Brasil e

casado com Edimar Rickli, o casal se engajou em projeto da Igreja Presbiteriana nas fábricas paulistas. Aprendeu o ofício de torneiro-mecânico. Foi golpeado pela morte de seu primeiro filho num hospital do antigo IAPC. A criança faleceu por falta de assistência adequada. Jurou que lutaria para que isso não se repetisse na vida de outros operários.

De volta a Joaçaba, ajudou a criar os primeiros sindicatos, inclusive o dos metalúrgicos. Assumiu uma Secretaria Municipal e foi o primeiro candidato protestante à Prefeitura de Joaçaba, em 1960. Concorreu pela coligação PTB-PSD e perdeu para Waldomiro Silva por 9 votos. Ainda nesse mesmo ano dirigiu a Imprensa Oficial de SC no governo Celso Ramos. Em 1962 foi eleito deputado estadual pelo PSP – Partido Social Progressista, cujo presidente nacional era Ademar de Barros. Enquanto esteve na Assembleia Legislativa de SC, Paulo liderou projeto para organizar 27 cooperativas de pescadores no Estado formando uma Federação – Fecopesca. Denunciou o controle de grupos oligárquicos do Estado sobre a pesca.

Paulo foi cassado em 1964 sob a alegação de quebra de decoro parlamentar, por não usar paletó e gravata. Exilou-se no México por um ano, e voltou em 1965 atuando clandestinamente na Ação Popular durante oito anos. Foi preso em SP no dia 1º de setembro de 1973 pelo 2º Exército e levado ao DOI/CODI, no qual foi torturado e morto. Sua morte não foi reconhecida e seu corpo nunca encontrado. Na última vez que foi visto estava descendo de um trem com destino a Mauá (SP).

A Assembleia Legislativa de SC devolveu-lhe o mandato, em homenagem *post mortem*, pelo Projeto de Resolução nº 11/2013 apresentado pelo deputado Sargento Amauri Soares para revogar os atos de cassação dos mandatos de deputados estaduais e de vice-governador durante o período da ditadura militar. Tal projeto ainda determina a fixação de uma placa na Assembleia Legislativa. O plenarinho da ALESC passou a chamar-se Deputado Paulo Stuart Wright.

#### **Iraí Zílio – 1983 a 1991**



Nascido em 18 de novembro de 1946, filho de Anselmo e Gentilia Gasparini Zílio, foi um homem público da estirpe dos combativos, tendo-se dedicado sempre à luta pela justiça social, democracia e desenvolvimento regional.

Sua paixão pela política começou cedo, no movimento estudantil, e se consolidou quando se tornou radialista, em 1966. Esta profissão o colocou em contato com os anseios populares e Iraí fez do microfone a tribuna onde incansavelmente defendeu os interesses de todo o vale do rio do Peixe. Como radialista trabalhou na Rádio Sociedade Catarinense e conduziu diversos programas de sucesso, entre os quais o programa “Alô Jovens”. Também atuou como comentarista político.

Sua carreira política teve início em 1970, quando foi eleito vereador de Joaçaba pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) aos 23 anos, exercendo seu mandato até 1973. Iraí ajudou a fundar o MDB na sua região, agremiação partidária que estava engajada na resistência à ditadura militar e na defesa do ideário democrático. Fiel ao partido durante toda sua carreira política, nele permaneceu quando mudou de nome para PMDB, pelo qual foi eleito Deputado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina na 10ª legislatura (1983-1987) e na 11ª legislatura (1987-1991).

Iraí teve intensa atuação legislativa e fez parte da histórica Comissão de Sistematização da Assembleia Estadual Constituinte em 1989. Graças à destacada atuação como deputado estadual, tornou-se líder do governo na Assembleia Legislativa de Santa Catarina e foi convidado a fazer parte do poder executivo estadual, exercendo as funções de Secretário de Estado da Comunicação Social durante o Governo de Pedro Ivo (1989-1990).

Entre suas inúmeras ações, Iraí ajudou a implantar a Unoesc em Joaçaba e recebeu a Comenda “Fritz Muller” em 1987, por sua luta de mais de 15 anos na preservação ambiental da Bacia do Rio do Peixe. Foi também o idealizador da Romaria penitencial do Frei Bruno, realizada anualmente desde 1987. Depois de se retirar da vida parlamentar, Iraí dedicou-se à crônica política em rádio e televisão, com destaque para seu trabalho como jornalista na TV Barriga Verde Florianópolis, entre 1994 e 1996. Faleceu a 27 de março de 1996 aos 49 anos de idade,

em Florianópolis, deixando a esposa Clarice Venturin Zílio e seus dois filhos, Lara Bethânia e Ulisses Iraí.

#### **José Zeferino Pedroso – 1987 a 1995**



Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Santa Catarina (Faesc), em exercício desde 1989, nasceu em Campos Novos e é Cidadão Honorário de Joaçaba, onde cursou o Ginásio Frei Rogério,

formou-se no Curso Técnico em Contabilidade e graduou-se em Administração de Empresas pela Fundação Universitária do Oeste Catarinense (FUOC).

Apartir da infância e juventude vividas em Joaçaba, José Zeferino ampliou seus horizontes. Foi vereador e Presidente da Câmara em Campos Novos, Prefeito provisório em Erval Velho, Presidente da Cooperativa Tritícola Rio do Peixe Ltda. (Cooperio) – Joaçaba, Vice-Presidente e Presidente da Cooperativa Central Oeste Catarinense Chapecó (Aurora), Fundador da Cocecrer/SC e Presidente da Cocecrer/SC (Sicoob/SC), Presidente do Conselho Administrativo do Senar-AR/SC, Presidente da Cooperativa Central Oeste Catarinense, Chapecó. Esta densa e bem-sucedida carreira profissional no âmbito da gestão pública, da agricultura e dos agronegócios consolidou em sua pessoa um profundo conhecimento e visão estratégica das potencialidades desses setores

e das políticas governamentais necessárias ao seu desenvolvimento.

Eleito deputado estadual, sua extraordinária competência e dedicação ao trabalho o alçaram a funções da mais alta responsabilidade para Santa Catarina e o Brasil. Foi requisitado como Conselheiro pelo Sebrae nacional, Senar – administração central, Câmara de Ética Tributária de SC, Epagri, Federações Empresariais de SC – Cofem, tendo presidido o Conselho Paritário dos Produtores das Indústrias de Leite de SC – Conseleite. Em nível nacional, destacou-se como membro do Conselho Administrativo do Bancoob – Brasília e exerce a Vice-Presidência da Secretaria da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

Por reconhecimento ao seu trabalho, foram-lhe outorgadas a Comenda Mérito Avícola Nacional Lauriston Von Schmidt, pela União Brasileira de Avicultura (UBA) em Brasília, e a Comenda Anita Garibaldi, pelo governo do Estado de Santa Catarina.

## 4.3 PODER JUDICIÁRIO

### Nelson Konrad



Atuou em Joaçaba nos anos 1950 e 1960 como juiz da Comarca. Foi um profissional dedicado, considerado um juiz severo, porém humano. Prova dessa humanidade vem de uma confidência que fez a certo amigo: “O pior do cargo que ocupo é a solidão, o distanciamento que se obriga a ter das pessoas, pois muitos amigos querem favores que sabem que não é possível de se atender.” Muito bem quisto pela sociedade joaçabense recebeu o Título de Cidadão Honorário em 1988.

### João Eduardo de Souza Varella



Nasceu em Joaçaba em 30 de novembro de 1942, filho de Itamar de Souza e Antônio Nunes Varella. Seus estudos iniciaram no Grupo Escolar Roberto Trompowsky. Fez o ensino secundário no Ginásio Frei Rogério em Joaçaba e o Colegial na Academia de Comércio Santa Catarina em Florianópolis. Graduiu-se no curso de Direito na UFPR (Universidade Federal do Paraná) em 1966. Casou-se com a joaçabense Maria Cristina Remor, falecida precocemente, vítima de acidente de avião.

Foi professor de Direito Privado na Faculdade de Joaçaba (FAJO) e o 1º Presidente da Fundação Universitária do Oeste Catarinense (FUOC), em 1972. No magistério, atuou ainda como professor de Direito Penal da Faculdade de Joinville - SC e de Direito Processual Penal na Escola da Magistratura de Santa Catarina (Esmesc).

Na magistratura, foi nomeado Juiz Substituto em maio de 1973, na Comarca de Concórdia; Juiz de Direito em Itapiranga, Tangará, Palmitos, Campos Novos, Joinville e Florianópolis; Juiz Substituto do 2º Grau; Desembargador; Vice-Corregedor; Vice-Presidente do TJSC; Presidente do TER; Presidente do TJSC (2009-2010).

Pela ordem da sucessão do Poder Executivo, como Presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina foi Governador do Estado interino no período de 21 de

janeiro de 2010 a 01 de fevereiro de 2010, no governo Luiz Henrique da Silveira.

Casado com Zuleica de Souza Varella, faleceu em Florianópolis, aos 74 anos, no dia 9 de fevereiro de 2014.

### Edemar Gruber



Natural de Três Passos, RS, 65 anos, Gruber ingressou no Judiciário em 1968, como auxiliar de cartório. A magistratura catarinense o acolheu em 1989, quando foi aprovado em concurso público e nomeado para

atuar na comarca de Rio do Sul. Judiciou ainda nas comarcas de Fraiburgo, Xaxim, Xanxerê e Joaçaba, comarca onde permaneceu por 20 anos. Nestes 20 anos de atuação em Joaçaba, cerca de 40 mil processos passaram pelas suas mãos. Em junho de 2005 Edemar Gruber recebeu o título de Cidadão Joaçabense do Poder Legislativo. Foi também juiz agrário no Estado e acabou promovido em abril de 2004 para a Câmara Especial Regional de Chapecó, onde foi promovido para integrar a Corte Estadual. O magistrado assumiu o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina em 04 de março de 2015.

## 4.4 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA COMARCA



Poder Judiciário de Joaçaba no Ano do Centenário

Ricardo José Nodari<sup>18</sup>

A Comarca de Cruzeiro, de 4ª entrância, foi criada pela Lei estadual n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, e instalada a 10 de novembro seguinte. A lei dividiu em quatro municípios o território, que passou à jurisdição de

Santa Catarina em virtude do acordo homologado pela Lei da República n. 3.340, constituindo cada um deles uma comarca, na seguinte forma: Mafra (sede na cidade do Rio Negro), Porto União (sede na cidade de União da Vitória, que passou a ter o mesmo nome do município e comarca), Cruzeiro (com sede provisória no povoado de Limeira, até ser criada a Vila de Cruzeiro) e Chapecó (sede provisória na povoação de Passo Bormann). O primeiro

magistrado a exercer as funções na Comarca de Cruzeiro foi Aprigio Gomes de Melo Cavalcanti, de 10 de novembro de 1917 a 3 de julho de 1918. Neste ano do Centenário, atuam na Comarca de Joaçaba os magistrados Alexandre Dittrich Buhr, Márcio Umberto Bragaglia, Douglas Cristian Fontana e Fabrício Rossetti Gast.

### Evolução Legislativa

Em síntese, são estes os passos legais que determinaram a trajetória legislativa de Joaçaba: Dec. n. 1.059, de 27/10/1917 – marca a instalação da comarca de Cruzeiro para o dia 10/11/1917. Instalação da 1ª e 2ª Vara da Comarca de Cruzeiro – 14/11/1917 (atualmente Joaçaba). Lei n. 1.243, de 20/8/1919 – fixa como sede da comarca de Cruzeiro o povoado de Catanduvas, que é elevado à categoria de Vila com o nome de Cruzeiro. Dec. n. 1.297, de 5/11/1919 – instalação da nova sede da comarca de Cruzeiro (Vila de Catanduvas) para o dia 19/11/1919.

A partir dos anos 30, temos a seguinte legislação: Dec. n. 635, de 12/7/1934. Cria o município de Concórdia composto dos distritos de Itá, Concórdia, Bela Vista, parte do de Ipira e do Irani e jurisdicionado à comarca de Cruzeiro (Joaçaba). Dec. n. 639, de 14/7/1934. Parte do distrito de Ipira é integrada ao distrito de Ouro no município de Cruzeiro – art. 1º Dec. n. 697, de 5/11/1934. Cria a comarca de Concórdia, sede desmembrada da comarca de Cruzeiro, e elevação a município do território constituído dos distritos de Concórdia, Bela Vista, Itá e Ipira, pertencentes à comarca de Cruzeiro.

<sup>18</sup> Mestre em Instituições do Direito Público e Privado; Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Os últimos decretos e leis, com suas finalidades, são os seguintes: Decreto-lei n. 431, de 19/3/1940. Classifica a comarca de 2ª entrância. Lei n. 247, de 30/12/1948. Cria o município de Capinzal, desmembrado de Campos Novos e Joaçaba. Cria o distrito de Luzerna, no município de Joaçaba. Lei n. 133, de 30/12/1953. Cria o município de Herval d'Oeste, desmembrado do município de Joaçaba. Lei n. 1.171, de 10/12/1954. Classifica de 3ª entrância a comarca de Joaçaba – art. 5º Lei n. 2.436, de 24/10/1960. Eleva à 4ª entrância a comarca de Joaçaba, que passará a ter a 1ª e 2ª vara – art. 17. Lei n. 8.553, de 30/3/1992. Cria o município de Vargem Bonita, desmembrado de Catanduvas, na comarca de Joaçaba. Lei n. 10.050, de 29/12/1995, cria o município de Luzerna, desmembrado de Joaçaba.

### **Vara Federal**

A partir de 1987, em decorrência da política de interiorização da Justiça Federal implantada na gestão do então Presidente do Conselho da Justiça Federal, Ministro Lauro Leitão, foram instaladas, sucessivamente, as Varas Únicas de Joinville, Joaçaba (7ª Vara), Chapecó (6ª Vara) e Criciúma (8ª Vara). Para possibilitar a instalação dessas varas no interior do Estado de Santa Catarina, a Justiça Federal contou com a cedência de funcionários das prefeituras locais, situação que perdurou até 1994, quando houve o provimento dos cargos por concurso público.

Jurisdição Inicial – Resolução n. 23, de 16 de junho de 93. Abrangência de 45 municípios, compreendendo

o meio oeste e regiões do planalto. Atualmente, pela Resolução. 54, de 11.4.2013 (TRF) – Consolidação, nos termos do art. 5º: a jurisdição territorial da Subseção Judiciária de Joaçaba, que passa a ser constituída pelos seguintes municípios: Joaçaba, Abdon Batista, Água Doce, Brunópolis, Campos Novos, Capinzal, Catanduvas, Celso Ramos, Erval Velho, Herval d'Oeste, Ibiam, Ibicaré, Lacerdópolis, Luzerna, Ouro, Pinheiro Preto, Tangará, Treze Tílias, Vargem, Vargem Bonita, Zortéa.

### **Procuradoria da República no Município de Joaçaba**

A Procuradoria da República em Joaçaba foi criada pela Lei n. 8.252, de 25 de outubro de 1991, sendo instalada apenas em julho de 1996. Os municípios abrangidos pela PRM/Joaçaba são: Joaçaba, Abdon Batista, Água Doce, Brunópolis, Campos Novos, Capinzal, Catanduvas, Celso Ramos, Erval Velho, Herval d'Oeste, Ibiam, Ibicaré, Lacerdópolis, Luzerna, Ouro, Pinheiro Preto, Tangará, Treze Tílias, Vargem, Vargem Bonita, Zortéa.

### **Vara do Trabalho**

O contexto histórico de seguidas greves e mobilização dos trabalhadores, fruto do processo de industrialização do Brasil no início do século 20, fez com que o governo de Getúlio Vargas arquitetasse um sistema de leis e instituições para pacificar e manter sob o controle do Estado as tensões entre patrões e empregados. A iniciativa do então presidente da

República demorou sete anos para se concretizar: inserida na Constituição Federal em 1934, a Justiça do Trabalho só foi instalada efetivamente em 1º de maio de 1941. Dois anos depois, esse processo culminou com a edição da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

A Justiça do Trabalho era realizada nas cidades de Lages e Chapecó, o que ocasionava vários transtornos pela dificuldade de locomoção e a precariedade dos meios de comunicação. Em 25 de janeiro de 1979, por força da Lei 6.563/78, foi instalada a Junta de Conciliação e posteriormente a Vara do Trabalho de Joaçaba com jurisdição no respectivo município e os municípios de Abdon Batista, Água Doce, Campos Novos, Capinzal, Catanduvas, Erval Velho, Herval d'Oeste, Ibicaré, Lacerdópolis, Luzerna, Ouro, Treze Tílias, Vargem, Vargem Bonita e Zortéa.

### **Ordem dos Advogados do Brasil – OAB em Joaçaba**

Tendo como objetivo principal “defender a Constituição, a Ordem Jurídica do Estado Democrático de Direito, os Direitos Humanos, a Justiça Social e a Pugnação das Leis, pela rápida administração da justiça e pelo aperfeiçoamento da cultura e das instituições jurídicas”, pelo Decreto n. 19.408, de 18 de novembro de 1930, foi criada a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Em Santa Catarina, no dia 1º de janeiro de 1933, na Sala dos Advogados, localizada na Praça Pereira Oliveira da capital Florianópolis, se deu vida legal à Corporação

dos Advogados no país, pelo Decreto n. 22.039, de 1º de novembro de 1932, art. 105. Em 22 de dezembro de 1971 foram criadas oito Subseções no Estado de Santa Catarina, entre elas Joaçaba, a qual recebeu a Ordem de Terceira do Estado.

### **Curso de Direito de Joaçaba**

Em setembro de 1985 o curso foi aprovado e em 1986 iniciou as atividades. O principal objetivo era a formação de advogados e operadores do Direito em geral, por sua função essencial na vida humana, cuidando da organização do Estado e das pessoas.

Assim, o Decreto n. 91.663 efetivou a implantação do curso, reconhecido pela Portaria ministerial n. 683, de 12 de dezembro de 1989. A Unoesc já formou em Joaçaba 40 turmas de Direito, sendo a primeira no dia 15 de dezembro de 1990.

O curso de Direito da Unoesc assume com responsabilidade e altruísmo a consciência de um dever comunitário sempre renovado, possibilitando ampla assistência jurídica de maneira gratuita a diversas pessoas, além de formar e especializar acadêmicos para conquistarem posições de destaque no cenário jurídico nacional e no mercado de trabalho.



À direita é possível observar o bloco do curso de Direito da Unoesc em Joaçaba  
Créditos: Talita Savaris



# EDUCAÇÃO



Grupo Escolar Roberto Trompowsky nos anos 50



## 4.5 EDUCAÇÃO EM JOAÇABA, NOS ÚLTIMOS 50 ANOS: DO ENSINO SECUNDÁRIO A UM CENTRO AVANÇADO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR



Desfile de 07 de setembro do Colégio Cristo Rei

Aristides Cimadon<sup>19</sup>

Quando em 1967 Joaçaba comemorava seu cinquentenário, vertia a pujança econômica do Meio Oeste, do Estado e do Brasil. A estrada de ferro movimentava o transporte de pessoas e da riqueza produzida na região, com a chegada de inúmeros imigrantes, sobretudo italianos e alemães. As famílias

que aqui aportaram, a maioria vinda do Rio Grande do Sul, fixaram valores, virtudes, a riqueza, a tecnologia e, sobretudo, a cultura solidificada no estudo, no desenvolvimento tecnológico e no trabalho. A educação sempre foi para os joaçabenses um valor indispensável.

Há 50 anos, apesar da perspectiva de crescimento econômico e do elevado grau de cultura da população, Joaçaba não possuía sequer o nível de ensino denominado científico, equivalente hoje ao ensino médio, exceto o comercial e o normal, este específico

para a formação de professores. Seus estabelecimentos de ensino resumiam-se a 20 escolas isoladas municipais de ensino primário; um colégio Normal (Celso Ramos), dois ginásios de curso Normal, quatro grupos escolares e quatro escolas reunidas estaduais de ensino primário. O ensino comunitário era composto pelos Colégios Frei Rogério, Cristo Rei, Colégio e Ginásio Joaçabense – CNEC, Seminário Nossa Senhora dos Anjos, em Luzerna, Colégio Santíssima Trindade e Escola Profissional Feminina.

O que aconteceu em Joaçaba com a Educação, a Ciência e a Tecnologia de lá para cá? Impossível, em poucas linhas, detalhar o pujante crescimento e desenvolvimento, as mudanças e as iniciativas da sociedade, dos governos e das pessoas que foram se sucedendo nestes últimos 50 anos. Após o seu cinquentenário, Joaçaba ganhou e perdeu, como é de praxe em toda organização. É importante salientar que, em matéria de educação, Joaçaba sempre foi destaque no Estado, entre todos os municípios. A Educação Básica foi ganhando espaço com visível crescimento e melhoria da qualidade até o final do século passado, com mudanças que acompanharam a história do Brasil.

Destaque-se que na década de 1970, sob a liderança de educadores como Manoel do Lago Almeida, Dalja Martins Scipioni, Darcy Laske, Alfredo Sigwalt, entre outros, a educação básica se fez pujante, com evidente crescimento da educação pública estadual, sendo o Colégio Celso Ramos o maior educandário da cidade. Na década de 1980, o investimento do Estado de Santa Catarina no ensino público fez melhorar a

<sup>19</sup> Doutor em Ciência Jurídica; Reitor da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

qualidade da educação básica e, com o advento da Constituição de 1988, iniciou-se a expansão do ensino público municipal com a incorporação de várias escolas estaduais. Na década de 1990 e no início do século 21, em face do êxodo rural e do baixo crescimento demográfico, viu-se o fechamento do Colégio Cristo Rei, do CNEC, de várias escolas estaduais e o encerramento de atividades das escolas das comunidades do interior do município, exceto a de Nova Petrópolis e a de Santa Helena.

Foi na década de 1980 que Joaçaba inovou e implantou o ensino médio em todas as comunidades do interior. A iniciativa do Prefeito Normélio Zílio em criar o Núcleo Pedagógico Rural de Joaçaba (Nuperajo), uma escola com um grupo itinerante de professores e metodologia de ensino híbrida (presencial e a distância), com material das disciplinas produzido pelos próprios professores e com as comunidades auxiliando na refeição dos alunos. Essa inovação propiciou o acesso dos jovens do meio rural ao ensino médio, com oferta do ensino em todas as comunidades do interior. Essa experiência foi implantada, posteriormente, em vários municípios de Santa Catarina. Hoje o Nuperajo atua com metodologia diferente daquela dos primeiros anos, mas continua recepcionando, prioritariamente, os filhos dos agricultores do município.

Joaçaba chega ao seu centenário com educação básica de qualidade. Os estabelecimentos comunitários e privados atendem a educação infantil, fundamental, média e profissional de toda região, com os seguintes estabelecimentos educacionais privados e/ou privados

confessionais: Colégio Superativo; Sesi; Senac – Agência de Formação Profissional de Joaçaba; Centro Educacional Renascer; Senai; Centro Educacional Girassol; Colégio Conexão; Colégio Marista Frei Rogério; Colégio Luterano Santíssima Trindade; Creche Irmã Sheila; públicas estaduais: CEJA; EEB Professora Julieta Lentz Puerta; EEB Governador Celso Ramos; EEB Dep. Nelson Pedrini; EEB Oscar Rodrigues da Nova; e públicas municipais: CEI Mundo Encantado; CEI Clara Zomkowski; CEI Menino Deus; Escola Municipal Nossa Senhora de Lourdes; Escola Municipal Rotary Fritz Lucht; Centro Educacional Frei Bruno; Centro Educacional Roberto Trompowsky; CEI Rosa Branco; EM Frida Regensburger; EM Anita Lopes Vieira; CEI Anzolin; Nuperajo – Núcleo Pedagógico Rural; CEI Rita Maria Costenaro Petry; CEI Tempo de Aprender; CEI Nossa Senhora de Lourdes.



Em 1968 as forças políticas, as lideranças e as organizações do município criaram a Fundação Educacional do Oeste Catarinense (FUOC), por

intermédio da Lei municipal n. 545, de 22 de novembro de 1968, que tinha por objetivo a implantação de cursos de educação superior. O primeiro curso superior foi o Bacharelado em Administração, em 1972, instalado nas dependências do Colégio Marista Frei Rogério. Em 1976 foram autorizados, pelo então Conselho Federal de Educação, os cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Estudos Sociais, que passaram a funcionar no Colégio Cristo Rei, das irmãs Salvatorianas. Nessa mesma década, na gestão do prefeito Nilson Germano Zomkowski, pela Lei 677, de 18 de julho de 1972, foi autorizada a doação de área de terras de 67.472 m2 para a implantação do Campus Universitário. A escrituração desse terreno ocorreu na gestão do prefeito Raul Furlan, e na gestão do prefeito Evandro Freitas, com o apoio do governador do Estado Antônio Carlos Konder Reis, construiu-se o primeiro bloco da sede própria da Fundação, inaugurado em 1978, com duas faculdades: a de Administração (FAJO) e a de Educação (FAE).

A proibição de criação de novos cursos superiores no país até 1985 impediu a expansão da instituição. Porém, com a reabertura dessa possibilidade, foi implantado o curso de Ciências Contábeis, mediante permuta com a Fundação Educacional e Empresarial do Alto Vale do Rio do Peixe (Femarp), de Videira, e autorizado o curso de Direito. No final da década de 80, a FUOC integrava a Federação das Fundações Educacionais do Vale do Rio do Peixe (Joaçaba, Videira, Caçador e Concórdia). Essas fundações, juntas, idealizavam a implantação da Universidade do Meio Oeste Catarinense, cujo

projeto fora elaborado em 1990 e que, na véspera de ser protocolado no Conselho Federal de Educação, por motivos políticos, quando da discussão sobre a sede da universidade, ruiu.

O insucesso da Femmoc fez nascer, sob a liderança de educadores joaçabenses, o projeto da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), pela fusão das fundações de Joaçaba, Videira, Chapecó, São Miguel do Oeste e Xanxerê. Inicialmente o projeto foi protocolado com o nome de Universidade do Vale do Rio do Peixe (Univarp), no Conselho Federal em janeiro de 1991 e depois remodelado com a inclusão da Fundação Universitária para o Desenvolvimento do Oeste (Fundeste), de Chapecó, com o título de Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). A Universidade foi autorizada nesse mesmo ano, quando foram criados diversos cursos de graduação e pós-graduação, e reconhecida em 14 de agosto de 1996. A partir de seu reconhecimento e com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996), a Universidade cresceu muito, instalando-se em São Miguel, Xanxerê, Campos Novos, Capinzal, Maravilha, Pinhalzinho, Fraiburgo e em outras cidades do grande oeste de Santa Catarina.

A sede da Universidade em Joaçaba possibilitou a implementação da pesquisa e melhoria dos serviços em conjunto com o poder público. No início deste século foram implantados os cursos de Odontologia, Medicina, Educação Física, Fisioterapia e Enfermagem, que contribuem significativamente com o atendimento

assistencial de saúde, de forma gratuita, à população carente de toda a região de abrangência de Joaçaba como cidade polo. Paralelamente aos inúmeros laboratórios de ensino e pesquisa, a instituição contribui com o desenvolvimento da tecnologia e da inovação, mantendo um Núcleo de Inovação Tecnológica, onde funciona a incubadora de projetos, com a perspectiva, a médio e longo prazos, de grande desenvolvimento econômico.

Há perspectiva de que o Centro de Inovação Tecnológica, com espaço físico construído pelo Estado de Santa Catarina, onde se prevê sejam iniciados importantes projetos para o futuro de Joaçaba e região, seja portador de novo impulso de desenvolvimento. Ademais, a Unoesc, a partir de 2004, passou a abrigar o Hospital Santa Terezinha, transformando-o em Hospital Universitário (HUST). Nele, a pesquisa e o ensino promovem importantes melhorias para o atendimento à saúde. As instalações de várias residências médicas propiciam a formação de médicos especialistas nas mais diversas especialidades.

Joaçaba tornou-se a cidade do Brasil que, proporcionalmente ao seu número de habitantes, possui o maior índice de população com nível superior. Com isso, melhorou a qualidade de vida, a perspectiva de longevidade, a renda *per capita*, as condições sociais, as oportunidades de trabalho e de lazer, com ampliação dos espaços culturais. A Universidade ampliou as oportunidades de estudo, de negócios e de relações sociais. Trouxe para a cidade profissionais qualificados

e exporta formação, em muitas áreas, para o Brasil e exterior. Mais recentemente foram instalados os programas de pós-graduação *stricto sensu*. Em Joaçaba funcionam os mestrados em Biociências e Saúde e em Educação, com boas perspectivas para o doutorado em Educação.

Mirando o horizonte dos próximos 50 anos, Joaçaba, graças à qualidade de sua educação, poderá vislumbrar a universalização da educação infantil como meta a ser perseguida. É um privilégio viver em Joaçaba, porque permite às famílias, hoje, que seus filhos realizem formação integral, desde a creche até o doutoramento, sem ter que se deslocar para outros centros. Há 50 anos essa possibilidade era um sonho distante. Essa realidade é quase um milagre para uma pequena cidade do interior, de menos de 30 mil habitantes.

O desenvolvimento da pesquisa, o Centro de Inovação Tecnológica, a implantação dos programas de mestrado e doutorado, a qualificação e certificação dos laboratórios tecnológicos da Unoesc, certamente permitirão a Joaçaba, nos próximos anos, maior destaque nacional, como uma cidade polo de referência pela qualidade de vida e um dos melhores lugares do país para viver.



Visão imponente das duas potências: Joaçaba e a Universidade  
Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

## 4.6 UNOESC – UMA UNIVERSIDADE IDENTIFICADA COM A SUA GENTE



Campus 1 - Unoesc Joaçaba

Luiz Carlos Luckmann<sup>20</sup>

A Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) é mantida pela Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina (Funoesc), criada pela Lei municipal n. 545, de 22 de novembro de 1968, com sede na Rua Getúlio Vargas n. 2125, bairro Flor da Serra, na cidade de Joaçaba, Santa Catarina. É, portanto, uma

instituição de natureza pública municipal, considerando-se os atos instituidores baixados pelo poder público municipal; de direito privado, pela forma jurídica de operar e a função social que desempenha; regional e descentralizada, considerada sua abrangência de atuação e sua organização estrutural; de natureza comunitária, comprometida com o processo do desenvolvimento humano e social de sua região de abrangência.

A Unoesc foi instituída como universidade em 14 de agosto de 1996, por Decreto Presidencial, publicado

no DOU n. 158, p. 15.496, em 15/8/1996. Integra, enquanto categoria administrativa, as Instituições Comunitárias de Educação Superior (ICES), reguladas pela Lei n. 12.881, de 12 de novembro de 2013. Faz parte da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe).

Conforme seu Estatuto, a Unoesc tem por finalidade contribuir com os processos de desenvolvimento, mediante a produção e a difusão do conhecimento e da cultura, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, garantindo para todas as áreas da atividade profissional recursos humanos preparados do ponto de vista técnico, científico, político e social, capazes de responder aos desafios da contemporaneidade. A Instituição pretende ser centro de referência para as questões regionais, no âmbito da formação, da pesquisa e da extensão, assumindo o compromisso com o processo de desenvolvimento humano e social, parte de sua missão.

A Unoesc localiza-se em uma região que se estende desde a parte inferior do alto Vale do Rio do Peixe, polarizada pela cidade de Videira, descendo em direção à cidade polo do Vale do Rio do Peixe, Joaçaba, e alongando-se progressivamente em direção ao extremo oeste, polarizado pelas cidades de Xanxerê, Chapecó e São Miguel do Oeste, sedes dos cinco *campi* da Universidade. O IBGE denomina essa região de Mesorregião Oeste Catarinense, constituída de 118 municípios, com população estimada em 1.264.000 habitantes (IBGE, 2016). Representa a maior área territorial entre as mesorregiões do estado de

<sup>20</sup> Doutor em Educação. Professor Universitário. Coordenador da Comissão Própria de Avaliação da Unoesc.

Santa Catarina, com 27.365 km<sup>2</sup>. Faz fronteira com as mesorregiões do Norte catarinense e Serrana, com o Paraná e Rio Grande do Sul e com a Argentina.

Passados vinte anos de seu credenciamento enquanto universidade, a Unoesc se apresenta à sociedade regional e catarinense como uma das maiores instituições de Ensino Superior entre as que compõem o sistema Acafe, atendendo em torno de 20 mil estudantes matriculados em 52 cursos de graduação.



Conforme seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a Unoesc tem como missão “*formar pessoas, produzir conhecimento e oferecer extensão e serviços, promovendo o desenvolvimento institucional e regional*”. Em consonância com a sua missão, a Unoesc colocou-se como visão de futuro: “*ser uma Universidade reconhecida pela excelência acadêmica e atuação como agente de desenvolvimento regional.*”

A Unoesc, reconhecida como Universidade em 1996, teve os seguintes reitores:

#### Reitores



1996 - 2000  
Luiz Carlos Lückmann



2000 - 2004  
Santo Rosseto



1992 - 1996 | 2004 - atual  
Aristides Cimadon

## 4.7 MEMÓRIAS AFETIVAS DE UMA SENHORA CENTENÁRIA: JOAÇABA



Desfile de 07 de setembro, anos 70

*“Nasci na sala do 3º ano, sendo a professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha. Até então, era analfabeto e despretensioso. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da serra era bravo e parado. A aula era de Geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e um rio. A Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro; um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Polo Norte”.*

Carlos Drummond de Andrade

Nas memórias afetivas, todos carregamos um pouco de nossas histórias do primeiro dia de aula, da professora predileta, do caderno com linhas mal traçadas, guardado no fundo de uma gaveta. Fazem parte de nossa formação, porque somos constituídos dessas marcas deixadas pelo tempo e nos tornamos parte dessa história que construímos.

Marilena Zanoelo Detoni<sup>21</sup>



Grupo escolar Roberto Trompowsky

<sup>21</sup> Mestre em Educação. Secretaria Municipal de Educação do Centenário.

Assim se escreveu a história da educação de Joaçaba centenária, com todas aquelas crianças e suas famílias que buscavam na escola não apenas a instrução, mas a oportunidade de transformar uma realidade. Começou como uma semente plantada em solo fértil, na década de 30, mais especificamente em 1935, com o Grupo Escolar Roberto Trompowsky. Havia uma procura muito grande por vagas no município sem que houvesse suficiente espaço para atendê-las. Por isso aconteceu o lançamento da pedra fundamental no dia 15 de julho de 1935, no governo estadual de Nereu Ramos. Os alunos eram filhos desta terra, dos pequenos agricultores que vieram em busca de melhores condições de vida, descendentes dos imigrantes vindos do Rio Grande do Sul, na sua maioria alemães e italianos, pequenos comerciantes, industriários, entre outros. Eles caminhavam muito pelas estradas empoeiradas na busca do sonho de aprender ler e escrever, traçar a esperança em cada palavra aprendida, num tempo em que a escola era para poucos, já que a cultura disseminada não passava pela universalização do saber, mas pelo pensamento de que o trabalho tinha maior significado do que se tornar letrado. Além disso, tratava-se do paradigma da exclusão, em que as mulheres e os mais pobres tinham pouco espaço para penetrar num mundo tão desconhecido e vasto, o mundo do conhecimento.

Tratava-se de um período entre guerras, em que as informações demoravam muito para chegar, tendo como veículo de comunicação o rádio, que era privilégio de poucos. Nesse cenário, Joaçaba começou a traçar

seu caminho educacional, numa pequena escola de uma comunidade rural, onde o passatempo era divagar sobre o tempo nas conversas dominicais.



Crianças brincando no antigo chafariz da Igreja Matriz

Como uma criança no seu primeiro dia de aula, os cidadãos joaçabenses tinham a expectativa de fazer deste chão não apenas um berço de fertilidade na agricultura, mas também na educação, transformando e fomentando a cultura como traços para o desenvolvimento. O investimento na educação tornou-se prioridade não só para o poder público, mas também para o setor privado, que via na população joaçabense a sede pelo saber. Foi dessa forma que os educandários foram se multiplicando, tanto públicos quanto privados, como o Colégio Frei Rogério em 1942, a primeira instituição de ensino particular, tendo como mantenedores os Irmãos Maristas.



Atletas da 1ª Olimpíada Marista em 1962

Em 1952, instalou-se o Colégio Cristo Rei, administrado pelas Irmãs do Divino Salvador. Em 1959 é criado o Colégio e Ginásio Joaçabense por um grupo de professores que queriam disponibilizar o acesso ao ensino secundário para estudantes que não tinham condições de se manter numa instituição privada. Vale ressaltar ainda a construção do Seminário Menor São João Batista em 1940, no então distrito de Luzerna, hoje município vizinho, que contribuiu para a educação e formação de padres franciscanos.

Na história escrita por muitas mãos, algumas calejadas pela labuta diária, outras inspiradas pelo pensamento, consolidaram-se palavras e ações de um povo que sempre teve a educação não como ideal, mas como realidade. Foi assim que Joaçaba foi pioneira na região com a consolidação do Ensino Superior a partir de 1972, com a antiga FUOC, hoje Unoesc, que atende mais de 6.000 estudantes, matriculados em mais de 30 cursos.

Joaçaba ainda recebeu recentemente a UDESC, como uma extensão, atendendo 51 alunos do curso de Pedagogia. Também a Faculdade São Braz, com 25 alunos, está presente no município.

Então, o que dizer de um município pequeno, que tem aproximadamente 30.000 habitantes, mas que carrega em suas páginas o apreço e o investimento na educação? Não é à toa que somos a 8ª melhor cidade do Brasil em qualidade de vida. Isso passa pela educação.

Atualmente, o número de matriculados em Joaçaba ultrapassa 7 mil alunos.

A educação tornou-se bandeira do município. Nestes 100 anos de história, são muitos os depoimentos de quem passou pelos bancos escolares de uma escola pública ou particular. Muitos dos que aqui

estudaram deixaram esta terra para se lançar em novos desafios, outros permaneceram e colaboraram para o desenvolvimento de nossa terra nos mais variados setores, seja na indústria, comércio, turismo, cultura, prestação de serviços.

Joaçaba é um município pequeno, situado num vale, mas mostra toda a sua força no setor educacional porque desde aquela criança que corria pela estrada empoeirada levando na sacola e nos pés descalços o sonho de adentrar no universo das letras para dar à sua vida um novo significado, até a criança do século 21 levada pelos pais à escola, que dispõe de tantas informações e recursos tecnológicos, esse sonho continua o mesmo: desbravar um mundo novo, o mundo das palavras que se revelam quando se aprende a ler e escrever e a partir

desse momento qualquer conhecimento é possível de ser aprendido, porque todo ser humano tem esse direito e isso não pode lhe ser negado.

Na mão da criança que segura o lápis ou *tablet* há um mesmo desejo vivo e latente: o desejo de aprender para ir além. Nesse sentido, Joaçaba fez cem anos carregando o mesmo desejo de uma criança, o de aprender e ser. Que venham mais cem anos e que seu povo continue acreditando que por meio da educação podemos transformar, podemos ir além de nossas fronteiras individuais, podemos desbravar o infinito de nossas próprias possibilidades.

Este é o legado que a educação de Joaçaba deixa nestes 100 anos de história. Estamos prontos para os que ainda virão.



## Alguns destaques joaçabenses na Educação

### Cirila de Menezes Pradi



Educadora de rígidos princípios morais e de coração imenso, assim era Dona Cirila, professora por vocação e por ideal. Nascida em Ponta Grossa (PR), lecionou durante muitos anos em Joaçaba, onde foi Secretária Municipal de Educação. Dela, várias centenas de catarinenses receberam sábios conhecimentos e tiveram lições de cidadania, formando caráter sólido e exemplar.

Exímia com a língua portuguesa, ela escreveu crônicas, poesias, relatos históricos. Humana, sempre esteve à frente de iniciativas e movimentos religiosos e sociais. Viveu integralmente as vicissitudes do magistério, com determinação e convicta de que era preciso ensinar, e quem ensina não mede sacrifícios, nem reclama de dificuldades e mesmo de ingratidões.

Sempre soube doar-se, sem nada pedir em troca. Seu sacerdócio no magistério foi além, ultrapassando a sala de aula, para vivenciar os sentimentos da sociedade, e neste mister foi também inextinguível, porque tudo fazia com amor e solidariedade cristã.

Aos 80 anos de idade Dona Cirila foi lembrada e homenageada, de forma extremamente compensadora e que resgata qualquer esquecimento de que tenha sido vítima. E quem a homenageou? O Governo de Santa Catarina,

Estado que ela escolheu para viver. A homenagem é a maior que poderia ser concedida, pois se concretiza na concessão da Medalha Anita Garibaldi, a grande heroína catarinense. Por certo que a essa homenagem se incorporam a comunidade de Joaçaba e do Vale do Rio do Peixe, os milhares de alunas e alunos que ela colecionou e também o ilustre Cidadão Joaçabense Nelson Pedrini, que escreveu as linhas acima e aplaudiu a homenagem prestada à exemplar Mestra!

Nascida em 1921, faleceu pouco antes de completar 92 anos. Filha do brasileiro João da Cruz Menezes e da ucraniana Cristina Caust de Menezes, casou-se com o italiano Juliano Pradi, com quem teve cinco filhos (Ítala, Fernando, Maria de Lourdes, Sérgio e Dalva), que lhes deram nove netos e seis bisnetos. Dona Cirila lecionou a vida inteira, mas encontrou tempo para ser catequista para os filhos dos imigrantes.

Vereadora eleita pelo povo de Joaçaba, exerceu seu mandato entre 1978 e 1982 e desenvolveu inúmeras atividades comunitárias: ajudou a fundar o CNEC, a Associação Santa Zita das Empregadas Domésticas, a Escola de Alfabetização e Curso Primário para jovens e adultos trabalhadores. Também colaborou na instalação do Coral Santa Teresinha, do Tejo (Grupo de Teatro Joaçabense), do qual foi presidente em 1973. Redatora e cronista, colaborava com semanários locais, além de organizar cursos de oratória e pesquisar nossa História.

Mudou-se para a Florianópolis e não sossegou, escrevendo suas crônicas e sendo professora de catequese da Crisma, coordenando a Pastoral de Liturgia da Catedral Metropolitana Nossa Senhora do Desterro.

Em 2000 lançou o Livro *Chica Pelega do Taquaruçu*, no qual descreve, em rima e prosa, a Guerra do Contestado utilizando o linguajar próprio da época nos diálogos.

Trabalhar a questão da cidadania também foi compromisso que Dona Cirila abraçou quando diretora do atual CERT. Ela percebeu que a falta de calçados adequados impedia muitos alunos de participar do desfile no dia da Pátria, pois os mais carentes calçavam congá Sete Vidas, uma espécie de tênis. Ela então reuniu os pais mais abonados e lançou o desafio: que seus filhos também usassem o Sete Vidas no desfile, para todos se sentirem iguais, e com esse padrão a Escola ganhou em quantidade e beleza.

Cirila de Menezes Pradi lembrava, com nostalgia: “No meu tempo prevalecia a vocação e o prazer. Hoje, os professores precisam trabalhar tanto que mais parecem robôs.” Um anjo de bondade que passou por Joaçaba e deixou seu nome indelevelmente gravado nos que a conheceram.



## Darcy Laske



Darcy Laske, filho de Osvino Laske e Hilda Hepp Laske, nasceu em Piratuba (SC) em 30 de abril de 1946. É casado com Elfrida Dorl e pai de Marlen Cristiane, Juliana Carolina e Rafael, sendo este Prefeito eleito de Joaçaba por dois mandatos.

O Professor Darcy é graduado pela Faculdade de Administração de Joaçaba, pós-graduado em Administração Pública pela Unoesc e em Gestão Universitária pela Organização Universitária Interamericana (OUI), bem como pela Unisul. Notabilizou-se por sua importante atuação no setor de Educação em Joaçaba e em Santa Catarina. Por vários anos foi Diretor da 9ª Unidade de Coordenação Regional de Educação em Joaçaba, sendo também Chefe da Divisão de Pessoal. Foi professor Titular de Administração de Materiais da Unoesc, da qual integrou a comissão de implantação. Eleito vereador pelo Município de Joaçaba, exerceu esta função de 1988 a 1996 e, durante o ano de 1993, a Presidência da Câmara Municipal. No Executivo, destacou-se como Secretário da Educação, Cultura e Esportes.

Em nível estadual, foi Secretário de Estado da Educação de Santa Catarina, Membro do Conselho Estadual de Educação, do qual foi Vice-Presidente e Presidente de 2007 a 2011, distinguindo-se ainda como

Secretário Executivo da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe) e como Membro do Conselho Consultivo do Instituto Euvaldo Lodi (IEL) da Federação das Indústrias de Santa Catarina.

Mesmo com a responsabilidade de tão árduas funções, Darcy Laske manteve permanentemente suas relevantes ações comunitárias em Joaçaba, como, por exemplo, na Comunidade Evangélica Luterana, na Sociedade de Cultura Artística (SCAJHO), na organização das Olimpíadas Estudantis e da Feira Estadual de Ciências e na Vice-Presidência da Guarda-Mirim.

## Alacoque Lorenzini Erdmann



Nascida em 1950 em Joaçaba (SC), Alacoque Lorenzini estudou no Grupo Escolar Roberto Trompowsky e formou-se normalista no Celso Ramos. Iniciou as atividades profissionais na Escola Isolada Estadual “São Braz”

de Joaçaba, seguindo na carreira docente em nível médio em 1970 em Santa Maria (RS) e a partir de 1972 no ensino universitário, assim que obteve o título de Enfermeira pela UFSM (dez/1971). Em 1976 ingressou como docente na UFSC, seguindo na formação de Mestrado em Ciências da Enfermagem e Doutorado em Filosofia da Enfermagem.

Esta trajetória culminou com o alcance do nível mais elevado da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq-MCT em 2001 e com o recebimento do Prêmio de

Pesquisadora Destaque do Centro de Ciências da Saúde nos 50 anos da UFSC. Seu domínio na pesquisa a promoveu a cargos relevantes, como Representante da área da Enfermagem no CNPq-MCT de 2004 a 2007, coordenadora do Comitê de Assessoramento Multidisciplinar e do Comitê Assessor da Enfermagem. Sua trajetória no ensino da pós-graduação *stricto sensu* a levou a atuar junto à Capes-MEC desde 1996, como avaliadora de Programas de Pós-Graduação em Enfermagem.

Marcou sua liderança acadêmica e científica na criação dos primeiros doutorados em enfermagem nos países vizinhos e em parcerias internacionais com universidades da Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Portugal, Alemanha e EUA.

Atuou pelo fortalecimento da enfermagem brasileira como um campo de conhecimento específico e profissão socialmente reconhecida. O engajamento no estudo e implementação das políticas públicas educacionais e de saúde propiciou domínio no campo da gestão educacional universitária e gestão de enfermagem e saúde. Foi eleita em 2016 Vice-Reitora da UFSC.

Acompanha os avanços na atenção à saúde e desenvolvimento educacional da Região do Meio Oeste catarinense, principalmente seus dados sociais, educacionais, epidemiológicos e demográficos. Reconhece a cidade de Joaçaba como um centro de referência em saúde, fazendo uso de tecnologias avançadas. Sente orgulho de ser joaçabense junto com seus familiares e amigos. Joaçaba é cidade promissora que engrandece e glorifica seus filhos. Saudações joaçabenses!

## Antônio Diomário de Queiroz



Antônio Diomário é filho de Dulce Fernandes e Alexandre Muniz de Queiroz. Nasceu em Boa Nova, Bahia, em 1944. Veio para Joaçaba aos dois anos de idade. Diomário foi alfabetizado no Ginásio Cristo Rei em Herval

d'Oeste. Concluiu o primário no Grupo Escolar Roberto Trompowsky e o ginásio no Frei Rogério. Em 1956, sob a liderança do Chefe Xavier, foi um dos fundadores do Grupo Escoteiro Tupã-Etê e Chefe da Patrulha do Cão.

Curso o científico no Colégio Santo Antônio em Blumenau. Em 1963, disputou por Joaçaba a modalidade Tênis de Mesa, nos IV Jogos Abertos de Santa Catarina em Joinville. Diomário se casou com Maíke Hering e tiveram 5 filhos: Simone, Alexandre, Max, Lia e Ângela. Tem 12 netos: Tiago Antônio, Maria Cristina, Caterina, Ana Clara, Isabela, Lucas Diomário, Gabriela, Vítor, Leonardo, Gabriel, João e Naiane. Em 2008, viúvo, contraiu matrimônio com Rosa Assunta De Cezaro.

Diomário formou-se em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio São Marcos e em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1967, no Rio de Janeiro, se especializou em Programação Industrial pelas Nações Unidas, no Instituto Latino-Americano de Planificação Econômica e Social e Centro de Desenvolvimento Econômico CEPAL/BNDE. Ao final desse ano, na condição de bolsista do Governo Francês, seguiu

para Paris, onde concluiu o Doutorado em Economia do Desenvolvimento na Université Paris I, Sorbonne, em 1971.

Retornando ao Brasil, Diomário ocupou cargos técnicos, de assessoramento e de direção, nas Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. – Celesc, no Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A. – Badesc e no Grupo Usati-Portobello.

Foi professor na Escola Superior da Polícia Militar, na Escola Superior de Administração e Gerência (ESAG) e na Universidade Federal de Santa Catarina. Na UFSC, construiu carreira de magistério e de pesquisador nos programas de graduação e pós-graduação do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas. Coordenou por 20 anos o acordo Capes/Cofecub de Cooperação Interuniversitária com universidades francesas. Foi Reitor da UFSC de 1992 a 1996 e Presidente da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES).

No exercício dessas funções se destacam alguns atos em benefício dos municípios catarinenses: a implantação do Fórum da Educação Superior de Santa Catarina, para a melhoria da qualidade das instituições universitárias do interior, o programa de qualificação dos professores de educação básica das escolas públicas, que originou o Magister, a implantação da Rede de Ciência e Tecnologia (RCT), que integrou todas as regiões do Estado à internet. Quando Diretor do Centro Tecnológico da UFSC, liderou Grupo de Trabalho para criação do Curso de Engenharia de Produção da Unoesc em Joaçaba.

A partir de 2003, Diomário voltou a exercer destacadas funções no Governo do Estado: Presidente da

Funcitec e Fapesc – Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica, Reitor Protempore da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – Udesc; Secretário de Estado da Educação, Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação do Sapiens Parque.

Em 2006, o Reitor da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Aristides Cimadon, outorgou a Antônio Diomário de Queiroz o Título de Professor Honoris Causa. No ano seguinte a Câmara Municipal de Vereadores concedeu-lhe o título de Cidadão Honorário de Joaçaba.

Diomário foi agraciado com diversas condecorações por outras entidades, destacando-se a de Chevalier de l'Ordre des Palmes Académiques outorgada pelo Primeiro-Ministro da Educação Nacional da República Francesa, em 1987, e os títulos de Cidadão Honorário dos municípios de Florianópolis e Antônio Carlos.

# SAÚDE



Construção do Hospital Santa Terezinha



## 4.8 JOAÇABA, REFERÊNCIA EM SAÚDE



Joaçaba dispõe de alta tecnologia para serviços de saúde

Com população estimada em 29.000 habitantes, pequena em sua extensão, grande em sua excelência, com IDH 0,827, Joaçaba é hoje o 3º município no

Celso Brancher<sup>22</sup> *ranking* estadual e 8º no *ranking* nacional. Dentre todos os destaques, a assistência à saúde surge como fator determinante para a qualidade de vida da população joaçabense, setor em que gradativamente vem tendo importante evolução, tanto em estruturas físicas quanto na qualidade de seus serviços, proporcionando aos usuários um atendimento

<sup>22</sup> Odontólogo e Secretário Municipal de Saúde do Centenário.

humanizado e qualificado, baseado nos princípios e diretrizes do sistema único de saúde.

No que se refere à rede de estrutura física, as oito Estratégias Saúde de Família têm construções com espaço amplo e planejado, resultando em ótima qualidade no atendimento por meio de espaços adequados para o desenvolvimento das atividades, oferecendo as melhores condições de trabalho aos colaboradores.

Além das estruturas físicas, a frota municipal se caracteriza como fator determinante para o processo de trabalho na Assistência à Saúde. As ambulâncias, as vans para transporte de pacientes para fora do município e os carros para deslocamento dos profissionais da saúde como NASF, Vigilância Sanitária e Dengue, por exemplo.

A cobertura do município na Atenção Básica alcança 100%. Ainda é efetuado repasse mensal de recursos para o Hospital Universitário Santa Terezinha e para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) localizada em Herval d'Oeste, os quais prestam atendimento de urgência e emergência 24 horas.

Para a prevenção de agravos, os pacientes têm acesso à realização de exames laboratoriais. O município conta com laboratório próprio, realizando 63 tipos de diferentes exames, com aproximadamente 8.000 exames mensais.

A Farmácia Básica Municipal também se destaca pela disponibilidade de 78 itens a mais dos que os exigidos pelo Ministério da Saúde, ofertando ainda medicamentos específicos para usuários do SUS, além de remédios manipulados.

No que se refere a profissionais, a Secretaria tem número suficiente de médicos, odontólogos, enfermeiras, técnicos em enfermagem, auxiliares de saúde bucal, farmacêuticas, psicólogas, fisioterapeutas e outros para suprir a atenção básica.

Destaca-se ainda que 100% das Unidades de Saúde são informatizadas. O Sistema de Regulação Ambulatorial abrange todos os serviços de média complexidade, dando agilidade e transparência no agendamento de consultas e exames. O Centro de Saúde realiza atividades educativas para grupos de tabagismo, obesidade, HiperDia, gestantes, entre outros.

O Conselho Municipal de Saúde realiza reuniões mensais, auxiliando na elaboração, controle e execução da política pública da saúde. É responsável também por monitorar a execução das ações, os recursos próprios, os encaminhados pelo SUS e repasses de programas federais.

Joaçaba também é sede da Regional de Saúde, que abrange 21 municípios atuando na distribuição de medicamentos, vacinas, vigilância sanitária e epidemiológica. Como órgãos do Estado Joaçaba sedia a regulação dos internamentos hospitalares, que atende três macrorregiões, e do Laboratório Central, que também atende as três macrorregiões.

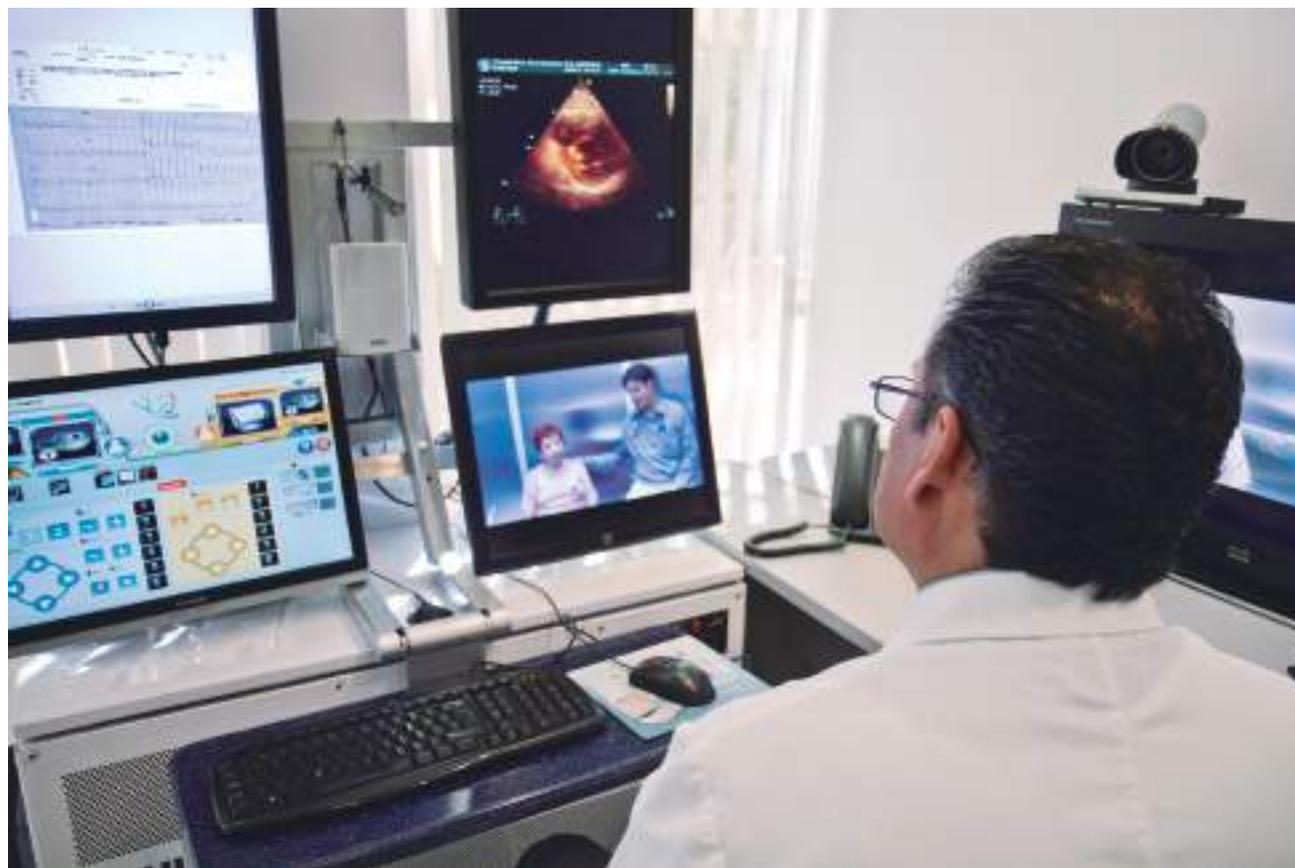
O município aderiu ao Programa de Melhoria do Acesso e da Qualidade, atingindo nota máxima na avaliação externa do Ministério da Saúde. Ainda entre os municípios entre 25.000 e 50.000 habitantes alcançou o 1º lugar na “Avaliação de Atenção Básica em Santa Catarina.”

Os laboratórios particulares de Joaçaba também atendem clientes encaminhados pelo SUS. Vale ressaltar que os serviços têm abrangência do Extremo Oeste até o litoral pela excelência e padrão no atendimento.

A história da saúde percorreu um longo caminho: no início havia apenas um médico para cada 60 mil pessoas, e a nossa região enfrentava problemas em razão da febre tifoide, sífilis, pneumonia, tuberculose e desidratação das crianças, lembra Cylo Sergio Dariva, em sua obra *Herval d'Oeste – da colonização à emancipação política, 1910-1953*. Até 1929 nem farmácia existia em Joaçaba, apenas

em Herval, mas para passar de um lado ao outro do rio, enquanto a ponte não ficava pronta, as pessoas usavam um pequeno vagonete ligado por um cabo de aço, que às vezes enguiçava no meio da travessia.

Naquele tempo tudo era precário e os “tratamentos” eram caseiros, com o uso de muitos remédios naturais, ervas e chás. Por volta de 1929 ou 1930 chegou o primeiro médico, Dr. De Patta, que realizava as cirurgias com o auxílio de sua esposa Ercília e procurava atender a pobreza gratuitamente. Houve o caso de uma senhora que necessitava ser operada e a



filha dela trabalhou oito meses no improvisado hospital como enfermeira, cozinheira e faxineira para pagar a cirurgia, ao fim dos quais recebeu uma proposta para continuar trabalhando.

Cabe recordar que todo o atendimento era particular, pois não existiam postos de saúde, nem sindicatos, convênios ou institutos, que só viriam a ser criados a partir de 1938, durante o Estado Novo: Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPTEC); o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI); o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC). Os médicos de Joaçaba atendiam inclusive aos conveniados de Chapecó, Palmas, Campos Novos, Curitiba, localidades em que os médicos não prestavam serviços mais especializados como os que eram oferecidos aqui.

Não existia vacinação preventiva de doenças, e a mortalidade infantil era muito grande, por isso em julho de 1945 as Mães Católicas da Imaculada Conceição fundaram o Posto de Puericultura Darcy Vargas, sob a orientação do Departamento Nacional da Criança, para desenvolver atividades em favor da maternidade, da infância e da adolescência, concedendo o status de enfermeira para a parceira Ana Blumberg, que trouxe muitos de nós ao mundo. O serviço era sustentado exclusivamente pelas famílias da cidade, que realizavam promoções para angariar fundos que garantissem a prestação de serviços aos mais necessitados e às gestantes. Em fevereiro de 1951 foi postado um telegrama ao presidente Vargas comunicando-lhe a decisão de dar o nome de sua esposa

ao Posto, que foi enfim inaugurado em junho daquele ano, com a presença do governador Irineu Bornhausen e sua esposa, D. Maria, então presidente da Legião Brasileira de Assistência em SC, conforme o livro de Atas da entidade, que confirma a importância dos inestimáveis serviços prestados à comunidade, com abnegação, devotamento e gratuidade das senhoras de nossa sociedade.

Tudo melhorou depois que chegaram os doutores Cantergiani, Picanço, Miguel... Ao escolher Joaçaba para morar, em 1965, o doutor Arildo Disaró entrou para a história como o primeiro médico pediatra e

anestesiologista pioneiro no Oeste catarinense, pois antes dele eram as freiras que auxiliavam os cirurgiões com o uso de éter (“numa mão o éter, na outra o terço, e muita oração”, lembra ele com humor). Nascido em Martinópolis (SP) no ano de 1936, formado em 1963 na Faculdade de Medicina da UFPR, médico residente na Santa Casa em São Paulo, casado com Bruna Trevisan Disaró, o casal continua residindo em Joaçaba e tem 4 filhos: Sibelle, Arildo Filho, Paulo Yves e Luiz Cesar. Hoje temos até Curso Superior de Medicina na Universidade local, o que mostra o grande avanço conquistado.



Créditos: Rádio Catarinense

## 4.9 DR. MIGUEL RUSSOWSKY: UM MÉDICO PIONEIRO



Decio Brunoni<sup>23</sup>

### Origens e alma mater

Miguel Kopstein Russowsky, no viço dos seus 23 anos, estava entre os formandos de 1946 da 42ª turma

da prestigiosa Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde aquela idade uma paixão o acompanhou por toda a vida: a poesia.

Miguel nasceu em 21 de junho de 1923 em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Os pais eram Jacob Russowsky e Eva Kopstein, ela de Odessa - Ucrânia e Jacob da Romênia. Faziam parte das 47 famílias que representam os primeiros imigrantes judeus a chegar à Colônia Philippon, na

Fazenda do Pinhal, situada no distrito de Itaara, município de Santa Maria, em 18 de outubro de 1904. Jacob e Eva, como era comum na época, tiveram muitos filhos: 3 homens e 3 mulheres. Miguel foi o quinto da irmandade formada por Lea, Mendel, Davi, Amália e Rosita.

Em entrevista concedida aos 80 anos, Miguel refere que “toda a minha família era apaixonada por poesia, meus irmãos gostavam tanto que até declamavam (...) eu já era apaixonado pelos sonetos e poesias de Olavo Bilac”. Também conta: “Como fui um estudante muito pobre e não tinha dinheiro nem para pagar a entrada do cinema para a namorada (...) então nesse caso o pobre tem que exibir sua inteligência para ser bem aceito”. Por essas declarações, transcreve-se o que pode ter sido escrito em torno dos 17/18 anos do autor, publicado em seu primeiro livro de poemas, Céu de Estrelas:

Sextilha	Sextilha
Começa a história em bonança	Vi-te um dia na janela
Quem vive tem esperança	Estavas tão meiga e bela
Vem da esperança o amor!	Que contigo fui sonhar
Do amor felicidade	Ficaste de mim tão perto
E depois vem a saudade	O que desejei – decerto –
Após a saudade, a dor.	Foi nunca mais acordar.
	(Céu de Estrelas, 1951)

<sup>23</sup> Doutor e Livre-Docente em Genética Humana e Médica. Médico. Professor Universitário.

## **Acadêmico de medicina, médico e poeta**

Miguel começou o curso médico em 1941 numa Porto Alegre que havia comemorado seu sesquicentenário e possuía quase 400 mil habitantes. O ciclo clínico era feito na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, primeiro hospital do Rio Grande do Sul. A partir de 1897, no seio da Santa Casa foi gestada a Faculdade de Medicina, pois o Hospital possuía um Curso Livre de Partos e a Faculdade de Farmácia. Miguel encontrou um Hospital-Escola identificado como centro de ensino e pesquisa, intensamente envolvido com medidas de saneamento da cidade e da promoção da saúde pública. Miguel formou-se médico juntamente com outros 42 colegas, sendo 3 mulheres. Tinha interesse por todas as disciplinas. O intenso treinamento clínico lhe deu segurança para cair na estrada e procurar um local para exercer sua profissão.

Perguntado, uma ocasião, sobre qual a diferença entre o Miguel médico e o poeta, respondeu: “Não há diferença. A doença em si obriga o Miguel ao raciocínio; a clínica requer conhecimentos técnicos e muita paciência para ouvir o doente; a terapêutica deve aliviar o doente de seus males. Já a poesia é o motivo do relax, da brincadeira do Miguel.”

## **O casamento e a profissão de médico – clínico e cirurgião geral**

Os recém-formados costumavam substituir médicos em localidades no interior, e essa foi a primeira iniciativa profissional do Dr. Miguel. No início de 1947 ele estava em Tapejara - RS, local em que ficou pouco tempo. Certamente soube do expressivo número de famílias que havia duas décadas se dirigiam ao oeste do vizinho Estado de Santa Catarina. A possibilidade de se estabelecer em região próspera e que se desenvolvia celeremente deve tê-lo atraído, e em 1948 visitou hospitais em Capinzal e Joaçaba. Na primeira cidade o hospital não deve ter entusiasmado muito. Contudo, a ela ligou-se pelo resto da vida, pois foi onde encontrou preciosidade maior, a esposa, Vitória Toaldo, com quem se casou no ano seguinte e com a qual permaneceu casado por toda a vida.

A visita a Capinzal foi extremamente frutífera ao jovem médico, pois além da futura esposa conheceu Atilio Pagnoncelli, que tinha diversos negócios no distrito de Herval d'Oeste, município de Joaçaba. Entre os empreendimentos do Sr. Pagnoncelli havia um hospital.

### **Hospital Vicenza Pagnoncelli (HVP)**

No HVP, Dr. Miguel trabalhou cerca de 15 anos até inaugurar o seu próprio hospital, em 1962. A história daquele período está bem detalhada no livro *Meu Herval, Herval d'Oeste* (Sérgio Martins, Edição do Autor, 2009), do qual foram extraídos os trechos seguintes.

Um hospital carente de médico havia quatro meses e com apenas duas enfermeiras que realizavam curativos foi o que Dr. Miguel encontrou quando ali chegou em 1948. A cidade tinha 4 mil habitantes. Ele morou num quarto de pensão enquanto a firma Pagnoncelli construía a casa na qual viria a se instalar depois de casado. O HVP expandiu-se rapidamente com a dedicação e competência do novo médico. Em entrevista concedida anos depois, Miguel lembrava essa época: “As doenças infecciosas matavam muito (...), a hipertensão era também causadora de muitas mortes, pela inexistência de remédios apropriados. As doenças mais sérias, as perigosas, eram a pneumonia, a tuberculose e a lepra (que era muito frequente e o diagnóstico negligenciado). O surgimento da sulfa e de outros remédios na década de 1950 diminuiu a incidência de casos dessas doenças.”

O período de médico generalista e cirurgião no HVP em tempo integral e dedicação exclusiva durante 15 anos deve ter sido de intensa satisfação pessoal para o Dr. Miguel. Resume a esposa, Dona Vitória: “Miguel foi sempre muito trabalhador, humano (...); calmo no tratar, sempre foi médico das famílias com muita habilidade, com ótimo humor, cativava a todos.”

## Hospital São Miguel



Estamos em 1962, Herval d'Oeste é município autônomo e Joaçaba veio tendo paulatinamente a área territorial reduzida. A cidade, no entanto, consolida-se como líder de uma região, cultural e economicamente. Nesse ano Dr. Miguel abre seu Hospital. “No início o hospital eram os 5 quartos da frente, o centro cirúrgico, um posto de enfermagem, farmácia e cozinha. Dona Vitória supervisionava a compra dos mantimentos e a

elaboração das refeições, o vô cuidava de todo o resto. Da casa onde moravam em Herval D'Oeste (onde hoje fica a Rádio Liberdade, próxima do extinto Hospital Pagnoncelli) mudaram-se nesse mesmo ano para uma casa anexa ao HSM (onde hoje é o estacionamento dos médicos do hospital)”, segundo depoimento da neta Andréa.

O cinquentenário de Joaçaba ocorre cinco anos depois, em 1967. No primoroso Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba, vê-se à pág. 56 um reclame do *Hospital São Miguel – Propriedade e Direção: Dr. Miguel Russowsky e Dr. Pedro Luiz Toaldo*. O Dr. Pedro, irmão da esposa do Dr. Miguel, se formara médico na mesma Faculdade de Medicina da Universidade Federal do RS no ano de 1958. Foram sócios até 1980.

No HSM, Miguel continuou sua tarefa diária de médico e aos poucos foi revelando outra característica de sua personalidade: o desejo pela atualização e inovação. Paralelamente ao crescimento do HSM, incorporou novos médicos à rotina do hospital, como o Dr. Luiz Carlos Pinto, oftalmologista.

Em 1981 o Dr. Miguel teve um reforço considerável no corpo médico do HSM. Nesse ano começou a atividade profissional do filho, o Dr. Miguel Igor Russowsky, formado na mesma Faculdade de Medicina do pai. Miguel Igor veio muito jovem para Joaçaba, já casado com Denise Scherer Russowsky, recém-formada em Ciências Econômicas.

Com o Dr. Igor o Hospital se modernizou. Ele organizou a gestão, expandiu consideravelmente a planta física e de recursos humanos. Seguindo o exemplo paterno, viabilizou a entrada de muitos outros médicos

no HSM, sendo os primeiros o Dr. Lúcio Gutierrez, radiologista, e o Dr. Aluar de Oliveira Pinto, clínico geral.

No ano de 1984 outro profissional da família, a filha Sílvia, formada Farmacêutica e Bioquímica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inaugurou laboratório de análise clínicas, o *Laboratório São Miguel*, que funciona anexo ao HSM e responde pelos exames de pacientes internados como também atende ao público externo. A Dra. Sílvia foi casada com o Dr. Reinoldo Herter, cirurgião plástico e médico do corpo clínico do HSM.

A edição do dia 9 de outubro de 2009 do jornal O SOL, de Joaçaba, traz em caixa-alta a triste notícia: morre em Joaçaba o médico Miguel Russowsky (e até a natureza chorou a morte do poeta...). A matéria diz: *Em consequência de um acidente automobilístico ocorrido na noite de quinta-feira (...) faleceu às 19h30 do sábado, dia 3 de outubro, em Joaçaba, no Hospital da família, o médico Miguel Russowsky. Tinha 86 anos de idade.*

Joaçaba exhibe no ano de seu centenário números invejáveis: sem explosão populacional (projeção de 29.310 habitantes); IDH de 0,827 (muito elevado, nível dos países do primeiro grupo como os escandinavos), 8º do Brasil; mortalidade infantil em torno de 10 por mil; renda *per capita* entre os 30 melhores municípios do Brasil; exuberante sistema de ensino da pré-escola à pós-graduação; sede da Unesco, universidade consolidada, tendo o curso médico entre os cerca de 50 cursos de graduação e mantém um Hospital Universitário.

O desempenho da cidade orgulharia muito o Dr. Miguel. O “seu” HSM, ao comemorar 55 anos, também não

fica atrás. De fato, marco considerável em anos recentes foi a expansão do HSM: 33 leitos, corpo clínico com cerca de 30 médicos e 70 funcionários técnico-administrativos; Centro Cirúrgico com 5 salas, Laboratório de Análises Clínicas, Serviços Diagnósticos Complementares, dispondo de praticamente a linha completa de exames de imagens e eletrofisiológicos - tomografia, ressonância; mamografia digital, ecocardiograma e ultrassonografias; documentação odontológica; eletrocardiograma; eletroencefalograma, litotripsia.

Entre os médicos do corpo clínico do HSM são descendentes do Dr. Miguel: Miguel Igor, filho; Andréa Scherer Russowsky Nuernberg e Liana Russowsky Braganholo, netas; Arthur Helson Russowsky Herter, neto. Liana é casada com Diego Maestri e Arthur é filho de Reinoldo Herter, ambos médicos do HSM.

## Uma família de profissionais da saúde

Genética, admiração ou influência? Não há evidência clara de quais fatores pesam mais na decisão dos filhos por uma carreira profissional. Possivelmente a explicação é multifatorial e os três fatores citados estão em jogo.

Dr. Miguel teve certamente ampla influência sobre seus descendentes diretos e agregados, dentre os quais há número considerável de profissionais da saúde.

## O jogo de xadrez e outras atividades

Nunca se ouviu o Dr. Miguel dizer: *Vou tirar férias do dia tal ao dia tal*. Ele dava fugidas rápidas, a maioria das

vezes a locais próximos. Amava visitar Porto Alegre, cidade à qual se manteve sempre ligado – percorria livrarias e lojas na Rua da Praia. Gostava de esportes, notadamente o futebol, e torcia pelo Grêmio. Vez ou outra ia a Balneário Camboriú, mas era de fato urbano, e nas cidades sentia-se bem. Outra paixão era o cinema. Tanta, que o motivou a construir um cinema em Joaçaba. Em 1961 ele inaugurava o Cine Vitória, com incríveis 1.500 poltronas, sendo o maior de Santa Catarina na época. Este cinema embalou os sonhos e fantasias e despertou emoções de gerações de joaçabenses.

Matinês aos domingos de manhã, programa duplo no sábado à noite, seriados... O Cine Vitória foi danificado por um incêndio, tornando-se impossível sua recuperação. Mas não era impossível para o Dr. Miguel construir outro cinema: em 1967 ele inaugurou o Cine Avenida, cujo fechamento, em dezembro de 2007, representa o fim de uma era dos cinemas de pequenas cidades e a consolidação da TV e massificação das videolocadoras com a facilidade de ter os filmes em casa.

Participou, ainda, em diversas outras iniciativas que impulsionaram o desenvolvimento de Joaçaba: área hoteleira (proprietário do Hotel Jaraguá); construção civil (construção do primeiro prédio de 10 pavimentos da cidade) e outros empreendimentos imobiliários.

Miguel era enxadrista e teve no amigo Alexandre Queiroz um companheiro de tabuleiro por toda a vida. Ambos defenderam o xadrez de Joaçaba em diversos Jogos Abertos de Santa Catarina, classificando-se sempre entre os primeiros lugares.

Dr. Miguel era mestre em escrever os 14 versos do soneto dando sentido matemático perfeito a um sentimento, como este, escolhido pelo Professor Franco na palestra acima referida:

### Arrependimento

*Um por um, os meus sonhos, nesta vida,  
despi no andar do tempo modorrento  
qual árvore esfolhada pelo vento  
numa tarde outonal, entristecida*

*Quebrei-me um pouco, a cada ida  
à procura não sei de qual intento,  
deixei amor, amigos e, ao relento,  
destroços de minha alma enrijecida  
E hoje, velho, ao voltar da caminhada,  
tropeço em meus pedaços pela estrada  
com saudosa visão aqui e ali.*

*Não mais me iludo, e esta descrença atesta  
que passarei o tempo que me resta  
recolhendo os pedaços que perdi.*

Na edição póstuma do livro *Miguel Russowsky – Vida em Poesia Viva*, organizado pelo amigo Rossyr Berny, publicou-se uma centena de poemas inéditos, escritos nos dois últimos anos de vida. Na primeira aba do livro, o amigo editor sentencia: “Foi o poeta da insônia, do inverno, da chuva, das horas mortas, das madrugadas, da melancolia, do des/amor”.

#### 4.10 DR. JÚLIO DE OLIVEIRA PINTO, DENTISTA PIONEIRO EM JOAÇABA



Aluar de Oliveira Pinto<sup>24</sup>

Júlio de Oliveira Pinto nasceu em 7 de março de 1897, em São Sebastião do Cai-RS. Por volta de 1925 instalou-se em Herval, distrito de Cruzeiro, para exercer a função de dentista prático e protético nessa localidade. Inicialmente hospedou-se no Hotel Matias e no da Sra. Edwirges viajando algumas vezes para Arco Verde, hoje Erval Velho, bem como para Campos Novos como dentista ambulante, pois levava seus equipamentos para realizar seu trabalho.

O distrito de Herval, na época, era considerado com maior potencial de progresso do que Joaçaba ou Cruzeiro, graças à estação férrea ali situada. As estradas de ferro, meio de transporte então mais rápido e seguro, transportavam madeira, gado, suínos e tantas mercadorias de norte a sul do país.

Com o tempo, firmando-se bem em sua atividade profissional, o Dr. Júlio comprou uma casa localizada entre a estrada de ferro e o rio do Peixe, ou seja, uma chácara, que até hoje existe.

Dr. Julinho, como todos o chamavam, instalou seu consultório em sua residência e por muito tempo ali permaneceu. Mas ainda enquanto morava no hotel, conheceu minha mãe, Generosa Secco Lunardi, que trabalhava como cozinheira, e os dois se casaram e tiveram quatro filhos: Diva, Leda, Nelson (que faleceu ainda pequeno) e Aluar. Havia também um enteado:

<sup>24</sup> Médico.

Amantino Lunardi, do primeiro casamento de Dona Generosa, gaúcha de Caxias do Sul ou Flores da Cunha.

Segundo tenho conhecimento, trabalhavam na região outros dentistas: Dr. Paiva, Dr. Verpachowski e Dr. Schneider, que também eram dentistas práticos. Os equipamentos de trabalho do Dr. Julinho eram muito simples ou rudimentares. O que mais chamava atenção era o equipamento para preparar os dentes e realizar as obturações, o qual constava de um pedal movimentado pela força dos pés e que girava a broca para a limpeza do dente, para que depois fosse realizado o procedimento final.

Dr. Julinho tinha uma deficiência no membro inferior esquerdo, seqüela de um acidente ocorrido quando sofreu osteomielite, o que ocasionou atrofia ou encurtamento da perna, provocando uma deambulação claudicante. Imagino a dificuldade que ele tinha para levar esses equipamentos de uma cidade para outra, sendo que o transporte era precário e evidentemente sofrendo dores na perna, numa jornada de trabalho prolongada durante dias.

Lembro-me que muitas vezes, quando pequeno, minhas irmãs mais velhas e eu íamos ajudar o pai a pedalar esse equipamento (cujo nome era Doriot) para realizar o procedimento dentário no cliente. Até nós cansávamos. Como não havia anestesia para extração dentária, eu o ajudava segurando a cabeça e tapando os ouvidos do cliente na hora da extração, para evitar que ele ouvisse os próprios gritos ou mesmo para que não fizesse movimentos da cabeça que prejudicassem a extração.

Meu pai tinha sala de próteses em anexo ao consultório. Minhas irmãs e eu ajudávamos a montá-las. Ficávamos envolvidos com o material para confecção, moldes, gessos acrílicos, cera (pasta de óxido de zinco e Euginol), fundição do ouro, martelinho para moldar a coroa (estampador de coroa), polimentos... Afinal, era o que tínhamos naquele tempo.

O famoso “dente de ouro” era considerado muito bonito e chamava atenção naquela época. Quando a pessoa fazia a extração do dente de ouro, por qualquer motivo, o precioso metal servia de entrada pelo serviço dentário, no valor de procedimentos futuros, no caso as dentaduras e outros serviços odontológicos. As dentaduras que meu pai fazia eram fortes e não causavam qualquer desconforto, segundo relatam até hoje seus pacientes.

Quando o Dr. Julinho veio morar no município, não existia a ponte que liga Joaçaba a Herval; o deslocamento era feito por balsa. Posteriormente, em 1930, ela foi construída, considerada então a maior ponte de viga reta do mundo em concreto armado.

Dr. Julinho não trabalhava aos sábados, pois pertencia à Igreja Adventista do 7º dia. No domingo trabalhava até ao meio-dia para atender o pessoal do interior e também aqueles trabalhadores da região que não podiam vir durante a semana. As pessoas vinham assistir à missa na igreja Senhor Bom Jesus em Herval. Fato interessante é que a maioria do pessoal do interior vinha a cavalo e amarravam seus animais no gramado na frente do consultório. Muitas vezes os cavalos se

assustavam com o apito do trem e fugiam, dando trabalho aos proprietários.

O tempo passou e a energia elétrica da cidade melhorou, apesar das enchentes do rio do Peixe. Meu pai conseguiu comprar um moderno equipo odontológico movido a eletricidade, facilitando assim seu trabalho nos tratamentos dentários. Na verdade, Dr. Julinho dizia que a Odontologia iria evoluir muito, seria uma profissão muito importante, como é realmente nos dias de hoje, cada vez mais eficiente, com diagnósticos precisos, procedimentos cirúrgicos, implantes dentários, aparelhos ortodônticos, estética bucal... Ele pedia para que eu estudasse Odontologia para ajudá-lo na sua jornada.

Dr. Julinho tinha um temperamento calmo. Era afável, gentil, muito atencioso com os clientes, sabia ouvir e tinha muita paciência no exercício de sua função. Bondoso, tinha dificuldade em fazer as cobranças de clientes, sendo sempre justo e caridoso com os mais pobres. Ele era muito estudioso, realizava cursos duas vezes por ano em Porto Alegre e São Paulo, para aprender ou atualizar-se nas novidades em Odontologia. Viajava sempre de trem para essas cidades.

Infelizmente, quando me formei em Medicina, meu pai já havia nos deixado; ele faleceu um ano e sete meses antes da formatura, em 23 de abril de 1963, aos 65 anos, no Hospital Cruzeiro. Eu me estabeleci como médico em Joaçaba e muitos vinham me procurar e confirmavam, com saudades, o bom trabalho do meu pai.

## 4.11 HOSPITAL UNIVERSITÁRIO SANTA TEREZINHA – REFERÊNCIA REGIONAL



Fundações do Hospital Santa Terezinha

Sergio Eliziário Fabrin de Carl<sup>25</sup>  
Vitor Antonio Deton<sup>26</sup>

O município de Joaçaba, em pouco mais de duas décadas, transformou-se num polo microrregional, o

que implicava a necessidade de ofertar à população uma série de serviços na área educacional e também de saúde, a fim de garantir qualidade de vida de seus munícipes. Por este motivo fazia-se necessário ter um hospital com o objetivo de atender a demanda populacional, contribuindo para uma vida saudável dos cidadãos joaçabenses. Foi assim que a comunidade local

não mediu esforços para solicitar ao poder público que o sonho de um hospital se tornasse realidade, o que aconteceu na década de 1940.

A construção do Hospital Santa Terezinha teve início em 1946, sob a presidência de Oscar Rodrigues da Nova. Durante algum tempo as obras tiveram bom andamento, mas pararam diversas vezes por falta de recursos. Em 1955, Frei Edgar Loers assume a presidência e conclui a construção do primeiro piso. A coordenação foi entregue à irmã Maria Carmelita Leoni, que, em 10 de fevereiro de 1957, inaugurou o Hospital. Dois dias depois, iniciaram definitivamente as atividades. O segundo piso só foi concluído 10 anos depois. A partir desse ponto, muitas obras aconteceram com o intuito de aperfeiçoar as instalações e melhor atender os pacientes de toda a região. O Hospital Santa Terezinha então se tornou referência no âmbito regional, atendendo pacientes oriundos de toda a região e ampliando os seus serviços como uma instituição credenciada ao SUS.

A partir da criação do curso de medicina no ano de 2004 pela Unoesc, criou-se a necessidade da implantação do hospital-escola. Iniciaram-se em 1º de dezembro de 2002 entre a direção do HST e da Unoesc os entendimentos para acordar a forma como iria acontecer a mudança de rumo do futuro do hospital Santa Terezinha.

Em reunião realizada em 11 de novembro de 2004, na sala de administração do HST, com a finalidade de discutir e votar a proposta de doação para a Unoesc, estavam presentes todos os doze membros da diretoria,

<sup>25</sup> Empresário e líder comunitário.

<sup>26</sup> Veterinário e líder comunitário.

assim constituída: Diretor-Presidente – Sérgio Eliziário Fabrin de Carli; secretário – Vitor Antonio Detoni; diretores: Vilson Ceconello, Sadi Zago, Paulo Constante Fuga, Djalma Hack, Telismar Gewher, Marinês Calliari Freiberger, Horácio Pires, Cláudio Peruzzo, Adair Tesser, Ari Angelo Omizzollo.

Antes de convocar a assembleia de sócios, foram realizadas reuniões de esclarecimento com o corpo clínico, funcionários do hospital e lideranças da comunidade. A presidência convocou a assembleia de sócios do HST para o dia 14 de dezembro de 2004. Após amplos debates, foi colocada em votação e por ampla maioria de votos foi aprovada a doação do HST para a Unoesc. A partir dessa data a Universidade podia contar com o Hospital agregado ao Curso de Medicina, que estava com sua primeira turma em curso. Para a Unoesc esse fato foi um marco, pois ela estaria formando a primeira turma de médicos tendo um hospital à sua disposição. Hoje esse hospital abriga médicos-residentes oriundos do Curso de Medicina. Joaçaba ganhou com a atitude sensata desse grupo da Diretoria, que resolveu fazer acontecer a doação.

A visão e espírito comunitário e o empenho e dedicação dos sócios e diretores do HST e da Unoesc foram determinantes para a realização deste histórico acontecimento. Dos 4.000 m<sup>2</sup> de área construída na época da doação, com os investimentos realizados pela Unoesc, o HUST conta hoje com 13.600 m<sup>2</sup> de área construída, apresentando capacidade de atendimento de 176 leitos. Oferece aos seus usuários recursos de

última geração para diagnóstico de doenças, através do seu avançado Centro de Diagnóstico por Imagem (CDIH), proporcionando exames com alta precisão, integrando tecnologia e profissionais especializados. Além disso, vale destacar o setor de Oncologia do Hospital Universitário Santa Terezinha, que atende pacientes dos municípios da região, sendo referência nesta área.

É importante ressaltar que um município que oferece um hospital de excelência para sua população, com um serviço que minimiza as mazelas de sua comunidade, contribui para a melhoria das condições de vida e da escolha do município onde fazer o seu lar.



Construção do Hospital Santa Terezinha

## 4.12 JOAÇABA CENTENÁRIA – ASSISTÊNCIA HOSPITALAR



Adgar Zeferino Bittencourt<sup>27</sup>

Joaçaba, em virtude da posição geográfica e facilidade de acesso, concentra uma grande quantidade de clínicas de prestação de serviços de saúde e detém a assistência hospitalar centrada em dois grandes

<sup>27</sup> Odontólogo, professor e ex-diretor Geral do Hospital Universitário Santa Terezinha. Cronista há 30 anos, mantém coluna permanente em vários jornais e revistas de Santa Catarina.

hospitais: o Hospital e Maternidade São Miguel, com atividade privada, e o Hospital Universitário Santa Terezinha (HUST), entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, que presta serviços médicos a convênios, pacientes particulares e, por ser filantrópico, atende aos pacientes do Sistema Único de Saúde. O HUST, como hospital universitário, presta serviços de ensino para os cursos de formação de profissionais da saúde, tanto

no segundo grau quanto no ensino superior, na Área das Ciências da Vida da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

Mantido pela Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina (Funoesc), o Santa Terezinha dispõe de um corpo assistencial com mais de 100 médicos de todas as especialidades, 500 funcionários, capacidade para 190 leitos. Tem o atendimento regulado pela Lei federal 12.101, com ocupação média de 82% (dados de 2016).

Além do atendimento médico-hospitalar, proporcionando o restabelecimento da saúde dos pacientes, o hospital tem por missão promover o ensino e a pesquisa, atuando de forma decisiva na transformação da realidade social e no desenvolvimento da região do Meio Oeste de Santa Catarina. Em sua visão estratégica, propõe tornar-se um centro de promoção de competências e conhecimento científico, bem como de excelência em assistência à saúde.

O HUST nasceu da competência dos pioneiros que colonizaram Joaçaba. No dia 20 de outubro de 1946 constituíram-se em assembleia os principais grupos políticos e econômicos da região e fundaram uma sociedade civil com o objetivo de construir e fazer funcionar um hospital geral, focado inicialmente na obstetrícia. Enquanto o Hospital Santa Terezinha esteve em construção, a região contou com o Hospital São Roque em Luzerna, dirigido por freiras e com o Dr. Ayer Antunes Maciel como diretor; o Hospital da Empresa Pagnoncelli em Estação Herval, onde trabalhavam dois médicos, o Dr. Miguel Russowsky e o Dr. Luiz Calderon Beltrão; e o Hospital Cruzeiro, pertencente ao Dr. Teobaldo Veiga

Picanço. Desativado o Hospital do Pagnoncelli, o Dr. Miguel, em 1967, inaugurou em Joaçaba o Hospital e Maternidade São Miguel, com 60 leitos.

Em 1957, depois de muita luta por verbas públicas, pela ação empreendedora do Frei Edgar Loers, vigário da Matriz de Santa Terezinha, e pela influência do prefeito Ruy Klein Homrich, o Hospital Santa Terezinha inaugurou a primeira ala com pouco mais de 30 leitos. A direção do HST ficou aos cuidados das Irmãs Salvatorianas e sob a liderança da Irmã Salete por mais de 20 anos. Na década de 1980 as irmãs retiraram-se do hospital, que então contava com cerca de 100 leitos. A direção passou a um colegiado civil eleito por mais de 300 sócios que consolidou o hospital como tipo II, amigo da Criança.

Em 2004 os sócios doaram o Hospital Santa Terezinha à Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina e todo o patrimônio foi destinado à sua consolidação para servir à região do Meio Oeste e aos cursos da Área das Ciências da Vida da Unoesc. A Fundação mantenedora saneou as finanças, organizou a entidade de saúde, dobrou a capacidade de acolhimento e a estrutura física.

### Alguns dados Gerenciais e Administrativos

por equipe administrativa do HUST

O Hospital Universitário Santa Terezinha (HUST), mantido pela Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina, atende o que dispõe a Lei n. 12.101/2009 com alterações da Lei n. 12.868/2013 e regulamentada pelo Decreto n. 8.242/2014, de acordo com as disposições da

Portaria do Ministério da Saúde n. 834/2016 em especial o que dispõe o art. 4º, § único, inciso I combinado com art. 7º e 14 quanto à prestação de seus serviços ao SUS no que se refere ao percentual mínimo de 60%, como demonstrado na Tabela a seguir a aplicação e comprovação anual das internações hospitalares e dos atendimentos ambulatoriais muito acima do que dispõe a legislação.

Atendimentos do HUST	2015		2016	
	N.	%	Nº	%
Internações Hospitalares/n. de paciente-dia /ano	29.874	100,00	35.222	100,00
N. de paciente-dia/ano SUS	25.155	84,20	30.462	86,49
N. de paciente-dia/ano não SUS	4.719	15,80	4.760	13,51
Atendimentos ambulatoriais	144.155	100,00	180.625	100,00
N. atendimentos ambulatoriais/ano SUS	135.200	93,79	170.691	94,50
N. atendimentos ambulatoriais/ano não SUS	8.955	6,21	9.934	5,50

Fonte: Tabwin/Datasus.

Em 2016 o HUST prestou serviços ao Serviço Único de Saúde (SUS) em proporção superior ao mínimo exigido na legislação: Em internações hospitalares atingiu percentual de 86,49%, medidas por paciente-dia; em 2015 atingiu 84,2%. Em atendimentos ambulatoriais atingiu percentual de 94,5%; em 2015 atingiu 93,79%.

Resumidamente, o HUST demonstra outros indicadores e dados gerenciais dos serviços prestados, demonstrando assim sua plena atividade e sua relevância, como se pode comprovar pela Tabela disposta a seguir.

Serviços	2015	2016
Capacidade instalada (leitos)	136	137
Média de ocupação (leitos)	72,09%	73,22%
Cirurgias realizadas	5.799	6.519
Partos (normais, cesáreos e curetagens)	1.242	1.184
Média diária de pacientes (pessoas)	86,60	101,58
Atendimentos de urgência e emergência (pacientes)	50.521	66.533
Atendimentos em hemodiálise (sessões)*	6.265	518
Atendimentos em oncologia (pacientes)	11.706	11.751
Exames laboratoriais	101.559	102.984
Anatomia patológica	11.520	19.080
Radiologia	33.574	43.017
Ultrassonografia	3.993	10.593
Tomografia	6.388	9.516
Eletrocardiografias	3.721	5.828
Hemoterapia	3.533	4.200
Endoscopia	649	1.601
Imuno-histoquímico	1.512	1.774
Gasometria	6.694	7.102
Retossigmoidoscopia	8	17
Colonoscopia	199	211
Broncoscopia	62	73
Refeições servidas	242.275	249.196
Roupa lavada (quilograma)	360.377	413.352

Fonte: Administração HUST.

Nota: \* Em 2016, considerados apenas os atendimentos de pacientes do Hospital, com quadro agudo.

A exemplo do que ocorre em outros segmentos sociais – o esporte, a política, a educação, a saúde, na área cultural a cidade de Joaçaba, em que pese seu espaço físico modesto e uma população pequena, possui uma representatividade cultural muito significativa.



# CULTURA



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle



## 4.13 A CULTURA JOAÇABENSE



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

Anna Lindner von Pichler<sup>28</sup>

Ao celebrarmos este primeiro centenário de Joaçaba, buscamos compreender seu perfil cultural, numa modesta e isenta sondagem, desde antes de seu nascedouro, perpassando por relativa sucessão de fatos que legaram o quadro atual a esta incrível cidade-mãe, com robustos filhos, netos e bisnetos, devidamente emancipados.

Com múltiplas vocações, Joaçaba não tem sotaque definido, consequência da mescla étnica e variadas culturas que desenharam uma cidade singularmente cosmopolita. Joaçaba é resultado de uma ação pós-Guerra do Contestado (1912 a 1916). Ao final de tantos conflitos e desgoverno, o poder público instituiu cidades onde o caos se avizinhasse. Foram nascimentos provocados, com pessoas sendo motivadas, inclusive por companhias colonizadoras, a explorar a região. O

Governo precisava colocar gente no lugar. Ao mesmo tempo, precisava instalar órgãos públicos, a começar pelo fisco, as prefeituras, delegacias de polícia. Muitos foram atraídos pela propaganda que enaltecia a fertilidade do solo, a abundância de límpidas nascentes e fartas matas nativas, exuberante floresta de pinheiros, privilegiada condição climática, além da mão de obra a baixíssimo custo.

No limiar do século 20, a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande acentuou esta realidade, pois movimentou em torno de 8 mil operários, alguns do exterior. Para o eldorado de então, vieram trabalhadores braçais, com pouca ou nenhuma escolaridade; porém fez inestimável diferença a vinda de lideranças, ocupando funções ou cargos de comando, dos mais variados. Assim, a região ganhou pessoas com conhecimento acima da média geral dos nativos, basicamente caboclos e remanescentes das dizimadas tribos indígenas. Com a vinda de imigrantes europeus, com sua cultura secular, a região ganhou impulso ainda maior e chegou a ter um escritório representante do consulado alemão, por cujo idioma muito se estreitava a diplomacia com a própria Alemanha, Áustria, Polônia e outros. Os italianos, que antes adentraram via Rio Grande do Sul, foram se tornando maioria, evidenciando sua grande vocação para a agricultura, pecuária, comércio e industrialização de alimentos.

Por isso, culturalmente, Joaçaba é mesmo ímpar. Não por acaso, Joaçaba orgulha-se de suas consagradas entidades culturais, como a SCAJHO, com seu

<sup>28</sup> Empresária e líder em movimentos culturais.

imponente teatro, que abriga centenas de estudantes de diversas artes; assim como a Carlos Gomes Big Band; as orquestras, bandas e corais das Igrejas evangélicas, as cores e tradições dos grupos étnicos; a universidade e escolas públicas e particulares que abraçam a região na senda do saber; a notável catedral que abriga a Mitra Diocesana; as mais de três dezenas de associações de bairros, com suas promoções e quermesses; os cantores e instrumentos locais, que embalam agradáveis momentos em eventos variados; a dança que desafia a gravidade com detalhe e requinte; o artesanato que nos retrata em fios, palhas e panos; as artes plásticas que derramam brilhante imaginário na textura de telas, madeiros e porcelanas; entre outros aspectos, muito nossos, que se afunilam no gigantismo das nossas

quatro escolas de samba, cuja contribuição cultural se reinventa a cada reinado de Momo, quando mais de 5 mil pessoas desfilam cor, brilho e muita criatividade. E para contar e recontar tudo isso, Joaçaba ostenta, como nenhuma outra cidade deste Brasil, incrível quantidade de veículos de comunicação, entre produtoras de áudio e vídeo, escritores, emissoras de TVs, rádios, jornais, revistas e publicações *on-line*, viabilizados pelo elevado entendimento de empreendedores, que animam a cidade com pujante comércio, além da indústria com vocações, metal-mecânica e agroindustrial, entre outras, cuja pujança, bem o sabem os bancos e instituições financeiras, em quantidade muito acima da média geral de cidades onde a população não alcança 30 mil pessoas.

Nesse grande arcabouço cultural, as artes plásticas têm lugar assegurado em Joaçaba, com reconhecida qualidade, com benfazejas entidades que organizam e comercializam trabalhos de vários artistas, ou com empreendedores individuais, cujas obras ganham notoriedade muito além da cidade.



Outros aspectos corroboram a condição especial do município, a exemplo do modelo agrícola e policultura de minifúndio, com melhor renda e qualidade de vida, também no meio rural. Dali vieram as primeiras demandas para a indústria metal-mecânica, aguçando a mente inventiva dos pioneiros do setor, desde o fabrico de ferramentas, evoluindo para máquinas colhedeiças, macadames e outras engenhosidades que foram a base forte do polo industrial que exporta qualidade. Hoje, os olhares se voltam ao Polo de Inovação Tecnológico de Joaçaba, cujo êxito haverá de honrar a memória dos seus desbravadores.



Créditos: Diário Rio do Peixe

## 4.14 UMA CIDADE MUSICAL



Jaime Telles<sup>29</sup>

Povos tão diferentes em convívio harmônico permitiram farta mistura de costumes locais com as tendências que trouxeram de outros locais de origem. Felizmente, em meio às roupas, ferramentas, maquinários e utensílios, muitos trouxeram instrumentos musicais, especialmente de sopro, como: saxofone, trombone, bombardino, flauta, além do acordeom, do bandoneón, que mais tarde produziram novo caldo musical com o sotaque do pandeiro de couro, firmando cadência com chocalhos, tarolas, bumbos e atabaques.

É o caso da Banda dos Tiroleses (Musikkapelle Dreizehnlinden), fundada em 13 de outubro de 1933, ainda no navio que trazia os primeiros imigrantes para Treze Tílias. A banda continua firme divulgando e enaltecendo a música tirolesa austríaca, agora sob a regência do austríaco Markus Johann Astner, depois de décadas de trabalho do maestro Bernardo Moser, que também atua na tradicional Banda Los Alpinistas, em atividade há quase meio século, composta por Christian Moser, Bernardo Moser, Antônio Pattis, Adolfo Schumacher, Robson Marcelo Fleck e Rudi Moser. Na comemoração dos 80 anos de imigração austríaca no Brasil, a Associação Cultural Austríaca Banda dos Tiroleses contou com recursos do Funcultural, da

Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina e viajou à Áustria, onde fez várias apresentações e também um curso de aperfeiçoamento para seus 47 integrantes. Outra dentre as primeiras formações musicais de Joaçaba, também de Treze Tílias, contava com a regência do Maestro Gabriel Halsberg.

Também na década de 1930 surgiu a Banda Cruzeiro, formada por 28 músicos, a maioria oriunda do Rio Grande do Sul e alguns recém-chegados da Europa. Entre outras formações, a Banda Pagnoncelli, 1937, fomentada pelo industrial Atílio Pagnoncelli, fundador do frigorífico que deu origem a Perdigão, hoje BRF.



Jazz Band, fundada por Vidal Pereira Alves, em 1945

Sem dúvida, o divisor de águas foi o surgimento da SCAJHO, no dia 3 de fevereiro de 1942, quando um pequeno grupo de instrumentistas fundou a Sociedade Cultural Musical de Cruzeiro e Herval, que ganhou enorme impulso quando, em 1952, assumiu seu comando o maestro Alfredo Rudolfo Sigwalt. Com o sucesso da orquestra, Sigwalt valorizou a voz humana ao criar o Círculo de Cantores Harmonia, em 1959. Com

<sup>29</sup> Comunicador e produtor cultural.

a reformulação estatutária de 1963, a entidade ganhou a denominação que permanece: Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste (SCAJHO).



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

A notoriedade da SCAJHO corroborou o currículo de três membros de sua diretoria, os quais elevaram o nome de Joaçaba à mais alta esfera cultural do Estado,

como integrantes do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina:

2005: Anna Lindner von Pichler – presidente da SCAJHO

2006 e 2015: Jaime Telles – Orador e Diretor Literário da SCAJHO

2016/2017: Luiz Fernando Spessatto – Diretor de Música da SCAJHO

Por indicação defendida pelo conselheiro Jaime Telles, o poeta joaçabense Miguel Kopstein Russowsky foi agraciado com a Medalha Cruz e Souza no dia 24 de novembro de 2016.



Mais tarde, já em 1969, outro grupo, que incluía vários scajheanos, deu início à Banda Carlos Gomes, em atividade ininterrupta até hoje, com o nome de Carlos Gomes Big Band. Ruy Cesar Lehrer é o atual presidente da banda, sob a regência do maestro e tecladista Luiz Fernando Spessatto – Nando.

Vários corais também marcaram época, sendo que alguns ainda estão em atividade: Coral Santíssima

Trindade, Coral Fratelli d'Italia, Coral da Unoesc, Il Cacciatori, Associazione Bellunese Di Herval d'Oeste, Coral Coliarte, Coral Ritorna – de Nova Petrópolis, Grupo Di Roma, Coral da Igreja Assembleia de Deus e Banda Clarins de Sião. A maioria das formações foi ou é composta por artistas de Joaçaba, Herval d'Oeste, Luzerna e cidades vizinhas.

Acompanhando as tendências, surgiram ótimas duplas sertanejas em Joaçaba.

O Grupo Musical Sabor de Pitanga foi formado em Joaçaba em 1982 reunindo amigos que faziam música por lazer. O Sabor de Pitanga foi marcante no período 1984 e 1985 e contribuiu na disseminação da cultura de Joaçaba participando de dezenas de festivais em Santa Catarina e no Paraná, obtendo excelentes classificações, inclusive, com vários troféus de campeão. Embora extinto o grupo, o “sabor” jamais foi esquecido. Por isso, a data de 17 junho de 2017, entre as comemorações do centenário de Joaçaba, marca o reencontro do grupo em um *show saudosista, no teatro de Joaçaba.*

## 4.15 O CONTESTADO, UMA VISÃO HOLÍSTICA



Créditos: L&F Fotografias

Adgar Zeferino Bittencourt<sup>30</sup>

Classifico a minha participação no elenco de atores que encenam a peça “O Contestado” de Romário Borelli como um dos melhores momentos da minha, já longa, existência. Escolhi fazer teatro no ocaso da vida.

<sup>30</sup> Odontólogo, professor e ex-diretor Geral do Hospital Universitário Santa Terezinha. Cronista há 30 anos, mantém coluna permanente em vários jornais e revistas de Santa Catarina.

Apaixonei-me pela arte da expressão intelectual e física. Fui ser o Coronel Pedro. Acabei entendendo a grandeza do fenômeno social mais importante do século passado, no qual, em quatro anos, perderam a vida perto de vinte mil combatentes. Tudo acontecido no espaço desta nossa terra do meio, entremeio a Curitibaanos, Canoinhas, Caçador, Calmon, São Sebastião das Perdizes de Videira, Irani, Fragosos (Concórdia), Estação Herval, Limeira,

Coração, Campos Novos, Lebon Régis, Timbozinho, Canoinhas, Porto União e outros mais.

Confesso que fui ao dicionário para entender bem o significado da palavra “holística” aplicada ao subtítulo destes escritos. Holismo quer dizer uma visão integral, completa, absoluta de um fenômeno. Não tenho tanta pretensão. Mas a cada dia gosto mais de ouvir falar e viver o Contestado. Primeiro porque aconteceu bem por aqui, no meio oeste de Santa Catarina. À medida que aprendemos mais sobre este fato social, ocorrido no início do século 20, outras coisas ficam por aprender.

Ninguém mais contesta o Contestado. As razões da luta do nosso caboclo começam a ser conhecidas. “Não conteste o contestado, sem saber sua razão”, alerta o historiador e violeiro Romário José Borelli ao abrir o seu relato sobre o conflito, em magistral texto escrito para o teatro. Os nossos cantadores conclamam a assistência, na abertura da primeira cena: “Por favor peça a atenção; e que escute com cuidado; vô cantá neste tablado; com viola, peito e emoção. Sertanejo bem armado, que rasgô este sertão; ‘Não conteste o contestado sem saber sua razão’.”

Os atores se apresentam em traje estilizado de época. Caminham lentamente. Cantam: “O sor quente rebenta a pinha; que se espia na coxia; espaiando em serra acima; todo o povo sertanejo; maragato refugiado; vindo lá de Vacaria; poncho véio pingo magro; e as história da porfia...” Iniciam-se os diálogos. A sucessão é rápida: os capinadô; o coroné Pedro; as lavadeiras; a procissão para esperar São João Maria; “o povo corre pras estrada; pra vê João Maria que vem; lenda veio antes dele; pelo

*atalho da crença. Lá vem João Maria a bença, a bença...".* As cantigas se sucedem. É a epopeia cantada em forma de ópera horizontal e na língua original de comunicação dos caboclos dos tempos do Contestado!

Segue a performance de Nhá Tertúlia e o cavaleiro... O jogo de truco... as lavadeiras. Inicia a festa da inauguração da ponte de ferro sobre o rio Iguaçu, em Porto União. A causa próxima do conflito começa a aparecer aos olhos dos assistentes. O governo vendeu as terras dos caboclos para os americanos em troca da ferrovia. Os ricos e poderosos da região fazem a festa. Matam vinte bois: *"Bata o sino, corra a festa; muita alegria toda semana; já vamos aproveitá; a colaboração norte-americana..."* A alegria dura pouco. Um bêbado alerta: *"Vanceis tão comemorando que vão perdê tudo?"*. Segue o monstro do capitalismo disfarçado de trem de ferro!

O conflito social se espalha. O ambiente é preparado pela expulsão dos posseiros. Nho Miro não deixa dúvida: *"Nóis moremo aqui desde os tempos que havia bugre por aqui..."*

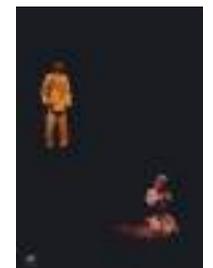
Segue a revolta; o povo vai pedir explicação ao prefeito. O tal enrola... Há a praga dos ratos. Aparece José Maria, o monge guerreiro. *"A semente vira planta; como a noite vira dia; vou pra cidade santa; junto com José Maria."* O povo migra para o Irani. Derrota as forças do Paraná. Morre José Maria com a promessa de ressurreição. A guerra está instalada em toda a região. Quatro anos de luta. Mais de vinte mil mortes. Muitos chefes: Miguel, Terêncio, Elias, a virgem Teodora; Maria Rosa; Chica Pelega. As forças oficiais mobilizam mais de

oito mil soldados comandados pelo General Setembrino de Carvalho. O avião é usado, pela primeira vez, como arma de guerra. Os caboclos, sem recurso, sem tática de guerra, inventam a guerrilha. Do alto dos pinheiros são imbatíveis atiradores. As baixas são muitas. De ambos os lados ninguém faz prisioneiros. Não há como alimentá-los. Os soldados desertam. São mortos. Os caboclos se entregam com suas famílias. São mortos.

A Guerra do Contestado é o maior conflito interno do Brasil. Nos derradeiros meses de 1916 o povo se espalha. Adeodato, o último chefe, aconselha a rendição. Mas não se entrega. Preso no Rio Grande, é julgado em Curitiba. Pega 30 anos de cadeia. A saga de Adeodato termina em 1923 quando, após várias tentativas de fuga da Penitenciária de Florianópolis, ele resolveu sair pela porta da frente. Não obedeceu a ordem de parar. Foi fuzilado pelas costas. A história do Contestado até hoje continua mal contada.

O Contestado é um dos grandes resgates da história do Meio Oeste que transcende aos museus. Precisamos contar ao Brasil o que aconteceu por aqui. Na estratégia da preservação do estado de paz, em 17 de agosto do ano de 1917 quatro municípios foram criados por decreto do então presidente do Estado catarinense, Coronel Felipe Schmidt, fortificados e organizados para pacificar e ocupar a região conquistada após manobras diplomáticas de grande expressão política. Joaçaba, Mafra, Chapecó e Porto União receberam instalações militares e outras estruturas judiciárias e de formação da cidadania. Esta foi uma ação importante ocorrida há

cem anos e tida como consequência da maior guerra civil do hemisfério sul: a Guerra do Contestado, que marcou o início da consolidação do domínio catarinense sobre o Grande Oeste do Estado, a partir do rio do Peixe até o rio Piquiri, na fronteira com a Argentina. Também é importante clarear que as fronteiras ao norte incluíam a margem esquerda do rio Iguaçu em toda a sua extensão.



Créditos: L&F Fotografias

## 4.16 NO ESCURINHO DO CINEMA



Última exibição do Cine Avenida

Antonio Carlos “Bolinha” Pereira<sup>31</sup>

Amigos, nestes quase cem anos de existência, a cidade de Joaçaba teve diversas salas de cinema, mas, desde 2007, com o fechamento do Cine Avenida, ficamos desassistidos.

As pessoas hoje em dia preferem assistir a filmes na TV de alta definição ou nos shoppings, pois buscam conforto e segurança, e isso resultou no fechamento dos cinemas de rua. Em 1961, quando apenas algumas capitais tinham televisão, a cidade de Joaçaba via nascer na avenida XV de Novembro uma sala de projeção moderna, bonita, luxuosa, o Cine Vitória, a que o Dr.

Miguel Russowsky, um ilustre cidadão joaçabense nascido em Santa Maria (RS), deu o nome de sua Amada Esposa, dona Vitória. Projetado pelo saudoso engenheiro Dr. Mauro Batista e executado pela Construtora Erma, aquele era o maior e melhor cinema do estado de Santa Catarina, com 1.550 poltronas e espaço para outras 150.

A luxuosa construção tinha um enorme *hall* de entrada, decorado por ricos vasos pretos de porcelana e espelhos de cristal bisotado, tudo muito chique. As cortinas e a decoração feitas pelo Sr. Franc Slavic, o seu Chico, natural da Iugoslávia e radicado em nossa cidade.

Os irmãos Vivas Fernandes, de origem espanhola, auxiliavam em tudo: Hortêncio era o operador, ou projetista dos filmes; Químico era o porteiro, Botânico o responsável pela gerência, Germinal fiscalizava a bilheteria, contratado pela companhia distribuidora dos filmes. O Sr. Miranda era o fiscal da Justiça, responsável pela fiscalização da entrada de menores e da carteirinha de estudantes, e o soldado Machado fazia o papel de “lanterninha”, enquanto Walmor Dozza cuidava do financeiro.

Outro espanhol, Manoel Durán, oriundo de Santiago de Compostela providenciava na bomboniére o suprimento de balas e refrigerantes necessários para acompanhar as aventuras e os romances projetados na tela.

Os filmes eram antecidos pelo trailer das próximas sessões e pelo Canal 100, um cinejornal brasileiro existente desde 1957 que era exibido semanalmente nos cinemas do país inteiro, com notícias

<sup>31</sup> Comunicador e presidente da comissão do centenário.

(que chegavam ao interior bastante desatualizadas) e muito futebol, com filmagens feitas ao nível do gramado, de certa forma superiores ao que hoje é feito com muita tecnologia. Como ainda não existia televisão em cidades do interior, os espectadores se comportavam como se os jogos estivessem acontecendo naquele momento, ao vivo, com muita torcida nos lances mais empolgantes, narrados por um locutor principiante, chamado Cid Moreira. Chique, não? Quem viveu aquilo tudo vai gostar de rever os dribles de Mané Garrinha neste vídeo, com o tema musical *Na Cadência do Samba*.

Duas rampas davam acesso à parte de baixo da plateia, e subindo alguns degraus se chegava ao mezanino, onde também ficava a cabine de projeção. A estreia foi com o filme *A Última Caçada* (The Last Hunter, 1956), um banguê-banguê, ou “filme de mocinho e bandido”, como a molecada chamava os westerns.

Mais tarde Dr. Miguel e o Sr. Mário Santos, do Cine Marrocos de Lages, ficariam sócios da Rede de Cinemas Arco-Íris, para facilitar o acesso aos lançamentos. O cinema deixou de funcionar em 1985, após um incêndio que atingiu inclusive equipamentos usados para a exibição dos filmes.

A relação do joaçabense com o cinema é mais antiga, pois em 1936, ali onde hoje é a praça Adolfo Konder, o Sr. Afonso Schwartz instalou o pioneiro Cine Progresso, e em 1940 o vendeu ao Sr. Pedro Mergener. No ano seguinte, o Sr. Vitorio Leduc adquiriu aquele cinema e, em outubro de 1949, alugou-o para o Sr. Murilla, do Circuito Paranaense de Cinemas, que mudou

o nome para Cine Rex. Infelizmente, ali por 1955 uma loja de calçados ao lado do cinema pegou fogo e um caminhão-pipa apagou o incêndio, mas não conseguiu evitar que as chamas se alastrassem para o telhado do cinema, consumindo totalmente a construção. Para ampliar as dependências da administração municipal a Prefeitura comprou o terreno.

Na rua Getúlio Vargas (onde hoje é a Galeria Trevisan e já foi o Boliche Las Vegas) existia o Cine Imperial, de propriedade do Dr. Bruno Cantergiani. O “pulgueiro do Bruno”, como *carinhosamente* o chamávamos, tinha 600 lugares, avidamente disputados nos finais de semana, e ali aconteceu em 1945 a transmissão inaugural da Rádio Catarinense. Um aspecto marcante nas noites de sábado e domingo naqueles anos 50 e 60 era o footing, termo inglês que designa um passeio ou uma caminhada, momento em que rapazes e moças se conheciam, elas caminhando num sentido da rua, eles no outro, quando então flertavam e namoravam. As pessoas vestiam seus melhores trajes, afinal, ir ao cinema era como participar de um verdadeiro desfile de modas. A criançada aguardava ansiosamente a matinê dominical, com seriados e muita diversão.

Com o sucesso do Cine Vitória, o saudoso Dr. Miguel resolveu fazer concorrência para si mesmo e inaugurou em 1967 o Cine Avenida, que fechou em dezembro de 2007, exibindo o filme *A Última Legião* (The Last Legion), deixando Joaçaba sem cinema.

Mas nenhuma tecnologia supera a magia de uma escura sala de projeção onde pessoas desconhecidas

partilham emoções. Procurando conservar essa tradição, o Teatro Alfredo Sigwalt apresenta uma sessão semanal de filmes antigos no Cineclubes Miguel Russowsky, nome com o qual procurei homenagear este grande benfeitor das artes.

## Cine Progresso



Ao lado da atual Prefeitura de Joaçaba, tinha 480 lugares. Em 1936 era de propriedade de Alfonso Schwartz, que depois o vendeu, em 1940, a Pedro Mergues, que o revendeu em 1941 a Vitorio Leduc (ou Victor), casado com Gissela Merlin. Um de seus filhos, Arthur Mario Leduc (\*14/8/21), informou que o pai adquiriu o cinema por volta de 1941 e lá por 1949 o arrendou para o Circuito Paranaense de Cinemas (Sr. Murila). Em outubro de 1949 o nome mudou para Cine Rex, e ali por 1954 pegou fogo uma sapataria que havia ao lado do cinema: o caminhão-pipa apagou o incêndio, mas não conseguiu evitar que as chamas se alastrassem para o telhado do Cine Rex, que

queimou; a Prefeitura de Joaçaba então indenizou o Sr. Leduc, pois tencionava ampliar o prédio.

### Cine Imperial



De propriedade da família do Dr. Bruno Cantergiani, tinha 600 lugares. Ali aconteceu em 1945 a transmissão inaugural da Rádio Catarinense, ZYC-7.

### Cinema joaçabense no novo milênio

Apostando alto na sétima arte, especialmente com temas regionais, o empresário Vilmar Miguel Sartori aliou sua experiência e sua estrutura na produção de audiovisuais e passou a produzir filmes. A parceria com o diretor Ernoy Luiz Mattiello frutificou com as produções de: *Heimatland & a História do Kerb*, *Memorável Trem de Ferro* e *Primeiro Assalto ao Trem Pagador*. Em fase de produção outro filme sobre a *Guerra do Contestado*, em parceria com grupo teatral Tejo (Teatro de Joaçaba), da obra de Romário Borelli, adaptada para teatro por Jorge Zamoner, mesclando cenas de palco e de campo,

e, ainda, em fase de projeto, o filme *Santa Saga*, um olhar sobre a colonização do Meio Oeste Catarinense, de Ernoy Matiello e Vilmar M. Sartori.

# Joaçaba-Jornal

**BI-SEMANÁRIO DO OESTE CATARINENSE**

---

**Diretor - Proprietário - Raul A. Pereira - Colaboradores Diversos**

---

Ano I	JOAÇABA, Santa Catarina, 1 de Setembro de 1949	N. 35
-------	--	-------

---

### Armando Sabino

Fez anos no dia 28 do último, o sr. Armando Sabino, alto funcionário do Banco do Brasil, e que acaba de ser transferido desta cidade para a de Florianópolis, sua terra natal.

Por um e outro motivo lhe foram oferecidas duas grandes churrascadas, uma pelos seus correligionários do P.S.D., do qual era 2.º Secretário, e outra pelos seus colegas do Banco.

### Dr. Leopoldino L. Ferreira

Encontra-se nesta cidade, tendo-nos dado o prazer de sua visita, o dr. Leopoldino L. Ferreira, abalizado médico na Cidade de Tangará.

em visita aos seus dignísimos pais e parentes, o jovem academico Pedro, filho do sr. Aquiles Pedrini.

---

### José Pereira Duarte

Deu-nos o prazer de sua visita o sr. José Pereira Duarte, alto comerciante em Tangará, Presidente do Diretório do PSD local e um dos candidatos por esse partido a Vereador nas próximas eleições.

### Cine Progresso

Será exibido hoje, às 20,30 horas, em programa duplo, na tela do Cine Progresso, os filmes: *Macaquinhos no Sotão*, com o Boca Larga e Chouferes e *Gangsters*, com os Anjos de cara suja. Esta Empreza oferece todas as quintas-feira 3 premios em homenagem ao Belo Sexo.

**Ajudái a cobrir a no-**

## 4.17 SEMPRE É CARNAVAL



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle

Antônio Carlos “Bolinha” Pereira<sup>32</sup>

O que há de comum entre a maior Festa Sacra e a maior festa profana? O Domingo de Páscoa pode acontecer entre 22 de março e 25 de abril, e deduzindo 46 dias encontramos, entre 04 de fevereiro e 09 de março, as datas limites para o último dia de Carnaval, conhecido

antigamente pelo simpático epíteto de “Terça-Feira Gorda”.

Pois em Joaçaba esses dias são ansiosamente aguardados: aqui acontece um magnífico desfile carnavalesco, coordenado pela Liga das Escolas de Samba de Joaçaba e Herval d’Oeste, a Liesjho, com a participação das Escolas de Samba: *Acadêmicos*, que estreou em 2013; *Aliança*, criada em 1994; a *Vale Samba*, criada em 1979, oriunda dos Blocos Reis do Petróleo e

*Fino Trato* e a *Unidos do Herval*, cuja história remonta ao final da década de 1950, quando um grupo de casais decidiu se reunir com o pretexto de desfilar pelas ruas das duas cidades, antes dos bailes que aconteciam nos Clubes Hervalense, Dez de Maio e Cruzeiro. Sim, era um pretexto para irem ao carnaval, num tempo em que pais e mães zelosos não permitiam que as filhas donzelas saíssem sozinhas com seus namorados. Sabendo do faldatório que iria causar, o grupo se autodenominou *Que Murmurem*, nome de um bolero de Ruben Fuentes e Rafael Gardenas, que Gregorio Barrios gravara nos anos 50. O Carnaval de Salão nos Clubes Cruzeiro e Dez de Maio só iniciava depois da chegada desse bloco, que atravessava a “Ponte Velha” e vinha batucando e cantando pela Avenida XV de Novembro, até chegar pro “esquentar-goela”, no Bar do Raul Pereira, que nunca cobrava o que consumiam, pois a freguesia aumentava com a presença deles.

As crenças, a religiosidade, fazem parte da cultura de um povo, e a cultura afro trouxe para Joaçaba o Carnaval. De acordo com o saudoso jornalista e escritor João Paulo Dantas, em um livro ainda inédito, *Joaçaba Samba e Faz Carnaval desde 1934*, escrito em parceria com o carnavalesco Jorge Zamoner, “A cultura negra no Vale do Rio do Peixe, mesmo que tímida, exerceu algumas influências na região, e entre elas vale destacar, com mais ênfase, o carnaval. Pouca gente sabe, mas o carnaval com desfile das escolas de samba, que hoje acontece com muito sucesso em Joaçaba, mesmo sendo, praticamente, criado e produzido por brancos, de classe média-alta, a exemplo dos centros de excelência dessa cultura, se deve a um

<sup>32</sup> Comunicador e presidente da comissão do centenário.

*pequeno núcleo de negros que existiu em Herval d'Oeste, nos anos trinta e quarenta."*

No início do século passado vieram trabalhar na construção da Estrada de Ferro SP-RS pessoas que traziam consigo a cultura do carnaval. Oriundos da Bahia e do Rio de Janeiro, gostaram daqui e acabaram fixando residência e constituindo família, o que levou ao surgimento do "Clube dos Negros", por onde passaram batuqueiros e músicos importantes. Esses batuqueiros montavam charangas para animar a torcida dos jogos de futebol, e no tempo de folia elas se transformavam em bateria de carnaval, originando blocos carnavalescos. O grupo responsável pelas primeiras manifestações carnavalescas na região promoveu alguns desfiles de blocos pelas ruas de Herval e Cruzeiro, que era o nome de Joaçaba, à época. Um desses desfiles aconteceu na Rua Getúlio Vargas, com animação da Orquestra dos Irmãos Lins, e foi noticiado pelo jornal Cruzeiro do Sul em 11 de fevereiro de 1934: "Cruzeiro e Herval, irmanados na cordialidade existente entre ambos, darão início hoje aos folguedos carnavalescos. Para esse fim, organizaram vários blocos com as mais originais fantasias, que sairão às ruas." Aqueles blocos precursores tinham por nome "Alô, Alô" e "Anjos da Cara Suja".

A base física dessa manifestação cultural que abrigava os batuqueiros pioneiros era uma mistura de Umbanda e Candomblé, a casa Nova Era, em Herval d'Oeste, na região conhecida como Coxilha Seca. Esse "terreiro", tinha sob o seu comando um Pai-de-santo originário da Bahia, Antônio Nunes de Oliveira, que

morou alguns anos no Rio de Janeiro antes de vir para Santa Catarina. Ele trabalhou no cais do Porto com um dos expoentes da religião afro e do carnaval carioca, Mano Elói, fundador de três escolas de samba no Rio: "Deixa Falar", "Vai Como Pode" e "Prazer da Serrinha", hoje conhecidas como "Portela" e "Império Serrano". Foi com Mano Elói que Antônio Nunes de Oliveira aprendeu os ofícios do Candomblé, e em Herval d'Oeste os repassou para a sua filha Maria dos Prazeres Oliveira, a Dona Maria dos Prazeres, mãe-de-santo e primeira Porta Bandeira da Escola de Samba Unidos do Herval. Negra, Mãe-de-santo e Porta-Bandeira, Dona Maria dos Prazeres acompanhou de perto todas as manifestações da religião afro, com base no Candomblé e na Umbanda e também ao carnaval. Ela faleceu nos anos oitenta, mas ainda teve a oportunidade de ver a sua escola do coração, a Unidos do Herval, ser campeã, com um enredo histórico que contava, subjetivamente, a origem de Herval d'Oeste, com base na história do trem de ferro.

A Vale Samba conquistou o primeiro título, em 1979, sobre as oponentes da época, a Eskinão e a Unidos do Herval, e esta ganhou o carnaval do ano seguinte com o samba enredo que homenageou os trens: "Puxa a Locomotiva e Leva para a Avenida o Nosso Carnaval", de Nildo Ouriques e Antonio Lopes da Rocha, o Toninho. O samba iniciava assim: "Foi no primeiro apito que o progresso chegou, foi com diferentes gritos que a cultura se formou/ Foram tantas as raças que chegaram para civilizar esta terra cheia de graça, esta paz solta no ar/ Puxa a locomotiva que leva pra Avenida o nosso

carnaval: Conte a sua história que mora na memória do povo de Herval."

O desenvolvimento desse que é hoje considerado o terceiro melhor carnaval do Sul teve o impulso necessário com os saudosos prefeitos Evandro Freitas e Normélio Zilio. Iniciando seu segundo mandato em 1997, Zilio queria promover uma festa que chamasse a atenção dos turistas para nossa Cidade e Região, por acreditar que aqui no interior nenhuma cidade sozinha atrairia visitantes. Assim, ele pretendia incluir Joaçaba na rota de quem visita a produção de uva e vinho em Pinheiro Preto, Tangará, Videira; de maçã em Fraiburgo e Água Doce; de quem vai em busca das águas termais em Piratuba e Treze Tílias, com suas maravilhosas esculturas. Várias sugestões foram feitas, festa disso e daquilo, mas os que trabalhavam na Cultura sugeriram que fosse o carnaval essa festa. E assim os resultados estão aí, melhores a cada ano que passa. Os governantes seguintes ampliaram o apoio financeiro, enquanto muitos abnegados, voluntariamente, dedicaram muito de seu tempo para as Escolas.

Sim, nossa maior festa popular encontra-se em um impasse. Foi de tamanha grandeza o seu crescimento, que o carnaval ficou maior que a cidade. Aproximadamente cinco mil pessoas desfilam na Avenida do Samba, o que representa aproximadamente dez por cento da população das duas cidades irmãs. São muitos os responsáveis pelo sucesso do nosso carnaval, que atrai pessoas de toda a região e até de outros estados, e seria injusto citar apenas alguns nomes. Aloir Loraschi, um

dos baluartes do nosso carnaval, enfatiza a importância da participação das famílias para a manutenção da festa. Antigamente, iam para o barracão os pais com os filhos, sobrinhos e até vizinhos, o que transformava o trabalho em uma festa lúdica de confraternização. Com o crescimento verificado, as Escolas contratam “especialistas” em busca do título, o que transformou a brincadeira em algo sério.



Bloco carnavalesco organizado por Alcides Saraiva, no Clube União Hervalense, em 1933

Os desfiles do Carnaval de Rua atraem turistas e muito público, pela grandeza desse espetáculo, autêntica “ópera” encenada na rua. Mas quando tínhamos carnaval de salão os clubes lotavam, e quem se divertiu naquele tempo enquanto viver certamente lembrará as marchinhas de João de Barro, Alberto Ribeiro, Noel Rosa, Ary Barroso, Lamartine Babo, João Roberto Kelly e outros compositores que todos cantávamos nos velhos carnavais: *Allah-La-Ô, mas que calor ô-ô-ô-ôôô...* As Pastorinhas, *a estrela Dalva no céu desponta...* *As águas vão rolar, garrafa cheia eu não quero ver sobrar... Você pensa que cachaça é*

*água? cachaça não é água, não... Se você fosse sincera, ô ô ô Aurora, veja só que bom que era, ô ô ô Aurora... Bandeira branca amor, não posso mais, pela saudade que me invade eu peço paz... Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é... Chiquita Bacana se veste com uma casca de banana nanica... Yes, nós temos bananas, bananas pra dar e vender, banana, menina, tem vitamina, banana engorda e faz crescer... Índio quer apito, se não der pau vai comer... Ó jardineira por que estás tão triste... Mamãe eu quero... Máscara negra, vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é carnaval... Ei você aí, me dá um dinheiro aí... Ó abre alas que eu quero passar... O teu cabelo não nega mulata, porque és mulata na cor... Sassassaricando, todo mundo leva a vida no arame... Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim... Eu fui às touradas em Madri e quase não volto mais aqui... Um pierrô apaixonado que vivia só cantando, por causa de uma colombina acabou*



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle

*chorando... ai ai ai ai, tá chegando a hora... sim, está chegando a hora, mas ainda há tempo para cantarmos a uma só voz, a campeã de todos os carnavais: Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil, cidade maravilhosa, coração do meu Brasil!*



Créditos: Antonio Carlos “Bolinha” Pereira



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle

## 4.18 PERSONALIDADES CULTURAIS



### Adilson Fernandes Guanabara



Nascido no dia 30 de maio no ano de 1952, na cidade de Bom Retiro – Santa Catarina, filho de Osvaldo Davi Guanabara e Enedina da Silva Guanabara. Desde criança já demonstrava indícios de sua vocação rabiscando e desenhando nas paredes de casa com carvão e pedaços de giz da escola.

Em razão das circunstâncias da época, demorou muito para ter acesso à arte e aos meios culturais.

Somente por volta de 1974, saiu do interior e foi morar na cidade, em virtude de seu primeiro emprego na área de Telecomunicações. A partir daí teve oportunidade de desenvolver sua carreira artística na pintura.

No ano de 1998 abre sua molduraria e Galeria de arte onde, paralelamente no mesmo período, ocupa o cargo Municipal de Diretor de Cultura, por quatro anos.

Em 2011, encerra todas as atividades e passa a se dedicar a somente à sua arte, a projetos culturais e a palestras para crianças nas escolas como voluntariado.

## Adriane Margareth Martin



Natural de Joaçaba, nasceu em 09 de setembro de 1968. É formada em artes visuais, com especialização em publicidade e propaganda pela Unesco. Foi professora de pintura por 20 anos no Núcleo de Educação Profissional (NEP) e Professora de artes na rede pública estadual de ensino.

## Angelo Clemente Sganzerla



O roteirista e diretor Angelo Clemente Sganzerla iniciou suas atividades como assistente de produção do saudoso irmão Rogério Sganzerla. Em 1982 escreveu e filmou seu primeiro curta-metragem *Alguns anos depois*,

competindo oficialmente no Festival de Cinema de Gramado. *Tubarões voadores* lhe valeu na 9ª Jornada de Cinema e Vídeo de São Luiz do Maranhão o prêmio de Melhor Filme do Festival - Júri Popular, em 1986.

Empreendeu, a partir de 1987, atividades de locador, distribuidor e produtor no mercado de home vídeo. Dirigiu a produção de vários vídeos, como *A política das cores*, *Ecologicus* e *Documenta*. Realizou pesquisa, roteiro, produção e direção de nova versão do vídeo *Cem anos de Adolpho Konder II*, que estreou em 2004 no Festival Nacional de Documentários de Balneário Camboriú, conquistando os prêmios Melhor Edição - Melhor Vídeo - Vídeo Mercosul.

Como roteirista adaptou o livro *Aos Espanhois Conphinantes*, de Othon D'Éça para filme de longa-metragem, que produziu e dirigiu, tendo sido premiado no Festival Nacional de Cinema e Vídeo Rural de Piratuba, em 2008.

## Antônio Diomário de Queiroz



Incluído no Álbum do Cinquentenário de Joaçaba entre os novos poetas, Diomário jamais abdicou dessa condição, mesmo ao longo dos últimos cinquenta anos de intensa atividade profissional. Seus poemas surgiram ocasionalmente, como *As garças*, de 1995, quando era Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sido ilustrado em tela e em mosaico em 2016, pelo excepcional artista plástico Rodrigo de Haro.

## As Garças

*As garças voltaram!  
Branças, onduladamente,  
pousaram no meu coração.  
O lago as recebeu em silêncio  
na cidadania.  
As flores, com liberdade.  
Os olhos acompanharam seu voo suave  
ao câmpus,  
ao paciente e indiferente estar  
para as fotos do Jones.*

*Todos sorriram para as garças  
com alegria!*

*As garças brancas vieram saciar a fome  
na Praça da Cidadania.  
Comeram os peixes do lago em liberdade  
enquanto houve.  
Ilustraram catálogos, agendas, o Jornal  
Universitário.  
Penetraram no Livro da Criação Latino-americana  
de Rodrigo De Haro  
bicando uma cobra-coral.  
E depois partiram  
pelo mesmo voo branco, ondulado, suave,  
para os lados do mangue do Itacorubi.*

*Todos sentiram saudades das garças!*

*As garças vão e voltam  
como as ideias, os sentimentos  
e os sonhos suaves, ondulados, brancos  
da imaginação.  
Só permanecem enquanto gostam  
do silêncio, das flores, do alimento,  
da efêmera felicidade.  
Mas o vôo das garças alcança o infinito  
da liberdade e da cidadania.*

*Todos perguntam quando as garças voltarão!*

## Carmen Rejane Cella



Carmen Rejane Cella é ilustre poetisa e escritora joaçabense, destacando-se nacionalmente por suas várias obras publicadas. Possui doutorado em Mídia e Conhecimento e reconhecida experiência como consultora educacional.

Em 2013 publica seu primeiro livro de poemas: *As fases do Amor*.

Em 2014 participa da Antologia Café com Verso III e lança o livro de poemas *Gotas de Amor & Sedução*. É aceita como membro vitalício da ALB/SC - Academia de Letras do Brasil. Nesse ano, integra a Ordem dos Poetas do Brasil- OPB e a Antologia Brasil – Poesia Hoje.

Em 2015 Carmen contribui com seus poemas para as coletâneas *Poesia em Movimento*, *Delicatta 10 Anos* e para as antologias *Mulheres Fascinantes III*, *Café com Verso IV*. Publica seu terceiro livro, *Pétalas ao Vento*. É homenageada como Personalidade Acadêmica 2014, por sua valorosa contribuição cultural na literatura catarinense.

Em 2016, é agraciada com a comenda Apolônia Gastaldi, promovida pela Academia de Letras do Brasil, Seccional Santa Catarina. Participa da Antologia *Eça de Queiroz*, na Bienal do Livro do RJ, editada na Ilha da Madeira-Portugal. Publica, ainda, o Catálogo *Delicatta – Álbum de Figurinhas* e o novo livro de poemas *Bem-me-quer & Malmequer*, tendo sido apresentada pelo

escritor Edvaldo Rosa como poetisa revelação na Revista *Conexão e Literatura*. Recebe o título de Personalidade 2016 pela relevante atuação na área literocultural. A ALB/SC lhe reconhece honra ao mérito pela atuação artística e literária, com excelência e dignidade, contribuindo para difundir os ideais daquela Academia.

Em 2017, foi indicada para receber a comenda do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa – Portugal.

Carmen Rejane Cella acredita que as palavras têm o fascínio de sensibilizar, causar emoções, trazer à tona recordações. Por isso fica feliz em compartilhar um de seus poemas neste livro.

### *Janelas da Alma*

*As janelas da alma, roteiro do samba-enredo.  
O carro abre alas, coreografia das cortinas;  
Tecido na fantasia da comissão de frente, sem medo  
Pede passagem com precisão das serpentinhas.*

*O adereço de seu coração dará o ritmo,  
para aquecer as fantasias de sua bateria;  
Permita que os sonhos emocionem meu biorritmo,  
Una o belo e a criatividade atravessasse a alegria.*

*Personalize a harmonia dos tons com inovação,  
Ao atravessar a avenida a beleza em sintonia,  
Vibre com entusiasmo, breque a dor neste dia...  
Alegoria potencial, deste cenário, és a emoção.*

*Janelas da alma, com emoção e mote desta alegoria;  
Equalize seu coração, curta a felicidade e alegria.*

## Clarice Ferri



Ainda jovem estudante do Colégio Normal “Celso Ramos”, Clarice Ferri participou como uma das novas poetisas da cidade, publicando acróstico em homenagem ao Cinquentenário de Joaçaba.

Sempre poetisa, brinda-nos agora com o acróstico sobre o Centenário de Joaçaba.

<i>Joaçaba sempre foi e será</i>	<i>Cada rua, cada canto</i>
<i>O retorno de minhas partidas</i>	<i>Entre prédios e rios</i>
<i>Aqui conquistamos amigos</i>	<i>Nada tira teu encanto</i>
<i>Com certeza pequeno paraíso</i>	<i>Tuas sugestivas figuras</i>
<i>Assim como em tempos atrás</i>	<i>Em esquinas e ruas</i>
<i>Belezas naturais e construídas</i>	<i>Na avenida sem segredos</i>
<i>A cidade escolhida para morar</i>	<i>Assim na praça, emoldura</i>
	<i>Repetem os pássaros no arvoredo</i>
	<i>Incrível o coração persiste</i>
	<i>A certeza. Deus neste solo existe!</i>

## Daniela Radel Bortoli Patrzykot

Natural de Joaçaba é Mestre em Educação com Licenciatura em Educação Artística, habilitação em artes plásticas. Atua na área de Artes e Cultura há mais de 20 anos. Leciona aulas de artes para crianças e adolescentes. Artista plástica e artesã trabalha preferencialmente com temas abstratos, porém dialoga com diversas temáticas. Para homenagear o centenário

do município escolheu retratar o tema Florescer, arte e cultura, onde o destaque fica por conta do Teatro Alfredo Sigwalt, que possibilitou aos joacabenses concretizarem o grande sonho de um espaço dedicado à arte e à cultura.



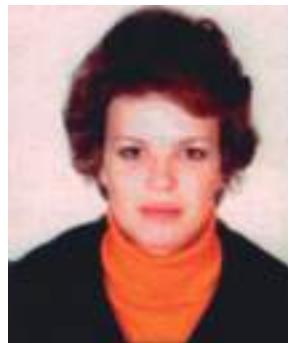
### Inês Salete Balbinotti Valdemarca



Em 1980 foi aluna de Nilza Maria Mendes Wyzkowski. Atuou na área de decorações, pintura em espelhos, painéis e decorações para o carnaval. Aprendeu

pintura em porcelana com a professora Lourdes Dassi. Ampliou conhecimento em pinturas especiais com os professores Washington Ferreira e Ridy Melin. Seus trabalhos foram expostos na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, entre outros órgãos públicos, inclusive em ações beneficentes e filantrópicas.

### June Russowsky



Filha do poeta Miguel Russowsky, publicou a obra *A dor não dorme*, uma coletânea de poesias. Faleceu em 1993, fragilizada e paraplégica, após padecer acidente de avião. A seguir é reproduzida a poesia *Chuva*, de sua autoria.

#### Chuva

*A chuva cai  
constante e devagar.  
Eu sei que a chuva cai,  
no entanto não a sinto como chuva.  
Sinto-a como o inexorável,  
a natureza plausível e real.  
Engraçado:  
- “Da minha janela vejo a luz dos postes,  
as borboletas continuam a dançar em volta da luz.  
Elas não temem a chuva.  
Eu não temo,  
só que não sinto porque hoje ela não me diz nada,  
nem saudade,  
nem pensar,  
nem medo”.*

### Lourdes Dassi



Seu primeiro contato com as artes aconteceu ainda na infância, por meio de Frei Edgard, que lhe permitiu compartilhar a pintura do manto da imagem de Santa Terezinha com giz de cera, dando-lhe valiosas orientações.

Foi a primeira presidente da Associação de Arte Plástica e Artesanato de Joaçaba, entre outros cargos. Tem seu próprio ateliê, com produção e exposição permanente de suas obras, e também ministra aulas. Participa em salões e mostras no território brasileiro com seus trabalhos em tela, seda, porcelana e cerâmica.

## Miguel Russowsky



A biografia de Miguel Russowsky já está primorosamente publicada no texto escrito por Decio Brunoni, no qual se destaca o trabalho pioneiro de médico, empreendedor e cidadão joaçabense, numa vida totalmente iluminada pela poesia.

O reconhecimento da sua obra poética pode ser sintetizado na expressão de Pedro Diniz de Araújo Franco, Emérito da Academia Brasileira de Médicos Escritores: “Miguel Russowsky foi o sonetista em Língua Portuguesa mais importante no fim do século XX e início do século XXI”. O mesmo autor, no ensaio publicado pela União Brasileira de Escritores – UBE, destaca que “o poeta era excelente trovador, poeta clássico fazia poesia moderna, teatrólogo, com peças publicadas e representadas e prosador de renome”. Alcançou mais de quatrocentos prêmios em concursos literários nacionais e internacionais.

Não é demais destacar neste livro o extraordinário conjunto de sua criação, tendo publicado 10 livros durante sua *Vida em Poesia Viva*, como resume a obra póstuma organizada por Rossyr Berny, que o consagra como o “poeta da insônia, do inverno, da chuva, das horas mortas, da madrugada, da melancolia, do des/amor.”

No presente espaço dedicado aos poetas joaçabenses, são publicados alguns poemas de Miguel Russowski focados numa temática específica, a inspiração de sua eterna musa e esposa Vitória.

De seu tempo de namoro, Dona Vitória recita emocionada versos dos apaixonados poemas de Céu de Estrelas, primeiro livro do poeta, dedicado à sua musa: *Eu e Ela*, *Il Primo Bacio* e *Soneto*, exaltando seu amor, a seguir transcritos:

### **Eu e Ela**

*Eu - que sou forte como a serrania,  
Ela - que é frágil qual a mãe que chora,  
Seremos um do outro qualquer dia  
Separem-nos distâncias mil, embora.*

*Mão que abençoa mais obus que estoura  
Viveremos na paz e na harmonia.  
Ela - que é meiga qual a luz da aurora,  
Eu - que sou triste, como a noite fria.*

*Que toda a diferença é pequeninha  
Ante o céu azul que o amor revela  
Pomposo como um trono de rainha.*

*Eu - o cardo seco. Ela - a areia bela.  
Porque a prefiro assim deve ser minha;  
Porque me adora assim devo ser dela.*

### **Il primo bacio**

*Primeiro beijo? Aquele não se colhe...  
Não se colhe, se dá com displicência...  
(Ao que parece) Entanto é na inclemência  
De anseio natural que ninguém tolhe.*

*Às vezes não é o lábio que o recolhe;  
às vezes, é, ao menos na aparência;  
Quase sempre é o olhar que com ardência  
entre olhares translúcidos o escolhe.*

*Há beijos num olhar e até num gesto...  
Pois Dante e Beatriz não o criariam?  
E quem de nós não teve já este ensejo?*

*Qual? Os lábios não passam de pretexto  
Aos olhos que de há muito se beijaram  
Selar na boca o róseo antigo beijo.*

### **Soneto**

*Às vezes, com ideias enciumadas,  
Entre mágoas sentidas tu reclamas:  
- “Eu sei que para as outras namoradas  
Fizeste versos. Mas se é a mim quem amas*

*Por que tuas poesias não derramas  
Para mim que te quero?” - Eu penso: as fadas  
Sabem jogar um coração às chamas  
E olhá-lo com amor penalizadas.*

*A quem roubas acaso o pensamento  
Poderia pensar? Ou pelas gemas  
Do verso amordaçar seu sentimento?*

*Não duvides jamais do meu amor...  
Se às outras dei meus versos, nada temas,  
Porque somente tu ganhaste o autor.*

## Neusa Bordignon Bittencourt



Dentre os novos poetas de Joaçaba merece destaque a poetisa Neusa Bordignon Bittencourt, Pedagoga especializada e Mestre em Administração universitária. Ela dedicou sua vida profissional à educação superior,

tendo publicado, em autoria com Aristides Cimadon, o livro *O SINAES: da concepção ao sepultamento*, no domínio técnico da avaliação. Agora, liberta sua veia lírica nos versos até então represados, estando no prelo seu livro de poesias *A Lua e Eu, que contém lindos poemas, como o apresentado a seguir:*

### A Lua e Eu...

Ah... Luar!  
Momentos intensos de vida  
Tua presença testemunhou...  
Inundando Minh'alma  
De emoção, encanto e vigor!

Lua... terna companheira...  
Reverência e gratidão!  
Luz da minha infância  
Nas verdes matas e rincões...  
Na magia da juventude  
Foi alento... Foi paixão...  
Brilhava tanto lá no céu  
Que incendiou meu coração!

Lua cúmplice, comparsa...  
No beijo nunca esquecido,  
Dos amores preteridos,  
Das ilusões desencadeadas,  
Das paixões renunciadas,  
E das pretensões escondidas!

Lua amiga e comparte  
De momentos de glória,  
Luziu lutas e vitórias,  
Torna, enfim, a cintilar,  
Em cenário alucinante:  
O Villagos a laurear!

Nas lagoas cristalinas,  
Mágico brilho a reluzir,  
Dentre a névoa incandescente  
Tua sensualidade a flamejar...

Afloram lembranças, ilusões...  
Profusas lágrimas a emergir...  
Sucumbi às emoções...  
Essências minhas...  
Aguenta coração!!!

## Nilza Maria Mendes Wzykowsky



Sempre rodeada por arte e por artistas em sua loja de molduras, em atividade desde 1963, ela concilia o balcão com seu ateliê-escola, que funciona anexo. Nesses 37 anos ensinando, “acompanho as preferências de meus alunos, desde abstrato, surreal, acadêmico etc. Aprendi a gostar de todos, percebendo sentido e beleza em cada um” .

## Paulo Ricardo dos Santos



Professor universitário, músico e poeta, Paulo Ricardo traz a vida cotidiana em poesia, em versos ritmados pelas palavras, provocando a construção de novos significados pelo leitor, como se destaca no Prefácio de seus

*Versos Sonoros* publicados pela Editora Unoesc.

### Joaçaba 100 Anos

Rio de sonhos passa por aqui  
Entre pontes se encontram pessoas  
Que diferentes tem o seu servir  
Buscando conquistas e respostas

Gente que luta e cresce  
Que vive na fé  
Não abandona, enobrece.  
Nunca um adeus, somente um até

A riqueza não está no chão  
Cravado, jogado na lama,  
Mas no coração  
Desta gente que ama

Cidade rara  
Muitas cores  
Todas as caras  
Mil sabores

Neste Vale de monumentos  
A lua brota perto  
Em magia de momentos  
Que explicar, não sei ao certo

Música, energia, fantasia  
O povo faz alegria  
Vive e contagia  
Quem visita e prestigia

Na Getúlio com a Sete  
Se formam histórias,  
do grande ao pivete  
Imortalizam memórias

Vou larfiar bem certo  
Irmã que mora perto  
Participa e coopera  
Unidas na grande esfera

De mãos dadas em amizade  
Outra Irmã lá na chegada  
Forma o triângulo da beleza  
Dessa metrópole encantada

Pequena grande Joaçaba  
Em teu chão, águas de suor  
No teu céu, bênçãos ao redor  
Desde tempo: uma empreitada

Não há cantos no teu vale  
Há música no teu céu  
O vento em brisa invade  
Imagem de europeu

Vi(f)vida Joaçaba  
São 100 anos de estrada  
Algumas décadas açucaradas  
Outras um pouco enroladas

Agora tu és crescida  
aquela que toca o céu  
Como árvore comprida  
brilhando sob o chapéu

Cem vezes amor  
Mil vezes emoção  
Às vezes perco a razão  
ouvindo tanto clamor

De história se vai ao longe  
Construindo a alma  
De quem fica e quem vai  
Com a calma do monge

Pouco a pouco  
Lento alento  
Grandes conquistas  
Sempre otimista

A verdade é uma só  
Um amor de vale  
É como a verdade  
Não se vai como pó

Permanece na alma  
D'aqueles que habitam  
Uma pequena grande cidade  
Que a todos conquista

### Rodrigo Barros Gewehr



Joaçabense nato, vivendo no desterro desde cedo, angariou traçar alguns caminhos pelos vãos da existência. Formado em Psicologia pela Unoesc-Joaçaba, Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Université

Denis Diderot - Paris VII, leciona Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Coração e inteligência inquietos, segue seu trabalho de pesquisa poética da vida, como no poema Prisioneiro das metáforas:

### Prisioneiro das Metáforas

prisioneiro das metáforas  
meu coração é poesia  
dos dentes rangendo de frio  
à unha encravada no pé  
tudo é alegoria

*ciência credo e cruz  
cada partícula de matéria  
é feita de carbono e sonho  
e são tantas as padarias  
onde os sonhos são muito mais doces  
que os sonhos de um mundo melhor*

o pingo que pesa  
na cabeça fina do i  
ama mais o infinito  
que a finitude  
irriga o solo seco da solidão  
e ainda que seja apenas um pingo  
inunda a terra quando cai a chuva  
aluvião

a pena rompe o hímen do verbo  
que exclama e declama e quer mais  
jamaís o verbo se sacia  
e de tanto engolir adjetivos  
acaba acreditando no imperativo  
embora viva suspenso nas reticências

que imundo é o mundo  
do concreto armado  
dos ternos imaculados  
da boca suja de mentiras  
bem lustradas

*construímos castelos de aço e vidro  
que não são maiores que um pingo  
na cabeça fina do i  
e nos cremos grandes  
erguemo-nos como gigantes  
acima da mais alta montanha  
mas se à pá lavra é escada*

## Rogério Sganzerla



Na ciência e arte cinematográfica brasileira e internacional, Rogério Sganzerla figura entre as estrelas. Sua genialidade é nata em Joaçaba e desde os 12 anos se revela nos cinco contos infantis então por ele escritos.

Com excepcional inteligência analítica, desde os 17 anos Rogério publicava suas opiniões sobre o cinema no *Jornal da Tarde* e *O Estado de S. Paulo*. “Enquanto pude, fiz cinema com a máquina de escrever”, afirmou em entrevista a Antônio “Bolinha” Pereira. O olhar crítico sobre o cinema caracterizou toda sua trajetória profissional. Nos *Textos Críticos 1 e 2* publicados postumamente pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, destaca José Geraldo Couto: “Seus artigos, críticas, ensaios e libelos trazem a marca do gênio que força os limites da imagem e da palavra para expressar ideias novas e inquietações antigas.” E acrescenta: “Neste livro, encontramos lado a lado o Sganzerla cinéfilo-crítico, erudito da história e da estética do cinema, e o Sganzerla militante, que vocífera contra as mazelas de nossa política cultural com o desespero de quem clama no deserto.”

Premiado aos 21 anos no festival JB/Mesbla de cinema, Rogério participou do Festival Internacional do Cinema de Cannes. No navio de retorno ao Brasil, delineou o roteiro do filme *O Bandido da Luz Vermelha*,

produzido em 1968 como seu primeiro longa-metragem, um dos mais premiados filmes brasileiros. Seguiram-se várias produções, *A Mulher de Todos* (1969), *Sem Essa Aranha* (1970), *Tudo É Brasil* (1997) e *O Signo do Caos* (2003), entre outras.

Rogério casou-se com sua musa do cinema Helena Ignez, a qual, após o falecimento do cineasta em 2004, com base em roteiro por ele legado, realizou seu sonho de filmar *Luz nas Trevas - A Revolta de Luz Vermelha*, em direção conjunta com Ícaro Martins.

Pela excelência de sua obra, Rogério Sganzerla foi agraciado em 2003 com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural pelo Ministério da Cultura. Em Joaçaba, foi criado o Instituto Cultural Rogério Sganzerla, com o objetivo de reverenciar a memória do ilustre cineasta joaçabense.



Cena do filme “O Bandido da Luz Vermelha”. O cineasta declara seu amor por Joaçaba de forma subliminar.

## A Beleza da Mulher Joaçabense

A homenagem à beleza centenária das mulheres joaçabenses é retratada pelas duas representantes eleitas Miss Santa Catarina.



Edith Donin orgulhou Joaçaba ao tornar-se em 1956 Miss Santa Catarina! No Teatro Carlos Gomes de Blumenau, ela superou até a candidata local, chegando em primeiro lugar, num momento mágico, em que o país vibrava com a beleza da Miss Brasil Martha Rocha! Mas, para os joaçabenses Edith era ainda a mais linda!



Elizabeth Martini, em 1981, voltou a orgulhar a cidade, ao ser eleita em Chapecó a Miss Santa Catarina, encantando a todos!

# O ESPORTE



Campo do Scarpeta – onde depois seria construído o Estádio Oscar Rodrigues da Nova

A vocação esportiva de Joaçaba é rica, grandiosa e surpreendente para uma relação com o tamanho da sua população. No município, existem praticantes de nível competitivo em dezenas de modalidades, como futebol de campo, futsal, vôlei, basquete, handebol, ciclismo, judô, bocha, bolão e tiro. São inúmeros os atletas de destaque estadual e nacional. Isto pode ser atestado pela histórica participação de Joaçaba nos Jogos Abertos de Santa Catarina e nos campeonatos de nível estadual e nacional.

Descrever este cenário é um desafio, pois certamente muitas são as personagens que devem ocupar este espaço.



## 4.19 JOAÇABA E OS JOGOS ABERTOS



Inauguração do Ginásio Silveirão, em 1968. Em destaque o técnico João Carlos Muller

Rogério Augusto Bilibio<sup>33</sup>

Os Jogos Abertos são, sem sombra de dúvida, uma das maiores manifestações poliesportivas do Brasil. Não há evento facilmente comparável a este, em termos

de envolvimento de modalidades, na mobilização de profissionais e amplitude de participação de municípios.

A história dos Jogos Abertos inicia em Brusque, em 1960, mas na verdade remonta aos anos 50, quando competições regionais, já com várias modalidades, eram organizadas e disputadas em vários pontos do Estado. É precisamente aí que começa uma relação do município de Joaçaba com os Jogos Abertos, que é muito mais

intensa do que a maioria das cidades catarinenses. Isto porque um dos organizadores destas competições regionais – que inspiraram Arthur Schlösser a organizar os JASC – é Rudy José Nodari, ex-prefeito de Herval d'Oeste, que na época, sendo grande incentivador do esporte, promoveu campeonatos regionais de basquete, vôlei, futebol, aqui em Joaçaba. Sendo grande amigo do Dr. Schlösser, é fácil concluir que os esforços de ambos, e de mais outras personalidades, como Rubens Fachini, culminaram com a criação dos JASC. Atualmente, Rudy José Nodari é a única personalidade catarinense que acompanha fielmente, sem falhar uma única edição, todos os Jogos Abertos de Santa Catarina.



Mas Joaçaba tem outras peculiaridades relacionadas aos Jogos Abertos. Sediou pela primeira vez o evento em 1967, no ano de seu cinquentenário. Anos depois, em 1988, voltou a receber a competição. Repetiu o fato em 1989, até porque os demais municípios, com dificuldade de sediar os

JASC, acabam por confiar esta missão para Joaçaba, pela sua tradição de fazer bem. É de se lembrar aqui a performance da cidade em abrilhantar o evento, tanto que a equipe joaçabense, comandada pelo saudoso Edmar de Oliveira Pinto, Professor Edinho, foi requisitada por outras cidades na organização dos Jogos. Abrigaria

<sup>33</sup> Mestre em História Regional; professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

uma nova edição em 1998, e novamente em 2006 e em 2015 (aqui em conjunto com Luzerna e Herval d'Oeste).

O que dizer então da participação de Joaçaba nos Jogos Abertos? É praticamente impossível contar esta trajetória sem escrever um livro extenso a respeito. Portanto, caberia uma tentativa de sintetizar as imensas glórias conquistadas. Na verdade, é difícil relacionar as principais modalidades em que Joaçaba se destacou. Vamos correr este risco e registrar para os joaçabenses mais jovens um pouco do que os nossos atletas desempenharam.

O Xadrez – certamente esta é a modalidade em que Joaçaba mais fez história. Já no nascedouro, em 1960, conquistou a primeira medalha de ouro para nós. Na sequência viriam 8 títulos da modalidade no naipes masculino. Foi ainda, outras vezes, vice-campeão, e quase sempre chegando aos momentos decisivos do certame. Os enxadristas que fizeram esta história são os saudosos Alexandre Muniz de Queiroz e Miguel Russowsky.

O Futebol de Salão – das modalidades de quadra, o futsal foi onde Joaçaba demonstrou grande potencial. Foram 3 títulos de campeão e diversos vice-campeonatos. Sem contar os jogos e os grandes jogadores.

O Tiro – disputado nas categorias de Tiro Revólver, Tiro Carabina e Tiro ao Prato inicialmente, e depois acrescido de Carabina Ar Comprimido e Pistola Pressão de Ar, esta modalidade também teve em Joaçaba um dos seus referenciais. Nossa cidade obteve medalhas de ouro, de prata e de bronze em inúmeras edições.

O Judô – nesta milenar arte Joaçaba desempenhou importante papel. As medalhas conquistadas são inúmeras, e por diversas vezes Joaçaba trouxe o título de campeão geral ou de vice-campeão da modalidade.

Saltos Ornamentais – embora no período mais recente Joaçaba não tenha se destacado, na primeira década dos Jogos foi campeã geral e trouxe diversas medalhas.

Natação – esta modalidade, tanto na categoria masculina quanto feminina, e nos seus mais diversos estilos, trouxe muitas glórias para Joaçaba. No início dos Jogos, os nadadores, que treinavam no rio do Peixe, por diversas vezes só tomavam contato com a piscina quando a competição iniciava. Obviamente que, com o passar dos anos e a criação de estruturas na cidade, os nadadores puderam competir com mais qualidade. São muitas as medalhas conquistadas, além dos títulos de campeão e vice-campeão.

Bolão – outra modalidade que trouxe o título de campeão geral e que contribuiu para a confirmação de Joaçaba como potência dos JASC.

Tênis de mesa – ao longo das décadas os atletas foram se renovando, mas sempre o tênis de mesa trazia medalhas e títulos de campeão. Assim, nos anos de 1960 a equipe foi campeã e vice-campeã dos Jogos Abertos de Mafra e Joaçaba.

Falando em campeões, ninguém nos supera no quesito de cidade a sediar os JASC, foram seis edições.



Emil Rached, astro do basquete nacional, prestigia os Jogos Abertos de Joaçaba em 1967.

## 4.20 O FUTEBOL AMADOR E O FUTEBOL PROFISSIONAL



Equipe do Comercial, anos 1950

Rogério Augusto Bilibio<sup>34</sup>

De todos os esportes, o futebol de campo é, sem dúvida, o que mais desperta a paixão do brasileiro. E em Joaçaba isto não é diferente. Desde a fundação da cidade, os joaçabenses se divertem com o futebol. Nos campos, nas várzeas, nas ruas que na época poucos carros utilizavam.

<sup>34</sup> Mestre em História Regional; professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

A partir de 1951, com a construção do Estádio Municipal Oscar Rodrigues da Nova, as equipes dispuseram de um espaço adequado para desfilarem seus talentos. Os torneios reuniam, com facilidade, dezenas de equipes amadoras. Os jogos eram bem disputados e atraíam grande público. Tudo isto possibilitou que Joaçaba abrigasse não uma, mas duas poderosas agremiações de futebol – por assim dizer, para o contexto da época – profissional. Afirmamos isto porque disputavam o campeonato catarinense de

profissionais, embora seus jogadores fossem amadores, ou semiprofissionais. Mas era assim que se fazia futebol em Santa Catarina até os anos 60. Os jogadores eram contratados como amadores, mas conseguiam alguma atividade profissional na cidade, e eram remunerados ocasionalmente, com os chamados “bichos”, incentivos em dinheiro por títulos ou vitórias.

Estamos falando do Cruzeiro Atlético Clube, conhecido como Atlético, e do Grêmio Esportivo Comercial, o Comercial.



Equipe do Atlético, ao fundo as velhas arquibancadas de madeira do “da Nova”.

O Atlético foi fundado em 7 de setembro de 1941. Ganhou dezenas de títulos municipais e regionais, e principalmente nos anos 50, quando teve seu auge, chegava em todas as fases finais do campeonato catarinense. Foi 3º lugar em 1950, sua melhor participação, e ficou entre os cinco melhores por diversas vezes naquela década. Sua constelação de craques é imensa: Valódia, Schueda, Vicentinho, Rota, Rui Liberalli, Manico Frank, Gerson Sauer, Japona...



Equipe do Comercial, anos 60

O Comercial, fundado em 29 de abril de 1946, a exemplo do seu rival, tem inúmeros títulos citadinos e regionais no seu currículo. Contudo, seu período de maior destaque foi na década seguinte ao Atlético, nos anos 60, quando chegou ao vice-campeonato catarinense de 1966, e também figurou diversas vezes entre os quatro principais colocados no período. Seus craques também são muitos: Simi, Dinha, Poletto, Carlinhos, Taxinha, Bode, Valdinho, os irmãos Babá e Romeu...



Equipe do Hervalense, tradicional rival dos clubes de Joaçaba

Embora estivesse sediado no vizinho município, o Hervalense deve ser lembrado. Também ali muitos craques mostraram competência, e travaram duelos monumentais com os joaçabenses: Melsi, Charuto, Cachorro, Pittol, Severo, Canofre, Marlo...

Falar em Atlecial, o tradicional embate entre os dois clubes, é como falar em Fla-Flu ou Grenal. Era um evento além do futebol, onde se misturavam política, cultura, sociedade, dentro de uma atmosfera sadia e que era parte importante da vida cotidiana do joaçabense. São muitas as histórias dos Atleciais. Escolher um deles é tarefa difícil. Ambos venceram pelepas homéricas. Vamos dizer, então, que estes esquadrões são uma página bonita da nossa história e que eles ficarão eternamente “empatados” na nossa predileção.



JEC disputando a taça de bronze, em 1981

Nos anos 70, Joaçaba criou a sua equipe de futebol profissional. Já eram outros tempos, e ali os atletas eram efetivamente remunerados para jogar futebol e participar das competições profissionais. Foi em 1977 que disputamos o nosso primeiro estadual, com

o Joaçaba Esporte Clube (JEC). Fomos bem, apesar de não conseguirmos a classificação para as finais. Contudo, em 1978, 1979, 1980 e 1981, quando o campeonato era decidido em hexagonais ou octogonais, sempre nos classificamos para as decisões. O melhor desempenho foi em 1980, quando ficamos em 3º lugar. Essa fase se encerrou em 1983, com a extinção do JEC. Vamos lembrar alguns dos grandes craques dessa época? Começando no gol: Juarez, Jurandir, Casagrande. Na defesa: Baiano, Betico, Mario José, Valmir. Do meio de campo para a frente: Paulo Roberto, Valdir, Larry, o temível Luiz Fernando, Mikimba, Rodrigues. Foram muitos jogadores.



ADJ: Equipe campeã da 2ª Divisão em 1992

Nos anos 90 foi criada a Associação Desportiva Joaçaba (ADJ). Sob a liderança de Luiz Carlos Coelho, um abnegado do futebol joaçabense, começamos disputando a segunda divisão, em 1990. Já em 1992 fomos campeões, numa jornada magnífica, e subimos para a primeira divisão. Disputamos ali os campeonatos

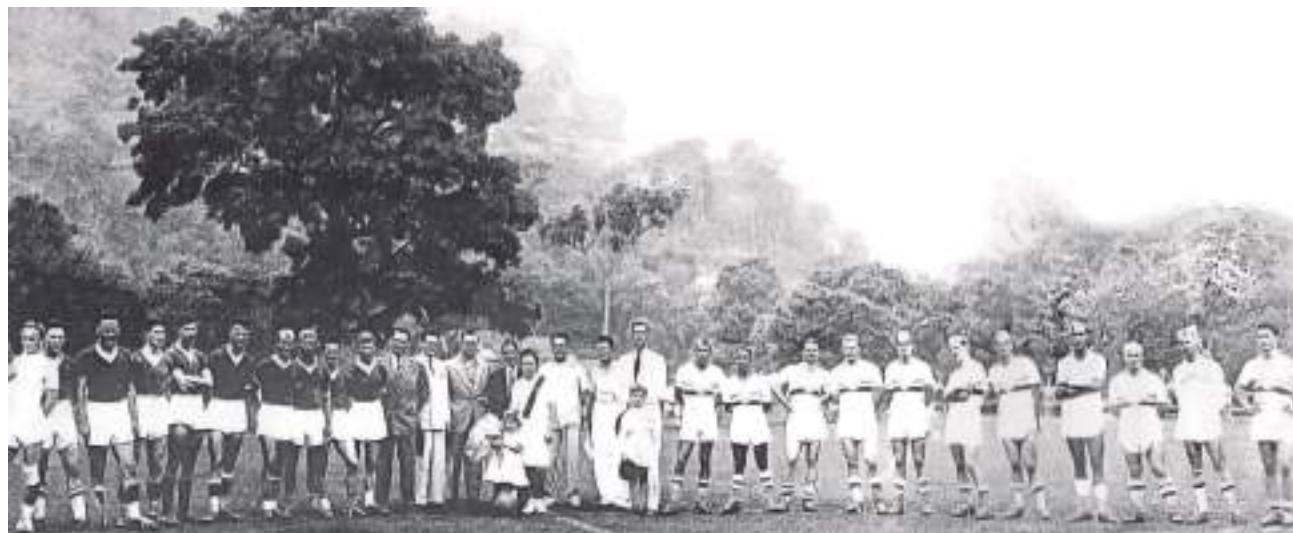
de 1993, 1994 e 1995, quando chegamos às semifinais, ficando em 3º lugar. Grandes jogos nesse período. Desta fase destacamos os seguintes atletas: Luis Carlos, o Cuca, grande artilheiro e pai de Natalia Zilio, uma das maiores jogadoras de vôlei do planeta. Destacamos ainda Toninho Macedo, Marcelo Nunes, Carlos Alberto, Tiziu, Paulo Cesar, Edson Baretta, Claudinei, Kito.



JAC: vice-campeão da 2ª Divisão em 2000

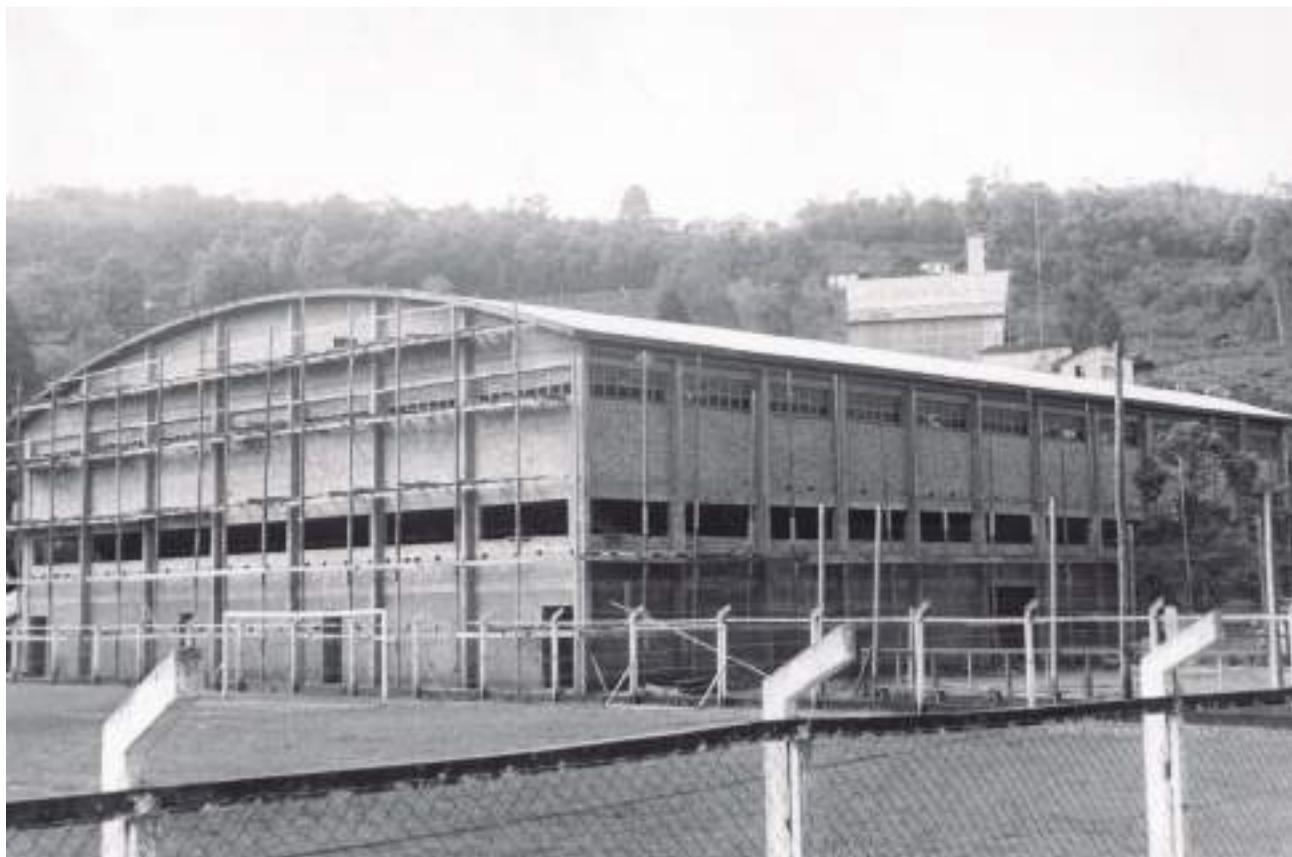
Nosso terceiro momento no futebol profissional é com a chegada do Joaçaba Atlético Clube (JAC), em 1997. Chegamos ao auge em 2000, quando fomos vice-campeões da segunda divisão. Dessa época o torcedor não se esquece do goleiro Pedro Paulo, do zagueiro Mauro Ovelha, do artilheiro Jacozinho e de tantos outros.

O futebol continua na nossa vida, mas precisamos reorganizar nossos espaços para isto. A demolição do estádio, para dar lugar ao parque municipal, não pode significar o fim das equipes profissionais em Joaçaba. Não seria o centenário de Joaçaba o momento para alavancarmos de novo essa nossa gloriosa história?



Primeiro Atlecial: vitória do Comercial por 1x0, ano aproximado 1946

## 4.21 A ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE EM JOAÇABA



Ginário Ivo Silveira “Silveirão” em construção, em 1967

Valéria Ferreira<sup>35</sup>

De forma legal, a história do esporte em Joaçaba pode ser compreendida em seis momentos, em que o poder público emitiu conteúdo legal a respeito. No texto a seguir, encontra-se uma síntese destes seis momentos.

<sup>35</sup> Especialista em Educação Física. Funcionária municipal na área do Esporte.

I

O Projeto de Lei n. 364, de 1962, determina que o esporte passa a ser gerido pela Comissão Municipal de Esportes, com o objetivo de estudar e propor medidas capazes de influenciar a difusão do esporte amador no município. O primeiro presidente, Zeno Mendes, atuou durante dois anos.

Em 1967 o atleta de futebol de campo Idolor Luiz Ferreira, o Piraí, foi contratado pelo Cruzeiro Atlético Clube

e em 1968 pela CME, onde atuou até o ano de 1980. Ele foi árbitro nas modalidades de futebol, futebol de salão e voleibol feminino. Atuou na organização da primeira academia de judô de Joaçaba, trazendo para este esporte o técnico Cezarino Inácio de Lima e os atletas Marcos Caliarí, Genarino Justi e Ailton Daros. Formou as primeiras escolinhas de futebol de salão, voleibol masculino e feminino (Dionice, Ivete, Jaci, Iara, Leila, Ivana de Dea, Deloni Ferreti e outras). Também convidou Jorge Sebastião, o Chocolate, atleta de muita expressão na modalidade de judô, conquistando vários títulos nos campeonatos estaduais e Jogos Abertos de Santa Catarina.

Em 1967 Joaçaba sediou os 8<sup>os</sup> Jogos Abertos de Santa Catarina tendo como presidente Walter Pereira Mendonça e como presidente do Conselho Deliberativo Rudy José Nodari. Com 26 municípios inscritos, participaram 944 atletas em 22 modalidades.

O trabalho estritamente amador levou Joaçaba a conquistas inéditas, como o Campeonato Nacional pela atleta Márcia Bernardi na modalidade de judô em 1983. Marca também o decacampeonato dos Jogos Abertos na modalidade de xadrez.

### II

No ano de 1986 criou-se o Centro de Educação Esportiva (CEE), presidido pelo professor de Educação Física Paulo Ströher.

A grande conquista dessa época foi o 3<sup>o</sup> lugar na Taça Brasil de Handebol, campeonato nacional sediado em Joaçaba. Vale lembrar que todos os atletas da equipe

de Joaçaba foram formados nas escolinhas da CEE. Destaque para os atletas olímpicos Rodrigo Hoffelder e Ivan Mazziere, “o Macarrão”, nascidos em Joaçaba e que tiveram sua iniciação nas escolinhas de handebol.

Em 1988 e 1989 Joaçaba sedia os Jogos Abertos de Santa Catarina, o que lhe dá uma projeção política desportiva no Estado. Nesse momento a CEE era presidida pelo Professor Edinho e sua equipe de trabalho. Em 1988 Joaçaba conseguiu o 5º lugar geral nos JASC, fato inédito e que justifica o trabalho de massificação e qualificação esportiva. Por ocasião dos Jogos Abertos de 1989 foi lançado o projeto dos Joguinhos Abertos de Santa Catarina, até hoje realizados pela Fesporte entre um dos maiores eventos de Santa Catarina.

### III

Em 1993 instituiu-se a Fundação Municipal de Esportes de Joaçaba (FMEJ). Sua estrutura organizacional tem como Superintendente Edmar de Oliveira Pinto; na Administração Executiva, Prefeito Afonso Dresch e Vice-prefeito Armindo Haro Neto, que assumiria a Superintendência um ano depois. A FMEJ tem por finalidade básica projetar e executar a política pública de esportes do município de Joaçaba.

### IV

Em 2001 instituiu-se a Fundação Municipal de Esportes e Eventos do Município de Joaçaba (FEEJ).

O esporte-rendimento neste momento tem a parceria das associações: Associação Joaçabense de Voleibol (Ajoy); Associação de Basquetebol de Joaçaba e Luzerna (Ablujhe); Futsal Joaçaba, Unoesc Handebol, Esporte Clube Cruzeiro (modalidade de bolão), Associação Atlética Banco do Brasil, com a modalidade de futsal (categorias de base).

O principal destaque é a jogadora de voleibol Natália Zilio Pereira, que já aos 16 anos de idade foi considerada a melhor jogadora do mundial infantojuvenil na China e hoje é atleta olímpica. Natalia foi descoberta pelo professor Cesar Junqueira na escolinha da Ajoy, trazida para a equipe principal da associação, e treinou durante anos com as técnicas Karine e Débora Sufredini.





## V

Em 2009 criou-se a Fundação Municipal de Cultura e Esporte. Em sua estrutura organizacional, o Superintendente Roberto Vesolowski - Betinho, nomeado pelo Governador Raimundo Colombo para o Conselho Estadual de Esportes. O professor Betinho implantou leis municipais que favorecem as associações desportivas, as quais tomam força por meio do repasse de fomento. Assim, a Diretoria de Esportes estabelece regime de cooperação mútua para promover o esporte educacional, de participação e de rendimento. Em 2011, a professora de Educação Física Mirian Dolzan assumiu a Fundação Municipal de Esportes, permanecendo no cargo até 2013.

## VI

Em 2014 instituiu-se a Diretoria de Esportes, que passou a ser a gestora do Fundo Municipal de Esportes, tendo em sua estrutura organizacional administrativa o Diretor de Esportes, Rony Edson Lenz. Em 2016 o professor de Educação Física Anderson Andres assumiu a Diretoria

de Esportes e implantou o projeto Descubra o esporte. Em 2017 assume como Coordenadora de Esportes a profissional de Educação Física Ana Paula Abe Gurgacz, a qual desenvolve novas metodologias esportivas para o esporte municipal. Com o intuito de fomentar o futuro esportivo de Joaçaba, ela busca a criação e implantação de uma política pública esportiva, promovendo a execução do Plano Municipal de Esportes e Eventos e orientando a prática de atividades esportivas.

Os destaques são as atletas de judô Adriana Alves Capela, campeã Pan-americana, Emanuelle Andrade, bronze no Pan-Americano sub 15, e Fabricia Zucchi Cassol, campeã sul-americana juvenil; o atleta de tênis de mesa Daniel Godoi, campeão latino-americano sub 13 e campeão sul-americano sub 11; a atleta mirim Letícia Andres - sub 11, bronze no Sul-Americano de badminton; e a modalidade do futsal adulto, que este ano participa da Liga Nacional.

Em 2017 comemoramos a 46ª edição da Olimpíada Estudantil de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna (Oliejho), evento que envolve mais de duas mil crianças e adolescentes da rede estudantil dos três municípios em competições de várias modalidades.

## AS MODALIDADES ORGANIZADAS EM JOAÇABA

### Badminton



A Associação Meio Oeste de Badminton (AMOB) foi fundada em 2013 com o objetivo de difundir uma nova modalidade esportiva no município de Joaçaba, e já teve mais de 300 participantes entre crianças, jovens e adultos.

No ano de 2015 o Técnico Anderson Andres e a Atleta Letícia Pinto Andres foram convocados pela Seleção Brasileira de Badminton para o Pan-Americano Jr. no México. A Associação já possui títulos nacionais e internacionais, tendo conquistado também o maior prêmio de Santa Catarina: a medalha Gustavo Kuerten. Em 2016 a Associação se tornou Campeã Estadual, vencendo todas as etapas disputadas.

### Basquete



A prática do Basquete em Joaçaba inicia nos anos 50, com clubes organizados como Falcões, Juventude Luterana, Atlético e Águias Negras. Em 1963, com a criação do XV de Novembro, a modalidade ganhou maior expressão, participando dos campeonatos regionais, estaduais e dos JASC. Atletas notáveis deste período: Antônio Scarpetta, Assir de Lucca, Astor Grumann, Carlos José Pereira, Carlos Syperrech, Ceno Schneider, Cesar Daccol, Cleacir Lírio Ferraz, Edelberto Lehrer, Edgar Cazella, Elmerindo Baretta, Fernando Breailo, Gastão Hagemann, Gilberto Pante, Glemar G. Rocha, Irineu Heller, Jaime Grotto, José Carlos Parracho, Kurt Krause, Manoel Antenor de Moraes, Marcos Strada, Oldemar Willig, Paulo Veloso, Rodolfo Lindner, Rudolfo Ruy Auffinger. Valter Jorge Frank, Vilmar Antonio Cazella.

O principal referencial do período é João Carlos Muller, pelo amor, dedicação ao esporte e inovação técnica trazida dos grandes centros. Graças a ele, Joaçaba formou grandes atletas, a nível de seleção catarinense, e disputava com Lages a liderança regional. Ah, e sempre que uma cidade jogava contra outra, havia uma certa “ordem de importância”, nas 4 modalidades/jogos. Os jogos que mais chamavam público eram os últimos. Então era assim: começava com o vôlei feminino, depois o masculino, a seguir o basquete e, por último, o futsal.

Nos anos 90, a criação da Liga Oeste Catarinense de Basquete possibilitou que as categorias de base participassem dos campeonatos com expressivos resultados, como a conquista dos Jogos Escolares de SC,

da Olesc, além de inúmeros títulos nas categorias infantil e mirim das competições organizadas pela Federação Catarinense.



Atualmente, a Associação de Basquete de Luzerna, Joaçaba e Herval d’Oeste (Ablujhe) estimula a prática do basquetebol no município. Em 2016, capitaneada por nova diretoria, presidida por Jéssica Romeiro Mota, a Ablujhe voltou a ter destaque no cenário estadual, proporcionando a prática esportiva para mais de 60 crianças, além de disputar campeonatos da Federação Catarinense de Basquete (FCB) nas categorias “sub”: até 12 anos, até 13 anos e equipe adulta de rendimento, ambas do naipe masculino.

No ano de 2017, presidida por Renan Pazin, e com o apoio do técnico Rodrigo Leonardo, a Ablujhe conta com mais de 100 praticantes da modalidade, contendo equipes sub 12, 13, 15, 17 e adulto masculino que disputam o campeonato estadual de suas categorias, tudo sem custo aos participantes.



## Bolão



A modalidade de bolão 16 e 23 nos napes masculino e feminino já participou de vários Jogos Abertos, sendo campeão masculino bolão 23 em 1998 e vice-campeão no bolão 16 em 2007. Tem tradição na modalidade há muitos anos. O município de Joaçaba teve nos anos 60 e 70 seis times de bolão nas áreas urbana e rural. Por clubes, o Cruzeiro participou de inúmeros campeonatos regionais e estaduais. O time do distrito de Nova Petrópolis foi campeão masculino da Taça de Prata em 2007. Atualmente, a Associação Joaçabense de Bolão e Bocha, fundada em 2011, está representando

o município no bolão 23 masculino; destacando-se em todas as categorias que disputa. A Melhor Idade foi vice-campeã estadual em 2015 e participou do Brasileiro nos anos de 2016 e 2017 nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. O desejo de todos os atletas e simpatizantes da modalidade é vida longa ao bolão joaçabense.

## Ciclismo



Atualmente a modalidade representada pela Associação Desportiva de Ciclismo de Joaçaba (Adecijo), fundada em 2016, tem seu presidente e atleta Huandel Alberguini e atletas Rafael Funk e Rafael Lopes. A modalidade garante seu futuro com a Escolinha de Ciclismo, com atletas de categoria de base de 12 a 15 anos. Dentre as principais conquistas figuram medalhas nos JASC, nos Joguinhos Abertos, títulos brasileiros, títulos estaduais. Nos anos 80, liderado por Vitorino Prando e Janio Rossa, o ciclismo joaçabense obteve conquistas internacionais.

## Futsal



Equipe de Joaçaba disputando campeonato nacional de Futsal

O futsal, como hoje é chamado, tem uma história recente muito representativa em Joaçaba. Mas à época do Futebol de Salão, Joaçaba tinha uma inserção tão significativa que só foi superada na metade dos anos 80, quando a então Perdigão montou um esquadrão com os melhores jogadores do mundo. Vale dizer que nos anos 70, Joaçaba, com uma equipe prata da casa, comandou o cenário deste esporte em Santa Catarina. A lista de destaques é imensa, mas podemos mencionar os irmãos Bittencourt (Indio e Indinho), Armindo, Pittol, Bahu, Severo, Piccinin, Eli, Edinho, Campana, Sidnei, Lunardelli; depois foi a época do Nei, Seco, Kiko, Beto Haro, irmãos Cavalli, Dimas... enfim, foram muitos, e muito bons. Vários integraram grandes equipes do Brasil, do exterior, e a Seleção Brasileira.

Títulos deste período: dois campeonatos estaduais (em 1979 e 1983) e três troféus nos Jogos Abertos. Após esta época gloriosa, Joaçaba continuaria a montar ótimas equipes.

Em 2012, um grupo de ex-jogadores e jovens empresários se uniu com a proposta de levar o futsal de Joaçaba de volta às quadras. A modalidade, que viveu o seu auge nas décadas de 80 e 90, com títulos estaduais, participações em competições nacionais e a revelação de jogadores, estava há quatro anos sem representantes. A organização e o comprometimento da diretoria da Associação Joaçaba Esporte e Cultura (AJEC) culminaram em importantes conquistas. O time foi campeão da Primeira Divisão do Campeonato Estadual em 2013 e garantiu a vaga na Divisão Especial. A modalidade voltou a emocionar milhares de pessoas apaixonadas pelo esporte, do município e da região, que comparecem em grande número em todas as partidas realizadas em casa. O Joaçaba Futsal voltou a alcançar prestígio estadual e hoje figura entre os melhores de Santa Catarina. Diante da boa atuação, estrutura e visibilidade, a diretoria entendeu que chegou a hora de dar mais um passo, e, a partir de 2017, a equipe participa da Liga Nacional, a principal competição de futsal do país, chegando a liderar a competição em várias rodadas.



Joaçaba Futsal na Liga Nacional

## Ginástica Olímpica



Jogos Abertos de 1977 - Equipe de Ginástica Olímpica

A modalidade de Ginástica Olímpica teve início em 1976 com o professor Amilton Menezes. Em 1977, com a chegada da professora Ana Lúcia de Lira, a ginástica de Joaçaba destaca-se tecnicamente nos Jogos Abertos de Santa Catarina. Nesse mesmo ano a ginástica masculina também se fez realidade.

Por iniciativa da Diretora de Esportes Ana Paula Abe Gurgacz, serão reiniciadas as atividades de ginástica artística olímpica feminina, com o objetivo de contribuir para a inclusão social, educacional e esportiva dos joaçabenses.

## Handebol

O handebol de Joaçaba iniciou nos anos 70 nas quadras das escolas, durante as aulas de Educação Física. A primeira participação do município em competições estaduais aconteceu no ano de 1976 nos JASC, na cidade de Florianópolis, com a equipe feminina, sob o comando da técnica Verônica Roncelli

Borba, considerada uma das principais responsáveis pela introdução do handebol em Joaçaba.



Para termos uma noção de sua importância para a cidade, basta citar o fato de que dois atletas joaçabenses, Ivan Bruno Maziero (Macarrão) e Rodrigo Hoffelder, disputaram juntos as Olimpíadas de Barcelona (1992) e de Atlanta (1996). Ivan Bruno ainda disputaria a Olimpíada em Atenas (2004). Macarrão, após ter deixado Joaçaba, atuou no ADIIE de Florianópolis e posteriormente no Metodista de São Paulo, onde obteve vários títulos nacionais. Ivan atualmente é técnico da Seleção Brasileira Cadete.

Um dos principais técnicos que conquistou vários títulos para Joaçaba foi Moacir Bennemann (Cavalo), principal articulador da modalidade de 1985 a 1988. Pela sua inegável dedicação, Moacir trouxe para Joaçaba a sede da IV Taça Brasil de Handebol Juvenil (primeira vez em que uma competição em nível nacional realizou-se em Joaçaba). Outro nome de destaque é o técnico professor Raylander Alves Righi, que desde 1989 até

2016, quando do seu repentino falecimento, esteve à frente do handebol joaçabense. Foi o técnico que mais trouxe títulos para o município de Joaçaba, entre os quais o mais esperado: Campeão dos JASC em 2007, na cidade de Jaraguá do Sul; e vice-campeão na cidade de Chapecó em 2009; também o título dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs). A Adrecha/FMCE obteve outras conquistas relevantes, Campeonato Brasileiro em 2008 (JABS), vice-campeão do Brasileiro Universitário de 2010, hexacampeão do Estadual Universitário em 2013 e Campeão Brasileiro Universitário de 2012.

## Judô



A tradição do judô de Joaçaba acumula títulos e vitórias há quase cinco décadas. O início ocorreu em 1968, quando ex-alunos do Sensei Kasuo Konishi, oriundos de Videira, começaram a praticar a modalidade. Em 1975, com a chegada a Joaçaba do próprio Sensei Kasuo Konishi, a modalidade cresceu significativamente. Fundador da Federação Catarinense de Judô, Konishi conseguiu que Joaçaba fosse, durante alguns anos, a sede da entidade e iniciou uma trajetória vitoriosa que, conduzida mais

tarde por seus discípulos, chegou ao auge no início deste século. Campeã dos Jogos Abertos por diversas vezes, tanto no masculino quanto no feminino, Joaçaba formou campeões e campeãs nacionais e internacionais, e foi por muito tempo reconhecida como uma das grandes expressões da arte marcial no Sul do Brasil. No ano de seu centenário, Joaçaba tem na Associação Meio-Oeste de Judô, a AmoJudô, o braço esportivo que representa toda a região em competições estaduais, nacionais e internacionais, e conta com o apoio do Projeto Primeiro DAN, responsável pelo trabalho nas categorias de base, visando à formação permanente de atletas e cidadãos que continuem representando e levando longe o nome da cidade.

## Natação



A Associação Joaçabense de Natação (Ajon) nasceu em meados dos anos 80 por iniciativa de alguns pais de atletas. Primeiramente, os atletas começaram a treinar na antiga escola Golfinho, com os professores

César Junqueira e Paulo Violato (técnico). Com a chegada do treinador Jair Leme da Silva, em 1989, os treinos passaram a ser realizados na piscina do Clube 10 de Maio e da AABB. Vários nadadores de nível foram revelados em Joaçaba, dentre os quais destacamos:

Campeões estaduais: Alcarí Schizzi Jr., Guilherme Omizzolo, Rodrigo Bulla, Waleska Tratsk, Ivo Carlos Hack Jr., Rafael Manfro, Gabriel Manfro, Kleber Tratsk, Marcos Lange, Rafael Kratochvil, Carlos André Lemos, Andrea Oliveira Pinto, Marcelo Oliveira Pinto, Maria Eliza Proner, Giana Bortoli, Manoela Regina Soares, Francisco Anrain Lindner, Guilherme Anrain Lindner. Campeões sul-brasileiros: Guilherme Omizzolo, Alcarí Schizzi Jr., Kleber Tratsk, Manoela Regina Soares.

Medalhistas em Juguinhos Abertos: Alcarí Schizzi Jr., Guilherme Omizzolo, Rodrigo Bulla, Rafael Manfro, Gabriel Manfro, Kleber Tratsk, Marcos Lange, Andrea Oliveira Pinto, Marcelo Oliveira Pinto, Manoela Regina Soares, entre outros.

Campeão Copa Conesul (Uruguai): Kleber Tratsk: 1.500m livre (1º lugar) e 3º lugar nos 400m Livre. Campeonato Brasileiro Infantojuvenil (Troféu Chico Piscina): Manoela Regina Soares, vice-campeã brasileira nos 100 m Peito. Campeonato Brasileiro de Inverno (1990): Rafael Manfro (5º lugar nos 1.500 m Livre). Paulo Luis Belegante (Especial): 30 medalhas na natação nos Parajasc, sendo 10 medalhas de ouro, 18 de prata e 2 de bronze.

## Tênis



A Associação Joaçabense de Tênis foi fundada em 2009, tendo como 1º Presidente Edson José Marson e Diretor Técnico Wandir Mendonça Júnior. Tem como objetivos dar oportunidade a jovens carentes a praticar um esporte saudável e disciplinado, que está sendo muito valorizado no Brasil; incentivar a inclusão social e o exercício da cidadania, valorizando o respeito, as responsabilidades e a competição saudável, além de democratizar o tênis nas escolas públicas de Joaçaba.

## Tênis de Mesa



Joaçaba representando o Brasil no tênis de mesa

A Associação Pró Tênis de Mesa de Joaçaba desenvolve trabalho social e de rendimento esportivo. No projeto social mantém os núcleos de iniciação desportiva, de forma totalmente gratuita aos seus alunos, fornecendo recursos humanos, mesas, redinhas, bolinhas, raquetes e uniformes. No projeto de rendimento esportivo é considerada uma das melhores equipes de Santa Catarina e do Brasil. Entre os títulos conquistados, que reforçam essa posição, estão o tetracampeonato dos Joguinhos Abertos de SC e o tricampeonato da Olesc, além de possuir atletas que pertencem à seleção catarinense e brasileira de tênis de mesa.

### Tiro ao Alvo



Equipe campeã dos JASC em 1985

Em meados de 1969, um encontro entre Werner Kratochvil, João Wilton de Mendonça e Aurivan Massignan deu início a uma história de grandes amizades e conquistas, pessoais e esportivas. A partir daquele momento, vários encontros foram realizados com o intuito de aprimorar a atividade do tiro e planejar o

futuro desta modalidade na cidade. A participação nas primeiras competições oficiais começou em 1975.

Depois disso foram inúmeras conquistas de campeonatos estaduais, sul-brasileiros e nacionais por equipes. Nos Jogos Abertos de Santa Catarina, onde as equipes representam cidades, o tiro esportivo de Joaçaba conquistou 12 troféus de campeão da modalidade, 13 vice-campeonatos e muitas medalhas individuais pelos nossos atletas.

### Voleibol



Projeto Bom de Bola: atletas do volei feminino, com a atleta olímpica Natália Zilio Pereira

A Associação Joaçabense de Voleibol (Ajoy) foi fundada no dia 5 de julho de 1996, com a finalidade de organizar e difundir a modalidade de voleibol. Sua trajetória histórica é marcada por inúmeras conquistas que elevaram o nome de Joaçaba dentro do cenário desportivo estadual, nacional e internacional.

A Associação desenvolve atividades nas áreas do desporto educacional, escolar e rendimento, por meio dos projetos: *Bom de Bola Bom de Escola* e *A Busca por Novos Talentos Continua*; a maior expressão dos programas é a atleta Natália Zilio Pereira, campeã Olímpica, formada nas categorias de base da Ajoy.



Créditos: Globo Esporte

## Paradesporto

Criada em 2006, a Associação Regional dos Atletas Deficientes da Região do Meio-Oeste catarinense (ARAD) desenvolve o esporte paraolímpico para as pessoas com deficiência no município de Joaçaba e região, e tem a missão de *integrar e socializar as pessoas com deficiência física por meio de atividades esportivas e recreativas, representando-as perante a sociedade*. Atualmente, a ARAD atende pessoas com deficiência física e visual de caráter especificamente paradesportivo. As pessoas atendidas/acompanhadas pela ARAD são crianças, adolescentes, jovens e adultos de ambos os sexos, com idade entre 7 e 50 anos.



Todos os anos, a ARAD é responsável pela preparação dos atletas para os Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (Parajasc), Circuito Caixa de Atletismo paralímpico Etapa Regional Rio/Sul e Brasileira, organizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, e também o Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica e Etapa Sul de Bocha Paralímpica organizada pela Associação Nacional de Desporto (Ande) para pessoas com Deficiência, e Parabadminton.



## Destaque esportivo na Arbitragem



Árbitro e assistente de futebol de campo, Ângelo Rudimar Bechi foi um dos expoentes da arbitragem catarinense no século XXI. Até então o único joaçabense a integrar o quadro da Confederação

Brasileira de Futebol (CBF), onde permaneceu por dez anos, despedindo-se dos gramados em 2014. Na sua carreira, Ângelo apitou e atuou como assistente em centenas de jogos do Campeonato Catarinense, contando com várias finais consecutivas, sendo premiado durante oito anos como um dos melhores do Campeonato. Além disso, Ângelo atuou em Campeonatos Brasileiros das Séries A, B, C e D e Copa do Brasil, realizando jogos de grandes times do cenário nacional, os quais sempre se destacou pelo seu ótimo desempenho. Após 2014, Ângelo largou o apito, mas não se afastou da sua paixão: continua vinculado à Federação Catarinense de Futebol e trabalhando na Liga Esportiva Oeste Catarinense de Joaçaba, da qual é o atual presidente.

## 4.22 O AUTÓDROMO PIONEIRO



Anúncio da Revista Auto Esporte em 1966

Antônio Carlos “Bolinha” Pereira<sup>36</sup>

Amigos, vamos voltar ao ano de 1965, mais exatamente ao dia 30 de maio. No Aeroporto Santa Teresinha, em Joaçaba, encontramos *quase toda* a

população da Cidade. O que se passa? Por que estão todos alvoroçados? O grande dia chegou! Joaçaba está nas manchetes das seções esportivas dos principais jornais do país, e com justa razão. A inauguração do segundo Autódromo do país é motivo de justo orgulho para toda a região.

Idealizado por aficionados do esporte das quatro rodas, o Automóvel Clube de Joaçaba nasceu de uma ideia coletiva, após o agito e a correria verificados na 3ª Gincana da Cidade. Reuniram-se, entre outros, os Srs. Itacir Roveda, Luizinho Pagnoncelli, Nery Fuganti, Osvaldo Raul Lunardi, Sargento José Luiz Lopes, Rômulo Mattos, Wacili Vosniack, decidindo-se a ida deste último a São Paulo, para se informar a respeito do funcionamento do Automóvel Clube daquele Estado, responsável desde 1940 pelo Autódromo de Interlagos, o único até então no país. No seu retorno, é fundado aqui o Automóvel Clube de Santa Catarina, que realiza na Av. XV de Novembro a Prova “I Arrancada da Cidade de Joaçaba”, com 1 km de percurso, vencida por Lunardi. Em 1964 foi oficialmente criado o Automóvel Clube de Joaçaba (ACJ), com a missão de construir um autódromo, em terreno afastado do centro, visando à segurança dos participantes e dos espectadores. O local escolhido: ao redor do Aeroporto Santa Teresinha, e a pista apresenta, em 3.350 metros, contínuas emoções, um traçado feito para testar a capacidade dos pilotos.

E assim foi construído o Autódromo Sargento José Luiz Lopes, palco de grandes competições automobilísticas – as maiores já realizadas em cidades do interior –, e que tornaram o nome de Joaçaba conhecido nas mais distantes cidades do Brasil até 1971. Sua história tem muito de boa vontade e um pouquinho de heroísmo. Principal obstáculo: a pista, em torno do campo de aviação, precisava ser autorizada pelo Ministério da

<sup>36</sup> Comunicador e presidente da comissão do centenário.

Aeronáutica. Uma comissão foi a Porto Alegre tratar disso e acabou arranjando a licença provisória.

Nesse dia, ao final da 1ª Hora de Joaçaba, os campeões foram Osvaldo Raul Lunardi, Ruy Keller e Nery Fuganti. E nos 200 Km de Joaçaba os vencedores receberam meio milhão de cruzeiros (200 mil para o primeiro na Categoria e 300 mil na geral). Com o passar dos anos, outros pilotos locais se destacaram, como Arthur Lindner, Curt Lindner, Rômulo Mattos, Oscar Branco e outros tantos. Havia nomes de carros que hoje soam estranhos: DKW, Esplanada, Gordini, Interlagos, Opala, Simca. Nossas emissoras de rádio transmitiam cada corrida e eu colaborava como repórter, entrevistando os pilotos com um gravador K-7 Philips, dotado de um estojo de couro para tiracolo. Chegava a ser engraçado: a cabine de transmissão ficava numa lateral da pista, e, por vezes, eu precisava atravessar a pista, para gravar alguma declaração dos envolvidos – sempre cuidando para não ser atropelado e virar notícia ... Era tudo muito precário, ao retornar eu voltava a fita ao ponto da entrevista, e para reproduzir o material ligávamos o alto-falante do gravador na frente do microfone da rádio.

Grandes nomes do automobilismo nacional, como Chico Landi, Ingo Hoffman e Wilson Fitipaldi correram aqui, além de Ely Batistella, de Lages, e outros de lugares tão distantes como Piracicaba, Erechim, Curitiba, Caçador, Caxias do Sul, São Paulo, Porto Alegre, Cascavel, Passo Fundo.



Prova 200km Joaçaba

Joaçaba conta agora com o moderno Autódromo Cavalos de Aço, inaugurado em 1985, graças ao empenho de pessoas, como Itamar Biscaro, Airto Remor, Antonio

Araujo, Antonio Dacaz, Ari Omizollo, Nelson Zanelatto e outros abnegados, com uma pista de 2.317 m, em uma área de 13 alqueires, muito próxima do antigo e pioneiro Autódromo. Dotado de excelente infraestrutura, como sistema de água tratada, sistema elétrico, cercas com telas, torres de cronometragem/cabines para a imprensa, boxes para 52 carros, 6 banheiros, 4 bares, açude de 7 mil m<sup>2</sup>, passarela, pódio, arquibancada para 2 mil pessoas, pista para motocross, além da sede social. Nos dias de hoje, com as competições de carro e moto, Joaçaba mantém a tradição de terra hospitaleira, que se orgulha em bem receber aos que nos visitam.



Créditos: Scuderia Brasil Racing

# RELIGIÃO





## 4.23 A CATEDRAL DE JOAÇABA



Créditos: Claudio Assumpção

Antônio Carlos “Bolinha” Pereira<sup>37</sup>

Alguém imagina a Catedral de Joaçaba em outro local na cidade? Estudando a história, entenderemos a pergunta, e saberemos que foi tudo devidamente legalizado em 1939:

“Permuta de terrenos do Patrimônio Municipal com os da Mitra Diocesana de Lages. O Prefeito Municipal de Joaçaba, na conformidade do disposto no artigo 12, item 1 do Decreto-Lei n. 1202, de 8 de abril de 1939 e devidamente autorizado pelo senhor Presidente da República, Decreta: Art. 1, fica o Poder Executivo autorizado a permutar com a Mitra Episcopal de Lages

a área de 1600 m<sup>2</sup> de seu Patrimônio, à margem direita do Rio Tigre, no quadro urbano da cidade, limitando-se ao Norte com terrenos destinados à construção da Praça da Bandeira, ao Sul com a Avenida Duque de Caxias, a Leste com a Rua Barra Fria e a Oeste com terras da referida Mitra, pela área de 1088 m<sup>2</sup>, de propriedade desta, constituída dos lotes 15, 16 e 17 da quadra “1” da Avenida 15 de Novembro, esquina da Avenida Barão do Rio Branco, na qual será construído pelo Estado o Centro de Saúde.”

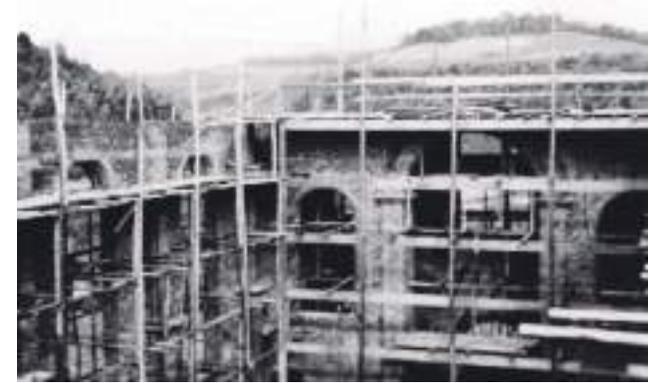
Em 30 de agosto de 1945 o Tabelião José Waldomiro Silva assina esta Escritura Pública de Permuta que entre si fazem a Prefeitura Municipal de Joaçaba e a Mitra Diocesana de Lages: “Saibam quantos esta pública escritura de permuta virem, que aos trinta dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e cinco, nesta cidade de Joaçaba, Comarca e Município de igual nome, Estado de Santa Catarina, no Cartório do Tabelião desta Comarca, compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber: - como outorgantes e reciprocamente outorgados, de um lado como primeira outorgante permutante, a Prefeitura Municipal de Joaçaba, neste ato representada pelo Prefeito Municipal, senhor Newton da Luz Macuco, brasileiro, casado, funcionário público, residente nesta cidade, e de outro lado como segunda permutante a Mitra Diocesana de Lages, neste ato representada pelo Vigário desta Paróquia, Frei Paulino Erico Menthén, conforme procuração outorgada pelo Reverendíssimo Bispo de Lages, D. Daniel Henrique Hostin, por instrumento

<sup>37</sup> Comunicador e presidente da comissão do centenário.

lavrado às folhas noventa e quatro e verso do livro número vinte e cinco, próprio deste Cartório, em data de dez de março do corrente ano [...] falando cada um por sua vez, me foi dito: - que a primeira permutante é a justo título e por compra feita à Cia. Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande [...] senhora e legítima possuidora, em maior porção, da área de 1.600 m<sup>2</sup> de terras situadas na quadra “I” desta cidade, antiga Séde Limeira, com quarenta metros de frente por igual quantia de fundos, e as seguintes confrontações: - ao Norte, com terrenos destinados à construção da Praça da Bandeira; ao Sul, com a Avenida Duque de Caxias; a Leste, com a rua Barra Fria; e ao Oeste, com terras da referida Mitra Diocesana de Lages; que a segunda permutante Mitra Diocesana de Lages, é por sua vez, a justo título e por compra feita a Atilio Fontana e sua mulher, conforme escritura registrada sob número 10.939, às folhas 110 do livro número 3 “J” de transcrição de imóveis desta Comarca, senhora e legítima possuidora dos lotes urbanos números 15, 16 e 17, situados na quadra “I” desta Cidade, esquina da Avenida Quinze de Novembro com a Avenida Barão do Rio Branco, com a área de 1.088 m<sup>2</sup>, e as seguintes confrontações: - pela frente com a Avenida Quinze de Novembro; fundos com o lote número onze; por um lado com o lote urbano número quatorze, ambos da mesma quadra e por um lado com a Avenida Barão do Rio Branco; sendo ambos os imóveis de igual valor, visto como tanto um como outro, é estimado pelos seus respectivos proprietários em três mil cruzeiros, pela presente escritura permutam, como de fato ora

permutado têm entre si os referidos terrenos acima descritos, sem haver reposição por qualquer das partes, para o efeito de ficar o imóvel em primeiro lugar descrito pertencente à segunda permutante, Mitra Diocesana de Lages, e o imóvel em segundo lugar descrito pertencente à primeira permutante, Prefeitura Municipal de Joaçaba; que assim desde já e por efeito desta escritura cedem e transferem, como de fato ora cedido e transferido têm, posse, domínio, direitos e ação que sobre os imóveis ora permutados exerciam para que os mesmos outorgantes e reciprocamente outorgados possam usar, gozar e livremente dispor dos imóveis que em virtude desta escritura lhes ficam pertencendo, prometendo fazerem a presente permuta sempre boa, firme e valiosa, dando uma à outra plena e recíproca quitação...”.

A Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus foi criada em 1930, conforme descrito nas páginas 71 a 75 do Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba. O primeiro Pároco Provisório de Joaçaba foi o Pe. Frei Humberto Zeller OFM (Ordem dos Frades Menores), em 24 de fevereiro de 1930, substituído em 18 de dezembro de 1932 pelo Pároco Efetivo Pe. Frei Pio Foecker OFM.



A Catedral em construção

A pedra fundamental da futura Catedral foi lançada em abril de 1946, a Primeira Missa foi celebrada na construção inacabada, em 20 de julho de 1947, embora tenha sido inaugurada oficialmente a 8 de dezembro de 1951 pelo Bispo da Diocese de Lages, Dom Daniel Hostin.

Com projeto do arquiteto italiano Ticiano Bettani, a construção da então Igreja Matriz Santa Teresinha utilizou 750 mil tijolos maciços, sendo 500 mil no corpo e 250 mil na Torre, Sacristia e Canônica. Na betoneira, argamassa de cimento, cal, terra vermelha do próprio local e pó de pedra. Sua torre, concluída em janeiro de 1952, tem 53 m de altura e foi coroada com uma cruz de ferro de 3 m por 1,50 m, executada pelo Sr. Luiz Breda; o relógio, com 2,20 m de diâmetro, veio de São Paulo. O estilo da Catedral é predominantemente gótico; com belos vitrais, ela ostenta desde 1971 um monumental crucifixo com 8 metros de altura que sustenta o Cristo em cedro de 4 metros, obra do saudoso escultor Gotfredo Thaler.



Detalhe da Torre, destacando a cruz e o relógio  
Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

O responsável pela obra foi Frei Edgar Löers, um ilustre joaçabense nascido na Alemanha em 1901, ordenado sacerdote em 1926 e vigário de Joaçaba entre janeiro de 1946 e fevereiro de 1962. Frei Edgar tinha estilo bonachão, usava o cabelo de lado, fumava charuto, dirigia um jipe. Era exigente e autoritário, porém atencioso e solícito, apreciava e incentivava as artes. As marcas que ele deixou estão muito presentes

na vida da comunidade. Nas décadas de 1940 e 1950, ele fez o cimento e os tijolos mudarem a paisagem da cidade e a vida de muita gente. Com visão futurista pensou no povo e agiu pelo povo, e valendo-se da força do próprio povo ergueu paredes e construiu uma sociedade melhor. Deixou-nos formidável herança: abrigo espiritual nas igrejas que construiu; templos de saber nas escolas edificadas; alívio ao sofrimento corporal pelo desvelo e dedicação no hospital que ergueu. Não foi só construtor de prédios, mas construtor de exemplos, de abnegação, de trabalho, de fé e de humildade.

Frei Edgar chegou aqui em 1946, e a igreja era uma construção em madeira de pinho, que tinha na entrada uma grande escada, também de madeira; situava-se próximo ao local onde hoje existe outra obra sua, o Hospital Santa Teresinha, inaugurado em fevereiro de 1957. A Escola de Nova Petrópolis e o Colégio Cristo Rei, atual Superativo, foram outras obras desse sacerdote que era também projetista, construtor, pintor, escultor, e fez, com suas próprias mãos, o piso de mármore artificial, as pinturas, os capitéis, os ornamentos e o revestimento do altar da Igreja Matriz. Pintou o quadro de Santo Antônio dando pão aos pobres, um de Santa Ana (tendo ao colo a Mãe de Jesus) e o de Santa Teresinha do Menino Jesus, além de ter esculpido o busto de Frei Bruno, que está em um pedestal no lado direito da igreja, obras que ainda permanecem na Catedral. Em janeiro de 1962 o dinâmico sacerdote foi transferido para Canoinhas e em 1965, com apenas 64 anos, faleceu em São Paulo.

## **A Diocese de Joaçaba (*Dioecesis Ioassabensis*)**

No Ano Santo de 1975, tendo como padroeira Santa Teresinha do Menino Jesus, Joaçaba foi elevada à sede da oitava Diocese de Santa Catarina, cumprindo a profecia feita na década de 1940 por Frei Edgar, o Sacerdote Construtor. A Diocese de Joaçaba foi criada e formada por grande parte do território da Diocese-Mãe de Lages e parte das de Caçador e Chapecó. Atualmente, sua jurisdição pastoral compreende 31 municípios, com 25 Paróquias e 626 Comunidades, alcançando centenas de milhares de fiéis. Além do Titular temos dois Bispos eméritos, e já tivemos a bênção de vê-los concelebrando.

## **Os Bispos e as dez Dioceses da CNBB Sul 4 de Santa Catarina**

Dom Wilson Tadeu Jönck, SCJ: Arcebispo da Arquidiocese de Florianópolis; Dom João Francisco Salm: Bispo de Tubarão e presidente do Regional Sul 4; Dom Rafael Biernaski: Bispo da Diocese de Blumenau; Dom Severino Clasen, OFM: Bispo de Caçador; Dom Odelir José Magri: Bispo de Chapecó; Dom Jacinto Inácio Flach: Bispo de Criciúma; Dom Mário Marquez, OFM Cap: Bispo de Joaçaba; Dom Francisco Carlos Bach: Bispo de Joinville; Dom Onécimo Alberton: Bispo de Rio do Sul; Dom Nelson Westrupp, SCJ: Bispo Emérito de Santo André (SP), é o Administrador Apostólico - “Sede Vacante” da Diocese de Lages.



1 - Dom Henrique Müller  
 2 - Dom Osório Bebber  
 3 - Dom Walmir Alberto Valle  
 4 - Dom Mário Marquez

O primeiro Bispo Diocesano de Joaçaba, Dom Henrique Müller, OFM tomou posse no dia 14 de setembro de 1975, na festa da Exaltação da Santa Cruz. Pertencente à Ordem dos Frades Menores (em latim *Ordo Fratrum Minorum*, OFM, também conhecida por Ordem de São Francisco ou Ordem dos Franciscanos), a ordem religiosa fundada por São Francisco de Assis. Ele renunciou em 1999, tornando-se Bispo Emérito. Foi quem exerceu o ministério episcopal pelo maior período desde a criação

da Diocese. Dom Henrique nasceu em Peritiba, SC, em 1922, e faleceu em 26 de maio de 2000.

Seu sucessor Dom Osório Bebber, OFM Cap (ou Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, *Ordo Fratrum Minorum Capuccinorum*, em latim), tomou posse em 25 de maio de 1999, poucos dias após haver completado 70 anos. Nascido em Flores da Cunha (RS), procurou dar maior atenção à formação dos futuros sacerdotes. Renunciou em abril de 2003, tornando-se Bispo Emérito da Diocese de Joaçaba, e seu breve período entre nós foi marcado por sua humanidade e simplicidade para com todos.

O terceiro Bispo Diocesano, Dom Walmir Alberto Valle, IMC (Instituto Missionários da Consolata), nasceu em Nova Trento (SC), no ano de 1938, e tomou posse em 09 de abril de 2003. Buscou consolidar a formação inicial dos futuros padres, construindo o Seminário São José e o Centro de Formação Diocesano João Paulo II, para atender a formação pastoral dos leigos, do clero e dos religiosos e religiosas. Renunciou em abril de 2010, tornando-se Bispo Emérito da Diocese de Joaçaba. Durante o tempo de vacância o padre Davi Lenor Ribeiro dos Santos foi o Administrador Diocesano.

Em 19 de fevereiro de 2011 solene posse marcou a chegada do atual Bispo diocesano Dom Frei Mário Marquez, OFM Cap. Nosso quarto Bispo nasceu em Vila Kennedy, atualmente município de Luzerna (SC), em 23 de novembro de 1952. Aliás, é admirável analisarmos que muitos religiosos nasceram em Luzerna: além de Dom Mário temos também o Cardeal Eusébio Oscar Scheid,

SCJ, atual Arcebispo Emérito da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, nascido em Luzerna em 08/12/1932, e Dom Osório Willibaldo Stoffel, nascido na Linha Germano em 07/07/1921, que faleceu em 2002.

A Diocese de Joaçaba vem se consolidando em vários aspectos de sua caminhada evangelizadora. Na Romaria Penitencial de 2011, Dom Mário iniciou os encaminhamentos e criou o Tribunal Eclesiástico para o processo de beatificação de Frei Bruno Linden, religioso com fama de santidade em toda a Região. Em 2012 a Congregação da Causa dos Santos de Roma deu “sinal verde” para o andamento da Causa Frei Bruno. Na Romaria de 2013, com a presença do Postulador de Roma e dos vices postuladores de São Paulo e de Xaxim, deu acompanhamento ao processo da causa de Frei Bruno. Em 2017 a Diocese realizou a XXVII Romaria Penitencial Frei Bruno, com um cronograma de trabalho de conclusão do Processo Diocesano a ser enviado a Roma para a devida análise do intenso trabalho realizado pelo Tribunal Eclesiástico. Testemunhos de pessoas que conheceram Frei Bruno, coleta de registros de graças alcançadas, de milagres revelados, da comissão histórica documentada para esta primeira parte, mais intensa e complexa de todo o processo e catalogação.

Ele reuniu a Assembleia Diocesana de Pastoral com ênfase em três prioridades: Família, Juventude e Pastorais Sociais; fez a sagração do Santuário Nossa Senhora da Salette na Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Concórdia; presidiu a instalação da nova Paróquia São José no Bairro Cruzeiro do Sul, em Joaçaba e a posse

do primeiro Pároco. Em janeiro de 2013 a Diocese de Joaçaba recebeu a Cruz Peregrina da Jornada Mundial da Juventude. O Ícone de Nossa Senhora percorreu a Diocese em preparação à Jornada Mundial da Juventude, e mais de 300 jovens da Diocese de Joaçaba participaram no Rio de Janeiro da JMJ com o Papa Francisco de um abençoado momento de fé.

Sob sua orientação foi restaurada a Mitra Diocesana para melhor acolhida, atendimento e adaptação das instalações. A Diocese celebrou os 40 anos, em 2015, na Festa de Santa Teresinha do Menino Jesus, concluindo o Ano Missionário. Em outubro a Diocese sediou o Congresso da Pastoral Familiar do Estado de Santa Catarina. Em Assembleia Diocesana de Pastoral realizada em novembro, assumiu o projeto 2015/2019 da CNBB sobre as cinco urgências da evangelização.

Em agosto de 2016, Dom Mário iniciou a Escola Diaconal de Teologia para os vocacionados, no Centro de Formação João Paulo II, com 45 candidatos ao Diaconato Permanente para homens casados ou solteiros. Em setembro concluiu a visita Pastoral que abrangeu, além das comunidades, inúmeras instituições de cada município visitado.

Em 2016, ao presidir a celebração da Santa Missa na Basílica de Aparecida, Dom Mário recebeu a Imagem Peregrina, entregue a cada Diocese, para o Jubileu dos 300 anos do encontro da imagem da Padroeira no Rio Paraíba do Sul, e a trouxe para Joaçaba, acompanhado por numerosos fiéis que até lá se deslocaram.

Espera-se que cada cidadão, cada cristão, possa dizer como Santa Teresinha do Menino Jesus: “No coração da Igreja, serei o amor” – esse amor é por Jesus e cada ser humano, por todas as realidades mais carentes de amor e misericórdia. Cada cristão é chamado a participar da missão de Jesus como discípulo e discípula missionários.

Deus abençoe nossa cidade de Joaçaba que celebra seu Primeiro Centenário.

### Frei Bruno em Joaçaba



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

Frei Bruno foi um religioso que marcou e ainda marca todas as pessoas que o conheceram nos últimos anos de vida, quando viveu em Joaçaba. Alguns devotos o consideram santo devido às graças alcançadas por seu intermédio. Seu nome é conhecido em toda a região do Meio Oeste de Santa Catarina e está presente em diversas obras, como hospitais, ginásios, colégios e bairros.

Filho de Humberto Linden e Cecília Goelden, nasceu Humberto Linden Jr. em Düsseldorf, na Alemanha, a 8 de setembro de 1876. Com quase 18 anos de idade, ingressou no noviciado dos Franciscanos da Saxônia, em Harreveld, na Holanda. Tomou o hábito em 13 de maio de 1894. Junto a outros noviços foi destinado para a “Missão Brasileira”, trocando o convento do noviciado por um navio transatlântico que os levou a Salvador, Bahia, em 12 de julho de 1894. Em terras baianas Frei Bruno completou o noviciado, saiu ileso da febre amarela, estudou filosofia e teologia e fez profissão solene, esta a 19 de maio de 1898.

Após servir em várias cidades e estados, já com mais de 80 anos de idade, veio parar em Joaçaba, sua última morada terrestre. Entre várias outras ações benfazejas, dedicou-se à situação das empregadas domésticas e organizou a classe, à qual repassava importantes orientações.

Em 20 de novembro de 1959, Frei Bruno foi encontrado por Frei Edgar na sala da portaria, desmaiado, pálido e frio. Sua fragilidade era tanta que, por duas vezes, lhe foi dada a extrema-unção.

No dia 23 de fevereiro de 1960 Frei Edgar e Frei Bruno ficaram a sós até tarde, quando Frei Honorato veio de Luzerna a fim de celebrar na Matriz de Joaçaba no dia seguinte, pois Frei Edgar tinha que celebrar e atender confissões no colégio dos Irmãos. Frei Bruno saboreou algumas uvas, tomou, como era de costume, o vatersegen (bênção paterna) e foi se recolher. No dia 25 de fevereiro de 1960, Frei Edgar ao voltar do colégio das

irmãs não encontra Frei Bruno. Ao procurá-lo em seus aposentos, acha-o morto, vítima de infarto.



Dois ícones da história joaçabense: Frei Edgar e Frei Bruno

Mais de 120 carros<sup>38</sup> e uma multidão acompanharam o corpo de Frei Bruno ao cemitério. Foi o maior enterro que houve em Joaçaba. No dia seguinte, em sessão da Câmara Municipal, os vereadores lançaram em ata voto unânime de pesar pela morte de Frei Bruno.

Em 1960 iniciaram-se as primeiras manifestações de caminhada ao jazigo de Frei Bruno. Espontaneamente, devotos se dirigiam ao local para rezar, agradecer e pedir graças. Em 1985, quando se completaram 25 anos de sua morte, a Câmara de Vereadores de Joaçaba organizou uma romaria que reuniu 2.500 pessoas.

## Romaria Penitencial Frei Bruno



“Após sua morte, muitas pessoas começaram a contar os fatos, os milagres que eram a ele atribuídos”, relatou o deputado estadual Iraí Zílio em entrevista à Rádio Catarinense. Zílio enfrentava graves problemas de saúde e, assim como muitos outros, depositava confiança na intercessão de Frei Bruno. “Com o apoio dos amigos fizemos a primeira romaria, que contou com a participação de cerca de 10 mil pessoas em fevereiro de 1987. Com algumas dificuldades iniciais, a manifestação ganhou forma com o apoio do Padre Luís Carlos Bortolozzo, também devoto de Frei Bruno”, contou Iraí Zílio.

Desde então, milhares de pessoas vindas de lugares distantes ou da região participam da Romaria Penitencial de Frei Bruno, seja agradecendo graças ou pedindo milagres. Esta romaria acontece todos os anos no mês de fevereiro e faz parte do calendário turístico de Joaçaba.

## Processo de beatificação

Desde sua chegada em Joaçaba Dom Frei Mário tem se empenhado com determinação pela beatificação de Frei Bruno Linden.

Assim, ao participar da 20ª Romaria Penitencial Frei Bruno, em 27 de março de 2011, com a presença dos Superiores dos Frades Franciscanos, da Associação dos Amigos de Frei Bruno, do Pároco da Catedral, Padre Paulo Ramos da Silva, ele iniciou o encaminhamento desse processo para a beatificação. Em maio de 2012, a Congregação da Causa dos Santos de Roma outorgou o “Nada consta”, sinal verde para dar o andamento da Causa Frei Bruno. Foi então criado o Tribunal Eclesiástico para esta finalidade.

Na Romaria Penitencial Frei Bruno de 2013 esteve presente o Postulador de Roma e os vice-postuladores de São Paulo e de Xaxim, dando acompanhamento a esse processo.

## Monumento Frei Bruno

Em 2001 surgiu o sonho de edificar um monumento para o frade. A Câmara de Dirigentes Lojistas de Joaçaba encabeçou o projeto e o monumento começou a ser construído em terreno doado pela família Montenegro de Oliveira, no Morro Panorâmico, um dos pontos mais altos do município, com vista para as cidades de Joaçaba e Herval d'Oeste. Inaugurado em 2006, ele é considerado o 3º maior das Américas, com 37 metros de

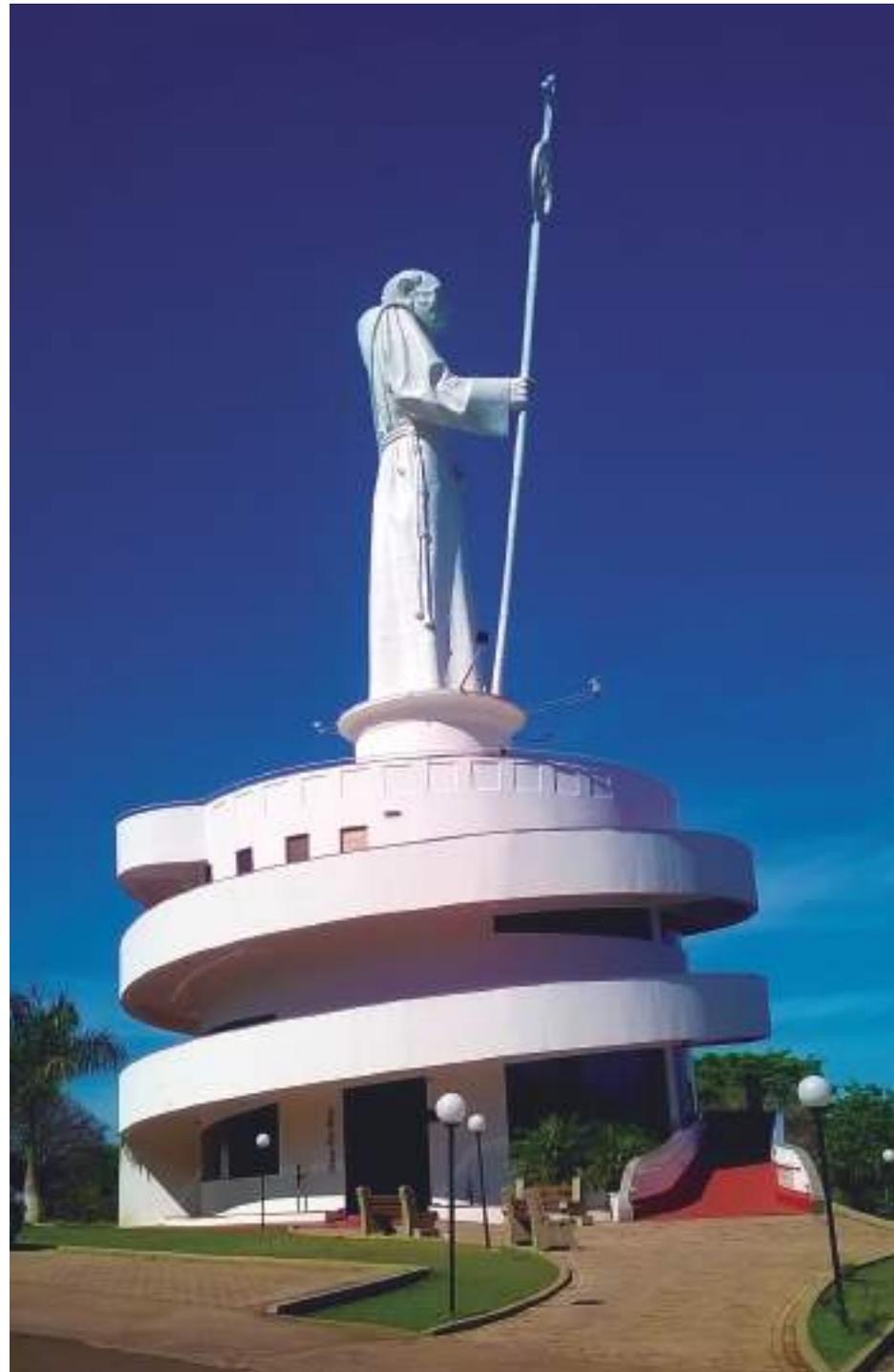
<sup>38</sup> Para a época esse era um número extraordinário.

altura, menor apenas que o Cristo Redentor (40 m) e a Estátua da Liberdade (57 m). A imagem foi construída em isopor pelo artista plástico Cláudio Silva e revestida com fibra de vidro.

Atualmente, o Monumento Frei Bruno consolida-se como um importante ponto turístico não somente para a cidade de Joaçaba e região, mas para todo o estado de Santa Catarina, recebendo centenas de visitantes diariamente, muitos oriundos de outros países.



Créditos: Nathan Cazella



## 4.24 500 ANOS DA REFORMA PROTESTANTE: O MUNDO NUNCA MAIS FOI O MESMO!

Márlon Hüther Antunes<sup>39</sup>



Martinho Lutero (1483-1546) viveu na Idade Média, época das trevas. Toda a sua infância e juventude foram fomentadas pelo medo da ira divina e de ser condenado ao inferno. Por isso, tornou-se monge e fez votos de pobreza, castidade e obediência, na ideia de aplacar essa ira, ter uma consciência tranquila e ser salvo.

Quando padre, Lutero descobriu na Bíblia textos que ensinavam a salvação pela graça por meio da fé em Cristo Jesus. Ele aprofundou-se nos estudos bíblicos e começou a manifestar publicamente sua posição. Depois de uma visita a Roma, escreveu as 95 teses e as afixou na porta da igreja, na cidade de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517, o que foi o estopim da Reforma. As teses combatiam, especialmente, a venda de indulgências (pagamentos, recibos de perdão); o ensino da salvação pelos méritos humanos e não os de Cristo; o poder excessivo do papa e da Igreja como instituição política.

Lutero tinha total convicção de que sua intenção era corrigir a Igreja. Ele a amava. Não esperava ser expulso e fundar uma nova denominação. Mas Lutero não foi compreendido. Em 1521 foi excomungado, mas não parou de ensinar a salvação pela fé. Muitos dos que apoiavam permaneceram com ele e surgiu o movimento denominado os “luteranos” ou “protestantes”.

<sup>39</sup> Pastor da Comunidade Luterana

A Reforma proporcionou a milhões de pessoas a oportunidade de aprender a ler e escrever, pois incentivou a criação de escolas. Martinho Lutero traduziu a Bíblia e defendeu que as pregações fossem na língua de cada povo (não mais em latim). Deus agora falaria a língua do povo!

Martinho Lutero condenou, veementemente, a prática anticristã, sem fundamento bíblico de venda de indulgências (cartas de perdão), culto aos santos e todo o tipo de sacrifício humano, como condição divina para a salvação. Incentivou a separação da Igreja e do Estado (estado laico). Enfatizou que os meios necessários e usados por Deus para trazer seu perdão em Cristo eram: somente a escritura; somente a graça de Deus; somente a fé.

Não é considerado o “santo” da Igreja Luterana. É um instrumento de Deus que despertou o povo para uma volta ao ensino bíblico, para beber a água pura direto da fonte. Por isso, o maior ensinamento da Igreja Luterana é a salvação pela graça de Deus por meio da fé em Cristo. Dizemos que a fé salva só, mas nunca está só.

Em Joaçaba, a Igreja Luterana veio junto com os primeiros imigrantes alemães, praticamente na mesma época da emancipação da cidade. Logo depois começaram os trabalhos do Colégio Luterano Santíssima Trindade, atendendo a uma preocupação de Lutero: do lado de cada igreja sempre existe uma escola.



A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) possui em Joaçaba três Comunidades de Fé e o Colégio Luterano Santíssima Trindade. Possui na região várias Comunidades espalhadas, inclusive na Linha do Salto (Luzerna), a mais antiga e que em 2017 celebra 96 anos de atividades.



Em Joaçaba também há a Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB), oriunda da Alemanha, que chegou ao Brasil por intermédio dos imigrantes alemães e conta com Comunidades de Fé em toda a região. Os luteranos trazem uma herança muito forte na área musical e cultural. Grandes músicos, como Beethoven, Bach, entre outros, eram luteranos.

Depois de 31 de outubro de 1517 a Igreja, a política, a educação e o mundo nunca mais foram os mesmos!

## 4.25 COLÉGIO LUTERANO SANTÍSSIMA TRINDADE: HÁ 60 ANOS PLANTANDO SEMENTES PARA O FUTURO!



Alisson Schröpfer da Silva<sup>40</sup>

No ano de 2015, a Comunidade Evangélica Luterana Santíssima Trindade de Joaçaba completou 90 anos de história e no dia 11 de março de 2017 festejou os 60 anos do Colégio Luterano Santíssima Trindade de Joaçaba, da qual é a mantenedora.

Tudo começou no ano de 1925. O Reverendo Valentin Kühn iniciou os trabalhos da IELB em Joaçaba e região e também de uma Escola Paroquial. A primeira professora do Colégio Luterano Santíssima Trindade foi Tecla Krick, que juntamente com as lideranças e o Reverendo Edgar Krüser fundaram legalmente a instituição, em 15 de fevereiro de 1957. O Reverendo Alisson Schröpfer da Silva é o diretor desde 2013.

As sementes plantadas produziram frutos. Em 2004 aconteceu a implantação do Colégio Luterano Santíssima Trindade em Catanduvas, que foi acolhido pela Comunidade Evangélica Luterana Cristo Redentor, contando com o apoio dos líderes e pastores que ali passaram. No ano de 2015 aconteceu a formação do Colégio Luterano Santíssima Trindade em Ouro, abrangendo as cidades de Capinzal, Piratuba e toda a região. Contou com o apoio da IELB de Capinzal e do Reverendo Ildo Reisner, primeiro Capelão do Colégio de Ouro, em 2016.

Os Colégios fazem parte da Rede Luterana Santíssima Trindade, uma instituição filantrópica e confessional – sendo os únicos em Santa Catarina. A Rede possui um ensino de excelência, buscando o desenvolvimento de um cidadão crítico, humano e com respeito ao próximo. Baseia seus valores e princípios cristãos nos ideais dos herdeiros da Reforma Protestante.

Em Joaçaba, os alunos dispõem de ambiente climatizado e com lousa digital em todas as salas, biblioteca, laboratório de ciência, salas de apoio, mais de dez atividades extraclasse e formação continuada a todos os pedagogos da instituição.

O Colégio Luterano Santíssima Trindade parabeniza a amada cidade de Joaçaba pelos 100 anos de história. Há 60 anos contribuimos para o desenvolvimento do município, educando para a vida e formando o cidadão.

Colégio Luterano Santíssima Trindade. Aqui eu sou feliz. É o meu segundo lar, lugar que eu sempre quis!  
*Soli Deo gloria!*

<sup>40</sup> Pastor e atual diretor do Colégio Luterano Santíssima Trindade.



# MILITARES

1ª Turma do Tiro de Guerra, em 1952



## 4.26 TIRO DE GUERRA



Turma do Tiro de Guerra do Centenário de Joaçaba

sua criação o Tiro de Guerra formou aproximadamente 3.200 reservistas de 2ª categoria.

Sua sede teve como primeira localização o Bairro Cruzeiro, na área central de Joaçaba. No dia 29 de julho de 2015 foi transferido para o Bairro Clara Adélia, dando início às atividades no antigo colégio Professora Dulce Fernandes de Queiroz. O Chefe de Instrução do Tiro de Guerra 05-008 é o subtenente de Infantaria Mario Luiz Cassol, sendo o atual Diretor de Ensino o Prefeito Municipal de Joaçaba, Dioclésio Ragnini.

Mário Cassol<sup>41</sup>

O Tiro de Guerra em Joaçaba foi criado pela Portaria n. 26, de 25 de janeiro de 1952, recebendo na época a designação Tiro de Guerra n. 287. Iniciou suas atividades em 20 de maio de 1953, com uma turma de 44 atiradores, tendo como Chefe da Instrução o 2º Sargento de Infantaria Waldir Dacol e como primeiro diretor o Prefeito Municipal José Waldemiro Silva. Em 28 de março de 1979 passou a denominar-se Tiro de Guerra 05-008.

A atividade-fim do Tiro de Guerra é formar reservistas de 2ª Categoria, “Combatente Básico de Força Territorial”. Recebe anualmente jovens dos municípios tributários de Joaçaba e Herval d’Oeste para o cumprimento do serviço militar obrigatório. Desde a

<sup>41</sup> Tenente e atual comandante do Tiro de Guerra de Joaçaba



Créditos: Página on-line do Exército Brasileiro

## 4.27 POLÍCIA MILITAR



Adão Jair Florêncio<sup>42</sup>

O 26º Batalhão de Polícia Militar, sediado na cidade de Herval d'Oeste, foi a primeira Organização Policial Militar instalada no interior do Estado de Santa Catarina, tendo sido ativada em 12 de setembro de 1921, como a 1ª Companhia Isolada do Batalhão da cidade de

Caçador, tendo por missão guarnecer a região do Meio Oeste catarinense. Após a Guerra do Contestado, esta organização se tornou a primeira companhia policial militar a ser criada fora da capital de Santa Catarina.

Em vista do desenvolvimento econômico da região, surgiu a necessidade de aumento da estrutura organizacional da companhia; então, em 25 de outubro de 2006, a 1ª Companhia do 2º Batalhão passou a ter a

designação de 10ª Guarnição Especial de Polícia Militar, já com o status de Batalhão.

O Decreto n. 2.687, assinado em 16 de outubro de 2009, finalmente transformou a 10ª Guarnição Especial de Polícia Militar no 26º Batalhão de Polícia Militar, o qual atualmente, dividido em três companhias, abrange 19 municípios do Meio Oeste catarinense, sendo eles: Herval d'Oeste, Joaçaba, Água Doce, Catanduvas, Ibicaré, Erval Velho, Vargem Bonita, Luzerna, Jaborá, Treze Tílias, Capinzal, Ouro, Lacerdópolis, Piratuba, Ipira, Campos Novos, Zortea, Vargem e Brunópolis, totalizando uma área de 6.536 km<sup>2</sup> de extensão.



26º Batalhão de Polícia Militar

A fim de cumprir a missão constitucional de prevenção e manutenção da ordem pública, o 26º Batalhão de Polícia Militar desenvolve diversas atividades além do policiamento ostensivo, como o Proerd, pelotões especializados, palestras em instituições públicas e privadas, serviços de trânsito, policiamento em grandes eventos, entre outras atividades que ajudam a aprimorar a segurança pública da região.

<sup>42</sup> Sargento aposentado.

## 4.28 ENTIDADES, ASSOCIAÇÕES E CLUBES DE SERVIÇO – UM SÉCULO A SERVIÇO DA SOCIEDADE JOAÇABENSE



Convenção Estadual do Comércio Lojista

### Clube de Diretores Lojistas (CDL)

13 de julho de 1967 teria sido um dia trivial no inverno joaçabense não fosse um grupo de comerciantes ter se reunido e fundado o Clube de Diretores Lojistas (CDL) de Joaçaba e Herval d'Oeste. O feito foi significativo – era a sétima entidade do gênero no estado (e a primeira do oeste), atrás de Florianópolis (1960); Joinville (1965) e Itajaí, Blumenau, Tubarão e Criciúma,

todas em 1966. Mesmo em nível nacional a semente do movimento lojista estava pouco distribuída e cidades catarinenses de maior porte, casos de Lages, Chapecó, Brusque ou Jaraguá do Sul, só fundaram seus CDLs um ou dois anos mais tarde. A decisão de criar o CDL foi uma decorrência das iniciativas semelhantes no estado, mas também bafejada pelos varejistas gaúchos, onde o movimento lojista ganhava corpo. A ata da segunda reunião dos lojistas de Joaçaba menciona Erechim (RS)

como referência – e para lá seguiu um diretor da entidade, onde ficou uma semana “útil”, a fim de “conhecer as práticas e procedimentos de CDL coirmã.” O primeiro presidente, João de Marco (*in memoriam*), exerceu as funções por três anos consecutivos e retornou em 1976. Ao seu lado nomes fortes do comércio de então – Pedrini, Cagliari, Furlan, Pedroso, Von Pichler, Sganzerla, Peters, Laske, Volpato, Bragagnolo, Dall'Oglio, Baretta, Pozza, Bordim e Bonato.

Mirando a Joaçaba centenária do alto do Monumento a Frei Bruno e fazendo uma breve viagem no tempo até 1967, veríamos uma cidade muito diferente – a ainda inacabada ligação rodoviária com o litoral e com o restante do oeste do estado; as marcas tradicionais do comércio que cintilavam nos modernos luminosos de acrílico das fachadas das lojas e as ruas centrais pavimentadas com as populares pedras-ferro (basalto), além do burburinho do centro da cidade, provocado por um comércio sólido e efervescente. Uma década antes Joaçaba ostentara o título de “Capital do Trigo”, mas a vocação agroclimática da Argentina e a política econômica brasileira esvaziaram a tricultura, deixando problemas quase insolúveis aos moinhos, mas também uma indústria metalúrgica vigorosa. Nos anos 1960 era o comércio que se destacava na economia, diante de dois setores já tradicionais que começavam a se agigantar – a produção de suínos e aves.

A cidade tem uma vocação quase nata para o comércio, concorda o historiador e professor doutor, José Carlos Radin, e o princípio de tal tendência está na

localização estratégica, cujo primeiro nome – Cruzeiro – daria a ideia de encruzilhada. “O entreposto comercial da Ferrovia Norte-Sul e daquela que foi a primeira versão da BR 282 (leste - oeste) polarizou o processo de ocupação de grande parte do território catarinense, inclusive e especialmente porque as empresas de colonização eram sediadas em Cruzeiro”, explica. A vocação atinge seu vértice justamente na década em que o CDL é fundado, quando Joaçaba era a referência para os consumidores de cidades, como Campos Novos, Videira, Caçador, Concórdia, Fraiburgo ou Itá.

Quando “ganhou” o então Clube de Diretores Lojistas, Joaçaba também conquistou um aliado incondicional em tudo aquilo que envolvesse o desenvolvimento da cidade. Nas primeiras medidas da entidade constava uma correspondência cobrando do presidente da Comissão que trabalha em favor da conclusão da BR 282 o empenho pela brevidade nas obras. “Desde a nossa origem somos uma entidade cidadã”, resume Marcelo Risson, atual presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas – denominação que incorporou nos anos 1990, fruto da evolução conceitual do movimento lojista nacional.

Do singelo ao superlativo, ao longo das cinco décadas de existência, a CDL tem suas impressões digitais em campanhas e projetos que contribuíram para Joaçaba exibir seus bons indicadores de qualidade de vida da atualidade. Da revitalização do Aeroporto Santa Terezinha até a prevenção do câncer de mama (Outubro Rosa); da vacinação contra a pólio ou a gripe;

da Rota [do Turismo] do Contestado à construção do Monumento Frei Bruno – as marcas da entidade lojista no desenvolvimento de Joaçaba são indeléveis.

A estátua do religioso, iniciada em maio de 2003 e inaugurada em 30 de novembro de 2006, é um exemplo notável do enlace dos empresários do varejo com a cidade. A ideia, em princípio despreziosa, configurou-se no segundo maior monumento religioso do país, atrás apenas do Cristo Redentor (RJ). O sonho se converteu em projeto e foi legitimamente apropriado pela comunidade local: grandes empresários e cidadãos anônimos doaram em diferentes proporções valores que viabilizaram a obra, além do aporte do Governo do Estado de Santa Catarina. “Seguramente foi a maior mobilização popular já presenciada em Joaçaba. O monumento é uma expressão de fé e devoção, mas também de paz e ecumenismo. E gera um indubitável fluxo de turismo religioso”, considera Miguel Giusti, o Chico, presidente à época da inauguração. Além de Bortoluzzi e Chico, Ademir Ruschel e Manoel Donato Melo de Liz presidiram a entidade no período de edificação do monumento – que hoje paira quase onipresente sobre Joaçaba e Herval d’Oeste.

Seguramente também o Natal dos joaçabenses nunca mais foi o mesmo desde as gestões de Solange Baretta Mandryck (1994-1996), quando a CDL começou a investir maciçamente na data, com sorteios, shows, peças de teatro, espetáculos de dança e, em alguns anos, trazendo nomes do circuito nacional da música. “A cidade se transformava em luzes e cores e atraía famílias

de muitas outras cidades, as famílias iam para as ruas, era um ambiente contagiante”, recorda a ex-presidente.

A gestão do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), a defesa da justiça tributária, a qualificação dos comerciantes e seus colaboradores em vendas ou gestão – compromissos pétreos que a CDL conseguiu tornou efetivo neste período.

Contudo, e de novo exemplarmente, a pequena grande cidade consegue se destacar no cenário estadual do movimento lojista, ainda que competindo com outras referências expressivas de poder em Santa Catarina. Sediou – sempre desafiando aspectos limitantes de sua infraestrutura, em especial da rede hoteleira – três edições da Convenção Estadual do Comércio Lojista, o maior evento catarinense do setor – em 1977, 1995 e 2008. E teve em seu ex-presidente Jorge Ronaldo Pohl (1991-1993) o primeiro presidente da Federação das CDLs de Santa Catarina (1995-1999) advindo da região oeste.

Muitos sobrenomes tradicionais do varejo local já foram substituídos por jovens empreendedores e as cidades vizinhas têm seus próprios comércios, sem a mesma necessidade de irem a Joaçaba para satisfazer seus desejos de consumo. Mas a história está viva em muitos estabelecimentos – caso da Bonato, a primeira associada do Clube de Diretores Lojistas, ou das famílias Calliari, respectivamente de 80 e 60 anos de atividades.

“Essa é uma imagem interessante de nosso desafio”, considera o atual presidente Marcelo Risson. “O comércio e a CDL devem se reinventar e se modernizar, acompanhando as imposições da nova sociedade –

porém não pode renunciar ao seu passado, deve manter o foco no associativismo e nos ideais que reuniram aquela dezena de lojistas em 13 de julho de 1967.”

### Escola de Pais do Brasil



A Escola de Pais do Brasil tem 54 anos de existência. E a seccional de Joaçaba tem 32 anos. “É o menor caminho entre pais e filhos.” A missão da Escola de Pais é “Ajudar pais, futuros pais e agentes educadores a formar verdadeiros cidadãos.” E realizar círculos de debates sobre Educação nas escolas, empresas, condomínios, hospitais. Casal presidente: Gláucia e Sérgio Arenhart (atual). Primeiro casal que presidiu a Escola de Pais: Sueli Peruzzo e Cláudio Peruzzo.

### Lions

O Lions Clube Internacional foi fundado em 7 de junho de 1917, por Melvin Jones, em Chicago, Estados Unidos. Mantinha como código pessoal “que para ir muito longe é necessário fazer algo pelo outro”. Este

princípio norteador do senso de coletividade inspirou o lema “Nós Servimos”, assim, em 1953 ocorreu a fundação do 1º Lions no Brasil, no Rio de Janeiro. O Lions está representado em Joaçaba por dois clubes: o Lions Clube Joaçaba e o Lions Clube Joaçaba Cruzeiro.



O Lions Clube Joaçaba foi fundado em 01 de maio de 1959, pelo clube padrinho Lions Clube Florianópolis-Centro. O Lions Clube Joaçaba Cruzeiro foi fundado em 16 de maio de 1974. O Clube funciona nos mesmos moldes do Lions Internacional, com os mesmos objetivos e dinâmicas.

Pelo veio da sensatez os companheiros procuram viver os objetivos do Lions Internacional: criando e fomentando um espírito de compreensão entre os povos da terra; promovendo os princípios de bom governo e boa cidadania; interessando-se ativamente pelo bem-estar cívico, cultural, social e moral da comunidade; unindo os clubes com laços de amizade, bom companheirismo e compreensão recíproca; promovendo um fórum para livre discussão dos interesses públicos, exceto

os de política partidária e sectarismo religioso; e com coragem e serenidade estimulando as pessoas a sentir o prazer de eficientemente servir suas comunidades sem recompensa financeira pessoal, promovendo elevado padrão ético no comércio, indústria, profissões, serviços públicos e empreendimentos privados.



O Lions Clube Joaçaba teve como seu primeiro presidente, gestão 1959/1960, o CL Alexandre Muniz de Queiroz, e desde então sempre houve a alternância na diretoria, tendo como atual presidente, gestão 2016/2018, a CaL Suzana Maria Ferreira Paludo. O Lions Clube Joaçaba Cruzeiro teve como primeiro presidente Cesar Armando Brancher, que inclusive foi Governador do Lions. Atualmente, a presidência está a cargo da Sra. Edicléia Detoni Spolti.

O Lions desenvolveu a expansão do leonismo no Meio Oeste e Oeste catarinense, tendo apadrinhado a fundação dos Lions Clubes de Água Doce, Capinzal, Campos Novos, Chapecó, Concórdia, Herval d’Oeste e Joaçaba-Cruzeiro.

O Lions Clube de Joaçaba pela sua liderança e de expoentes companheiros, disponibilizou para o Distrito

L-23, atualmente LD-8, três dirigentes que assumiram a governadoria distrital: CL Alexandre Muniz de Queiroz, gestão 1964/1965, CL Luiz Carlos Pereira da Silva, gestão 1983/1984 e CL Telismar Gewehr, gestão 1989/1990.

Destacam-se algumas campanhas do clube, em razão do lema “Nos servimos”: o envolvimento com outras entidades na comissão central na época pré-implantação da BR-282; doação de enxovais para recém-nascidos; empréstimo sem ônus de cadeiras de rodas; construção do Edifício Lions com três pavimentos, tendo também na época a fundação Jardim de Infância Santa Teresinha, agora servindo para funcionamento da Escola APAS (surdos/mudos), locação sem ônus de dois pavimentos (térreo e 1º andar) do Edifício Lions, e no 2º andar sede do Lions e arquivo da governadoria do LD-8; manutenção e administração da Casa Abrigo do Coração Lions, onde acolhe pacientes e acompanhantes SUS vindos de diversos municípios do meio e oeste catarinense, para quimioterapia, hemodiálise no HUST e também para realizarem diversos outros exames; manutenção por 30 anos do Asilo Lions; doação de consultas oftalmológicas e óculos; plantio de árvores reflorestando encostas e margens de rios; criação e manutenção do Lar das Meninas, em parceria com a Casa da Amizade Rotary Joaçaba; desenvolvimento anual, nas escolas públicas, com *slogan* definido por Lions Internacional, para a criação dos alunos no Cartaz sobre a Paz Mundial; participação mensal em diversos Conselhos Municipais servindo a comunidade de Joaçaba.

“Nós companheiros leões nos sentimos felizes e honrados por estar fazendo parte marcante no legado da história do centenário do Lions Internacional e da nossa querida, amada e promissora cidade de Joaçaba. Assim, exaltamos as prodigiosas realizações dos homens públicos e dos companheiros leões, que vieram antes de nós e que com muita bravura estabeleceram a tradição de que nenhuma necessidade pode deixar de ser atendida para sermos município polo, e o Lions que com amor e dedicação renova os caminhos para unir pessoas por meio do (Servir). E para marcar este especial ano dos centenários de Joaçaba e do Lions, na Praça Adolpho Konder terá, no monumento em pedra de granito, placas alusivas às datas.”



Parabéns Joaçaba, parabéns Lions, pelos seus virtuosos e frutificadores 100 anos!

### Rotary Club de Joaçaba

Fundado em 07 de janeiro de 1951, o Rotary Club de Joaçaba foi o primeiro clube de serviço instalado em Joaçaba e hoje conta com trinta e seis associados.

Em seus 66 anos de trabalho, desenvolveu campanhas que tiveram resultados úteis para toda a comunidade regional. Entre elas: A primeira campanha

do oeste catarinense, liderada por Euridio Cunha, na distribuição de vacinas contra o tifo; permanente luta contra a poliomielite, cuja vacina é mundialmente copatrocinada pela Fundação Rotária; criação da Escola Rotary Fritz Lucht, localizada na Vila Pedrini, hoje municipal e com grande número de alunos; campanha para implantação da Rodovia BR-282, cortando o Estado de Santa Catarina; mais tarde, liderada por Alfredo Ítalo Remor, em conjunto com a ACIOC, campanha denominada “BR-282 – Asfaltamento Já” que acabou vitoriosa (A ponte na rodovia, ligando Joaçaba a Herval d’Oeste, recebeu o nome de Alfredo Ítalo Remor, em reconhecimento ao seu trabalho); campanha, liderada por Jayme Scherer, para criação da Fajo, depois FUOC, hoje Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc); campanha liderada por Ivan O. Bonato e Jayme Scherer, junto com a ACIOC, para implantação na cidade de uma empresa para industrialização de soja, tendo como resultado criação da Incobrasa Catarinense S.A., depois Sadia S.A., hoje ADM do Brasil Ltda (Produtora de biocombustível) e muitas outras.





Marco Rotário

Pelo Rotary Club de Joaçaba, foram fundados os clubes de Concórdia, Xanxerê, Herval d'Oeste e Campos Novos. As esposas de rotarianos e senhoras da sociedade de Joaçaba integram a Associação de Senhoras de Rotarianos, a “Casa da Amizade”, com grandes serviços prestados para a comunidade, principalmente, a mais carente.



O Rotary Club de Joaçaba, ao seu nascedouro, teve como presidente Ely Mesquita Velloso. Atualmente, a entidade é presidida pela sra. Erika D. Cunha Thomas.

## Junior Chamber International (JCI)



Com o intuito de cumprir a sua missão de proporcionar mudanças positivas à sociedade, a JCI Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna (Junior Chamber International), fundada em 1988, busca constantemente oportunizar aos jovens de nossa cidade experiências capazes de lhes despertar a cidadania ativa e a responsabilidade social por meio de projetos e ações. A JCI é uma organização mundial formada por jovens de 18 a 40 anos, que tem como missão proporcionar oportunidades de desenvolvimento que preparem as pessoas jovens a criar mudanças positivas. Atualmente, congrega mais de 200.000 integrantes em 110 países e territórios, sendo que em 1995 sediou a Convenção Nacional da JCI.

Em Joaçaba, realiza diversos projetos, entre eles o JCI In Concert, que anualmente traz atrações musicais ao público; Projeto Oratória nas Escolas, que estimula adolescentes na prática da Oratória e premia os melhores alunos em concurso entre escolas municipais e estaduais, e o Projeto DOM (Desenvolvendo Oportunidades de Mudança), que dá a oportunidade a jovens de 13 a 14 anos a conhecer outras perspectivas de sua realidade

e profissões; este projeto foi premiado nacionalmente como o Melhor Projeto a Longo Prazo da JCI em 2015. Além de projetos com a comunidade, a JCI também incentiva entre seus membros a prática do Debate e da Oratória, além de treinamentos de capacitação. Em 2017, sua diretoria é composta pelo Presidente Thiago Luiz Lenzi, Tesoureiro Rodrigo Ferri, Secretário Gustavo Francisco Zenaro, Assessora Legal Daniele Pires Canal e Presidente Subsequente Renan Margarida Hack.

## Lojas Maçônicas

A Maçonaria é uma associação, na qual “homens livres e de bons costumes, denominando-se mutuamente de irmãos, cultuam a Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade entre os homens. Seus princípios são a Tolerância, a Filantropia e a Justiça”. Com base nestes princípios, os maçons espalharam-se pelo mundo, promovendo seus ideais.

Hoje, são cinco as Lojas Maçônicas que representam a ordem em Joaçaba, a saber: Loja Maçônica Cruzeiro do Sul, n. 05, fundada em 21/03/1940; Loja Maçônica Ordem e Progresso, n. 65, fundada em 19/11/1996; Loja Maçônica Estrela de Herval, n. 3334, fundada em 20/08/2000; Loja Maçônica Acácia do Oriente, n. 3596, fundada em 24/06/2004 e a Loja Maçônica fraternidade Joaçabense, n. 4314, fundada em 07/03/2013.

Capítulo 5

Geografia Econômica

---





Joaçaba é uma cidade de porte médio com dados econômicos significativos. O parque industrial de Joaçaba comporta 95 indústrias: 38 se dedicam ao ramo metalomecânico, outras 14 trabalham na atividade madeireira, celulose e papel; outras 4 são relacionadas à energia e construção civil; outras 8 no ramo têxteis, produtos químicos e embalagens; 17 pertencem ao ramo agroalimentar e as demais, 14, fabricam e comercializam diversos tipos de produtos.

Em atividades comerciais, Joaçaba possui 702 estabelecimentos: 102 bares, lanchonetes, restaurantes e padarias; 61 mercados, supermercados, mercearias e similares; 17 farmácias e drogarias; 18 comércios de combustíveis, lubrificantes e similares. No ramo do vestuário, entre lojas, ambulantes e similares dedicados ao comércio de roupas e calçados, existem 135 estabelecimentos. Completam o quadro 23 atacadistas e 346 casas comerciais dos mais diferentes produtos.

Quanto aos prestadores de serviços, segundo dados da Prefeitura Municipal, estão registrados 1.837 prestadores de serviços e ainda 197 profissionais como autônomos: 83 profissionais da área da estética; 31 motoristas; 24 contabilistas, 15 advogados e 44 nas mais variadas especialidades de marketing, engenharia, assessorias e consultorias.



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional



Créditos: Garcia Imagens Aéreas

## 5.1 JOAÇABA, UM SÉCULO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO



Postal da Exposição Estadual de Trigo. Nos anos 50, a economia joaçabense tinha como referência a triticultura

Carlos José Pereira<sup>43</sup>

O desenvolvimento do município de Joaçaba iniciou-se com a extração de madeira e o cultivo de erva-mate. A ferrovia, construída pelo empreendedor norte-americano Percival Farquhar, instalada em 1910,

incrementou a atividade econômica ao facilitar o escoamento da produção e abastecer os colonizadores.

O progresso levou à instalação de indústrias de implementos agrícolas, entre outras. A comercialização cresceu e o município passou a liderar a região, então centrada na agricultura e pecuária, sendo a indústria uma extensão delas.

O município de Joaçaba, criado com 7.680 km<sup>2</sup>, hoje tem apenas 242,11 km<sup>2</sup>, que representam 3,2% da área que lhe foi atribuída no momento da sua fundação. Importante ressaltar que a redução ocorreu majoritariamente na primeira metade de sua existência. O Gráfico mostra esse encolhimento territorial, sem redução do crescimento e desenvolvimento econômico.



Fonte: censo do IBGE.

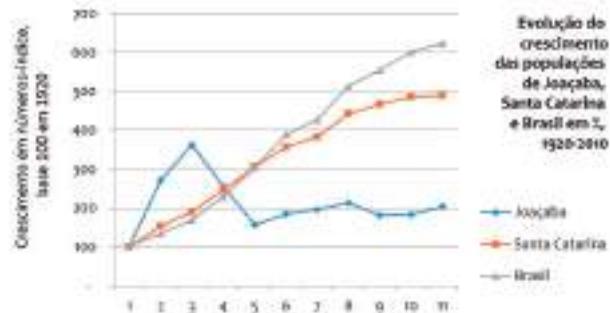
A determinação para o trabalho, aliada à mescla de pessoas de diferentes nacionalidades, amalgamou distintos costumes, tradições e peculiaridades que deram formato à Joaçaba atual.

O Censo de 1920, realizado quando o município completava seu terceiro ano de existência, registrou apenas 13.335 habitantes, número que quase triplicou nos 20 anos seguintes. De acordo com o Censo de 1940, havia 36.174 pessoas, passando dez anos depois a 48.299 moradores, prenúncio de que as pessoas estavam interessadas nas oportunidades econômicas existentes.

<sup>43</sup> Economista e Administrador de empresas.

Em 1960 o número de pessoas retroagiu a 34.088, inferior ao do Censo de 1940. Razão para isso foi a divisão territorial que, sem arrefecer sua vibrante economia, prejudicou seu aumento populacional.

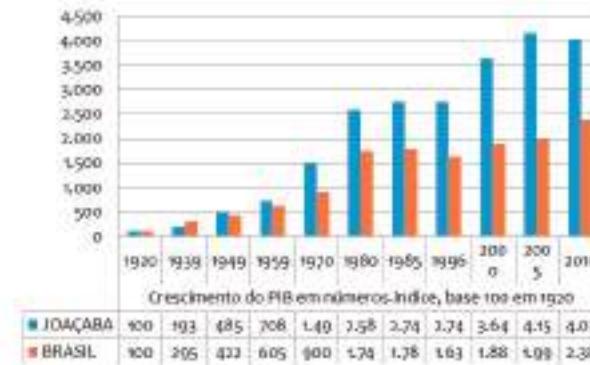
O Gráfico ilustra tais movimentos, ressaltando-se que a supressão de territórios reduziu o número de habitantes. Por ocasião do 43º aniversário do município, em 1960, os territórios desmembrados somavam 82%. Em 1995, depois de o último território ter sido emancipado, sobraram 3,2%. O último Censo do IBGE, de 2010, indicou 27.020 habitantes. E na projeção para 2016, somam 29.008. Para quem é otimista, a população atual é o dobro da inicial.



Fonte: censo do IBGE.

Trinta anos após sua fundação, o PIB de Joaçaba crescia a taxas menores do que a média brasileira. Era uma economia incipiente. Aos poucos foi crescendo em bases sustentáveis. Desde então o produto interno bruto municipal cresce acima da média nacional, como demonstrado no Gráfico a seguir.

Área geográfica pequena e população adensada mostram números de progresso econômico consideráveis, especialmente, quando se compara com a média brasileira e de outros territórios. Isto porque a cidade passou a concentrar atividades de alto valor agregado, aquelas que usam mais tecnologia, mão de obra mais qualificada que a média nacional, processos de trabalho bem definidos e de alto nível de racionalidade, inclusive matérias-primas ou materiais melhores, permitindo que produtos ou serviços exibam sinais de excelência. Neste cenário os joaçabenses, sejam empresários ou trabalhadores, participam do progresso e prosperidade que, juntos, constroem cotidianamente.

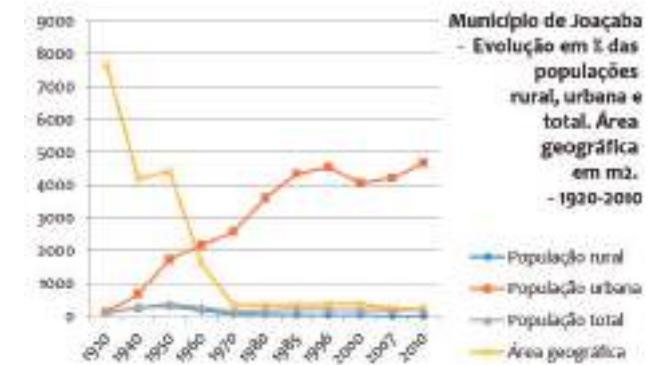


Fonte: censo do IBGE.

De 1920 até 2010, o produto interno bruto brasileiro, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou crescimento de 4,028% para Joaçaba e 2,387% para a média dos municípios brasileiros. A que se deve esta evolução? Possivelmente à substituição de atividades econômicas

primárias pelas atividades econômicas secundárias e terciárias.

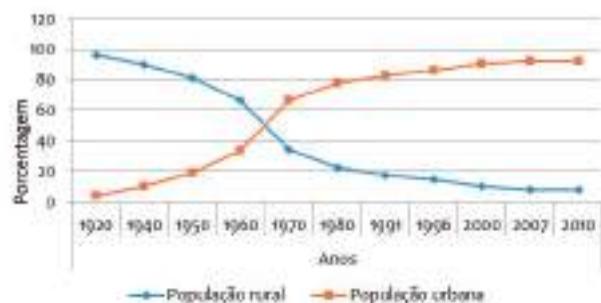
Considerando-se o que está demonstrado no Gráfico abaixo, a economia do município de Joaçaba passou de economia geradora de baixos valores agregados para economia geradora de altos valores agregados, quando o referencial é a totalidade da economia nacional. Hoje, o produto interno bruto *per capita* ou, em outras palavras, a renda média da população do município de Joaçaba é muito próxima da verificada no Estado de São Paulo, reconhecidamente o líder da economia brasileira.



Fonte: censo do IBGE.

Os vários censos realizados nos anos de 1940 a 2010 registraram redução de 93,6% da população rural, que passou de 32.560 para 2.096 habitantes, o que corresponde a apenas 7,8% da população nessa data. Por seu lado, a população urbana, no mesmo intervalo de tempo, passou de 3.614 para 24.924, tendo

aumentado impressionantes 589,6%. Em 2010 ela passou a representar 92,2% de todo o município.



Fonte: censo do IBGE.

O Gráfico apresentado mostra a inversão das posições relativas das populações rural e urbana. À medida que ela foi ocorrendo a força de trabalho rural foi se transferindo para a área urbana, passando a ser geradora de produtos com mais qualidade, aumentando o valor do produto gerado *per capita*, com inegáveis ganhos socioeconômicos.

O mercado de bens e serviços será tão mais sofisticado quanto melhores forem os atributos em educação e empreendedorismo da população. Empreendedores determinados são essenciais para que os resultados sejam exaltados. A Tabela a seguir mostra a força da economia joaçabense, um nicho econômico em que predominam os setores terciário e secundário da economia. O produto interno bruto *per capita* do município de Joaçaba, além de estar nos anos mais recentes próximo do valor do estado de São Paulo, representa, igualmente, 50% a mais do que a média brasileira.

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Municípios	Valores per capita em R\$, a preços correntes							
	2013		2012		2011		2010	
	Nº	R\$	Nº	R\$	Nº	R\$	Nº	R\$
Distrito Federal	1	62 859,43	1	61 876,08	1	59 183,31	1	56 250,67
Estado de São Paulo	2	39 122,26	3	37 105,08	3	34 499,90	3	31 383,79
Município de Joaçaba	3	38 399,44	2	38 224,85	2	37 606,20	2	34 504,12
Região Sudeste	4	34 789,78	4	32 942,51	4	30 294,98	4	27 141,92
Região Centro-oeste	5	32 322,31	5	30 781,99	5	28 082,27	5	25 253,47
Estado de Santa Catarina	6	32 289,58	6	30 021,49	6	27 551,89	6	24 598,11
Região Sul	7	30 495,79	7	27 546,04	7	25 251,38	7	22 647,46
Estado do Paraná	8	30 264,90	8	26 962,78	9	24 444,97	9	21 572,72
Estado do Rio Grande do Sul	9	29 657,28	9	26 651,76	8	24 687,22	8	22 556,67
Brasil	10	26 444,63	10	24 120,62	10	22 157,00	10	19 877,68
Região Norte	11	17 213,30	11	15 857,85	11	14 979,04	11	13 041,58
Região Nordeste	12	12 954,80	12	12 099,67	12	10 904,56	12	9 848,97

Fonte: Dados brutos do IBGE, Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Suframa.

O PIB foi durante muitos anos o único termômetro para avaliar a performance econômica das sociedades. Em 1990 foi criado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), pelos economistas Amartya Sen e Mahbub ul Haq. É medida comparativa que usa o desenvolvimento humano como métrica para classificar países, regiões, estados e municípios. Considera a expectativa de vida ao nascer, educação e renda (PIB).

A Tabela abaixo mostra os 10 melhores municípios brasileiros de 2010. Em 2010 coube a Joaçaba o oitavo lugar, com 0,827, tendo obtido 0,741 em 2000 e 0,635 em 1991.

Posição	Lugares	IDHM	IDHM	IDHM Longevidade	IDHM Educação
			Renda		
1º	São Caetano do Sul (SP)	0.862	0.891	0.887	0.811
2º	Águas de São Pedro (SP)	0.854	0.849	0.890	0.825
3º	Florianópolis (SC)	0.847	0.870	0.873	0.800
4º	Balneário Camboriú (SC)	0.845	0.854	0.894	0.789
4º	Vitória (ES)	0.845	0.876	0.855	0.805
6º	Santos (SP)	0.840	0.861	0.852	0.807
7º	Niterói (RJ)	0.837	0.887	0.854	0.773
8º	Joaçaba (SC)	0.827	0.823	0.891	0.771
9º	Brasília (DF)	0.824	0.863	0.873	0.742
10º	Curitiba (PR)	0.823	0.850	0.855	0.768

Fonte: elaborada por Carlos J. Pereira, com base em Atlas Brasil.

O Brasil, por sua vez, em 2010, apresentou média de 0,699, corresponde à 73ª posição para um total de 169 países avaliados. A Noruega, o país mais bem classificado, obteve 0,938. Quanto mais próximo de 1,0, melhor. Pode-se assim constatar que Joaçaba mostrou desempenho superior à média nacional.

Classificação		IDHM - Evolução 1991-2010	1991	2010	Variação %
Variação %	IDH				
-	-	<b>Brasil - média de todos os municípios</b>	<b>0,493</b>	<b>0,727</b>	<b>147</b>
1º	2º	Águas de São Pedro (SP)	0,634	0,854	135
2º	4º	Balneário Camboriú (SC)	0,630	0,845	134
3º	9º	Brasília (DF)	0,616	0,824	133
4º	4º	Vitória (ES)	0,644	0,845	131
5º	8º	Joaçaba (SC)	0,635	0,827	130
6º	10º	Curitiba (PR)	0,640	0,823	129
7º	3º	Florianópolis (SC)	0,681	0,847	124
8º	1º	São Caetano do Sul (SP)	0,697	0,862	123
9º	7º	Niterói (RJ)	0,681	0,837	122
10º	6º	Santos (SP)	0,689	0,840	121

Fonte: elaborada por Carlos J. Pereira, com base em Atlas Brasil.

A Tabela apresentada mostra uma melhora sensível do IDHM dos municípios brasileiros no período, embora os 10 melhores municípios tenham evoluído abaixo da média nacional, evidência de que a grande maioria está trabalhando para melhorar as condições de vida das suas populações. Bom sinal para aqueles que se dedicam ao estudo de políticas públicas, suas aplicações e resultados.

Olhando para trás, há 5.200 semanas, quando tudo começou, não se pensou em chegar a esta data com este cenário de progresso e prosperidade. Ao menos, não constam registros de tais previsões. Mas a população de Joaçaba, altaneira, ciosa das suas responsabilidades e calcada nas necessidades de cada grupo familiar, fez o melhor que podia, sempre olhando para o amanhã, cada um a seu tempo, cuidando do que lhe diz respeito, com princípios morais e éticos, disposição e vontade para fazer o amanhã cada vez melhor.

Em termos logísticos, a geografia nos permite conexão fácil com os quatro pontos cardeais. A visão do futuro projeta mais crescimento e desenvolvimento. Salve Cruzeiro, Limeira, Catanduva/Vila Cruzeiro, Cruzeiro do Sul, todas Joaçaba, nossa *encruzilhada ou cruzeiro!*

## 5.2 PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM JOAÇABA



Antigo Moinho da Empresa Bonato, na Área Central de Joaçaba

O processo de ocupação em Joaçaba originou-se de uma pequena acumulação de capital decorrente da expansão agrícola, que num primeiro momento esteve

Tania Durigon<sup>44</sup>

ligada ao cultivo de lavouras de trigo, alfafa e arroz – que impulsionaram a exploração da madeira e ervamate –, seguida pela atividade tritícola, que permitiu o surgimento da atividade industrial. Paralelamente desenvolveu-se o setor metalomecânico, que se tornaria um dos mais dinâmicos do município.

<sup>44</sup> Presidente atual da Associação Comercial e Industrial do Oeste Catarinense. Professora universitária.

A divisão do território em pequenas propriedades coloniais de policulturas (IBGE, 1977) propiciou as bases para a implantação das primeiras indústrias, condicionadas, inicialmente, ao que era desenvolvido no campo. O excedente gerado pelos pequenos proprietários rurais impulsionou o surgimento das primeiras indústrias – alimentar e extrativa – e deu suporte ao aparecimento de outras – metalúrgica e mecânica.

A produção do trigo nas pequenas propriedades criou inúmeras oportunidades para o surgimento das primeiras empresas e rapidamente destacaram-se outras empresas ligadas à atividade, especialmente as de máquinas agrícolas e industriais. Em 1938, o incentivo criado pelo presidente da República Getúlio Vargas determinou a distribuição de sementes e a fixação de um preço mínimo ao cereal, fazendo com que a partir da década de 1940 Joaçaba e região se destacassem no cenário tritícola.



1º Moinho da Empresa Specht

Na década de 1940, Joaçaba mantinha uma liderança industrial e comercial em todo o oeste catarinense. Transformou-se rapidamente em município polarizador de sua região pelo fato de a maioria dos municípios integrantes da Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense (AMMOC) apresentar economias baseadas nas atividades primárias (agricultura e pecuária) e infraestrutura econômica e social deficiente, bem como economias urbanas (indústria, comércio e prestação de serviços) pouco diversificadas. Ou seja, as empresas industriais que inicialmente se inseriram nos municípios da região eram, em sua maioria, tradicionalmente extrativistas – madeira e erva-mate –, enquanto que as atividades do setor terciário se limitavam ao atendimento das necessidades básicas da população.

A circulação de riquezas provenientes da triticultura, associada às vantagens de armazenamento e transporte, propiciaram o surgimento de inúmeras atividades, atraindo para a região de Joaçaba investimentos em várias frentes. Dessa maneira, o urbano foi sendo constituído e um exemplo disso é o início das atividades do Banco do Brasil em 1940, como a principal instituição financeira na época.



Para dar aporte às atividades econômicas do município e região, em 22 de setembro de 1940 foi fundada a Associação Comercial e Industrial do Oeste Catarinense (ACIOC), sob a liderança de Arthur Pereira, tendo como objetivo fomentar melhorias de infraestrutura, unindo a classe empresarial e atuando como propulsora do desenvolvimento regional.



Arthur Pereira e o Industrial Romano Massignan

No ano de 1950 a grande Joaçaba possuía 41 moinhos e o Banco do Brasil fornecia subsídios para os agricultores, como crédito aos pequenos, distribuição de sementes e máquinas agrícolas e obrigatoriedade de aquisição de cotas nacionais. Em razão do crescimento da atividade tritícola foi fundado em 1952 o Sindicato da Indústria do Trigo de Santa Catarina (Sinditrigo).



A grande produção fez com que em 1957 o Ministério da Agricultura construísse um grande armazém – Cibrazem – junto à linha férrea da Estação do Herval, utilizando a ferrovia no escoamento da produção. Por ocasião do decreto-lei que dava ao governo federal o monopólio na comercialização do trigo em grão, e para atingir as exigências legais, foi criada em 1969 a Cooperativa Tritícola do Rio do Peixe Ltda. (Cooperio), hoje Coperdia, que, além de facilitar a comercialização fazia a distribuição do cereal entre os produtores.



Na década de 1950 a base econômica do município era constituída pela agricultura (IBGE, 1959). Em 1956 o município dispunha de 67 estabelecimentos industriais, um destinado à produção de papel, três de farinha de trigo e 43 serrarias. O município de Joaçaba era, nesse período, um dos maiores produtores de pinho da América Latina (IBGE, 1959), sendo que outros setores da indústria também apresentaram grandes quantidades e valores de produção como a de alimentos, a de papel e a mecânica.



Frinajo 1967



Incoplastic Indústria de Embalagem

À medida que se inseriam no tecido urbano, as empresas foram promovendo a expansão urbana do município. Até a década de 1960, na área central do município estavam localizadas as empresas mais tradicionais, além dos principais estabelecimentos de comércio e serviços.

No ano de 1967, conforme Queiroz (1967), após cinquenta anos de sua fundação, a indústria do município de Joaçaba estava representada por fábricas de grande e pequeno portes, apresentando um parque industrial bastante diversificado. Destacavam-se os ramos de motores, de máquinas agrícolas e industriais, de turbinas hidráulicas, pasta mecânica, moinhos de trigo, bronzinas, esquadrias de ferro e de madeiras, móveis, bebidas, beneficiamento de erva-mate, arroz e milho, produtos têxteis e inúmeros outros.



Bragagnolo Indústria de Madeira, Papel e Celulose



Fábrica de trilhadeiras - Triton



Bebidas Ipiranga - Visão Externa



Francisco Lindner - metalomecânico, um dos pilares da indústria joaçabense



Triton - Montagem Final



Bebidas Ipiranga - Produção de Refrigerantes



Empório de couros



Romano Massignan - Indústria Moageira

Nas décadas de 1970 e 1980 pode-se destacar a expansão urbana e a implantação industrial fora da área central, e se por um lado isso ocorreu aos poucos, de forma ainda tímida, de outro contribuiu para a formação de novos bairros em áreas fora do centro urbano atual. Um grande número de empresas instalou-se na cidade, principalmente, na década de 1970, acompanhando o ritmo brasileiro de industrialização.

Nas últimas três décadas do século 20, principalmente a década de 1990, ocorreu o período da reestruturação produtiva nas empresas em virtude das políticas de inserção na economia globalizada. O reflexo disso fica evidente nos resultados econômicos apresentados pelo município nesse período.

A posição geográfica do município de Joaçaba, situada no centro de sua região, acabou por gerar uma região homogênea de atividades produtivas. Tendo o município atingido um desenvolvimento econômico maior em relação aos demais municípios da região, a

cidade recebe todos os dias um número elevado de pessoas das cidades vizinhas que necessitam utilizar os serviços nela oferecidos. A localização privilegiada também atraiu e centralizou os serviços administrativos do governo estadual, transformando Joaçaba num importante centro regional do meio oeste catarinense.

Inserido nesta estrutura, o município de Joaçaba foi considerado polo industrial regional, onde o surgimento e o crescimento de um grupo de empresas levaram ao aparecimento de outras. A concentração de bens de capitais e recursos humanos fez com que se desenvolvessem atividades econômicas, um mercado em constante crescimento e um espaço produzido a partir destes elementos.

Setores	1970	1980	1990	2000	2010
Agricultura	2.069	1.850	2.482	1.148	1.524
Indústria	1.581	2.157	2.683	2.387	3.588
Comércio e Serviços	2.259	3.396	4.458	3.067	5.099
Serviços Administrativos	708	1.322	2.177	1.251	2.281
Outros	356	1.082	998	3.108	3.238
Total	6.973	9.807	12.798	10.961	15.730

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

Em relação à população economicamente ativa dos setores econômicos na região de Joaçaba, percebe-se que no caso da indústria houve evolução até a década de 1990, havendo decréscimo até a década de 2010 e a partir daí acontece novamente uma evolução, destacando-se nesse processo o segmento de comércio e serviços.

Na evolução do número de empregos do setor secundário joaçabense houve um movimento ascendente até os anos 1990. A partir daí até o ano 2000, os números mostram a ocorrência de demissões na indústria, considerando-se o número total de trabalhadores. O que se pode aferir é que a década de 1990 mostrou-se o período mais conturbado do secundário joaçabense, mas os dados apresentados apontam a recuperação do setor industrial a partir de 2003.

Atualmente, o município de Joaçaba possui 87 indústrias, sendo que as mais representativas são dos setores metalomecânico e metalurgia, agroalimentar, bens de capital e de móveis e madeira, representando 76% do segmento. Esses dados apresentados demonstram que alguns dos segmentos em destaque são os mesmos de 50 anos atrás.

O movimento econômico de Joaçaba, quanto ao valor adicionado gerado pelos municípios, representa 15% do total gerado pelos municípios da AMMOC, conferindo um lugar de destaque para o município em relação aos demais municípios da AMMOC.



Criativa - Indústria de Puxadores e Acessórios para Móveis



Grupo Pegoraro - Distribuidor de alimentos  
Créditos: Fullgaz



Dispra - medicamentos e suplementos animais



Dispra - Visão Externa

Centenário do Município de Joaçaba



Triton - Indústria de Máquinas Agrícolas, hoje no Município de Luzerna



Specht foi o primeiro moinho de Joaçaba-SC e o único ainda em atividade



Empresa HISA Weg



Triton - Indústria de Máquinas Agrícolas, hoje no Município de Luzerna  
Créditos: Marcio Luiz Dalla Lana



Créditos: site Vencedora Maqtron.



Barragem sobre o Rio do Peixe, no Município de Luzerna - a geração de energia já foi decisiva para o desenvolvimento industrial  
Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

## 5.3 TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE PASSAGEIROS NO OESTE



Foto da Empresa União da Serra - Visão da Frota

Julio Cezar Zago Sobrinho<sup>45</sup>

Em 1939 chegou em Joaçaba o gaúcho Horivil Zago, ferreiro de profissão e motorista de caminhão. Atraído pelas riquezas da região veio tentar sua vida no Oeste. Após alguns anos viajando para São Paulo como freteiro, resolveu implantar uma linha de ônibus que ligasse Joaçaba com Chapecó, e o fez juntamente com seu sócio, o Sr. Tranquilo Bordignon, da Empresa União

da Serra de Zago e Bordignon, sediada em Joaçaba, que começou em abril de 1947 com um caminhão adaptado para transporte de pessoas e cargas ao mesmo tempo. Estrada não existia, apenas uma picada entre os pinhais, aberta com enxadas e picaretas e que seguia no rumo das povoações da Região.

O transporte de passageiros era feito inicialmente duas vezes por semana, com dia e hora para sair, mas não para chegar. O ônibus foi se firmando e ganhando credibilidade, pois muitos colonizadores vinham

do Rio Grande do Sul para Joaçaba por via férrea e então tomavam o ônibus para ocuparem as terras nas diversas povoações escolhidas. A Região foi sendo ocupada paulatinamente pois as riquezas naturais eram abundantes. Terras férteis, florestas ricas em pinhais e madeiras de lei, as quais, embora não existissem estradas viáveis, eram respaldadas pelo transporte ferroviário que fazia qualquer produção canalizar para Joaçaba.

Apesar da ocupação do Oeste as estradas continuavam péssimas. Estradas de terra, atoleiros constantes. Pneus acorrentados com correntes de ferro, especiais para dar melhor desempenho ao ônibus no barro.



O drama das estradas da época

O movimento de passageiros foi aumentando e o ônibus passava por Nova Petrópolis, Catanduvas, Coração, Ponte Serrada, Faxinal dos Guedes, Xanxerê, Xaxim e Xapecó, que na época se escrevia com X. Os motoristas eram também mecânicos e ainda levavam as malas do correio, num papel social muito importante, pois traziam e levavam as informações para todo lugar.

<sup>45</sup> Advogado e empresário.

A União da Serra foi se firmando no contexto de ocupação e pioneirismo no transporte de passageiros no Oeste. Já em 1951 foi ampliada a atuação da Empresa, que passou a fazer a ligação de Joaçaba com Lages, depois com Porto União e Pato Branco. A região crescia. As cidades começaram a se emancipar administrativamente. As produções aumentavam. A indústria foi se firmando em diversas áreas. Continuava a carência de estradas, energia, hospitais, escolas, comunicações. Foi iniciado um serviço pioneiro, ônibus de Joaçaba a Curitiba, via Curitibaanos. Começava uma nova época no transporte de passageiros no Oeste com mais um passo importantíssimo para a Região Oeste de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul: uma linha direta de ônibus Joaçaba-São Paulo.



Ônibus da Empresa União da Serra com o trajeto desenhado na lateral

O Oeste de Santa Catarina passou a fazer parte do Brasil. A região estava num contexto de progresso e desenvolvimento dignos do trabalho de sua gente, agora mais próxima do maior centro comercial, cultural, médico, financeiro, social e de lazer do país. Joaçaba

passou a ser tida como capital de Santa Catarina, pois naquela época nossa Capital não dispunha de uma ligação direta via ônibus que a ligasse com São Paulo, e da Rodoviária da Luz em São Paulo era anunciada no serviço de alto falante a partida para o Sul de apenas três ligações diretas de ônibus: São Paulo-Curitiba, São Paulo-Porto Alegre e São Paulo-Joaçaba.

Em 1969 a pioneira União da Serra foi vendida para a Empresa Reunidas, que passou a ocupar os espaços conquistados, interligando suas linhas já existentes em outras regiões, e o Oeste passou a ser integrado a todas

as regiões do país. Consolidou-se o sonho do “Seo” Horivil Zago, missão cumprida. Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados por este pioneiro do transporte de passageiros o atual terminal rodoviário de Joaçaba, construído as margens da BR 282 e inaugurado em 2015, leva seu nome. Atualmente, várias empresas atuam no Terminal Rodoviário Horivil Zago: Auto Viação Catarinense, Eucatur-Integração, Ouro e Prata, Planalto, Unesul, Reunidas, Zontur e Castilho, fazendo conexão com algumas capitais, inclusive, com outros países.



Atual Terminal Rodoviário Horivil Zago  
Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

## 5.4 O PIONEIRISMO DE ATTILIO FONTANA EM JOAÇABA



Attilio Fontana

Antônio Diomário de Queiroz<sup>46</sup>

Attilio Fontana foi uma das mais extraordinárias personalidades brasileiras, empreendedor de sucesso

e exemplo de vida como pessoa de espírito e bravura moral, pai de família amoroso, trabalhador incansável com excepcional capacidade de enfrentar problemas e desenvolver negócios de sucesso, líder e homem

<sup>46</sup> Bacharel em Direito, Doutor em Economia. Ex-reitor da UFSC e da UDESC.

público com compromisso social fundamentado na sua inesgotável capacidade de servir.

Attilio Francisco Xavier Fontana, nome pelo qual foi batizado, é Cidadão Honorário de Joaçaba. Foi neste Município, ainda quando se chamava Cruzeiro, que veio morar, na colônia de Bom Retiro de Campos Novos, para dar início ao seu sonho de vida em matrimônio com Diva Bordin. Na *História da Minha Vida* (Ed. Vozes, 1980), escrita aos 80 anos de idade, ele narra sua “experiência fora do comum, no sentido de aplicação metódica do tempo e da disposição férrea de alcançar, pelo trabalho, um ideal traçado.”

Por ocasião do Centenário de Joaçaba, transcrevemos neste texto alguns fatos fundamentais narrados por Attilio Fontana sobre sua vida, tão importantes para a compreensão da própria história do Município.

Depois de contar sua primeira infância na Linha Weimann de colonização italiana e Lajeado, no Rio Grande do Sul, onde desde menino realizou seus primeiros negócios por conta própria, a entrada na adolescência, a perda do pai e o noivado com sua Diva, ele descreve como decidiu “sair para um lugar de mais futuro”. “Como ouviu referências favoráveis a umas terras novas no oeste catarinense, uma colonização muito bem feita, de matas virgens, em que se produzia bastante alfafa e onde os transportes eram bem mais fáceis do que em Santa Maria, mostrei-me inclinado a tentar essa região”. Dentre várias alternativas examinadas, optou pela proposta de Casimiro Tisian, comerciante e agricultor em Bom Retiro

de Campos Novos, pois “se fosse para Bom Retiro, um modesto desvio ferroviário no rio do Peixe, lá não teria em que gastar dinheiro, procurando diversões. De mais a mais, era uma região onde moravam muitos agricultores do Rio Grande, da minha zona de Santa Maria.” Acertou com a noiva que “se eu gostasse do lugar e visse que ali poderíamos progredir, voltaria em breve para nos casarmos.”

Desde a chegada a Bom Retiro, Attilio teve a convicção do acerto de sua decisão: “Observei logo com entusiasmo que aquela região era de grande futuro, oferecendo as melhores condições de trabalho e possibilidades de negócio. Além de a serra ser constituída ali de terras férteis, com abundante produção de alfafa e de cereais, havia ainda a vantagem de o comércio ser acaanhado, embora contando com transporte ferroviário à mão. Bem diferente de Santa Maria, onde não havia sequer estradas de rodagem de boa qualidade para transportes a grande distância; e o consumo dos produtos não poderia ficar restrito ao Município. Teria que ser exportado para a fronteira do Rio Grande – Santana, Bajé, Uruguaiana, e outras cidades da região. Em Santa Catarina, ao contrário, a estrada de ferro poderia escoar com facilidade as safras para São Paulo, o principal mercado consumidor. Vi, pois, a qualidade das terras, que eu conhecia bem, vi a vegetação e as lavouras como se desenvolviam, vi os trilhos da ferrovia com os armazéns a dois passos dali e decidi empregar-me com o Sr. Casimiro Tisian. Acrescia a tudo isso que o clima pareceu-me tão bom quanto o de Santa Maria.” Era outubro de 1921.

Passados quatro meses, realizou-se no Rio Grande o sonhado casamento com Diva Bordin: “Casamos num sábado e no domingo fomos tomar o trem na estação de Santa Maria, distante mais ou menos quinze quilômetros da casa de meu sogro. E, de carroça, essa distância não se cobria em menos de duas horas e meia. [...] Viajamos desde o domingo à noite – o trem saiu entre nove e dez horas – e só fomos chegar ao nosso destino na terça-feira depois do meio-dia.”

Suas condições de trabalho melhoraram, pois “o meu patrão, quando lhe anunciei que ia me casar, propôs-me sociedade nos lucros da alfafa, em conta de participação. Eu enfardava a alfafa, transportava-a para o armazém numa carroça puxada por uma junta de bois e lá era carregada nos vagões que partiam para São Paulo, onde alcançava preços satisfatórios [...]. Quero esclarecer que o município era dividido pelo rio do Peixe; na margem esquerda chamava-se Bom Retiro de Campos Novos, hoje Herval d’Oeste, onde prevalecia a colônia italiana, com o dialeto vêneta como a língua mais corrente; na margem direita ficava a parte principal, Bom Retiro do Cruzeiro, hoje Luzerna, com predominância da colônia alemã [...]. A travessia de uma margem para outra era paga, e se fazia numa balsa, para transporte de veículos e animais, ou numa canoa com capacidade para duas ou três pessoas [...]. Ali fomos, pois, lutando lado a lado, com a preocupação de economizar o mais possível.”

Não tardou a surgir a oportunidade para Fontana progredir em seus negócios. “Pouco menos de um ano havia decorrido desde que iniciáramos a nossa conta

de participação, e o Sr. Tisian resolvera vender sua casa comercial. Ele não era comerciante por vocação, não gostava do ramo, e por isso pensou em passá-la adiante; naturalmente eu não podia comprá-la, ainda não tinha recursos para isso. Como ele vendesse alfafa a um contêrrâneo meu de Santa Maria, da família Fuganti, que tinha casa em São Paulo, e trabalhava em larga escala com esse produto, achei que eu devia convidá-lo para ficar com a casa do meu patrão e me dar sociedade.”

Após o nascimento de Walter, seu primeiro filho, Attilio foi a São Paulo conversar com os Fuganti. “Para aproveitar a viagem, sugeri ao meu patrão que comprássemos um lote de suínos para carregar um vagão da estrada de ferro e vendê-lo na capital. Ali na colônia já havia uma criação apreciável de porcos, desenvolvida pelos lavradores, mas faltava mercado comprador na região. Adquirimos de sociedade 38 cabeças, carregamos o vagão e viajei junto no trem de carga que o rebocava rumo a São Paulo. Levamos cinco dias nessa viagem, e nesse meio-tempo houvera uma entrada muito grande de suínos em Osasco que era o ponto central de comercialização e o preço tinha baixado. Fui obrigado, pois, a vender os nossos com prejuízo [...]. Meu patrão não ficou nada satisfeito com o resultado do negócio, protestando que nunca mais pensaria em trabalhar com suínos. Justamente o oposto do que iria acontecer comigo. Eu lhe disse: - Pois saiba o senhor que os porcos mesmos é que vão cobrir o meu prejuízo.”

Porém o objetivo principal da viagem a São Paulo foi plenamente alcançado: “Procurei os Fuganti, em

cuja casa me hospedei, e mostrei-lhes a vantagem que teriam comprando a loja do Sr. Tisian, pois negociavam principalmente com alfafa que era o produto que mais resultado dava à sua firma; fazendo assim, eliminariam o intermediário e teriam maior lucro [...]. E de fato eles se entusiasmaram, foram a Bom Retiro e compraram a casinha do Sr. Tisian e me ofereceram boas condições de trabalho. [...] Fazia o maior esforço possível porque o interesse era também meu: quanto mais produzisse mais ganharia. E nesse ritmo de trabalho fui acumulando rapidamente uma certa economia.”

Assim, Fontana continua o relato: “Poucos meses depois, resolvi comprar um hotelzinho no outro lado do rio, em Bom Retiro do Cruzeiro, o único existente no povoado. Era uma construção de madeira com diversas peças [...]. Quem tomava conta do hotelzinho era minha mulher, com a ajuda de uma sua irmã, Iolanda, que viera morar conosco, e também de meus irmãos Dário e Angelina.” Passado um tempo, “foi a vez de convidar meu sogro para mudar-se também para Bom Retiro do Cruzeiro com a família e montamos ali uma casinha de comércio [...] Então ele me ajudou a montar e a tocar em sociedade a pequena loja em que havíamos transformado o hotelzinho e decidi ir a São Paulo para fazer as primeiras compras para abastecê-la. Janeiro de 1925.” Nessa viagem Fontana voltou a comprar um lote de suínos, correspondente à capacidade de um vagão-gaiola, e depois de superar vários desafios vendeu-os em Itararé pelo dobro do preço, inaugurando um novo conceito de negócios. Então, “escrevi à minha mulher dizendo-lhe,

naquela euforia ingênua em que fora envolvido, que tínhamos ficado ricos. Apenas porque conseguira duplicar o capital que nem sequer era todo meu.”

Aplicando os lucros na compra a dinheiro dos sortimentos para a inauguração da loja em Bom Retiro do Cruzeiro, Attilio deu início à sua carreira de comerciante estabelecido. “Arrumamos, pois, a loja, e antes de abri-la ao público tivemos a ideia de vender as mercadorias com uma margem de lucro reduzida, na base média de 20%. Oferecíamos, portanto, preços muito abaixo dos que os outros comerciantes costumavam cobrar... e o resultado foi quase que uma corrida da freguesia rumo à nossa casinha, confirmando a previsão dos nossos amigos.”

“Quanto aos negócios”, relata Attilio Fontana, “devo dizer que aquela venda de suínos em Itararé foi muito importante na minha vida. Foi um lance que me levou a repetir a experiência, com sucesso, sempre que ia a São Paulo renovar o sortimento de nossa loja. [...] O transporte ferroviário fora, no começo, uma das mais fortes razões que me atraíram para Santa Catarina, era fácil e regular. Mas com o passar do tempo foi se tornando, mês a mês, mais escasso e mais demorado [...]. Isto se devia ao fato de a Companhia Lambert, de capital francês, que a explorava, estar mais interessada em negociar as terras recebidas do governo para abrir a estrada de ferro, do que em melhorar os seus serviços. [...] Aquilo estava arruinando a nossa região, pois não havia ainda estradas de rodagem para dar vazão aos produtos de uma zona nova, de terras férteis, como era e ainda é aquela. Foi quando, passado algum tempo

desde que assumira o governo, Getúlio Vargas baixou uma lei encampando a estrada e as terras da Lambert, o que foi uma grande vitória para todos nós que trabalhávamos lá.”

Corria o ano de 1927 quando, como relata Attilio Fontana, “vim a fazer uma ligação comercial que foi a mais importante e decisiva de minha vida. Aconteceu que, chegando um dia a Itararé, fui à casa de Carlos Menck, procurá-lo com uma proposta. Olha, Carlito, vocês se queixam que eu não faço negócio com sua firma; pois hoje estou aqui disposto a fazer com vocês uma transação de 500 suínos a serem embarcados proximamente, à medida que a estrada de ferro fornecer o transporte. Ele respondeu: Bem, Fontana, eu vou repetir o que já lhe disse em outras ocasiões, o melhor que temos a fazer não é você vender e eu comprar os porcos, mas sim organizarmos uma sociedade em conta de participação. Eu adianto o dinheiro, você os compra em Santa Catarina, atende às despesas que forem ocorrendo e de vez em quando me manda um levantamento dos gastos e do valor dos animais remetidos que aqui eu faço a baldeação para Osasco. [...] Em Osasco seu irmão Antônio os recebia e recolhia nos mangueiros, para depois vendê-los às companhias americanas, até mesmo no Rio de Janeiro e em Petrópolis. Fizemos a sociedade, cinquenta por cento para cada parte. Uma sociedade rara, feita apenas verbalmente, sem nenhuma espécie de documento e que durou 18 anos sem que jamais tivesse havido um só arranhão na lisura, na estima e na confiança com que nos tratávamos.” Os negócios

com suínos prosperaram muito, “não só em Cruzeiro, mas comprando-os então em todas as subestações da estrada de ferro do Vale do Rio do Peixe, num percurso aproximado de duzentos quilômetros, indo de Caçador a Marcelino Ramos no Rio Grande.”

Em 1938, após um período de expansão comercial em sociedade com os Fuganti, Fontana voltou a pensar na sua ideia de ingressar no setor industrial. “Como homem ligado à agricultura, vivendo de longa data em contato com os produtores, sentia-me atraído para a indústria de gêneros alimentícios. Foi sempre o meu ideal possuir um moinho de trigo e uma indústria de produtos suínos. Já haviam surgido algumas na região e a remessa de porcos para São Paulo não oferecia mais a mesma lucratividade. Fui amadurecendo essa ideia, tanto mais porque verificara que trabalhando com o moinho de trigo e os produtos suínos eu teria maior facilidade em aplicar distintamente o capital de giro em larga escala nos dois setores. Isso porque as respectivas safras corriam em fases diferentes do ano: de abril a outubro, abundância de suínos; de outubro a março, a safra de trigo.”

Tomada a decisão de ingressar na área industrial, Attilio Fontana refez seu plano de vida. “Assim, pois, resolvi vender duas das minhas casas comerciais, a Oreste Bonato, de Cruzeiro, e a Dario Bordin, de Água Doce, ficando apenas como matriz em Bom Retiro. Nessa altura, fui convidado pelo então Prefeito de Concórdia, Dr. Dogelo Goss, agrimensor, homem enérgico e muito dedicado ao trabalho, para ir até lá estudar uma forma

de fazer funcionar o Frigorífico Concórdia Ltda., que estava com suas obras paralisadas e sem condições de prosseguimento.” Aquele problema transformou-se para Fontana em desafio e oportunidade: “O tal frigorífico estava numa situação crítica; primeiro, porque não havia confiança e bom entendimento entre os principais cotistas, e depois, porque faltava dinheiro para completar a sua construção e montagem [...] Então, atendendo a esse apelo do Prefeito, resolvemos certo dia dar um pulo até Concórdia. Foi isso no começo de 1942.”

Um ano após, numa Assembleia do Frigorífico Concórdia Ltda., apresentados o balanço e os resultados do exercício, Fontana manifestou “que não tinha interesse de continuar com a sociedade no moinho em conta de participação.” Os cotistas, reunidos em Assembleia, entre eles Bonato e Bordin, fizeram-lhe o apelo para que permanecesse e assumisse a direção da sociedade: “Diziam que eu dispunha de uma só casa comercial, tinha disponibilidade em dinheiro e poderia fazer funcionar aquela organização... e pediram-me que fizesse uma proposta [...]. E assim foi que assumi o compromisso de encampar o ativo e o passivo da organização e de compor uma sociedade anônima a que logo depois dei o nome de S.A. Indústria e Comércio Concórdia. No ano seguinte (1944), eu tiraria dessa razão social as duas primeiras letras – SA – e lhes juntaria a última sílaba de Concórdia, para formar o nome SADIA, que se tornaria a marca nacional e até internacional de nossos produtos.”



Attilio Fontana

Tendo na pessoa de Attilio Fontana essa relação umbilical com Joaçaba, a Sadia nasceu, prosperou e expandiu-se com o fomento da suinocultura dirigido por Victor Fontana com impulso inovador, pela melhoria genética e integração do sistema produtivo entre empresa e famílias de produtores, base da filosofia de trabalho. Desde a criação da Sadia, Attilio disseminava a consciência de que “a carne é um produto que se contamina com a mesma facilidade de um ferimento ou machucadura no corpo humano. Tem de ser tratada num ambiente de higiene total. Porque, do contrário, as bactérias se multiplicam rapidamente,

inutilizando-a.” Contratou técnicos especializados para garantir a higiene e a qualidade dos produtos, organizou programas de educação sobre a higiene e o manejo dos animais e reformulou todo o processo produtivo de fabricação dos produtos, visando proteger a saúde dos consumidores.



Avião da Empresa Sadia

Com a criação da Sadia Transportes Aéreos, Joaçaba beneficiou-se dos serviços dessa companhia. O ciclo da relação da Sadia com a cidade de suas origens se completa quando, como relata Attilio em seu livro, “recentemente compramos, em Joaçaba, uma indústria de óleo de soja com capacidade bastante grande, pela ordem de 800 toneladas/dia”, que passou a operar com a razão social de SADIA Joaçaba Indústria de Óleos Vegetais Ltda.

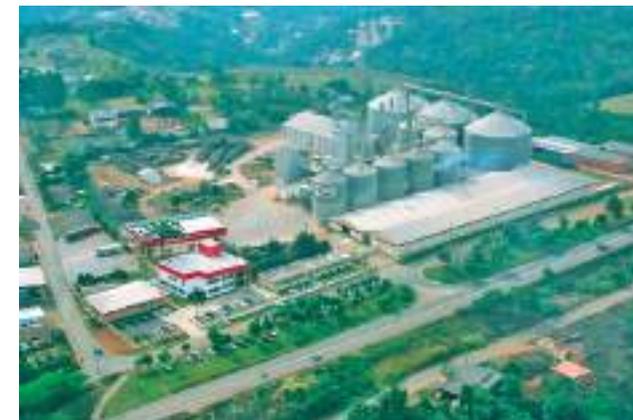
Pela ação e liderança de Attilio Fontana, que iniciou sua carreira política criando e presidindo o diretório do PSD em Joaçaba, toda a região, o estado de Santa Catarina e o Brasil tiveram o benefício de sua performance de homem público comprometido com a qualidade de vida das pessoas por seus elevados atos e projetos em todas as importantes funções públicas que exerceu.



## 5.5 LIDERANÇA DE JOAÇABA NOS AGRONEGÓCIOS



Pequena propriedade joaçabense especializada em hidroponia



Cooperativa Cooperio - Atual Copédia

Essa era uma fase em que Joaçaba liderava o desenvolvimento do grande oeste catarinense e se constituiu em polo industrial e do agronegócio. As mais importantes indústrias de máquinas, implementos e equipamentos agrícolas estavam ali sediadas, como a Caetano Branco, Francisco Máquina, Lindner, Triton, além de indústrias de moagem de trigo: Bonato, Massignan, Zilio e Coppi, e a Specht, de grãos, que continua atuando.

Tive a oportunidade de participar, como expositor, da memorável feira agropecuária, industrial e comercial de 1967, que assinalou o cinquentenário de fundação de Joaçaba. Foi uma época de grande protagonismo na economia catarinense.

José Zeferino Pedrozo<sup>47</sup>

Passei em Joaçaba décadas preciosas de minha vida profissional e empresarial. Criei empresa do ramo

de máquinas agrícolas na década de 1960 e desenvolvi longo relacionamento com as classes produtoras, os empresários, cooperativas e sindicatos rurais. Foi nessa época que iniciei minha participação no associativismo, vindo mais tarde a presidir o Sindicato Rural e a Cooperativa Triticola Vale do Rio do Peixe, a Coperio.

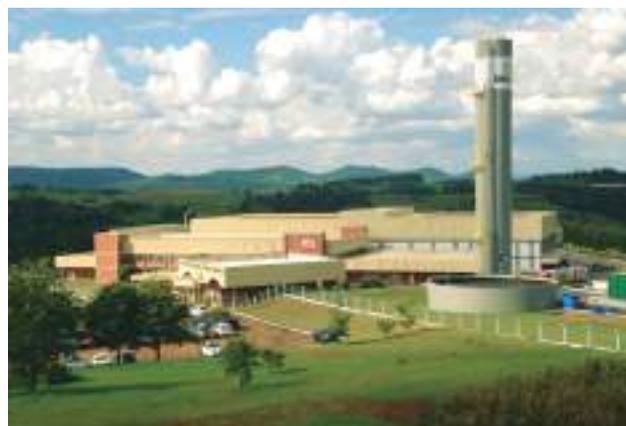
<sup>47</sup> Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (Faesc).



Agronegócios e Indústria de Embutidos na Frinajo, em 1967

Na década de 1980 o Município habilitou-se para se transformar em centro de serviços, destacando-se as áreas de saúde (com o surgimento de muitas clínicas médicas especializadas) e de educação (com a criação da FUOC e, mais adiante, com a Unoesc), que deram grande contribuição ao desenvolvimento de Joaçaba e do Meio Oeste barriga-verde.

No final do século iniciou-se o ciclo da agroindústria do segmento cárneo, com a inauguração do moderno frigorífico da Aurora – que teve a alegria de inaugurar – e a expansão das grandes cadeias produtivas da suinocultura e da avicultura industrial.



Frigorífico Aurora

Atualmente, as principais atividades econômicas envolvem o setor metalomecânico, processamento de madeira e produtos alimentícios. O comércio diversificado e a desenvolvida área de serviços potencializam a condição de polo de Joaçaba, estrategicamente localizada no centro da região.

Joaçaba exerce, portanto, liderança econômica e política – não mais do grande Oeste, em razão do fortalecimento de outros polos, como a cidade coirmã Chapecó – mas do dinâmico Meio-Oeste catarinense, influenciando uma área que atinge mais de 400 mil habitantes.

## 5.6 AGROPECUÁRIA



Visão de pequena Propriedade no Interior Joaçabense

Marildo Proner<sup>48</sup>

O município de Joaçaba, em que pese sua extensão territorial pequena, com pouco mais de 200 km<sup>2</sup>, tem nas atividades agrárias uma significativa parcela da atividade econômica. Comparando os dados do Censo

Populacional de 2010 com informações obtidas no Censo Agropecuário de 2006 e nos levantamentos municipais executados pela Epagri, percebe-se a importância do setor.

A população total de Joaçaba é de 27.020 (Censo 2010), sendo 13.008 homens e 14.012 mulheres. Deste total, 24.924 pessoas (92,24%), residem na zona urbana,

enquanto que apenas 2.096 pessoas (7,76%) residem no meio rural. São 1.076 homens (51,3%) e 1.020 mulheres (48,7%). Estes dados indicam, com a correção da última estimativa, 0,7% da população joaçabense vivendo no meio rural. Esta população rural é composta por 784 famílias, sendo que Joaçaba possui 980 agricultores registrados, ou seja, que possuem a documentação de produtor rural e emitem notas fiscais. Outro dado relevante é que 351 famílias estão ativas no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em 2017. Este dado reforça a ideia de uma estrutura microfundiária, cenário ideal de distribuição de riqueza e de qualidade de vida. O número total de estabelecimentos rurais é de 546.

### Organização social do meio rural

A comunidade joaçabense, na sua dimensão rural, tem uma representatividade extensa, seja por meio de associações locais, seja pela instalação de órgãos regionais, estaduais, e, ainda, instituições não governamentais. Entre as principais entidades de organização do meio rural encontra-se a Fundação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Joaçaba e Luzerna, criada no dia 23 de julho de 1967, com 44 associados, atualmente com aproximadamente 500 sócios ativos. No sistema cooperado destaca-se a Fundação Cooperativa Triticola Rio do Peixe (Cooperio), fundada em 14 de janeiro de 1969. Por ocasião de sua incorporação à Cooperativa de Produção e Consumo de

<sup>48</sup> Médico veterinário.

Concórdia (Coperdia), em 13 de maio de 2013, a Fundação possuía 7.347 associados.

Em 1998, mais precisamente no dia 25 de novembro, foi constituída legalmente a Cooperativa Regional dos Avicultores e Suinocultores (Coperavisu). Já em 2004, ainda no sistema cooperado, foi idealizada a Cooperativa de Produção Agrofamiliar (Copafam), uma interessante cooperativa formada por agricultores da região, especialmente de Água Doce e Joaçaba, que desencadearam sua criação em 8 de novembro de 2004. Hoje, viabiliza a comercialização dos produtos da agroindústria familiar regional provenientes de seus associados.

Entre os órgãos de apoio à agricultura, Joaçaba contou com a instalação do Escritório local da Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC) em 1959, e, posteriormente, do Escritório Regional do Vale do Rio do Peixe, em 1960. Joaçaba foi sede regional deste órgão até março de 1991. A partir dessa data, houve a transferência para Campos Novos, onde permaneceria até 2003. Por insistência e liderança do Engenheiro Agrônomo Luiz Carlos Coelho, associado a outras autoridades regionais, foi reaberto o Escritório Regional, agora como Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) – em 6 de junho de 2003.

Ainda no setor de apoio governamental, Joaçaba sedia a Coordenadoria Regional da Fundação do Meio Ambiente (Fatma), desde junho de 1984. O município criou, pela Lei 1.707/91, o Conselho Municipal da

Agricultura, em 29 de julho de 1991. A atuação deste conselho é estratégica, pois é a partir dele que se definem as políticas municipais para o setor agropecuário, com a participação de representantes dos diversos segmentos relacionados à agricultura. Joaçaba também sedia a Delegacia Regional do CRMV, autarquia federal, uma conquista do Núcleo de Médicos Veterinários do Vale do Rio do Peixe, desde 1972, portanto, há mais de 40 anos. Esta autarquia fiscaliza o exercício profissional de aproximadamente 600 médicos veterinários e zootecnistas, além de ter atuação nos estabelecimentos de produtos de origem animal e comércio de insumos agropecuários, em mais de 450 empresas em 41 municípios.

Joaçaba também possui diversos órgãos de natureza privada que dão suporte à atividade agropecuária. Dentre eles a Associação dos Aquicultores do Meio Oeste Catarinense (Aquimoc), criada em 3 de novembro de 2005 e declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei 14.762, de 13 de julho de 2009. É a primeira associação de Santa Catarina para o ramo da aquicultura.

Em janeiro de 1971, inicia-se a campanha de vacinação contra a febre aftosa, coordenada pelo escritório regional da Codesa de Joaçaba, dirigido por João Arthur da Cunha Traverso. Em 1979 houve a incorporação da Codesa pela Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola (Cidasc). A Agência de Desenvolvimento Regional da Cidasc de Joaçaba foi instalada em 27 de novembro de 1979.

Um importante polo difusor de conhecimento para filhos de agricultores, fundado em 1987, é o Núcleo Pedagógico Rural de Joaçaba (Nuperajo), em área cedida pela União (antigo terreno do IBDF) ao município de Joaçaba, onde está instalado o Parque Natural Municipal do Vale do Rio do Peixe.

A respeito ainda da formação rural, cabe ressaltar que a Unesco, com sua reitoria sediada em Joaçaba, a partir da primeira década do século 21 viabilizou – e com grande êxito – a instalação de um *campus em Campos Novos, com os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, ambos fundamentais para a consolidação definitiva da região como uma das principais produtoras de alimentos do Brasil.*

## Economia rural

O oeste catarinense, pelas suas características acidentadas em termos de relevo, sempre teve na pequena propriedade a sua identidade. As terras, embora com variações de declividade e acividade, são bastante propícias para os mais variados tipos de cultivo, sendo desde o início assim utilizadas.

Em termos de grãos, o milho e o feijão acompanham o pequeno produtor. Contudo, o trigo teve um período de grande amplitude, principalmente até os anos 50. Ao final da década de 1960 começou a redução do plantio desse cereal. Dos numerosos e tradicionais moinhos – chegou ao número máximo de 41 –, entre os quais podemos citar o Specht, Trigoflor, Bonato,

Massignani; apenas o Specht continua funcionando, este com destaque nacional.

Quanto à soja, outro grão de importância mundial, foi introduzido seu plantio no início da década de 1960 com a implantação da chamada, na época, Incobrasa, hoje ADM. Entre os pioneiros do plantio da soja estão os produtores Nery Fuganti, Antônio Henrique Fernandes e Américo de Deus e Silva. A instalação da Incobrasa em 1971 é um marco na agroindústria. Adquirida em 1979 pela Sadia e desde 1998 pela ADM, tem por objetivo esmagar e refinar o grão de soja. Recentemente a empresa tornou-se a primeira usina de biodiesel de Santa Catarina, sendo, portanto, grande geradora de impostos, empregos e oportunidades.

Não se pode deixar de mencionar, em relação à soja, a Lei n. 634/71, do então Prefeito Nilson Germano Zomkowski, que regulamentou a doação da área à Incobrasa nos seguintes termos do seu art. 2º: “Fica o Poder Executivo autorizado a diligenciar junto à Empresa beneficiada no sentido de que esta faça constar em seus estatutos, subvenção anual, fixa ou variável, em favor da Fundação Universitária do Oeste Catarinense (FUOC).”

Na mesma lógica, a madeira ocupou também lugar de destaque. Porém, o rápido esgotamento das florestas naturais e a ausência de uma estratégia de reflorestamento trouxeram o declínio desta atividade. Hoje ainda temos como representantes do ramo: Madeireira Zibetti; Madeireira Chiocca, no Distrito de Santa Helena; Vilson Sartori em Santa Clara; Madeireira Três Casas, em Nova Petrópolis; Fabiano Poletto (Grando

e Argenta), localizada entre as comunidades de Linha São Brás e Distrito Industrial.

Em relação à indústria frigorífica, esta se aproveitou do grande número de propriedades criadoras de aves, suínos e bovinos, estruturando-se de maneira a acolher esta produção e beneficiar as carnes. Como fatos marcantes desta atividade temos, em 1957, a primeira exposição de gado leiteiro em Joaçaba, coordenada por Teodorico Fernandes na gestão do Prefeito Ruy Klein Homrich. No mesmo período surge o Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli, além da marca Agropecuária Confiança, no vizinho município de Herval d’Oeste, adquirido pela Perdigão em 1980, atual BRF. Naquela época, era o maior frigorífico da região. Ainda no ano de 1971 foi implantado o Empório Couros, na Vila Pedrini, conhecido como Bonato Couros, que trabalha na industrialização de couros e peles.

A partir dos anos 1990 houve uma redução acentuada dos suinocultores no município por conta de sucessivas crises. Por conseguinte, houve a reconversão para a avicultura de corte e principalmente à bovinocultura de leite, que oferece renda mensal para mais de 70% das propriedades rurais. Contudo, este fato não impediu a instalação da principal unidade exportadora de suínos do grupo Aurora, na área industrial de Joaçaba, em abril de 2002. Reestruturada em abril de 2014, hoje é uma das referências na região.



Frigorífico Aurora  
Créditos: Antonio Carlos “Bolinha” Pereira

Em termos de infraestrutura, é importante registrar a primeira turbina de pequeno porte para microgeração de energia; instalada na Linha Nossa Senhora das Graças, gerou energia até o ano de 1987, na propriedade de Nilvo Abatti. Houve a ampliação das redes de energia elétrica rural a partir dos anos 1960, mais fortemente nos anos 1970 e 1980.

A agricultura joaçabense tem uma série de produtores de destaque, por diversos fatores. Como a lista é longa, este estudo corre o risco de omitir algum aspecto, mas ainda assim é válido correr o risco, para dar destaque aos seguintes segmentos: em termos de Turismo Rural, o Sítio do Pica-pau Verde, um complexo de lazer que recebe e hospeda visitantes de toda a região, localizado na Linha Abatti.

Em termos de lazer e alimentação saudável, Joaçaba dispõe de inúmeros locais para pesca e preparo de peixes, os populares Pesque-Pague. Podem ser citados como principais o “Pesque-pague do Arlindo”,

na comunidade de duas Casas, o “Pesque-pague Sérgio Davi”, no Distrito de Nova Petrópolis; dos familiares de Salvador Eleutério da Silva, no distrito de Santa Helena; e ainda do Luiz Cardoso da Silva, localizado entre a Linha Km 16 e a Linha Ficagna. Ainda no ramo dos pescados, existe em Joaçaba uma importante estação de alevinagem na comunidade de KM 16, de propriedade de Celso Brancher.



Hortaliças Stella - Vencedora do Prêmio Brasil Hidroponia

Destacam-se as Hortaliças e Hidroponia Stella, referência em hidroponia desde 2012. Oferece uma variada gama de hortaliças que abastecem o mercado microrregional e Viveiro Lagni – também na Linha Santa Clara, tradicional produtor de mudas de hortaliças, legumes e frutas; dois grupos consolidados em compra de cereais e suínos, inclusive com sistema próprio de integração, Família Chiocca de Santa Helena e Grupo Castegnaro, de Santo Antônio do Caraguatá. Fecham o grupo de produtores em destaque a granja de ovos de postura para consumo humano, a marca Ovos Joaçaba, e a Granja Deitos, ambas na Linha Ferreirinha,

e Ovos Jair Orlandin, em Nova Petrópolis. Existem ainda várias granjas de postura, com finalidade de ovos para incubação, que garantem uma tradição e abastecem importantes incubatórios regionais.

As pequenas propriedades de Joaçaba frequentemente recebem prêmios e distinções estaduais e nacionais. Em 2011, a propriedade rural Recanto das Pedras, de familiares do pecuarista Valdir Deitos, foi premiada pelo Sebrae-SC com o destaque Inovação, representando o estado de Santa Catarina em Brasília.

O CTG Porteira do Oeste, criado em 17 de abril de 2000, tem suas tradições cultuadas também junto ao Parque de Exposições, na comunidade de Linha São Brás, Joaçaba.

Veredas de Santa Helena – Artesanato em lã, indústria de sucos (compotas e chimias, com a marca Produtos do Monte), Cachaçaria Rachele, Pesque-Pague Cardoso, Mel do Jucemar, uma organização de agricultores familiares que constituíram rota de visitação e turismo, ano 2012.



Produtos coloniais: alimentação de qualidade

Mais recentemente, no início do século 21, em razão das transformações estruturais do setor agrícola, houve a diminuição dos pomares, especialmente da uva. Esta nova situação acarretou mudanças, sendo uma delas o aumento no plantio de cucurbitáceas, melancia e melões. Alguns agricultores estão trazendo novas culturas como alternativa a este cenário, como, por exemplo, o figo, o alho, os hortifrutigranjeiros, que já demonstram o poder de gerar novas perspectivas, comprovando o poder de realização dos agricultores joaçabenses.

Percebendo esta movimentação, em abril de 2010 a Prefeitura Municipal disponibilizou de forma definitiva um espaço para a Feira Livre (que existira desde a década de 1960), localizada na rua Luiz Specht, próximo ao antigo estádio Oscar Rodrigues da Nova. Ali a população joaçabense pode consumir alimentos diretamente do produtor, incentivando a atividade agrária e, ao mesmo tempo, constituindo-se em uma cultura de alimentação orgânica.

Ao final de 2016, por ação da Epagri e importante papel desempenhado pelos engenheiros agrônomos Enio Mário Mendes, Jamile Amaral Ouriques e especialmente Marcelo Crippa, foi possível a homologação de três propriedades como produtoras orgânicas e, por consequência, seus produtos certificados como orgânicos. São eles: Ricardo Ayrton Pilger e Sérgio Marcos Zancanaro, de Linha Santa Clara, e Sérgio Roberto Fink, de São Brás.



Hortaliças - Produção Orgânica

### Produtos agropecuários e sua participação econômica

Em termos de participação econômica, entre as atividades agropecuárias, a criação de aves de corte responde por mais da metade da geração de riquezas. Precisamente 56,61% do movimento econômico agropecuário é resultante deste setor. Logo a seguir, a criação de suínos, com 19,78%. Segue-se a pecuária bovina, com 9,28%. No mesmo segmento, a pecuária leiteira, que corresponde a 5,24% da movimentação econômica. Por fim, com percentuais menores, em ordem decrescente, está a produção de milho, de ovos, de soja, de erva-mate, dos hortifrutigranjeiros e de lenha.

Em termos de segmento produtivo, a pecuária corresponde a 93,49% da movimentação econômica, a agricultura a outros 5,01% e, finalmente, a silvicultura responde pelo restante.

O rebanho joaçabense, em números fornecidos pela Cidasc, em 06 de março de 2017, é constituído por 1.542.381 galinhas e frango de corte. Em seguida, o rebanho de bovinos: 4.637 machos e 11.029 fêmeas, num total de 15.666 animais. O rebanho suíno totaliza 58.600 animais, de acordo com dados do IBGE. Outras espécies menos numerosas, mas de importância: bubalinos, 30 machos e 69 fêmeas; equídeos, 145 machos e 195 fêmeas; ovinos, 604 machos e 1.918 fêmeas; caprinos: 88 machos e 198 fêmeas.

Na pecuária, apesar de o valor movimentado pelo leite *in natura* ser bem inferior ao da avicultura de corte e da suinocultura, o leite tem enorme importância social, uma vez que mais de 70% das propriedades o produzem e comercializam, gerando renda mensal.

A piscicultura conquistou novos produtores, com muitos viveiros (açudes), o que amplia a renda das propriedades, diversifica os cultivos, melhora a dieta familiar e propicia interessante opção de lazer.



A piscicultura é uma atividade de lazer e importância econômica

Na produção das lavouras temporárias ou anuais destaca-se o milho cultivado em mais de 80% das propriedades, com produtividade média em torno de 130 sacos. O plantio de soja também aumentou com níveis crescentes de produtividade próximos de 55 sacos por hectare. Cita-se ainda o tomate, cultura que ganhou espaço com a utilização de tecnologias de ponta. Nas lavouras permanentes, continua o destaque para a erva-mate, uva e laranja. Nas áreas reflorestadas, destaque para pinus, com mais de 420 hectares e 230 de eucalipto.

Isso tudo se produz em uma área aproximada de 15.000 hectares (Censo Agropecuário 2006). Em torno de 85% das propriedades fazem o sistema de plantio direto na palha, também conhecido como plantio direto, excelente prática conservacionista e que melhora as condições de produtividade das lavouras.

Ainda de acordo com o Censo Agropecuário de 2006, havia 886 homens e 593 mulheres ocupados nos estabelecimentos agropecuários, o que confirma a tese da masculinização do meio rural, além do evidente êxodo ocorrido nas últimas décadas. Não obstante, a infraestrutura na agricultura melhorou, e muito, com diversos programas que facilitaram o acesso ao crédito e permitiram que os agricultores progredissem, econômica e socialmente.

A comunidade rural joaçabense tem importância histórica e constitui uma alternativa econômica, de lazer e de qualidade de vida. Nossa homenagem a todos os trabalhadores incansáveis desta atividade indispensável à nossa vida.



Feirantes no Ano do Centenário



## 5.7 UM CENTRO DE INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE JOAÇABA



Maquete do futuro Centro de Inovação Tecnológica

As primeiras iniciativas estruturadas de fomento à inovação em Joaçaba e na região do Meio-Oeste

Severino De Déa<sup>49</sup>

catarinense passam pela criação da Incubadora de Base Tecnológica Vale do Rio do Peixe (Tecnovale) em 2005, que teve como Coordenador Sérgio Luiz Marquezi e Vice-coordenador Eliandro Gustavo Bortoluzzi. A Incubadora Tecnovale contribuiu para a geração de diversos

empreendimentos inovadores e de base tecnológica, com destaque para a Odeme Dental Research, do empreendedor Rafael Tiago Patzlaff, e a Salus, do empreendedor Rudy José Nodari Junior.

Em abril de 2006, a Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), dirigida por Aristides Cimadon, participa de uma chamada pública da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc), então presidida por Antônio Diomário de Queiroz, voltada para a criação de Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT). Nesse edital de 2007 a Unoesc teve o projeto de criação do NIT aprovado, vindo a ser inaugurado no dia 4 de abril de 2008, sob a coordenação de Fábio Lazzarotti. Atuaram também como gestores do NIT Moisés Diersmann, Ricardo Antonello e Michel Carlesso Ávila. Atualmente, o NIT é coordenado por Jéssica Romeiro Mota, por meio da Agência de Inovação e de Relações Institucionais da Unoesc. Os Núcleos de Inovação Tecnológica, de acordo com a Lei Catarinense de Inovação n. 4.328, de janeiro de 2008, têm por finalidade gerir a política institucional da inovação e atuar na relação entre empresas e universidades, de modo a contribuir para o desenvolvimento catarinense sustentável nas organizações e nas regiões estaduais.

Esses antecedentes, e a necessidade de buscar um novo modelo de desenvolvimento socioeconômico para Joaçaba e para a região do Meio Oeste catarinense, formaram os pilares para o surgimento do Polo de Inovação do Vale do Rio do Peixe – Polo Inovale.

<sup>49</sup> Empresário e Empreendedor.

O Polo Inovale é um programa de desenvolvimento regional que visa à ação estratégica para a implementação de um parque tecnológico regional, de maneira disseminada na região do Meio-Oeste catarinense, tendo em sua base a reunião de organizações com interesses correlatos, universidades, governo e empresas que atuam de forma articulada, por meio da geração de empreendimentos e gestão inovadores, com novos produtos, serviços, tecnologias e processos avançados.

O projeto do Polo Inovale, coordenado por Fábio Lazzarotti e equipe do NIT e do Mestrado Profissional em Administração da Unoesc, iniciou-se em 2009, a partir de sua aprovação na chamada pública Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Regional do Estado de Santa Catarina n. 12/2009, da Fapesc. O projeto contou então com o imprescindível apoio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional (SDR), liderada com entusiasmo por Jair Antonio Lorensetti e Conselho de Desenvolvimento Regional (CDR) de Joaçaba. Os primeiros passos de desenvolvimento do Projeto do Polo Inovale tiveram parceria com a Associação Comercial e Industrial do Oeste Catarinense (ACIOC), presidida por Odivan Carlos Cargnin e, posteriormente, por Mircon Roberto Becker; a Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense (AMMOC), com Hilário Chiamolera e Leonir Boaretto; o Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae), sob a liderança de Anacleto Ângelo Ortigara e Sueli Bernardi; e o Serviço Nacional da Indústria (Senai), presidido por Claudemir José Bonatto.

A construção inicial desse projeto considerou os critérios de desenvolvimento sustentável (nas dimensões econômica/ambiental/social), da abrangência regional e da integração das forças econômicas e sociais para a atração e manutenção de investimentos na região.

Com base nesses critérios e com a proposta já aprovada na então SDR e CDR de Joaçaba e, posteriormente, na Fapesc, em 2010 novos parceiros integraram-se ao projeto: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) por meio de Túlio Cesar Dassi; Instituto Euvaldo Lodi de Santa Catarina (IEL) por meio de seus gestores Natalino Uggione e Gisele Nepomuceno Ferreira, e Instituto Federal Catarinense (IFC), por meio do então Pró-Reitor Nestor Valtir Panzenhagen e equipe.

Com essa rede de parceiros integrados e conectados em torno de um propósito maior, qual seja, o desenvolvimento regional pela via da inovação, abrangendo 14 municípios da região da AMMOC e da Agência de Desenvolvimento Regional (ADR) de Joaçaba, ainda em 2010 o projeto avançou para a definição de um foco e respectivas áreas prioritárias para o fomento da inovação no vale do rio do Peixe. Neste sentido, naquele mesmo ano foi realizado um estudo socioeconômico, incluindo um grande encontro de lideranças, empresários, executivos e gestores públicos, o que resultou na definição de quatro grandes eixos de desenvolvimento do Polo Inovale para os próximos vinte anos: (1) Alimentos; (2) Engenharia biomédica;

(3) Florestas renováveis; (4) Metal mecânico e energias renováveis.

As etapas seguintes do projeto Polo Inovale passaram pela reestruturação da Pré-incubadora da Unoesc, com a definição de um sistema de gestão integrado à Incubadora Tecnológica de Luzerna (ITL) e às demais incubadoras que poderão surgir na região, capacitação de gestores e agentes de inovação e desenvolvimento de acordo com os eixos de desenvolvimento supracitados, bem como a construção de um modelo de gestão e governança do Polo para a região do vale do rio do Peixe.

O resultado desse processo e de cerca de dois anos de planejamento culminou com o Plano de Desenvolvimento do Polo de Inovação Vale do Rio do Peixe, que foi apresentado ao Governador do Estado de Santa Catarina, Raimundo Colombo, ao Vice-Governador, Eduardo Pinho Moreira, a Sérgio Luiz Gargioni, então Presidente da Fapesc, aos secretários de Estado, deputados, prefeitos e demais lideranças da região que acompanharam a visita do Governador a Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna no dia 21 de julho de 2011. Logo após a apresentação, o Governador anunciou que Joaçaba e região receberiam o 9º Centro de Inovação a ser construído com apoio do Governo do Estado. Até àquela data somente oito cidades haviam sido selecionadas para receber os Centros de Inovação.

Fundamentado na teoria da “hélice tríplice de inovação”, os Centros de Inovação foram planejados pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável

(SDS) de Santa Catarina para que sejam implantados e geridos com a participação das universidades ou instituições de ciência e tecnologia, dos governos nas esferas municipal, estadual e nacional e das empresas e demais organizações do setor produtivo. Os Centros de Inovação vão beneficiar Santa Catarina com a criação de negócios de alto valor agregado, fomentando o empreendedorismo, dinamizando a economia e as cadeias regionais e fortalecendo a atração de investimentos. “Investir em inovação é fundamental para que Santa Catarina se consolide como uma economia forte, ampliando a vantagem competitiva”, reforça o secretário da SDS, Carlos Chiodini.

O Centro de Inovação, em construção no campus da Unoesc, começou com a definição de um comitê de implantação. Estiveram presentes na primeira reunião o Coordenador Michel Carlesso Ávila (Unoesc), Israel Defendente Casagrande (SDR), Waldemar Ronssen Júnior (SDR), Francisco Anrain Lindner (Sindimec), Rafael Tiago Patzlaff (ACIOC), Luiz Fernando Zago (ITL), Ricardo Antonello (IFC), Jéssica Romeiro Mota (Unoesc), Fábio Lazzarotti (Unoesc) e Charles Edsom Savaris (Unoesc).

O Polo Inovale – e por consequência o Centro de Inovação – tem por objetivo disseminar a cultura empreendedora, da liderança e da inovação nas pessoas e organizações; contribuir para o desenvolvimento de empreendimentos inovadores; incentivar e orientar a implementação da inovação em empresas estabelecidas; propiciar um ambiente favorável para a atração e fixação de empresas na região e promover a articulação entre

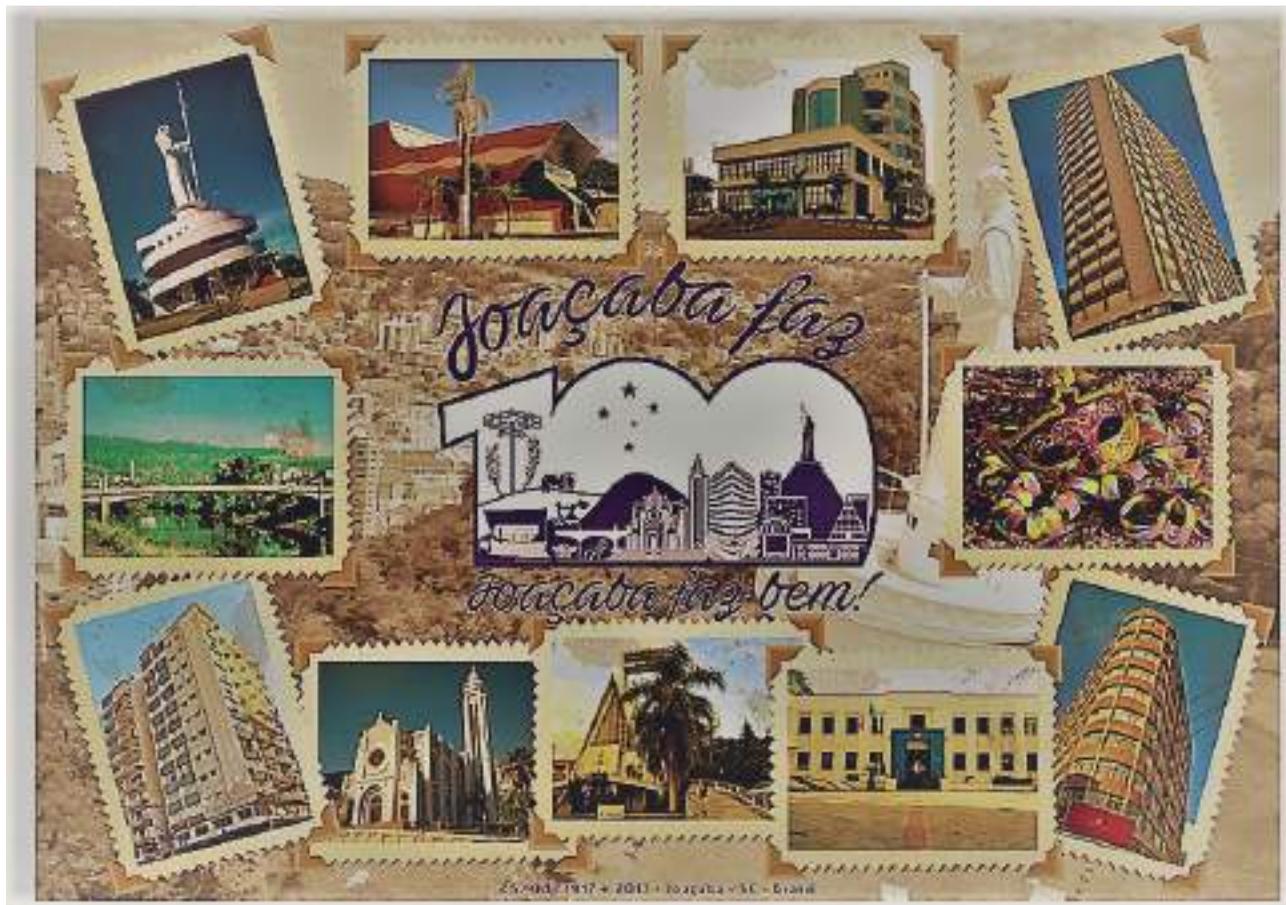
os atores, parceiros e organizações para a integração de ações de desenvolvimento do Polo. A construtora licitada responsável pelas obras em Joaçaba optou pela quebra de contrato. Um grande esforço foi articulado para a conclusão do Centro de Inovação, com o apoio da Prefeitura Municipal, como marco do Centenário de Joaçaba. “Agora, estamos em fase final de análise da documentação necessária para abrir uma nova chamada e finalizar as obras o mais breve possível”, declarou em março de 2017 o Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação (DCTI) da SDS, Jean Vogel.

Desde 2011 vêm sendo realizadas diversas ações de fomento da inovação por meio do Polo Inovale e seus parceiros, como, por exemplo: Feira GERA de inovação; desenvolvimento do *website* <[www.poloinovale.com.br](http://www.poloinovale.com.br)>; celebração de parcerias para a implementação do Polo Inovale nos municípios de sua abrangência, com destaque para Joaçaba e Luzerna por meio de seus habitats de inovação, a Pré-incubadora de empreendimentos inovadores da Unoesc e a Incubadora Tecnológica de Luzerna, então dirigidas por Michel Carlesso Ávila e Rafael Tiago Patzlaff, respectivamente; e inúmeras atividades de capacitação. Tais ações contribuem diretamente para a geração de novos empreendimentos e para a introdução de novos produtos e tecnologias no mercado nacional e internacional de empresas estabelecidas da região.

Futuramente, com a consolidação do Polo Inovale e a finalização das obras de construção do Centro de Inovação para o fomento da inovação da região, espera-

se o aumento da integração entre setor produtivo, setor público e instituições de ciência e tecnologia, visando à manutenção dos atuais empreendimentos na região, atração de novos investimentos, aumento da arrecadação e retenção dos talentos nos municípios do Meio-Oeste catarinense. Este é um dos grandes desafios do Centenário de Joaçaba.

## 5.8 TURISMO EM JOAÇABA



Sueli Bernardi<sup>50</sup>

Colonizado por italianos e alemães, Joaçaba é um importante polo industrial e comercial do meio-oeste catarinense. Na atividade turística destacam-se alguns ícones, como o Teatro Alfredo Sigwalt, o monumento ao Frei Bruno e a bela Catedral Santa Terezinha. A cidade

tem fama de promover um dos melhores carnavais do Sul do país. O Festival de Dança de Joaçaba é uma boa oportunidade para conhecer o município.

Destaca-se ainda na atividade turística a estrutura hoteleira, com bons hotéis e hospedagem alternativa, como o hotel-fazenda. As opções de hospedagem são variadas, com o conforto e estrutura necessária em todos os hotéis. Destacamos o Hotel do Comércio, Hotel

Jaraguá, Hotel Link, Hotel Joaçaba, Hotel Farol, Hotel Bordignon, Hotel Oeste, Hotel Príncipe e, para uma opção de hospedagem com o contato com a natureza, o Hotel-Fazenda Pica-Pau Verde, com museu, área de lazer e paisagens naturais.



Na gastronomia, vale ressaltar as vias gastronômicas de Joaçaba, projeto implementado em 2014/2015. Apresenta-se uma variedade de restaurantes, que servem desde comida típica campeira a especialidades internacionais.

Para as compras, Joaçaba oferece aos visitantes e turistas um comércio estruturado com ótimas lojas nos mais diversos segmentos, e ainda o artesanato com belíssimas peças, algumas com inserção de design, destacando-se em nível estadual e nacional, a exemplo do Artesanato Tranças da Terra, que resgata a cultura e a história dos colonizadores do município, com peças premiadas nacionalmente.

Joaçaba conta com o Festival de Dança, que reúne cerca de mil bailarinos no Teatro Alfredo Sigwalt.

<sup>50</sup> Coordenadora Regional do Sebrae de Joaçaba.

O carnaval de Joaçaba e Herval d'Oeste, com três escolas, reconhecidamente um dos melhores do Sul do Brasil, movimentam a rede hoteleira, os restaurantes e o comércio.

No turismo religioso, as atrações são a estátua de Frei Bruno, religioso que está em processo de beatificação no Vaticano, o museu em sua homenagem, assim como a Catedral Santa Terezinha. A estátua de Frei Bruno, com 37 metros de altura, está localizada no Morro

Panorâmico, local com bela vista de Joaçaba e da vizinha Herval d'Oeste. A romaria de Frei Bruno reúne cerca de 50 mil fiéis, sempre no último domingo de fevereiro. A romaria vai da catedral até o jazigo do religioso, no cemitério da cidade.

Na cultura, o Teatro Alfredo Sigwalt, prédio em forma de piano inaugurado em 2003, impressiona pela sua imponente arquitetura e é o orgulho da cidade. Com capacidade para 460 lugares, possuindo uma acústica

perfeita e um excelente acabamento interno, o teatro recebe elogios dos atores, cantores e músicos que nele se apresentam e o louvor dos visitantes.

A história sobre a cultura de Joaçaba, turismo de eventos, religioso e o povo culto que a cidade abriga comprova-se pela competência e garra que as pessoas possuem – um povo sonhador e realizador. Joaçaba faz cem, Joaçaba faz e sempre fez bem!



Divulgação Prefeitura Municipal de Joaçaba



Créditos: Rádio Catarinense

## 5.9 UM PASSEIO PELA VIA GASTRONÔMICA



Marcelo Brollo<sup>51</sup>

Joaçaba sempre foi uma cidade distinta e única no Estado e não poderia ser diferente no que diz respeito à gastronomia. Hoje, com uma população pequena, a

cidade é referência na região pelas diversas opções de restaurantes, gastrobares e bares com decorações que nos fazem voltar ao passado do velho oeste americano ou que nos remetem a botecos cariocas. E tudo isso com o reconhecimento de excelência e qualidade pelos milhares de clientes que circulam pela nossa tão pitoresca Joaçaba e região. Neste texto relatamos um

pouco da atualidade, retratando os restaurantes atuais, o que servem, e algumas curiosidades.

Nosso passeio se inicia às margens da SC 301, estrada no sentido a Lacerdópolis, onde uma família de empreendedores presenteou a cidade com o Kraftwerk (desde 2003), restaurante de cozinha internacional localizado sob uma PCH (usina hidrelétrica de pequeno porte) de propriedade da família Fett, que serve almoço e jantar com pratos *à la carte* e visão magnífica do rio do Peixe. É comandado por um chef austríaco e vem sendo muito visitado em virtude da culinária impecável e do local inusitado.

Seguindo pela Avenida Santa Terezinha, um importante acesso ao município, passamos pelo Restaurante Bordignon, com capacidade para 350 lugares, serve buffet e rodízio de carnes nobres. O empreendimento compreende um hotel e atende também a eventos da sociedade.

Nossa viagem continua e, no centro da mesma avenida, chegamos a Vila Brollo. Um casal de jovens, Márcia Batista, neta do Dr. Mauro, fundador da ERMA – empresa tradicional de engenharia e comércio de materiais de construção de Joaçaba –, e Marcelo Brollo, quarta geração de uma família de empreendedores do ramo gastronômico, resolveu, depois do sucesso de um carrinho de cachorro-quente, usar o antigo espaço da empresa para levar adiante a tradição familiar. Vila

<sup>51</sup> Empresário do ramo gastronômico.

Brollo compreende cinco operações: Brollo Drive in, que serve sanduíches e porções; Botequim do Baptista, que homenageia o anfitrião do local com um boteco estilo carioca, com petiscos e culinária bem de barzinho; Terraço Carmen, espaço aconchegante para servir *fondue* no inverno e sequência de massas nas demais estações do ano; Pizza na Selva, pizzaria temática e divertida com decoração e músicas de selva, e o Spazzio Brollo, salão para 250 pessoas, que atende diversos eventos da sociedade, como casamentos e jantares de formatura. E, ainda, há um projeto para uma sala de cinema e um boliche.



Gastronomia: Joaçaba é referência regional

Mas ainda no centro e na mesma avenida, quase em frente ao Vila, nos deparamos com o Domum Restaurante, comandado pelo chef Marcelo Caramori, em ambiente muito acolhedor, serve pratos da cozinha contemporânea dignos de aplauso.

E quando o assunto é mudar de culinária, também bem próximo, no final da Ilha, na rua Roberto

Trompowky, encontramos o Nippon Sushi: focado mais em *delivery*, oferece um espaço para degustar diversas opções da culinária asiática e também se especializou em açaí na tigela.

Mais adiante, bem no coração da cidade, localizado no Clube 10 de Maio, encontra-se o restaurante que começou em uma casa ao lado da igreja, na rua Frei Edgar, o Don Geraldo, restaurante cujo nome faz homenagem ao ex-proprietário e fundador e atende no almoço com buffet em quilo e carnes grelhadas.

E também no prédio do Clube 10 de Maio, mas especificamente no subsolo, onde já foi um restaurante, o antigo Barriga Verde e a danceteria do clube nos anos 90, hoje tem o Paladar Brasil, mais uma opção para o almoço, com buffet em quilo e aberto para eventos especiais.

Dando uma passadinha em outro clube, o Cruzeiro, não poderíamos deixar de mencionar a família Totti, representada pelo Sr. Darci e sua esposa, conhecida carinhosamente por “Baixinha”, que por muitos anos foram ecônomos do clube. Hoje estão com o restaurante no andar térreo do clube, o Restaurante Totti, restaurante com buffet em quilo, que serve almoço e atende reservas de eventos. Vale a pena lembrar que o Buffet Totti, nas festividades de final ano, através de encomendas, fornece a ceia de natal ou aquele prato especial para a virada de ano a muitas famílias já fiéis como clientes.

E aproveitando, como o assunto é almoço, também localizado no centro da cidade, num imóvel

muito antigo (local que serviu por muitos anos à Farmácia Indiana e antes disso a Ferragens Bonato), temos o Espaço Gourmet, restaurante em quilo, confeitaria, lancheria e ponto de encontro de personalidades da nossa cidade para um cafezinho expresso durante a tarde, como nosso ilustre Raul Pereira, cliente fiel da casa. Já, para aquele lanche casual ou para comer um pastel frito na hora, temos bem pertinho, num prédio da década de 1950, que foi sede do Banco do Brasil, ali no centro mesmo, a Estação Pastel, criada com a proposta de pastelaria e pratos feitos, atende durante o dia todo, sendo à tarde um ponto de encontro de jovens ou uma parada para quem transita pela movimentada rua Francisco Lindner.

Seguindo nosso tour gastronômico, em direção à Quinze de Novembro, paramos no Shopping XV e lá encontramos um restaurante e pizzaria com muita bagagem e histórias, o Fornicello, que iniciou suas atividades em maio de 1994, no bairro Monte Belo, junto com a escola de natação Golfinho, onde os fundadores e até hoje administradores da empresa inovaram e criaram a febre da pizza em forno a lenha na cidade. Foram muitos anos no mesmo local, até que os proprietários decidiram trazer a pizzaria para o centro. Primeiro se instalaram na rua Getúlio Vargas e por último no Shopping.

E também na Avenida principal, mais adiante, encontramos um *trailer* de lanches tradicional (desde 1984), o Theco Lanches, no estacionamento do antigo supermercado Mafessoni, hoje lojas Multi; o Tcheco serviu por muitos anos carros estacionados no antigo

“bobódromo” (como era chamado pelos frequentadores daquele lugar).

E por falar neste local, antigo posto Texaco, no subsolo do prédio principal temos um restaurante que sempre foi alvo das grandes enchentes da cidade, pois está literalmente em cima do rio do Peixe: falamos do Plaza Center. Restaurante de almoço e palco para eventos fechados, o Plaza hoje é um dos restaurantes com maior capacidade de atendimento.

Mas eu gostaria de voltar para a rua Getúlio Vargas, pois Joaçaba, como foi mencionado anteriormente, surpreende pelos seus projetos. Tudo iniciou com ele, refiro-me a Intervinhos. Em 2001 seu ex-proprietário e fundador, um rapaz visionário, abriu em outro local uma *delicatessen* (loja que comercializava vinhos, cervejas e produtos importados e nacionais de excelente qualidade, antes só encontrados fora da cidade). Depois de muita persistência, e agora já instalado na Getúlio, ele revolucionou aquela que era uma pacata rua de moradias e principal acesso à universidade. O local começou a ser ponto de encontro obrigatório dos estudantes e a rua Getúlio Vargas atraiu mais empreendimentos no ramo, pois já era uma via gastronômica da cidade. Alguns exemplos: Baviera, bar com música ao vivo, serve petiscos e tem como público-alvo os jovens estudantes. Sr. Buteco, situado também na Getúlio, como as pessoas se referem, foi resultado de outros restaurantes antes instalados e que utilizaram antigas casas de moradia; serve porções, pratos *à la carte* e conta com estrutura

física que acomoda foliões na época de carnaval para o famoso “esquenta”.

Aproveitando minha posição, vou subir até o nosso monumento Frei Bruno, e chegando lá, temos mais uma opção: a Cantina Baviera, que ocupa uma casa com vista panorâmica da cidade. Serve comida típica italiana e atrai muitos clientes pela culinária regional e pela vista deslumbrante.

As opções não param e nosso destino será a saída para Luzerna, onde recentemente foi inaugurado um bar temático com decoração vintage. É o Vintage Container Bar, empreendimento feito com *containers* usados e toda a decoração voltada para apaixonados por motos e carros. A mesa de sinuca em formato de Mustang ou a chopeira estilizada em motor de moto fazem do local mais uma atração que torna Joaçaba única.

Falar de gastronomia ou de opções para sair em Joaçaba é muito desafiante, pois além de todos esses citados, queremos ainda deixar nosso registro para estabelecimentos que agregam em nosso setor e fortalecem a cultura de uma cidade que sempre busca novidades. São eles: Restaurante Manjericão, Savoya, restaurante Kilão, Via Venetto, Cantinho Caseiro e a todas as panificadoras que de alguma forma atendem as necessidades diárias.



## 5.10 PIONEIRISMO E OUSADIA EM COMUNICAÇÃO



Equipe do Joaçaba Jornal

Com população de aproximadamente 30 mil habitantes, a cidade conta com 20 veículos de comunicação. Ou seja: para cada 1.500 joaçabenses existe, em média, um veículo de comunicação. Por isso a cidade fervilha, disseminando informação, conhecimento, opinião, exercendo forte influência no *modus vivendi*

<sup>52</sup> Comunicador e produtor cultural.

Jaime Telles<sup>52</sup>

regional, de uma gente que lê, ouve, assiste, comenta e vivencia a rotina, a pesquisa, a história, impelida por essa força motriz que a torna tão peculiar.

O advento da televisão em Joaçaba começa com o grande interesse popular pelo futebol, especialmente a Copa do Mundo. No período de 1938 (Copa da França) até 1966, na Inglaterra, o rádio era o meio de comunicação que mobilizava multidões, com a cobertura das partidas da mais popular modalidade esportiva do mundo, apesar

da precária qualidade do som na maioria dos receptores. No entanto, a Copa de 1970, no México, inaugurou a transmissão pela TV, via satélite, ao vivo e em preto e branco.

A Copa de 70 mexeu mesmo com o povo brasileiro. Tanto que despertou uma das mais importantes vocações da cidade de Joaçaba: a comunicação televisiva. Movidos pela “paixão nacional”, um grupo de empresários de Joaçaba instituiu uma entidade com esse fim específico, por meio da qual custearam a instalação de uma repetidora. Assim, Joaçaba teve transmissão do campeonato mundial.

Confira a íntegra do assunto na página 90 (item 6) do Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba: *Criada em 27 de setembro de 1966, com a finalidade de retransmitir os sinais de imagem e som de televisão de estações mais próximas à nossa cidade, o “TV Clube de Joaçaba” vem repetindo sinais da TV Piratini, canal 5, de Porto Alegre.*

Daí em diante, como se sabe, a televisão tornou-se presença permanente na rotina do povo brasileiro.

*Seguindo esse pendor, outra vez Joaçaba foi pioneira. Dia 27 de maio de 1988 a cidade vivenciou um acontecimento inesquecível: o empresário Ivan Oreste Bonato inaugurou a TV Barriga Verde, afiliada da extinta Rede Manchete. Sendo depois afiliada à Rede Bandeirantes, passou a se chamar TV Catarinense. Sua programação retratava a rotina do povo, elevando a*

autoestima de uma grande região, com seus telejornais e programas de entretenimento contemplando o cotidiano, a cultura e a história do Meio-Oeste catarinense.



Créditos: Caco da Rosa

Em 2005 a TV Catarinense foi adquirida pelo Grupo RBS e se tornou a RBS TV Centro-Oeste, com programação da Rede Globo.

Também, em meio a estes e tantos outros acontecimentos, já estava em cena um personagem até então anônimo: Vilmar Miguel Sartori, pioneiro na produção audiovisual. Sua trajetória teve início ainda na adolescência, quando adquiriu peças, estudou diversos manuais e montou, sozinho, seu primeiro radioamador. Falava com “o mundo” o garoto sonhador, filho único de seu Alcides e dona Inês. Com a crescente experiência na produção de comerciais para TV e audiovisuais para empresas e entidades, ele iniciou produção de cinema, abordando temas regionais. A produção de filmes ocorreu em parceria com o diretor Ernoy Luiz Mattiello.

Primeiro filme: *Heimatland & a História do Kerb*, síntese da tradicional Festa do Kerb de Piratuba, SC. Segundo filme: *Memorável Trem de Ferro, cem anos de história a bordo da locomotiva do Contestado*. Terceiro filme: *1º Assalto ao Trem Pagador*, embasado em fato ocorrido em 1909 onde hoje é o município de Pinheiro Preto, SC. Quarto filme: em fase de produção, um filme sobre a Guerra do Contestado. Quinto filme: em fase de projeto, *Santa Saga*, um olhar sobre a colonização do Meio Oeste catarinense.

Em números, Joaçaba tem 3 emissoras de rádio: Catarinense, Unoesc FM e Band FM. Quanto aos jornais, são 7: Cruzeiro Catarinense, Cidadela, o Sol, Raízes Diário, Nascente Universitário, Folha da Manhã. A cidade é servida por vários canais de TV, mas tem seu canal de TV com sede no município – a RBS, afiliada ao sistema Globo, e mais duas emissoras de TV web: TV Cidade Canal 21 e TV Bom Dia SC. Ainda nos meios de comunicação, a revista Estrada e os portais digitais Eder Luiz e Bom Dia SC. Existem ainda tratativas para a TV Regional e uma nova emissora de rádio FM.

Contudo, a área conurbada de Joaçaba, que compreende os municípios de Luzerna e Herval d’Oeste, precisa ser considerada no caso dos meios de comunicação, pois num raio de menos de sete quilômetros o mesmo público é beneficiado com outros veículos. Assim, temos mais três rádios: Líder do Vale, Liberdade FM, Luz FM. Mais dois jornais: Pauta da Semana e Expresso, e dois portais digitais: Caco da Rosa e Classificados Mercosul.

Completando o rol de entidades dedicadas à comunicação, temos entre produtoras e agências no município, 12 empresas: VMS Produções Cinematográficas e Eventos, Real Time Produções, Proeza Vídeo Produções, Visare Comunicação, Fullgaz Comunicação, Deska Comunicação, Telles Serviços de Comunicação, Vale Mais Comunicação, Agência “A” Publicidade, Mix Multiagência, Facto Imagens e Textos e Agência Experimental da Unoesc.



Capítulo 6

Considerações Finais

---



Créditos: Kleberon Brocardo



## Desafios e Palavras Finais

Na edição do Álbum Comemorativo do Cinquentenário de Joaçaba, os organizadores foram obrigados a “reduzir o número de folhas, por não ter sido encontrada a colaboração esperada e a suprimir alguns capítulos por não ter sido possível se conseguir quaisquer elementos, pelo menos os básicos, para sua composição.”

Ao longo dos últimos cinquenta anos, Joaçaba tornou-se um centro universitário de expressão e, felizmente, esses problemas não se repetiram! As pessoas colaboraram, no prazo estabelecido, com textos excelentes sobre os diversos temas propostos. O problema positivo limitou-se à seleção, organização, ajustes e editoração das matérias recebidas, pois superavam em muito o espaço disponível para publicação, incluindo as belas imagens históricas, o que se fez num esforço coletivo.

Um critério fundamental prevaleceu na estruturação do plano de ideias deste livro: *deveria ao mesmo tempo registrar a memória do passado e presente do Município e ressaltar os desafios para um futuro melhor!*

A leitura das páginas publicadas e sua ilustração consagram a memória centenária de Joaçaba e reavivam o orgulho de ser joaçabense. Nestas palavras finais, cabe sintetizar alguns desafios estratégicos que estão implícitos ao longo dessas páginas.

- A recuperação da liderança industrial é o *primeiro desafio*. Na economia da inovação deste milênio, isto implica aproximação da Universidade, produtora dos conhecimentos indispensáveis ao empreendedorismo inovador, com o sistema produtivo em todos seus setores. Não é por acaso que a cidade elegeu uma nova gestão para a Prefeitura com o lema “Desenvolvimento e Inovação”. O espaço físico e o das oportunidades devem ser ocupados com projetos concretos nesta direção, como a implementação do Centro de Inovação de Joaçaba.
- A preservação e valorização ambiental é o *segundo desafio*. As pesquisas acadêmicas confirmam o extraordinário potencial das águas subterrâneas dos aquíferos Guarani e da Serra Geral, sobre os quais o Município está assentado. O uso econômico dessas águas deve ser monitorado para garantir a perenidade deste cada vez mais valioso dom da natureza. Os artigos publicados ressaltam a importância do rio do Peixe e da renaturalização do rio do Tigre, todo situado no território do Município. O Parque Natural de Joaçaba existe e precisa ser revitalizado.
- A valorização da cidade como um polo regional atrativo no comércio, nos serviços, na educação, saúde, cultura, esporte e turismo é o *terceiro desafio*. Joaçaba precisa

deixar de dar as costas aos seus rios. O projeto de reintegração social do rio do Tigre oferece alternativas excepcionais nas áreas de arquitetura, lazer, entretenimento e melhoria das condições de vida dos cidadãos. O Parque Natural revitalizado impulsionará o turismo ecológico. A expansão da Unesco em áreas de excelência e empreendedorismo fomentará toda uma dinâmica de renovação regional.

Além dos três desafios mencionados, outros emergem dos textos publicados, como, por exemplo, a importância de melhorar as condições do transporte de passageiros no Aeroporto da cidade. Mas, certamente, o *maior desafio* para o futuro de Joaçaba se identifica com o desafio brasileiro de viabilizar a boa qualidade de vida para todos os cidadãos, com base em valores éticos e espirituais, na educação, no trabalho e na justiça social.

*Nossa profunda gratidão a todos os colaboradores!  
Joaçaba faz 100, Joaçaba faz bem!*

Comissão do Centenário do Município de Joaçaba  
Antonio “Bolinha” Pereira – Presidente  
Antônio Diomário de Queiroz – Presidente de Honra



# Colaboradores

ACIOC, Ademar Tomkelski, Albino Sganzerla Filho, Alexandre Dittrich Buhr, Alexandre Santos, Amanda Peliciolli, Ana Paula Abe Gurgacz, Anderson Lovatel, Angelo Abatti, Angelo Junior Radavelli, Anna Lindner von Pichler, Aristides Cimadon, Ary Reginatto, Augusto Zagonel, Avelino Bragagnolo, Caco da Rosa, Camila Schaedler, Carla Dildey, Carlos Adão Tratsk, Carlos José Pereira, Carlos José Pozza, Carlos Stegemann, Caroline Reese Pereira Kornelius, Cecília Amália Uhlmann Diesel, Cezar Paulo Remor, Chaiene Vivan, Clarice Venturini, Claudio Assumpção, Claudio Peruzzo, Criativa Puxadores, Delcir Dotti, Dileto Paganini, Dirce Schmitt, Dirlei Barbieri Rofner, Dispra, Dom Frei Mario Marquez, Donizete Buratto, Eder Luiz, Edicleia Detoni Spolti, Eduardo Bortoli, Eduardo Sganzerla, Eleandro Silva, Eli Martins, Eliane Macagnan, Eliete Squerzzato Bechi, Enite Garcia Guanabara, Equipe Zás Color, Fagner Lourenci Rosa, Família Dresch, Família Hommrich, Fatima Prando, Felícia Quiben Pradi, Fernanda Marca, Fernando Roesler, Flavio de Carli Júnior, Flavio Luiz Pansera, Fullgaz, Gelsi Forte Daros, Geraldo Calliari, Gilvam Dalla Costa, Giovana

Patrícia Bizinela, Giuliano Pedroso, Grupo Pegoraro, Guilherme Antonio Reese Pereira, Gunther Marcio Meyer, Gustavo Clarão, Gustavo Deon, Ines Farherr Caleffi, Ione Eli Gauze, Iran Domingues Pizzolatti Alves, Irene Fontana, Iria Flámia, Ivo Dallanora, Ivo de Oliveira, Izabel Zago, Jaison Strapassola, Jessica Romeiro Mota, Jorge Luiz Dresch, Juliana Cevey, Juliane Oneda, Jurandir Correa, Karina Berghann, Lea Ghizzoni, Leandro Sartori, Leda Silva Kerber, Levi Garcia, Liane Altenburger, Lizandra R. Medeiros, Luciana Reese Pereira, Lucivani Gazzóla, Luiz Carlos Conte, Luiz Fernando Spessatto, Mafalda De Déa, Mara Batista, Marcio Dalla Lana, Marcos Antonio Batista, Marcos Weiss, Maria de Lourdes Pradi Adam, Maria José P. Volpato, Marina Reese Pereira, Marines Calliari Freiburger, Mario Serafin, Marivania Carvalho da Silva, Mateus Pereira Volpato, Mauricio Grando, Mauro Sergio Batista, Maykel Patrzykot, Milton Saccol, Mirian Dolzan, Mirtes Breda, Nathalia Massignani, Neiron Luiz de Carvalho, Nereu de Araujo, Norberto Sganzerla, Otavio Schueda, Patrícia Beal Dariva, Paulo Domingos da Nova, Paulo Dozza, Paulo Wienhage, Pedro Ângelo

Manchini, Pedro Dorli Belotto, Rafael Laske, Rafael Pereira Volpato, Regis Heberle, Remi Rodrigues, Revista Ativa, Revista Êxito, Ricardo Antonello, Ricardo Reese Pereira, Rodolfo Lindner, Rodrigo Garcia, Rosa A. de Cezaro, Rosane Kuhnen, Ruy Luiz Machado, Sebrae, Sergio Martins, Scajho, Solange Lorenzini Bertoldi, Specht, Talita Savaris, Tairine Silveira, Triton Máquinas Agrícolas, Ubirajara Rosar, Valdir Deitos, Valdir Patzlaff, Valter Jorge Frank, Vania Deitos, Vilmar Miguel Sartori, Volnei Volpato, Werner Kratochvil, Wieland Lickfeld, Wilson Antonio Ceconello, Yuri Godoi, e a todos os que anonimamente colaboraram com imagens, fatos e histórias para que pudéssemos apresentar uma obra desse porte.

Agradecimento especial aos fotógrafos profissionais que gentilmente cederam imagens para o livro: Kléberson Brocardo, Michel Schaedler, Nathan Cazella, Graciela Lindner.



Créditos: Kleberon Brocardo



Capa: *Lembranças douradas de Joaçaba*

Histórico: Como em um passe de mágica o brasão do município de Joaçaba cria vida. Seus elementos saltam, rasgando a saudade e aflorando em vida. Pontos importantes e construções são ressaltadas junto ao brasão. As culturas Alemã, Austríaca e Italiana estão representadas em construções típicas da cidade. O trigo e a erva-mate servem de pano de fundo dessa história. A engrenagem está representada destacando a pujança das indústrias do município. O cruzeiro do sul vem representado trazendo um pouco da história da fundação de Joaçaba, lembrando de sua primeira denominação. A logomarca foi criada sob um fundo que lembra um saco de ráfia. Saco este que foi muito utilizado para transportar os produtos dos colonos que iniciaram a colonização e urbanização do município. Além destas, outras construções que são marcos referenciais da cidade encontram-se presentes, como o Teatro, os prédios do centro, igrejas e prefeituras. Finalizando o casal de mestre-sala e porta-bandeira representa a principal fonte de renda através do turismo para o município.

Rafael Nodari Casado



Esse livro foi impresso em Couché Fosco 115 g, com guarda em Offset 180 g/m<sup>2</sup> e capa em Couché Fosco 170 g